

Lenda de Orande



I

Lenda de Orande

Parte 1



Todos os direitos reservados aos autores.

Autor:

Felipe Ruiz Peixoto

Ilustradora e apoio autoral:

Amanda Ruiz Peixoto

Este livro se tornou possível através de softwares livres e de código aberto (*The Gimp*, Krita, Libre Office).

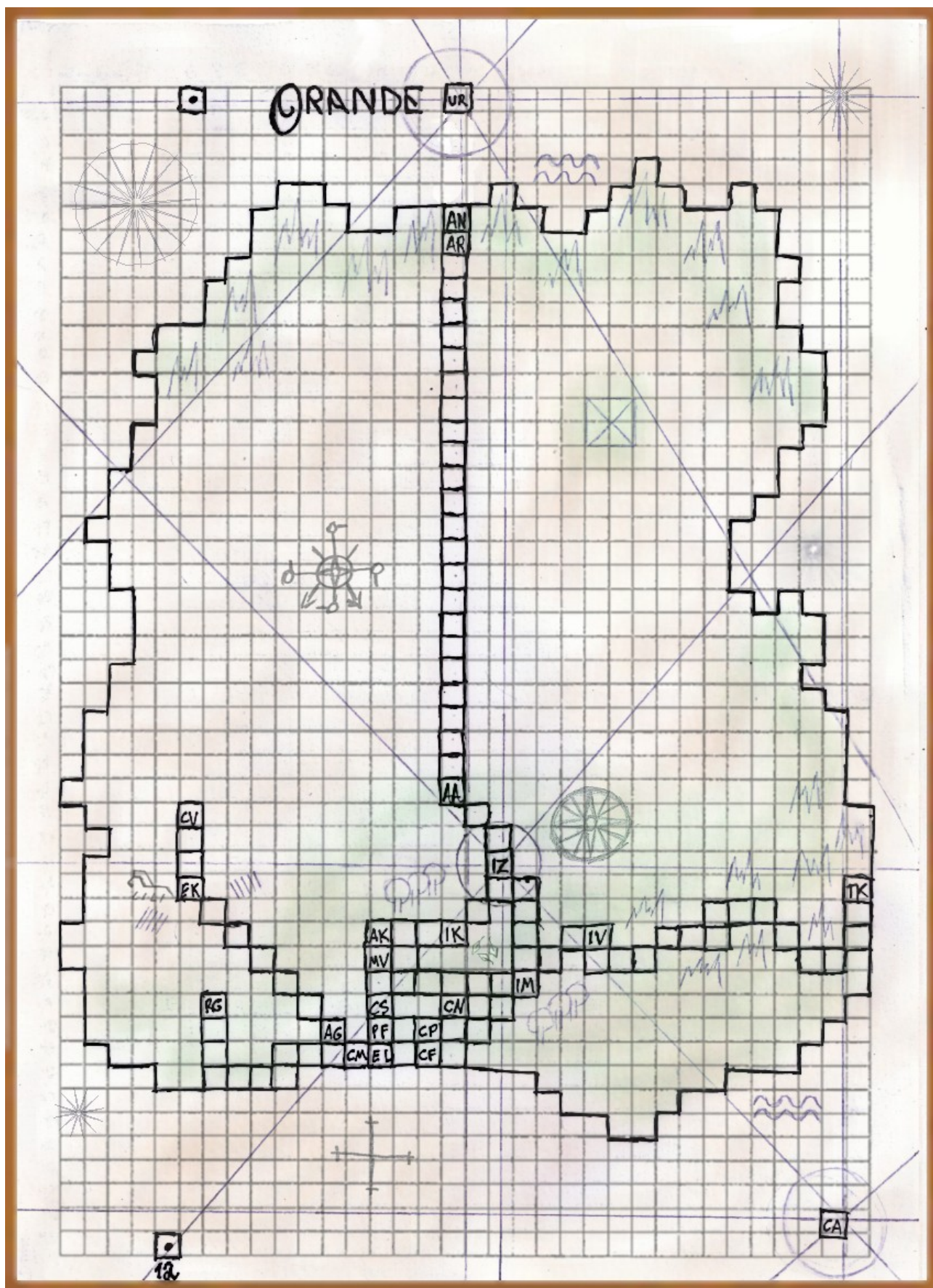
Primeira edição independente. 2020. Primeira revisão, de 2020.

F. Ruiz P.

Lenda de Orande. / Felipe Ruiz Peixoto. 1.ed. – São Paulo: edição independente, 2020.

Sumário

Prólogo.....	1
Ensino de um velho desconhecido:.....	1
Koden:.....	1
Capítulo 1 – A biblioteca vazia.....	3
Capítulo 2 – Kaoni, e a busca pelos seus pais.....	11
Capítulo 3 – Kaoni conhece Elenia.....	15
Capítulo 4 – O samurai templário renegado.....	23
Capítulo 5 – A verdadeira aventura começa.....	27
Capítulo 6 – Gravação de Elenia em um lugar desconhecido.....	35
Capítulo 7 – A carta perdida.....	39
Capítulo 8 – Impossível de prender, e de acertar.....	43
Capítulo 9 – Duelo de capitães.....	47
Capítulo 10 – Lua de sangue.....	51
Capítulo 11 – Kaoni, e os koden.....	55
Capítulo 12 – A tribo de Elenia Dark.....	61
Capítulo 13 – O dia da iniciação.....	65
Capítulo 14 – O domador de igataes.....	69
Capítulo 15 – Papel queimado sobre as águas.....	73
Capítulo 16 – Kaoni, e a festa no farol.....	75
Capítulo 17 – Overdose de alegria.....	83
Capítulo 18 – A viagem de Divano.....	89
Capítulo 19 – O caminho para o passado.....	93
Glossário.....	103
Primários:.....	105
Elementares:.....	105
Lógicos:.....	105
Controladores:.....	106
Descritivos:.....	106
Sensoriais:.....	108
Seres:.....	109
Kodemas básicos, e termos:.....	109
Locais:.....	111
Hierarquia abakoden, e subclasses:.....	113
Os Comandos Abakodens:.....	114
Páginas kodênicas:.....	115



Mapa de Orande, tabuleiro para RPG. Legenda no glossário.



Ani

Prólogo

Ensino de um velho desconhecido:

Nae, caro leitor. Guarde as palavras deste velho que vos escreve: nenhuma folha seca pousa onde quer, e sim onde o vento a levar.

Um plano, que nos levaria para a paz, mudou com o tempo, e nos trouxe a guerra.

Dois grandes heróis mantinham o terrível lobo assassino preso: ela tirava os movimentos; ele tirava o poder.

Quando pensávamos que nada nos desviaria da nossa meta, os outros prisioneiros se rebelaram, e escaparam.

Tudo saiu do controle, os dois grandes heróis tentaram impedir a fuga dos prisioneiros, e se esqueceram do lobo assassino.

Os dois heróis então retornaram, para manter o lobo assassino aprisionado, e são de alguma forma enganados por ele. O lobo assassino escapou da sua prisão, e os dois grandes heróis pereceram, deixando apenas um herdeiro. Uma criança, que está escondida das garras do lobo assassino, em algum lugar distante, crescendo sem saber destas coisas, por ora. Devemos tomar cuidado com ela. Espero que os seus caminhos sejam bons.

Koden:

Eu, Pothiara Iviturui, 34 anos, nascida na Aldeia Imeri de Ca-an, escondida, exausta e ferida, mas em perfeito juízo e entendimento, registro neste itanakuar codificado o meu testamento particular.

Tive que imobilizar centenas de inemas fugitivos, meu endir está baixo, e eles me feriram várias vezes. Meu marido, Nitio Nossema, junto com uma equipe de neutralização, está na entrada da estação, fazendo uma barreira para impedir a fuga do abatan traidor. Mas, eu temo pela vida de Nitio, e pretendo me juntar a eles, assim que eu recuperar minhas forças. Não deixarei que os inemas, e o abatan traidor, causem mais danos e mais baixas, nem que me custe a vida. Nitio precisa de mim. Se ocorrer alguma tragédia, e nossas vidas cessarem aqui, estas são as minhas últimas vontades:

Quero que protejam nosso único filho, deixando-o seguir o seu próprio caminho. Ele será mais forte do que eu e Nitio juntos! Por favor, acreditem em mim dessa vez. Ele pode deter Jaguar Raipan, o abatan traidor, se for bem treinado. E serão do meu filho todos os nossos pertences, e a nossa grande, e luxuosa, mansão, a qual não informarei o endereço, para que Jaguar não descubra onde o meu filho está, caso encontre este testamento. Será dele também um antigo carro, que recebeu os 3 propulsores, e o computador de bordo. Nitio pretende dar de presente de aniversário para nosso filho, no futuro. A placa do carro é "BWO1709". Sei que é raro ter carros fora daquela cidade.

A árvore, e o que estiver nela, será do meu filho, mas ao contrário de Nitio, eu não quero que ele pegue.

Nunca tire o colar que eu te dei, filho. Cuide da sua névoa interna, controle as suas emoções e mantenha o seu coração aquecido. E faça o que seu pai te ensinou, descarregue os seus sentimentos ruins naquela árvore. Nós te amamos, Kaoni Iviturui.

Lenda de Orande



Ami

Capítulo 1 – A biblioteca vazia

Nae mãe, nae pai. Novamente, estou perdido em uma ilha inóspita. Preciso encontrar a minha equipe, e dar um jeito de sair daqui com ela, para cumprir a minha promessa. Hoje, é o meu aniversário de 18 anos, e isso me lembrou daquele dia, que mudou a minha vida, há dois anos, quando eu encontrei, naquele velho cais dos cristais reluzentes, onde a nossa escuna de pesca era atracada, a mensagem que vocês deixaram no mar, dentro de uma garrafa de vidro, como se fosse um presente de aniversário. A carta parecia ser bem antiga, pois já fazia 6 anos que vocês partiram para as águas distantes. Foi numa certa manhã, bem cedo, quando o Sol mal nascia no horizonte. Estávamos nós três naquela Praia das Redes, longe dos edifícios, como de costume. Minha mãe arrumou o meu cachecol, que ela fez para mim, e que sempre uso, mesmo sem sentir frio, antes de embarcar na pequena escuna Sopro do Monte, com o meu pai, e nunca mais vocês voltaram.

Com a imagem da escuna desaparecendo no oceano em minha mente, eu voltei para a nossa casa, em Teknalia. A cidade se desenvolveu, e mudou muito, nos anos em que fiquei sozinho nela. O vento, o ar, a água, e até a comida, eram todos artificiais, e fornecidos por máquinas, que dependiam da energia gerada na Grande Barragem. Todo o seu povo, foi praticamente vendido para as grandes indústrias tecnológicas, sendo a maior delas a *Ring Corporation*. E os prédios ficaram tão altos, que não deixavam a luz do Sol passar. Eu tinha a sensação de viver constantemente com a cara na parede. Nossa humilde casa, com um jardim na frente, foi construída sob a sombra de uma grande árvore. Mas esta sombra, na verdade, nem existia mais, pois a nossa casa estava rodeada por edifícios.

Bem, desde aquele dia em que vocês sumiram, eu fui me virando como pude, fazendo tudo o que me ensinaram: jamais tirei o colar com a pedra cinza que me deram, e nunca entrei no porão. Sempre tive curiosidade de ver o que tinha lá dentro, mas vocês nunca me deram a chave. Também não tirei o meu cachecol. Dizem que a cidade de Teknalia é fria, graças à dificuldade que a luz do Sol tem para entrar. É comum usar agasalhos aqui, mas eu nunca senti frio algum. E mantive as minhas emoções sob controle, como me disseram para fazer, descarregando elas com golpes na nossa árvore, até tirar tudo de dentro de mim. Mas depois que vocês sumiram, a saudade sempre voltava logo depois.

Às vezes, eu via um homem estranho, vestindo uma túnica escura, igualmente estranha, se escondendo, e me observando. Seu rosto estava oculto pela túnica, que possuía símbolos esquisitos nas bordas. Mas eu era muito pequeno, e pensava ser apenas a minha imaginação. Eu também encontrava coisas deixadas na porta de casa: comida, roupas e objetos; como se estivessem cuidando de mim, talvez o esquisitão da túnica, não tenho certeza. E depois de passar tanto tempo sozinho, comecei a ver na minha sombra uma companhia, como se fosse uma amiga. A minha única amiga. E como passatempo, eu lia uma coleção de revistas em quadrinhos, com a amiga sombria. Eu fico lendo aqueles desenhos fantásticos, e imaginando aqueles monstros todos aqui no mundo real, como seriam. O que eu mais gosto é o "Tubarão Monstro", que é uma adaptação da história do Frankenstein. Tenho até um brinquedo dele que fala. Porém, os anos passaram, e eu já tinha decorado todas as revistas. Foi quando eu senti a necessidade de ganhar dinheiro para comprar mais. Então, eu fiz o mesmo que vocês; peguei os cristais de créditos que deixaram em casa, e fui pescar, bem cedo. Descobri um novo talento, e ergui uma montanha de peixes. Vendi todos eles ao final do dia, juntando dinheiro para comprar a livraria inteira se eu quisesse. Bem... não exatamente. Só consegui mesmo tirar da água um rádio velho e sem antena. Levei esse rádio para casa, desmontei, sequei as suas peças, consertei tudo, e montei de novo. Ao ligar, ele só chiava.

Eu tinha um rádio em casa, mais moderno, só que pifado. Tirei a sua antena, e coloquei no rádio que eu encontrei, e ele funcionou. Com ele em mãos, fui para uma loja de coisas usadas, e o

Lenda de Orande

vendedor me disse que aquele rádio era muito antigo, e não valia nada. Indignado, eu contestei: — O que tem que ele é antigo? Ele funciona! — Tô vendo que ele funciona. Mas é ultrapassado, e ninguém aqui na cidade quer trocar o seu dinheiro por coisas ultrapassadas. — Que bobagem! — Bobagem? Você é esquisito, garoto. Mais alguma coisa?

Voltei para casa, de bolsos vazios. Fiquei olhando para os dois rádios, analisando cada detalhe, e pensando no tempo perdido. Aquele que eu encontrei era de madeira, com um painel horizontal, de ponteiro vermelho, iluminado fracamente por uma luz amarela interior. Tinha apenas um alto-falante, protegido por uma grade de metal. O outro era de plástico, mais leve e menor, com um painel de cristal inteligente, e dois alto-falantes escondidos atrás de pequenos furos na carcaça. Desmontei ambos, para mexer nas suas partes internas. Troquei fios, componentes, circuitos, apertei, soltei, cortei, soldei, e no final, fiquei com um único rádio, o mais moderno.

Liguei este rádio, e ele funcionou muito bem, captando estações que eu nem sabia que existia. Levei ele para a mesma loja, e o vendedor o comprou, sem suspeitar de nada, e ainda o colocou na vitrine, ao lado de outros rádios originais. Ele me mostrou o seu cristal de créditos, bem diferente do meu, e brindamos os nossos cristais, fazendo a transferência dos créditos através do toque. Foi então que eu, realmente, descobri o meu talento, e comecei a me empenhar nele, replicando todo tipo de produto, e vendendo cada vez mais, sem nunca ser descoberto. Em pouco tempo, eu já tinha recebido o suficiente para comprar um rádio novo.

E cresci assim, sozinho, socando uma árvore, vendendo cópias, lendo quadrinhos, e sendo ajudado por um homem que nunca mostrava a cara. Até que, um dia antes do meu aniversário de 16 anos, eu estava voltando para casa, depois de vender uma caixa cheia de réplicas, quando vi o desconhecido do manto deixando coisas na nossa porta. Imediatamente, eu larguei tudo, e corri atrás dele. O homem percebeu, e se escondeu dentro de casa. Quando eu entrei, não vi mais ele, mas ouvi barulhos vindos do porão. A porta do porão não tem fechadura, apenas um cristal. Tentei abrir a porta, mas ela estava trancada. Olhei através do cristal, mas estava embaçado. Para limpar o cristal, eu soprei nele, e quando eu fiz isso, ele se acendeu, e a porta se abriu. Sem entender aquilo, eu descí as escadas, e o homem misterioso havia sumido, não sei como, pois, a única saída era a porta.



Aquele porão tinha prateleiras cheias de livros, todos com uma escrita estranha, parecida com os símbolos do manto daquele homem. E, no centro dele, havia uma mesa de madeira, com um símbolo entalhado em sua superfície. O símbolo lembrava uma montanha, com uma névoa no pico, e uma carta, amarelada pelo tempo, dedicada a mim, estava sobre a mesa. Eu abri a carta, e ela dizia:

Nae, Kaoni Iyiturui, se você estiver lendo esta carta, é porque você conseguiu ativar o "CI" da porta, para que ela se abra. E se você o fez mesmo, já deve estar percebendo algumas anormalidades. Então, é a hora de você saber de algumas coisas.

Seus pais são os seus melhores guias, mas caso eles não estejam com você, eu deixei

Lenda de Orande

algumas coisas aqui para você estudar, enquanto eles não voltam. Não tenha medo, e nem pressa. Estamos de olho em você, filho do monte.

A carta era anônima, e eu não reconheci a letra, o que atizou ainda mais a minha curiosidade. Seu verso continha uma série de símbolos estranhos no lugar das letras, parecendo um tipo de código secreto. Não consegui ler absolutamente nada do que estava escrito. Procurei, dentre os livros, alguma coisa que eu soubesse ler, encontrando um mural, com vários recortes de jornais e revistas, e alguns deles tinham fotos suas, e de um velho barbudo, que eu não conheço, ostentando arcos elétricos nas mãos, e na careca. Parecia uma investigação em andamento.

Nas fotos, vocês vestiam um uniforme com um manto parecido com o do homem misterioso, e as datas coincidiam com as partidas de vocês para alto-mar na escuna. Isto me deixou confuso, e perturbado. Então, saí de casa, e fui bater na árvore. Bati muito, e com toda a minha força. E de tanto eu bater nela, uma espada caiu de um galho, bem na minha cabeça. Sorte minha que ela não me cortou em dois, pois o que me acertou foi a empunhadura da arma, e não a sua lâmina. Quando eu peguei a espada, ela me queimou e desapareceu, deixando uma cicatriz na palma da minha mão direita. Cicatriz na forma da própria espada, que era rica em detalhes e parecia uma obra de arte. Cansado, e com a mão ardendo, voltei para casa, e me joguei na cama, enfiando a mão em um balde de gelo, que coloquei ao lado. Mas antes que eu começasse a relaxar, senti um cheiro muito fedorento, e falei para mim mesmo: — Argh! Mas que cheiro de diarreia. Não pode ser, só tem uma semana que tomei banho...

Fui tomar outro banho. Fiquei tanto tempo no chuveiro, tentando tirar o mau cheiro, que muitas gotas escorriam nos vidros da janela. O banheiro virou uma sauna, e mesmo assim, o cheiro não saía. Quando eu terminei o banho, e abri a porta, dei de cara com um monstro esquelético, vivo e repulsivo, com carnes podres penduradas em seus ossos. Tomei um susto, peguei o rodo, e bati nele, arrancando o seu crânio. Depois, pulei pela janela, quebrando o vidro, vestindo só uma toalha. E do lado de fora da casa, havia centenas desses seres pútridos, marchando contra mim, dizendo: — Iukaeta! Sirai! Iukaeta Sirai! — Meu corpo tremia, e eu não sabia se estava tremendo de frio, de medo, ou dos dois. Mas eu me lembrei de que devo manter minhas emoções sob controle, e me concentrei, superando esse sentimento, e a espada que me queimou reapareceu na minha mão, coberta de gelo, dessa vez.

Armado com a estranha espada, eu enfrentei os monstros, fatiando os seus ossos, e suas carnes apodrecidas, com a lâmina congelada, que congelava tudo o que atingia, mas eram muitos deles. Por sorte, perto de mim estava o cano de água principal da casa, e ao olhar para ele, e para a espada, eu tive uma ideia. Cortei o cano com a espada, o qual vazou muita água, até o sistema automático de combate a vazamentos da cidade detectar o vazamento e interromper o fornecimento. Mas foi o suficiente para encharcar os esqueletos e o chão onde pisavam. A seguir, eu toquei o solo encharcado com a espada, e o chão se congelou instantaneamente, prendendo os pés das caveiras nele. Fugi pra rua, deslizando rapidamente pelo gelo, mas um esqueleto, rangendo, conseguiu arrancar a minha toalha, me deixando nu.

Mais e mais deles surgiam por toda parte, e os que foram imobilizados pelo gelo estavam dando socos no solo congelado, para quebrá-lo. Eles infestaram as ruas de Teknalia, e a guarda local os atropelavam com seus carros flutuantes. São veículos antigos, que flutuam, mas não voam, recuperados pela tecnologia moderna, que foi desenvolvida aqui. Um dia, eu vou conseguir replicar estes automóveis. Eu também atacava os esqueletos que estavam no meu caminho, enquanto corria pelado, com o povo todo me olhando, em direção a Praia das Redes.

Pensei em pedir ajuda para algum barco, daqui do cais, mas não havia nenhum por perto. E

Lenda de Orande

aqueles monstros ainda estavam vindo atrás de mim; eu podia ouvir os seus berros e rangidos. Então, eu continuei a fuga pela orla, enroscando o pé nas redes cobertas de areia, até eu me esconder em uma construção antiga, e grande, afastada dos edifícios de Teknalia, com grades de ferro em todas as vidraças. Bloqueei a porta de entrada, com uma estante bem pesada, porém, vazia. Tomei um fôlego, e explorei o lugar, que parecia uma biblioteca abandonada. E dentro da construção, encontrei mais dessas estantes, todas iguais, e sem nada, nem um livro sequer. Sobre uma bancada, encontrei algumas fotografias, de pessoas com armaduras modernas de metal. Em uma das fotos, estava escrito "EQUIPE TAMA", e perto delas, havia um livro, o único livro de toda a biblioteca, com aquelas letras desconhecidas em seu título, e um emblema de um peixe com espinhos. Aproximei a minha mão deste livro, e percebi que dele subiram muitas agulhas, como se fosse um tipo de proteção. E então, eu ouvi uma voz desconhecida, dizendo: — Ei, peladão! Eu não tocaria nesse livro, se fosse você! — Olhei para a origem da voz, e era um rapaz mais velho que eu, usando roupas alongadas, em número maior que o adequado para ele. O rapaz prosseguiu com o seu aviso: — Esse é o livro "Como vencer os outros", da tribo ikugruui. Acredite, você não vai querer tocar nesse livro! — Você sabe ler esses símbolos? — Sim. — Pode ler isso aqui, para mim? — Entreguei para ele aquela mensagem que estava no porão. O rapaz olhou nos meus olhos, bem sério, e pensando por alguns segundos. Depois, falou: — Eu não deveria te dizer nada, mas, acho que não tem problema. Isso aqui é um poema, chamado de "Imanu Aramese". — Pode ler pra mim, por favor? — O rapaz fez cara de profundo tédio, e recitou o poema, que estava na ponta da sua língua, com notório desdém na voz:

Sou Aramese. Sou solitário.

Sou a luz que oculta a Parede Nômade. Koden.

Ani e Koden dançam sobre o abismo. Se beijam a cada 12 mil voltas.

Koden estava morrendo, e Ani foi roubado por homens maus, que tentaram destruir a Parede Nômade.

Mas Koden prevaleceu, com a ajuda do Escultor, do Pintor, e da Dançarina.

Antes que eu pudesse perguntar o nome do rapaz, os monstros podres arrancaram as grades, e invadiram a biblioteca, quebrando as suas vidraças. Eu me distraí por apenas um segundo, e o rapaz simplesmente desapareceu. Um dos defuntos vivos pulou em cima da bancada, quebrando ela, bem atrás de mim, e eu o destruí com a minha espada. Procurei uma saída, lutando contra as caveiras, até saltar para fora da biblioteca por uma das janelas quebradas. Corri até a fronteira da cidade, cercada por uma barreira elétrica, e vigiada por guardas, que logo me perceberam: — Ei moleque! O que pensa que tá fazendo aí, pelado?! — Eles vieram na minha direção, mas alguns esqueletos se levantaram do chão, entre mim, e eles. Os guardas, e os monstros, começaram a brigar. Eu aproveitei a situação, e entrei num túnel interditado, para despistar os esqueletos. Mesmo com a iluminação tênue de alguns cristais, a escuridão ainda era tenebrosa, e a cada passo para frente naquele túnel, eu queria dar dois para trás. Muitos ruídos ecoavam pelas paredes úmidas, e depois, essa umidade se transformou em uma camada de gelo. E mais adiante, largado no solo sujo do túnel, encontrei um cadáver de um jovem congelado. Porém, eu não sentia frio algum, o que era bastante estranho. E eu já estava longe demais para voltar atrás. Então, eu quebrei o gelo do corpo daquele morto, usando a empunhadura da espada, vesti a sua roupa, e continuei, até sair do túnel, dando de cara com um acampamento, e uma fogueira acesa. "Se esta fogueira está acesa, há alguém por perto", pensei. Depois de alguns passos, eu percebi que um sujeito desceu, de algum lugar, bem

atrás de mim, e por instinto eu o ataquei com golpes de espada. E logo eu percebi que estava lutando contra um ser mitológico, com um cajado de metal bem maior do que ele, duas grandes asas azuis em suas costas, e um sinal tatuado em seu pescoço: dois pontos, com um traço cortado entre eles, e outro traço contínuo em cima. Parecia que foi mordido por um vampiro. Ele se defendia dos meus ataques com o seu cajado metálico, dizendo: — Opa! Calma aê garoto! Ei! Pare com isso! Espera um pouco! Já chega! Segurem ele! — Um grande felino azul pulou em cima de mim, me imobilizando no chão. A cauda dele era longa, e estava coberta de espinhos. Seus dentes e garras eram bem afiados. — Agora sim... demorou, mas saiu da toca, Kaoni! E ainda trouxe uma espada maldita! — Falou, o rapaz do cajado, e eu o questionei, enquanto a espada sumia da minha mão: — Como sabe o meu nome? Quem é você? Que animal é esse? — Meu nome é Cyano Araukarya, sou o herdeiro do Velho Bengala. E este animal, de hábitos noturnos, se chama sobiur. E nem está fazendo esforço para te segurar... não entendo... você é patético. Como pode ser tão importante? Pode soltá-lo, bichano. — O que você está falando idiota? Tá fazendo o que com esse ferro comprido aí, "pole dance"? — O homem das asas ficou emburrado, e tentou me intimidar, abrindo suas grandes asas azuis: — Você tem sorte de ser o filho dos seus pais! — Ouviu o que você disse? Filho dos meus pais... Claro que sou filho dos meus pais! Vou ser filho de quem mais? E, que asas são estas? Tá fantasiado de galinha pintadinha? — Ha, ha, ha. Vou ficar por perto só para amansar as feras, pra você não virar petisco, e pode usar o meu acampamento, mas não vou cuidar de você! Não vou ser a sua babá! — Não preciso de nenhuma babá. Sei me cuidar sozinho muito bem. — Precisa sim! Você é patético! Eu sou perfeito, olhe... — Humhum... perfeito babaca. — Depois de me esnobar com aquelas asas de galinha, Cyano deu um salto, bateu as suas asas, e saiu voando, com o seu cajado comprido, e ridículo.

Encontrei um livro aberto no chão daquele acampamento, contendo símbolos estranhos. Ao me aproximar dele, para o manusear, ele folheou suas páginas sozinho, e se fechou violentamente, e sem explicação. Na sua capa, tinha o desenho de uma aranha, descendo de uma árvore, na sua teia, e o mesmo título do outro livro, que encontrei na biblioteca vazia. Resolvi não mexer nesse livro, e entrei na barraca do acampamento, passando a noite lá mesmo, pois estava muito cansado.

Ao amanhecer, eu fui explorar a floresta. A fauna e a flora eram mais exóticas do que eu imaginava. Distraído com a beleza da mata, tropecei em um computador obsoleto, muito deteriorado, e com uma peça de metal no lugar do CI processador. Perto dessa máquina, havia outros objetos desconhecidos, e antiquados, fios pendurados nas árvores, e livros espalhados na terra. E logo, a fome bateu em meu estômago. Procurei algo para comer, e encontrei uma árvore cheia de kamu-kamus. Esta é a fruta que eu mais gosto, apesar de nunca as ter comido. Eu só as reconheci por que são estampadas nas embalagens de suco em pó. E, sem pensar duas vezes, enchi a boca e os bolsos de kamu-kamu, arrastando, em seguida, o computador para a tenda. Chegando lá, eu desmontei a máquina com um canivete, que estava dentro do bolso do uniforme, e fiquei analisando as suas peças. No final da tarde, meu uniforme já estava todo rasgado e imundo, e eu, enjoado de tanto comer kamu-kamu, sentia a fome e a sede me matando, pouco a pouco, e eu não sabia o que mais eu podia comer na floresta, nem onde encontrar água limpa, pois na cidade tudo era muito artificial, e automático. Tive, então, que imitar os animais para conseguir mais alimentos, e água. Observei um animal inofensivo mordendo uma árvore, e quando ele saiu, esta árvore verteu água pelos furos da mordida. Então, eu fui até lá e bebi daquela água. Não foi uma das minhas melhores decisões, pois, assim que eu saciei a minha sede, o animal inofensivo ficou de pé, me encarando. Ele tinha braços e pernas bem alongados, com pequenas garras neles. O animal pulou, e agarrou a minha perna. Outro bicho igual agarrou a minha outra perna, e eles não me soltavam de jeito nenhum. Mais desses bichos vinham de todos os lados, e me seguraram, até eu não poder mais me mover. Foi quando Cyano apareceu, chorando de rir da minha situação. E os bichos, assim que o

Lenda de Orande

viram, simplesmente me soltaram, e se esconderam na floresta. Cyano debochou de mim, dizendo: — Que patético! Vencido por um bando de shikuins! Como você é fraco! — E saiu voando, levando consigo aquele cajado metálico.

Eu me levantei, e ainda estava faminto. Vi outro animal, grande e peludo, que rugia para o alto, fazendo várias frutas caírem ao seu redor. Tentei fazer o mesmo que ele, mas nada aconteceu. Tentei rugir mais alto, e caiu um cocô de passarinho na minha cara. Para limpar o cocô da cara, arranquei uma folha de alguma planta qualquer, para me limpar. Esfreguei a folha aveludada na cara, e me limpei, mas, a sorte estava contra mim aquele dia. A planta que eu usei era tóxica, e o meu rosto coçava, e ardia, sem parar. Ardia tanto, que a minha vontade era de arrancar a pele do meu rosto. Procurei algum livro de primeiros socorros, ou algo do tipo, lá onde o computador estava, até encontrar um velho livro de medicamentos naturais. Paginei esse livro, até descobrir a cura para aquela coceira insuportável, e só encontrei esta: eu precisava urinar na minha própria cara. O problema era que eu estava com a bexiga vazia. Mas não havia alternativa. Tive que me esforçar muito para fazer esta coisa nojenta. Até os animais selvagens fugiram de mim, enquanto o Cyano soltava gargalhadas, e mais gargalhadas, em algum lugar da floresta, o que me revoltou: — De que está rindo, seu frango azul?! — De você, é claro! — Respondeu, Cyano, pousando perto de mim, e eu parti pra cima daquele idiota, mas ele voou feito uma galinha, e gritou lá de cima, debochando: — Ah... então o novato patético quer brigar hem... tome isto. Andi Ami Sar! — Após gritar estas palavras estranhas, teias de aranha me atingiram por todos os lados, me cobrindo até o pescoço, e me imobilizando. Surpreso, e irritado, eu perguntei que bruxaria era aquela, e ele me respondeu: — Bruxaria coisa nenhuma! Você que é burro, e não sabe de nada! Mas, nem posso te culpar, você foi enganado por seus pais a vida toda. Ô laia mentirosa, essa dos ivituruís! — Não chame os meus pais de mentirosos! O que eu preciso saber, hã? Que você é um frango metido, e exibido?! — Sua vida toda é falsa! Você é um falsificador patético, vivendo em uma mentira! HAHHAHAHAHA! — Seu desgraçado!

Eu me concentrei na minha mão, lembrando das porradas que eu dava na árvore, e gritei o seu nome: — Iukaeta Sirai! — A estranha espada reapareceu nas minhas mãos, rasgando toda a teia que Cyano atirou em mim. Falei, para aquele idiota do Cyano: — Vou arrancar essas asas de frango das suas costas! — Pode vir, "narigão de estalactite"! — Aaaaaah!

Ataquei ele, com golpes de espada, e ele se defendia de todos com facilidade, o que aumentava a minha ira. E a espada se acendeu, com um brilho vermelho, enquanto eu sentia cheiro de sangue. Quando eu errei um golpe, acertei uma grande árvore, e a cortei como se fosse de papel. O tronco da árvore era muito largo, bem maior que o comprimento da minha espada, mas, mesmo assim, foi estranhamente cortado. Ela caiu atrás de Cyano, e o local do corte se congelou, e o gelo se escureceu, deixando Cyano bastante impressionado. Ele voou bem alto, e me atacou com velozes investidas, me atingindo com o cajado de metal. Era muito rápido, e eu não conseguia me defender, enquanto todos os animais da floresta sumiam. Para atingir Cyano a distância, atirei a espada nele, com toda a minha força. Mas, como a minha pontaria sempre foi péssima, a espada passou longe do alvo. Eu gritei "Iukaeta Sirai", e a espada desapareceu da árvore, reapareceu em minhas mãos, e eu atirei ela em Cyano novamente, que se desviou, dizendo: — Isso seu fracote! Vamos ver do que você é capaz! Hahaha! — Iukaeta Sirai! — Senamian! — Uma aranha subiu na perna de Cyano, e ele ficou invisível, junto com ela. Procurei ele na floresta, correndo e cortando tudo pelo caminho sem nenhum esforço, e nenhum sucesso. De repente, senti uma pancada na cabeça, e desmaiei, acordando horas depois, na cama da minha casa, sem a espada, e com um bilhete grudado na testa, que dizia:

Nae, fracote. Você tem muito ainda o que aprender. Não chame atenção por aí, eu sou

Lenda de Orande

muito forte e habilidoso, mas não tenho paciência com novatos patéticos. Te fiz um favor, e eliminei todos os corpos-secos que você, seu burro, despertou, ao dominar a maldita espada. Esta cidade de falsificadores está limpa agora.

P. S. Tirei aquelas tranqueiras que você deixou no meu acampamento, e joguei no seu quintal.

— Só pode ser do Cyano, aquele frango metido.

Na cidade, todos os monstros foram mesmos eliminados. Mas, eu ainda precisava eliminar as dúvidas que me perturbavam a cabeça: quem sou eu, quem são vocês, e o que está acontecendo comigo? O que foi tudo aquilo?

Como eu sempre fiz no dia do meu aniversário, eu voltei naquela praia do velho cais, depois de trocar de roupa. Na orla, eu podia ver o céu, as estrelas, e ter ar de verdade para respirar. Sentei na areia, onde as ondas batiam nos meus pés, e fiquei recordando dos momentos que passamos juntos, e dos seus ensinamentos, até uma das ondas me trazer aquela garrafa, com uma carta dentro, a qual era uma mensagem, que vocês me escreveram:

Nae, Kaoni.

Nem eu, nem o seu pai, esquecemos de você. Sabemos que já deveríamos ter voltado. Estamos com alguns problemas no barco, e podemos demorar um ou dois meses para retornar.

Não se esqueça do que te ensinamos. Seja sempre forte, aquecendo o seu coração, e controlando as suas emoções. Jamais tire o colar. Aguarde firme, grande guerreiro! Você não está sozinho.

Peguei a carta, li incontáveis vezes, e decidi responder, escrevendo na mesma folha. Desde então, eu passei a lançar cartas ao mar, na esperança de vocês as encontrarem, e tirarem as minhas dúvidas, de onde estivessem, pois eu não aguentava mais conviver com elas. Esta, é mais uma das inúmeras cartas que eu escrevi. Vou jogar ela no mar agora, e continuar a busca pela minha equipe, nessa ilha desconhecida, antes que escureça.

Lenda de Orande



Ami

Capítulo 2 – Kaoni, e a busca pelos seus pais

Nae mãe, e pai. Onde vocês estão? Voltem logo, pois dizem que esse mar é cheio de monstros. Eu encontrei a mensagem de vocês, na Praia das Redes de Teknalia, e a devolvi para o mar, com uma carta que eu escrevi. Depois disso, eu voltei para casa, e desci naquele porão, repetindo o poema dito pelo rapaz das roupas longas, para não o esquecer, e chegando lá, eu reescrevi o poema com aqueles símbolos, e a sua tradução. Munido desses textos, eu decifrei parcialmente aquele código de símbolos, descobrindo o significado de alguns deles, mas os livros do porão possuíam muitos outros símbolos, que não estavam no poema. Levei para este mesmo porão o computador que Cyano jogou no meu quintal, e o consertei, mas ainda faltava colocar um CI chamado CPU-14 nele, para reativar todo o sistema. Logo, eu decidi ir para o local onde estão os *experts* em CIs: A *Ring Corporation*. Peguei um táxi, que tinha CIs no painel, mostrando um mapa holográfico no para-brisa, e o tempo decorrido. Com 10 minutos de viagem, admirando o movimento das luzes e hologramas da cidade, chegamos ao nosso destino. Realmente, a corporação é mesmo enorme: parecia uma cidade dentro de outra. Tinha de tudo lá dentro. E para entrar, tive que me cadastrar. Numa parte dela, havia máquinas com garras, que tocavam um cristal no outro, e depois, mandava para o encapsulamento, e alguns funcionários, que observavam tudo atentamente, até eu acabar com a concentração deles, perguntando onde ficava o setor de programação dos cristais. — É aqui mesmo. — Respondeu prontamente, sem tirar os olhos das máquinas, e eu fiquei confuso: — Mas... só vejo estas máquinas aí, não tem ninguém programando. — Claro. Estes cristais já vêm com programas dentro, nosso trabalho é apenas classificar, e copiar. — Entendi. Estou procurando o CI modelo CPU-14. — CPU-14? É muito antigo. Ninguém mais usa. Posso ver se ainda temos algum. — Por favor. — Acompanhei esse funcionário, até um depósito, onde encontraram, depois de muita procura, esse CI. — Pode levar. Para nós, esse CI não vale nada. — Muito obrigado. — Dentro do depósito, atrás desse funcionário, uma máquina me chamou a atenção. Ela era bem antiga, com muitos mecanismos e teclas. Seu teclado ostentava aqueles símbolos, e dentro dela, parecia haver um suporte para colocar um cristal. Perguntei para o funcionário o que era essa máquina, e ele respondeu: — Dizem que essa máquina era capaz de modificar a função de um CI, mas ninguém sabe operar. Por isso, a única coisa que podemos fazer com esses cristais é classificar e copiar, classificar e copiar...

Continuei meu caminho, sem nenhuma informação conclusiva, e voltei para casa, em outro táxi, pois esqueci de pedir para o motorista anterior me esperar. Instalei o CI CPU-14 no computador que eu reparei, e ele ligou, pedindo uma senha para o usuário Imanu. Lembrei do poema, e digitei "Aramese" no campo da senha. Deu certo. Fucei naquela máquina, abrindo os seus arquivos e imagens. Perdi a noção do tempo dentro do porão. E encontrei uma informação importante, e terrível, sobre essa cidade. No passado, enterraram centenas de bombas no chão, para se defenderem de uma invasão. Essas bombas poderiam ser ativadas, e desativadas, enviando para elas um sinal de 999 giga-hertz. Algum tempo após essa descoberta, eu peguei no sono sobre a bancada, e no meu sonho, eu ainda era uma criança. Vocês estavam brincando comigo embaixo da nossa árvore. Meu pai, então, parou, e ficou olhando para a árvore. Ele me falou: — Todos nós devemos ser como esta árvore. — Como assim, papai? — Ela não é egoísta, dá seus frutos e folhas para alimentar qualquer um que precise. Ela nasce para ajudar os outros seres vivos deste mundo. Nada desaparece, quando esta árvore morrer, vai ter deixado muitas sementes que continuarão a sua missão. — A voz do meu pai mudou para a voz do Cyano, que repetia, esmorecido: — Fuja... fuja novato... prenderam... nós dois... — Acordei de repente, com o barulho de alguma coisa arranhando a porta de casa, cada vez mais rápido. Fui até a porta, e quando a abri, me deparei com o sobriur de Cyano, trazendo uma caixa em sua boca. Ele largou a caixa perto dos meus pés, e se esfregou em minhas pernas, ronronando. Depois, saiu em disparada, e sumiu. Olhei a caixa mais de perto, e

Lenda de Orande

descobri que ela continha as peças de um robô voador, de defesa domiciliar, chamado Defendrone. Parecia que o Cyano, preocupado com a minha segurança, mandou aquele bicho me entregar isso. Montei o robô em poucos minutos, digo, horas, ouvindo um locutor no rádio, que estava narrando mais um caso resolvido pelo detetive-chefe de Teknalia, Eyneon. Logo, recordei de Cyano dizendo que a minha vida é uma mentira, e tive uma ideia: — Acho que este detetive pode encontrar os meus pais, preciso falar com ele, mas... e se descobrirem que eu fabrico produtos falsos? Hum... muito arriscado...

Terminei de montar o Defendrone, e ele ligou, fazendo uma espécie de reconhecimento facial, e perguntando o meu nome. Eu respondi, e ele me disse, com voz robótica: — Reconhecimento de proprietário finalizado com sucesso. Parabéns, Kaoni, você é o proprietário de um excelente robô de segurança residencial. Eu possuo arma de raio elétrico, detector magnético, detector de inimigos, e posso buscar fontes de energia por conta própria. — Fiquei um tempo indeciso, pensando, pensando e pensando, até tomar uma decisão: saí de casa com esse drone, para tentar falar com o detetive-chefe Eyneon. Com pouca grana, eu tentei comprar uma passagem de trem, para economizar, e não consegui. Eu não tinha créditos suficientes em meu cartão de CI. Não tive escolha. Fabriquei um bilhete falso, e embarquei no trem, mas eu só podia entrar sem o Defendrone. Nenhum equipamento que possa ferir os passageiros poderia ficar lá dentro. Então, ele seguiu o trem do lado de fora, e eu via o meu drone pela janela do vagão. O trem atravessava a cidade inteira, parando em várias estações. Era muito antigo, mas foi aprimorado com CIs. Ele fluuava dentro de anéis magnéticos, utilizando a tecnologia da *Ring Corporation*, o orgulho da cidade de Teknalia.

Peguei um retrato de vocês, e fui perguntando para os outros passageiros se já os tinham visto. Mas todos só se importavam consigo mesmos, se sentiam incomodados, respondendo com um breve, e seco, "não". Alguns, nem mesmo olhavam para a fotografia. O povo de Teknalia é assim mesmo, sem emoção, parecem até que não tem alma. São mais robóticos que o meu drone.

De repente, trombei com um fiscal de trem, que solicitou o meu bilhete. Entreguei para ele um bilhete falso, feito em casa, torcendo para que não fosse descoberto. O guarda perfurou o meu bilhete com uma caneta de laser, e me devolveu. Consegui enganar o fiscal, e continuei passando de vagão para vagão, mostrando a foto, e perguntando. Porém, quase chegando na estação central, o fiscal retornou, com outro passageiro, revoltado, pedindo para ver o meu bilhete novamente. — Merda. Fui descoberto. — Pensei, enquanto cedia o bilhete para o fiscal, que comparou com outro, de numeração igual. Que azar! O fiscal bateu a unha do seu dedo médio no bilhete, e bradou: — Ahá! Um falsificador de bilhetes! — Essa não... não me leve pra cadeia, deve haver algum engano, eu... — Você não! Ele! — Interrompeu, o fiscal, segurando o outro passageiro pelo braço, e o algemando em um dos bancos. — O quê?! Como assim?! Eu não falsifiquei nada! Me solta! — Eu vou te soltar, assim que a guarda chegar pra te levar direto para o xadrez. — NÃO PODE SER!!! NÃO SOU CRIMINOSO!!! ME SOLTE! ME SOLTE AGORAAAAA!!! — Berrava, o passageiro, furioso e desesperado, enquanto eu mudava de vagão. Parei de chamar atenção, sem acreditar no ocorrido. Meu bilhete falso ficou tão bom, que o verdadeiro parecia falso ao lado dele.

Chegando na estação central, onde uma multidão circulava sem parar, eu descí do trem já perguntando por vocês, mas ninguém olhava na minha cara. Eu estava no meio de milhões, mas na pior das solidões. Só não me desesperei porque eu tinha que manter as minhas emoções sob controle, como sempre faço. Quando eu saí da estação central de Teknalia, já era noite. Uma música bem alta chamou a minha atenção, logo, fui com o Defendrone ver o que era. Se tratava de uma grande festa, com muitos efeitos especiais, hologramas, robôs inteligentes, entre outras tecnologias bastante avançadas. E as pessoas estavam loucamente eufóricas, colocando para fora o que

Lenda de Orande

reprimiam o tempo todo. Nunca vi nada parecido. E nessa festa, eu tentei a sorte. Investiguei o desaparecimento de vocês lá, em vão. Nem mesmo os garçons robôs me deram atenção, apenas drinques energéticos. Muitos se beijavam sem motivo aparente naquela festa, outros dançavam como se não houvesse amanhã, e ninguém sequer olhava o retrato que eu mostrava. E então soltaram uma fumaça azul, com cheiro doce, em cima de todo mundo. A música ficou ainda mais alta, e intensa, as luzes giravam, e acabei perdendo o controle de mim mesmo, eu já não conseguia mais sair da festa. Aquela fumaça era alucinógena.

— Oi gato. O que está procurando? Parece meio abatido. Vem comigo, vamos dançar pra ver se melhora essa cara triste. — Me disse uma garota, segurando o meu braço e dançando para mim. A roupa da garota era colada no corpo, e possuía um efeito brilhante que se movia, e mudava de cor. Sua pele clara contrastava com a roupa e os olhos escuros. Seu cabelo preto, liso e curto, estava todo bagunçado. Ela estava feliz, ou, pelo menos, parecia, e no fim da festa me agarrou e me deu um beijo, que me tirou a noção do tempo por um instante. A música cessou, a festa acabou, e todos que estavam nela voltaram para a sua vida morta, e individualista. Cada um saiu para um lado, e a moça, simplesmente, desapareceu na multidão, sem me dizer o seu nome. Acabei perdendo o retrato nessa festa.

As alucinações me deixaram tonto, mas eu consegui voltar até a estação, e, para a minha infelicidade, estava fechada. E enquanto eu estava distraído, um bandido me pegou de surpresa, me imobilizando, enquanto o seu comparsa tomou o meu drone, dizendo: — Fica quietinho aê, moleque. Esse robô voador é nosso agora, deve valer muito dinheiro. Pensando bem... você deve valer muito também... vamos levar você junto. Hehehe... — Cumprindo seus algoritmos, meu drone atirou um raio elétrico bem no meio da testa do bandido, eletrocutando ele. Aproveitei, e joguei o ladrão que me segurava em cima daquele que estava tomando choque, para acompanhar seu cúmplice. A dupla caiu nocauteada, e sem muita demora, apareceram dois guardas da cidade em um carro antigo reformado, preto e azul. A cidade possui sensores por todo lado, privacidade aqui é luxo. E eles me levaram para o quartel-general da guarda, em um veículo que mostrava informações no para-brisa, emitidas por um CI, e um painel com botões, e símbolos estranhos. Todos os guardas no quartel-general me agradeceram, porque eu ajudei a capturar alguns dos poucos que ainda arriscavam cometer crimes na cidade mais segura das Terras de Orande. Mal sabiam eles que eu era o maior falsificador de Teknalia.

Havia um grande mapa da cidade estampado na parede, que me chamou a atenção, enquanto eles me traziam dezenas de papéis, e uma caneta, com anéis para os dedos. — Agora, vem a parte chata do trabalho. Assine estes documentos e relate o que aconteceu nestas folhas. Use esta Ringpen-M, ela vai se conectar à sua memória e te ajudar a escrever tudo com detalhes. Depois me entregue só as folhas, a caneta fica para você, de presente. — Obrigado. E eu preciso de ajuda, meus pais desapareceram e... — Desaparecimento? Hum... vou chamar o detetive-chefe Eyneon, enquanto isso preencha os formulários.

Enfim, eu conheceria o famoso detetive-chefe, que eu tanto ouvia no rádio. Quando eu terminei de assinar, e escrever naquela papelada toda, fui devolver tudo para o guarda que me deu, que apontou para a sala do detetive, dizendo que ele estava me esperando. Ao entrar na sala, vi um marinheiro, de uns 17 anos, sentado na mesa do detetive-chefe, limpando um submarino em miniatura. — Você é o detetive-chefe de Teknalia? — Pão. — Respondeu, o marinheiro. — Pão? Que pão? — Ele quis dizer "não". — Traduziu, o verdadeiro detetive, saindo de um canto escuro, vestindo um sobretudo, e fumando um cachimbo de vidro. — Então, você é o herói de quem tanto falam! Eu sou Eyneon, o detetive-chefe de Teknalia, e ele, é meu aprendiz, eu o chamo de Comunicador Baquara. Como é o seu nome? — Kaoni Iviturui. Não entendo. Seu aprendiz é um

Lenda de Orande

marinheiro? — Sim. Antes de me tornar detetive, eu era o capitão daquele submarino. Bom, vamos cuidar do seu caso? Deixe-me ver... — O detetive abriu um CI na sua mesa, e pesquisou o meu nome. O CI levou alguns segundos, e apresentou o resultado "NONE". — Temos um problema. Não há informações sobre você. Onde foi que você nasceu? — Não lembro. Deve ter sido em casa mesmo. — Você não possui nenhum documento, nada? — Que eu saiba, não. Só estes cristais de créditos, que eram dos meus pais. — Assim, fica difícil... — Reclamou, fumando o seu cachimbo, e teve uma ideia: — Vejo que te deram uma ringpen, vai te ajudar a descrever os seus pais. Pode me fazer uma descrição de como eles são? — Vou tentar, detetive. Farei o meu melhor.

Levou uma hora, mas descrevi vocês com detalhes, me lembrando do longo cabelo ondulado, e azul-claro, da pele clara, e dos olhos azuis da minha mãe. Lembrei também da pele escura e do cabelo cacheado e preto, e dos olhos pretos com um círculo prateado em volta da íris que o meu pai tem, que só dá pra ver na luz intensa, iguais aos meus. Com a minha descrição, o detetive criou um "retrato falado" em três dimensões. Ficaram idênticos à realidade.

Falei da nossa escuna, e do último dia em que nos vimos. E depois, o detetive Eyneon chamou os mesmos guardas que me conduziram até o quartel-general, e me disse: — Eles vão te levar em segurança para casa, e enquanto isso, vou mobilizar grande parte de nossos agentes para ajudar na busca pelos senhores Nitio e Pothiara. Temos agentes espalhados por toda a região de Orande, inclusive as regiões hostis. Eu mesmo estarei nessa busca com o baquara, então vá em paz garoto, nos veremos em breve com os seus pais, eu prometo.

Enquanto os guardas me levavam para casa de carro, eles conversavam sobre muitas coisas relacionadas ao trabalho, e um dos assuntos me deixou em alerta: — E o caso do falsificador de bilhetes? Será que é o mesmo cara que anda fazendo pirataria de tudo na cidade? — Sim, eu acho que sim. A réplica estava tão boa, que enganou até o fiscal, que vive de conferir bilhetes. Quase cometemos uma injustiça por causa desse pilantra! — Alguns metros adiante, o trânsito na avenida parou, pois estava acontecendo um protesto no meio do caminho. Os guardas disseram: — Essa garota de novo causando tumulto! Fique aqui rapaz, nós vamos lá resolver isso. — E saíram do carro depressa, me largando no carro. Eu não queria ficar parado ali. Eu tinha mais o que fazer. Então, segui o caminho de casa a pé. Passei perto do local do protesto, e a líder do movimento era a mesma moça que dançou comigo, naquela festa. Ela me viu, e ficou me observando, depois, sorriu levemente, e continuou o seu discurso: — Não precisamos de nada disso! Toda essa luz não nos ilumina, só nos deixa cada vez mais cegos! Nos tornam escravos das máquinas, quando elas deveriam nos servir! Não tenha medo do escuro! Somos os Sombrios!

Os guardas avançaram com os seus escudos contra os manifestantes, e o confronto começou. A garota pegou dois punhais, com as mãos cobertas por luvas pretas, igual ao resto da sua vestimenta, e se misturou com os rebeldes. Alguns soldados atiraram bombas de gás, e eu já respirei a minha cota de gases naquela festa. Continuei o meu caminho para casa, entrando na estação de trem, e logo a cidade ficou numa completa bagunça, os rebeldes estavam por toda a parte, desafiando a guarda, e quebrando os transmissores de energia sem fio. Esses protestos sempre existiram, mas eu nunca estive tão perto deles. Retornei para casa, poucas horas antes do amanhecer, e escrevi essa carta, deitado em minha cama, esperando os ânimos se acalmarem, para jogar ela no oceano.

Capítulo 3 – Kaoni conhece Elenia

Nae mãe, nae pai. Mal o dia amanhecia em Teknalia, e eu já acordava com uma sensação estranha, depois de tirar um cochilo. No canto da minha visão, eu vi um ser todo preto, com olhos vermelhos e brilhantes, ao lado da minha cama. Me levantei, assustado, e quando fui pisar no chão, tinha uma pá, que virou, e bateu na minha cabeça. Ouvi uma risada esquisita atrás de mim, fazendo "róróróróró", mas ao me virar, ele parou de rir, e eu não via mais ninguém. Foi então que a torneira do banheiro se abriu.

Peguei a pá, e saí do quarto, para ver quem invadiu a nossa casa. Uma voz horripilante e lenta, que surgiu na sala, repetia: — Tô com fooomeeee... vou te comeeeeer! Haaahaaahaaahaaaa! — Com muito cuidado, discretamente, eu fui para a sala, e acendi a lâmpada com a pá. Pronto para dar uma pazada no invasor, eu descobri que a voz era do Tubarão Monstro de brinquedo. Ele estava no sofá, com uma bateria velha, e um megafone no seu alto-falante. E, novamente, eu escutei o "róróró" risonho, mas só eu estava lá, e enquanto procurava, eu notei que a porta de casa estava aberta. Fechei ela, e fui para a cozinha, encontrando um rato andando pelo chão, e um ovo na frigideira, sobre o fogão. A cozinha estava toda revirada. — Mas que negócio é esse? Um bandido invade a minha casa só pra comer e usar o banheiro? E ainda faz palhaçada. — Pensei. E fui dar uma olhada no porão. Eu ia descer a escada, mas lembrei que ainda não tinha verificado o banheiro. Quando eu me virei, o rato estava flutuando, bem na minha cara. Eu gritei de susto, o rato também gritou, e acabei caindo da escada que desce até o porão. E, outra vez, estavam rindo de mim.

Saí do chão, todo dolorido, e acendi a luz. Foi quando eu vi aquela garota, que liderava o protesto, sentada numa cadeira, e com um mapa nas mãos. Sua calça tem um cinto fino, e bem comprido, sem fivela, dando várias voltas. Ela estava com muitos ferimentos e hematomas, e surpresa ao me ver, perguntou: — Você... o que está fazendo aqui? — Eu moro aqui. — Nossa... desculpa. Pensei que este lugar estava abandonado. Todos na cidade vivem em apartamentos minúsculos, que mais parecem gaiolas, sabe... — Ela dobrou o mapa, e guardou no bolso, discretamente. Tentei me sentar em outra cadeira, mas alguém a puxou, fazendo eu cair de bunda no chão. Novamente, riram de mim por trás, e a moça exclamou: — Ró! Já chega! Seu feio! — Um ser obscuro, de olhos vermelhos, apareceu, parando de dar risada aos poucos. — Pede desculpa para ele agora. — Róróró. — Me disse, aquela coisa monossilábica, e eu perguntei: — Quem são vocês? — É mesmo, eu nem te disse o meu nome aquela noite... eu sou Elenia, líder dos Sombrios. E ele, eu o chamo de Ró. Não sei o que ele é exatamente, parece uma sombra, um fantasma... sei que é meu amigo, e que gosta de fazer travessuras, sem tocar nas pessoas. — Como uma coisa medonha dessas pode ser tão besta... — O Ró começou a chorar quando eu disse isso. — Ah, você magoou o Ró... melhor pedir desculpa pra ele. — Me avisou, Elenia, enquanto o Ró abria a boca para me engolir. — Desculpa Ró, desculpa! — Pedi desculpas, mas o Ró me ignorou. — Assim não, no idioma dele! — Gritou, Elenia. — Mas que... tá bom, tá bom! Róróró! Róróró! — O Ró parou depois que eu falei isso, e voltou ao normal, mas rindo da minha cara. — Não liga pra ele não, ele é assim mesmo. E você como se chama? — Kaoni. Kaoni Iviturui. Por que você está machucada desse jeito? — Longa história... ah, isso deve ser seu. — Elenia me entregou o retrato que eu perdi na festa. — Eu incomodo muita gente poderosa. Esta noite eu escapei da morte por pouco, e me escondi aqui, nesse lugar proibido. — Lugar proibido? — Sim. Meu melhor amigo vivia me proibindo de vir aqui. Aproveitei que ele foi enjaulado pelos "tiras" para conhecer esse lugar. Mas, não precisamos nos preocupar com ele, pois sempre escapa da cadeia, hehe. — Entendi. Vi você pegando dois punhais. Você ataca os guardas da cidade, por quê? O que são os Sombrios? — Quantas perguntas! Você é muito curioso. Cuidado com isso. — Ela me olhou por um momento, pensativa, e continuou: — Você é estranho o suficiente para ter a minha confiança. Olha, esta cidade aqui é doentia, e mata as

almas das pessoas. Ela é controlada pelos donos das grandes indústrias, de onde vem tudo o que existe aqui. Eles deram forma a um sistema que manipula o comportamento das pessoas, para tirar tudo o que elas têm para oferecer, e obter o máximo de lucro, dando em troca, uma falsa liberdade, que é só para manter o ciclo do sistema. Nos ensinam que o lado de fora desta cidade é perigoso demais, ou seja, não nos deixam opção. Temos que ganhar cada vez mais dinheiro, para procurar uma felicidade que não está aqui. — E você não concorda com isso. — Claro que não! Por isso eu criei o grupo dos Sombrios! Para desligar esse sistema, protestando, chamando a atenção das pessoas, para despertá-las! E quem tentar me calar, vai conhecer as minhas duas irmãs: — Elenia puxou os dois punhais. — A Brilhante e a Prateada. Mas, e você? Mora sozinho aqui neste... como se chama mesmo isso? Museu? — Isso se chama casa. — Fiquei surpreso por ela não saber o que é uma casa. — Ah, sim, casa. Isso mesmo. Mora sozinho nesta casa? — Sim, faz 6 anos que os meus pais sumiram. Eu estava procurando por eles, quando te vi na festa. — Eu sei bem como é. Meus pais desapareciam, e depois voltavam, dizendo que estavam viajando a trabalho. Mas a última vez que sumiram faz 6 anos também, e até agora, não tive notícias deles. — Tem algo errado... sua história é muito parecida com a minha, e aconteceu ao mesmo tempo. Por que nossos pais sumiram assim? — Não sei Kaoni, mas você tem razão. Algo está errado. Bem... obrigada, vou indo então, te vejo por aí... — Despediu-se, Elenia, levantando-se da cadeira. — Elenia, espera. É perigoso demais pra você sair agora, e você está ferida. Pode ficar aqui em casa se quiser, mas, controle o Ró. — Obrigada, Kaoni. O Ró não vai mais te causar problemas. Você já viu este mapa? — Elenia me entregou o mapa que estava em seu bolso. — Ainda não. — É um mapa idêntico ao desta cidade, mas nele mostra uma antiga base militar. Acho que era para proteger a Grande Barragem. Todo o solo em volta da base tem bombas enterradas. Não tem perigo dessas bombas explodirem? — Hum... acho que não. Se elas fossem perigosas já teriam explodido com tanta movimentação, e edifícios. Este mapa é muito antigo, estas bombas devem ter parado de funcionar devido ao tempo. Você não estava pensando em explodir a cidade, né? — Hahaha... — Ela riu, subindo as escadas do porão. — Você é engraçado. Preciso fazer uns curativos, onde fica o banheiro? — Eu mostro pra você, vamos. E pode dormir na minha cama se quiser, eu vou ficar na sala. — Obrigada. Gostei da sua casa, parece um museu, por isso eu me confundi... — Dizia, Elenia, enquanto eu a levava para o banheiro.

Após aquela conversa, analisei o mapa na sala, enquanto a moça cuidava dos seus machucados. O mapa realmente era da mesma região de Teknalia, só que de muito tempo atrás. Percebi alguns símbolos daqueles que estão nos livros, que não consigo saber o que significam, e um emblema circular, como o que está lá na mesa, e que lembra um monte com névoa, mas esse lembra uma espada com um cristal encravado.

— Me diz então, gato, o que você faz? Como sobrevive assim, sozinho? — Me perguntou, Elenia, de dentro do banheiro. — Bem, eu... eu faço réplicas sabe... e vendo por aí... — Ah! Então é você! Bem que eu desconfiei quando entrei aqui, e vi esse monte de produtos desmontados, e ferramentas... você também está contra o sistema! Se a guarda descobre, você tá ferrado! — Não quero ser contra sistema nenhum, só ganhar dinheiro pra poder comprar umas revistas que eu gosto... — Sei, revista de mulher pelada. — Quê? Claro que não. Eu não tenho isso. — Não minta pra mim, vocês gostam de ficar vendo essas coisas. — Não estou mentindo! — Hum... então porque você não tenta inventar algo, em vez de só ficar copiando os outros? — Pode ser... nunca tinha pensado nisso...

Depois que Elenia saiu do banheiro, eu mostrei para a moça onde era o meu quarto. Ela tirou os seus calçados, e dormiu na minha cama, expondo duas cicatrizes, uma em cada planta do pé, de furos profundos, que devem ter doído bastante. O Ró ficou ao lado dela o tempo todo, parado. E eu voltei para a sala, pensando: — Finalmente, encontrei alguém que me entende nesse lugar, não

aguentava mais tanta solidão dentro de uma megalópole.

Com ela ainda dormindo em minha cama, eu saí pela porta de casa, para deixar a carta no mar, e vi um carro na frente da minha residência, com dois guardas de Teknalia, e um robô. Voltei para dentro, e fui acordar Elenia, para avisar a moça: — Elenia, acorde! Acorde de uma vez! — Ahn... oi Kaoni. Por que você tá com esta cara? Eu mandei o Ró ficar quieto... — Dessa vez não é culpa dele. Olhe pela janela. — Elenia se levantou, foi até a janela, tomou um susto, e se escondeu ao lado dela, irritada: — Puta merda, Kaoni! Por que você não me avisou!? — Mas foi isso mesmo que eu acabei de fazer! — Droga. Eles estão controlando aquele robô de dentro do carro, e ele vai entrar aqui. Se atacarmos o robô, saberão que tem alguma coisa errada, e virão com reforços. Precisamos nos esconder! — Sei de um lugar, vem comigo. — Levei a garota rebelde para o porão, e fechei a porta. — Robôs não sabem assoprar. — Espero que você esteja certo.

O robô parou na porta do porão, e analisou sua fechadura. Tocou o cristal com a mão, e tentou abrir, emitindo uma série interminável de sinais eletrônicos. Descobrimos que não conseguiria abrir a porta dessa maneira, arrombou ela, com seu corpo metálico, rolando escada abaixo. Enquanto o robô se levantava, Elenia subiu nela com um salto, e me puxou. Assim que eu alcancei a porta, o robô me detectou, e correu atrás de mim. Fugimos pela porta dos fundos, e subimos a escadaria de emergência de um dos prédios. E no topo do prédio, eu avistei um barco no horizonte. Pensando ser a escuna "Sopro do Monte", eu acenei com os braços, e ele se aproximou. Não era a nossa escuna. Era um navio enorme e bizarro, coberto de metal, e canhões. — Vamos! Temos que fugir, vem! — Elenia me puxou para o elevador do prédio, onde tinha um rádio no teto, sintonizado em uma estação que transmitia informações sobre o navio. Era um lendário navio pirata, chamado Bombardia, famoso por reduzir ao pó civilizações litorâneas, que se recusam a fazer um acordo. E chegou a vez de Teknalia. Enquanto descíamos para o térreo, toda a guarda marítima foi dizimada, mas o locutor, na tentativa de acalmar os ouvintes, dizia que Teknalia era a cidade mais segura da Terra de Orande, e que aquele "barquinho" não seria capaz de fazer nada contra ela. Porém, depois que a tripulação de Bombardia invadiu a cidade, e entrou em guerra com a guarda urbana, o locutor ficou claramente preocupado.

De repente, uma interferência tirou a estação do ar, e um homem, de voz rouca, se pronunciou, com sons de metais batendo enquanto falava: — E agora, tá pronta esta merda inútil?! — Sim capitão, todos estão te ouvindo. — Ótimo! Haehaeha! Aqui é o Capitão Tormentor, não queremos machucar vocês, mas se precisar, a cidade inteira será destruída! Existem bombas enterradas por toda a cidade, e eu sei como reativá-las. A previsão do tempo hoje diz que vai chover chumbo grosso! O que queremos é simples. Que vocês entreguem um garoto chamado Kaoni Iviturui! Ele vale ouro, muito ouro! Haehaeha! — Quando a porta do elevador abriu, um dos guardas, que estavam naquele carro, esperava o elevador, e gritou: — Achei vocês! — O guarda tentou nos pegar, e a Elenia me puxou para fora do elevador, que fechou a porta. Ela destruiu o CI que controlava o elevador com um chute, e o guarda ficou preso lá dentro. Atrás de mim, surgiu um ruído de curto-circuito, e quando eu me virei, encontrei o Defendrone descarregando eletricidade no robô, até ele pifar. O guarda que controlava o robô, correu em nossa direção, mas foi atingido nas costas por uma espada, que foi lançada por um pirata de Bombardia. Ele avisou os outros, e logo, muitos piratas invadiram o prédio.

Armada com os dois punhais, Elenia se posicionou entre mim, e os piratas. Enquanto isso, eu tentava fazer aquela espada da cicatriz aparecer. Elenia e Ró encaravam centenas de piratas enfurecidos, e então, a moça disse ao seu estranho amigo: — Vamos lá, Ró! Já sabe o que fazer. Vai! — Róóóóó! — O Ró desapareceu, para enrolar vários fios nos pés dos piratas, espalhar pás pelo chão, e fazer buracos de armadilha. Os piratas caíam uns por cima dos outros nos buracos,

arrastando os que estavam presos pelos fios. Aqueles que passavam pelas armadilhas do Ró, Elenia combatia com os seus punhais, e muita destreza. Mas eram piratas demais para os dois darem conta. Vendo que a situação não era nada boa, eu me concentrei, superei o medo, gritei "Iukaeta Sirai", e a espada reapareceu, mas sem o gelo que a cobria.

Elenia deu um estalo, com os dedos da mão direita, dizendo: — Inataina! — Quando ela fez isso, uma bola preta surgiu em cima da sua cabeça, e cresceu até cobrir ela, e os piratas. Eu não podia ver nada, nem mesmo as luzes do meu drone. A única coisa que eu via eram os golpes da Brilhante, e da Prateada, no meio da escuridão, matando os piratas. Eu ouvia também barulhos de chicote, mas eu não vi chicote nenhum com ela. — Kaoni! Sai daqui! — Gritou, Elenia, quando percebeu que eu estava dentro da bola preta. — Ugh! — Ouvi uma pancada, e Elenia caindo no chão. A bola preta diminuiu, até sumir, e então, eu vi que a Elenia foi atingida por um chute, de um dos piratas, devido a sua distração. Muitos piratas estavam mortos, com os seus corpos cheios de cortes. Outros estavam com fios enrolados nos pés. Mandeí o meu drone ajudar Elenia: — Defendrone! Energize aqueles fios! — Comando de voz recebido e interpretado. Executando ação. — O meu drone atirou raios elétricos nos fios, eletrocutando os piratas, e livrando Elenia. Eu fiquei ao lado dela, lutando contra os invasores com a minha espada misteriosa. Minha ideia funcionava muito bem, o calor da batalha fez a minha espada ficar com o brilho vermelho novamente, mas o Ró estava enfraquecendo: seus olhos mudaram de cor, ficando azulados. — Esta espada está me deixando com um medo que não sei explicar... — Comentou, Elenia, se levantando. E uma voz, que soava familiar para mim, surgiu, gritando, do outro lado da multidão de piratas: — O que você está fazendo aqui, Elenia!? — Kaienan?! Você tá aí?!

O restante dos inimigos foram atingidos por uma força invisível, e depois, um par de bandanas idênticas voou em nossa direção. Uma delas caiu, e a outra, deu lugar a um chaveiro de polvo de cristal, na mão daquele rapaz que me traduziu o poema misterioso. — Como você sabia que eu estava aqui? — Nah. Isso foi moleza, Elenia! Conheço você, garota rebelde. Eu sabia que você viria aqui quando tivesse a oportunidade. — Ele é seu amigo, Elenia? Eu conheço ele. — Reconheci o Kaienan. E para nos dar um alívio, aqueles piratas recuaram, e saíram da cidade, voltando para o navio. Pensamos que eles estavam desistindo do sequestro. Até comemorávamos a vitória, saindo daquele prédio, e sentando na calçada, mas estávamos enganados.

Explicamos para Kaienan o que acontecia, e ele se assustou: — Parece que descobriram tudo. Preciso achar aqueles dois. Se escondam, e me esperem. Eu voltarei com reforços. — Kaienan partiu, apressadamente, e eu segui a Elenia, até um beco subterrâneo, onde o trem passava bem em cima das nossas cabeças. Fiquei sentado ao lado dela, aguardando o retorno de Kaienan. E após esperarmos por alguns minutos, o meu drone ficou maluco. Eu o segurei, e o sistema dele reiniciou em seguida, por causa de uma interferência. Logo eu escutei centenas de estampidos, surgindo da direção do mar, que deviam ser dos canhões daquele assombroso navio. O som parecia uma tempestade se aproximando, e não deixou de ser uma. Ao olhar para o alto, vi um monte de pontos pretos, que cruzavam os trechos de céu. Eram os tiros dos canhões do Bombardia, que estavam caindo sobre toda a cidade, destruindo os imensos edifícios, e o que caía no chão, explodia as bombas, causando ainda mais mortes. — Agora, vamos morrer, foi bom conhecer você. — Disse, Elenia, olhando para uma bola de canhão, que cairia em cima de nós.

Fechamos os nossos olhos, no momento em que a morte era iminente. Mas ela não nos pegou dessa vez. Quando reabrimos os nossos olhos, minha espada havia se transformado em um rapaz estranho, com um crânio de touro na cabeça. Ele era muito forte; segurou a bola de canhão gigante com as mãos, e a jogou para bem longe. Depois, olhando em meus olhos, fez seu corpo brilhar, e voltou para a forma de espada.

Lenda de Orande

Não senti nenhum medo. Já Elenia, ficou até pálida, de tanto pavor. Até o Ró estava amedrontado. — Mamama... mama..., mas o que que foi isso?! — Gaguejou, Elenia. — S-Sei lá... só sei que salvou a gente. — Respondi. A interferência, então, terminou, e o meu Defendrone voltou ao normal. — Hum... acho que acabou. Vamos sair dessa cidade, Kaoni! — Falou, Elenia, indo para a saída daquele beco. — Não Elenia! Olha! — Impedi ela, e aponte para um pedaço do edifício que estava caindo bem onde ela iria passar. O bloco de concreto fez uma das bombas enterradas explodirem na nossa frente, nos arremessando para a outra extremidade do beco.

Mais explosões podiam ser ouvidas por todos os lados, e os edifícios ruíam sobre as cabeças dos moradores de Teknalia. Para ver como estava a cidade, mandei o Defendrone voar bem alto, e filmar tudo ao redor, depois voltar, e me mostrar. — Kaoni! O que está acontecendo?! — Perguntou, Elenia, assistindo desesperada a filmagem do drone. — Como eles não conseguiram me capturar, vão destruir Teknalia inteira comigo dentro. A última interferência foi capaz de reiniciar o meu drone e, provavelmente, reativar o campo minado da antiga base militar que havia aqui antes da cidade. — Caramba, você é esperto. Mas e agora? Vamos ficar presos aqui? — Não. — Ah que bom! Então... — Vamos morrer afogados. — O quê!? — Veja, o meu drone está mostrando que a Grande Barragem já foi atingida, é questão de tempo para que ela desabe, e inunde toda a cidade. Precisamos sair daqui rápido, mas não sei como. Preciso pensar. — Falei para Elenia, tirando o mapa do bolso. — Pensa rápido, se você estiver certo, não vai sobrar nada. A Grande Barragem retém uma quantidade absurda de água. — O Ró pode procurar os explosivos e detonar eles sem se ferir? — Não agora, ele está fraco, e se mover no subsolo é muito difícil para ele. Só amanhã ele estará melhor. Tem outro plano? — Hum... — Lembrei de Elenia me dizendo para eu inventar algo, e tive uma ideia. — A frequência de 999 giga-hertz! Ela desativa as minas terrestres! Preciso de um radiotransmissor! — Ró, pode tentar nos trazer um radiotransmissor? Sei que você está fraco, e quer descansar, mas, sem isto nós vamos morrer. Depois você pode ir dormir, já ajudou bastante. — Pediu, Elenia, para o seu misterioso amigo, que demorou um pouco, desapareceu, e depois de alguns segundos voltou, com o radiotransmissor de algum guarda. Ró deixou o transmissor no chão, e desvaneceu no ar.

Peguei o transmissor, e desmontei ele, usando os punhais de Elenia como ferramentas. Mudei as configurações do aparelho, e conectei ele ao meu drone. — Terminei, mas não sei se... — Eu não tinha certeza se isso daria certo. — Ótimo. Vamos embora daqui! — Elenia me interrompeu, e não deixou eu voltar atrás. Caminhamos juntos pela rua esburacada com o meu drone, que transmitia as suas descargas elétricas para o transmissor, por várias horas. Felizmente, deu certo, e a onda transmitida pelo radiotransmissor desativava as bombas pelo caminho, usando aquela frequência de 999 giga-hertz. Passamos pela nossa casa, e no lugar dela, restou apenas uma cratera.

A minha intenção era sair da cidade de Teknalia, mas eu vi uma antena de estação de rádio em um dos prédios, e tive uma ideia: — Se eu pudesse chegar naquela antena, desativaria todos os explosivos de uma só vez. — Kaoni, você está louco?! Olha aquele prédio, vai cair a qualquer momento! Você quer entrar lá e subir no topo? — Questionou, Elenia. — Sim. Meu drone já gastou muita energia, não sei se vai durar o caminho todo. — Ao entrarmos no prédio, encontramos as pessoas desoladas, pedindo ajuda pelos aparelhos de comunicação, e olhando para nós, com medo, elas cochichavam entre si, dizendo: — Como foi que eles chegaram aqui? Acho que as bombas não estão mais explodindo, vai lá ver pra gente. — Eu não! Vai você!

Subimos até o topo pela escada, 33 andares que pareciam não ter fim, e com algumas partes destruídas, o que dificultou ainda mais. E chegando no topo do edifício, pedi para Elenia se proteger, enquanto eu conectava a antena do prédio no meu drone, com o radiotransmissor. Imediatamente, ele superaqueceu, e explodiu, emitindo um intenso sinal de interferência, que me

derrubou. Meu Defendrone foi tão útil...

Fui para a borda do prédio, para ver se a cidade ainda explodia em algum local. Elenia segurou a minha mão, e observou tudo comigo, durante um pôr do sol. Toda a devastação, os imponentes arranha-céus caindo uns por cima dos outros, se despedaçando. O chão não explodia, porém, era tarde demais. A Grande Barragem tinha buracos que jorravam água sem parar, e estavam aumentando muito rápido, fazendo eu me sentir derrotado, mas Elenia me confortou: — Kaoni, você é o maior herói de todos. Se arriscou para salvar uma cidade horrível como essa, e pessoas que não te davam a menor importância. Existe algo muito especial em você... — Elenia levantou o meu rosto, e nesse momento nós dois nos beijamos. Eu não pensava em mais nada naquele instante. O cenário não era dos mais bonitos, e nem o local era seguro, mas senti adrenalina e emoção como nunca antes. Isso renovou o meu ânimo. Depois daquele beijo eu voltei para a infeliz realidade. Descemos os 33 andares de escadas, e chegamos no andar térreo exaustos. Não havia mais ninguém dentro do prédio, e uma espada de um pirata da Bombardia estava no chão, ensanguentada.

— O que é isto? Onde foram todos? — Perguntei, enquanto observava a espada. — Todos saíram correndo... me chamando de bruxo... quando entrei. — Respondeu, um homem, com uma voz fraca. — Quem está aí? — Perguntou, Elenia, pegando os seus punhais, e se preparando para o atacar. Eu olhei, e reconheci aquele homem. Era o homem do manto, o mesmo que eu via quando era criança. Ele estava gravemente ferido, e caiu de costas para o chão, sem responder Elenia. Eu me aproximei do homem misterioso, era um homem negro, de cabelos enrolados e compridos, presos para trás. No dorso da sua mão, um emblema tatuado, de um triângulo com um ponto no centro. Em seu rosto escorria suor e sangue misturados. Alguns segundos depois, ele me olhou nos olhos, e disse: — Kaoni, é bom ver que você está bem. — Ele expressava alívio, por ver que eu estava vivo. — Como sabe o meu nome? — Minha missão era cuidar de você, nesta cidade cheia de falsificadores do código. Meu tempo acabou, e tenho tanta coisa para te explicar... — Eu já te vi antes, várias vezes. — Agora não dá para esconder... argh... mais nada de você, né? Tudo está tão óbvio. Meu nome é Majui Apuana, sou um abakoden mensageiro. — Abakoden? Como assim? O que é isso? Onde estão os meus pais?! — Kaoni... não tenho muito tempo pra isso... em meu manto tem uma página com um... como posso dizer... um tipo de código. Ela abre um... portal de emergência... para uma pessoa. Em pouco tempo, toda esta cidade será engolida pela água. Use esta página, e salve-se... você vai encontrar... as respostas... que procura... — Majui morreu, sem me dizer onde vocês estão.

Confuso, e cansado, sentei ao lado daquele que cuidou de mim em segredo, todo esse tempo. O chão continuava a tremer cada vez mais, formando ondas no sangue do mensageiro. Tirei o seu manto, e procurei o tal portal, encontrando um pequeno retângulo dourado, feito de cristal e metal, com símbolos estranhos inscritos nele. O manto de Majui possuía os mesmos símbolos nas bordas, e também um emblema atrás: uma estrela de doze pontas, dentro de um círculo. Cobri Majui com o seu manto, e tentei decifrar o que estava escrito no cristal. Não havia uma letra sequer. Enquanto eu tentava entender isso, Elenia sentou do meu lado, e perguntou: — Kaoni, você está bem? — Sim. Só não sei como usar isto. — Bem... é um portal de emergência, deve ser algo fácil, e rápido. Tente jogar no chão pra ver o que acontece. — Ah, não deve ser só isso. Algo assim, deve ter algum jeito mais complicado de se usar... — Me empresta um pouco. — Ela tirou o cristal de mim, e o jogou no chão, contra a minha vontade, mas ele funcionou mesmo, expandindo-se, e abrindo um portal luminoso. — Agora vá, Kaoni, eu fico aqui esperando o Ró voltar do seu sono. — Vá você Elenia, eu fico. — Eu não podia deixar ela lá, para morrer. — Não faz isso, a missão dele era te proteger! Entra logo, vai! — Ela gritou, me empurrando para dentro do portal, mas eu resisti: — Não quero ir. Preciso salvar você! — Segurei ela pelos braços, e joguei ela para dentro do portal, no meu lugar. — Kaoni! Não! — Ela tentou sair de dentro do portal, mas não deu tempo. Tanto o portal, quanto a moça, desapareceram em um flash, deixando uma pedra branca no lugar.

Lenda de Orande

Em seguida, eu já podia ouvir o som das águas revoltas chegando. Fui para o meio da rua, enfrentar o meu destino, vindo em uma enorme onda, derrubando e engolindo tudo no seu caminho. A vida tumultuada, e as lembranças que eu tinha de vocês, passaram na minha mente tão rápido quanto a onda violenta, que avançava contra mim. O que me tranquilizou, foi ter conseguido salvar alguém desta cidade que se importava comigo. A pancada da onda foi tão forte que desmaiei na hora. Apenas me lembro do ruído que os edifícios de concreto e aço fizeram, quando se reduziram ao puro entulho, e da sombra de um grande animal, com o formato de uma tartaruga, que passou sobre mim, no fundo do mar.

No meu sonho, eu estava no meio de uma escuridão absoluta. Uma voz imponente declarou, de algum lugar nas trevas: — Bela escolha da espada. O sexto mestre é um iviturui, da linhagem da Mil. — O quê é isso?! Quem é você?! — Dois grandes olhos azul-esverdeados, e brilhantes, surgiram na minha frente, e no alto. Em seguida, um dragão alado, luminoso e gigantesco. Seu rosto parecia um castelo, e carregava 12 bigodes, um deles, partido. Senti medo, mas tomei coragem, e fiz a espada reaparecer na minha mão, para me defender do exótico dragão. — Queria ter o meu irmão vivo, para ele tomar essa decisão, pois eu sou o rei que dá a ordem, e ele, era o juiz, que decidia. Quoaraci, era o seu nome. E eu sou Aralastadon. — De-decidir sobre o quê? — Sobre deixar você viver, ou acabar com a sua vida, antes que nos cause algum problema com essa espada.

Essa resposta me apavorou, e fiquei paralisado, sentindo muito frio, algo que eu raramente sinto. Eu acordei desse pesadelo no convés de um barco danificado, cheio de cadáveres. Tudo foi coberto de gelo, inclusive, a minha espada, que estava cravada no chão. Perdi tudo, até o meu colar. Restaram apenas as roupas do corpo, o mapa, os cristais de créditos, a ringpen, que estava presa no bolso, e o retrato, que Elenia me devolveu. Olhei para o horizonte ao meu redor, e só encontrei uma vastidão de águas. De repente, eu ouvi a voz de uma mulher: — Essa foi por pouco, meu sócio. — Procurei pela origem da voz, mas não vi ninguém. — Hahaha! É tão divertido quando isso acontece! — Ele fica todo atrapalhado, segunda! Esse aí, não dura nem uma semana! — Vocês me irritam. Calem a boca. — Lá vem o quinto mestre, a simpatia em pessoa. — Não concordo com você, segunda. Ele é muito jovem ainda, pode evoluir bastante, e até conhecer os mistérios do cosmos, como eu fiz, um dia, quando eu era o quarto mestre. — Percebi que essas vozes vinham da espada, que vibrava, emitindo os sons, e parei na frente dela, ouvindo a conversa. — Terceiro, olha! Ele parou pra nos ouvir. — Ei, paspalho intrometido! É melhor você tirar essa espada de dentro do gelo! Você vai precisar dela! Agora!

Escutei o barulho de algo se quebrando. Era o gelo do barco, que cobria os cadáveres do naufrágio. Eles se libertaram do congelamento, e me atacaram, com armas antigas de marujo, e eram bem habilidosos. Alguns, com armas de fogo. Tomei cobertura atrás da minha espada, e chamei por ela, que desapareceu de dentro do gelo, reaparecendo nas minhas mãos. Enquanto eu lutava contra os defuntos, a mulher, chamada de "segunda", contava como eu fui parar naquele barco: — Você quase foi devorado pelo arkalodon, aquele tubarão monstruoso. Tive que colocar você neste barco naufragado, nadar para cima, e descer bem rápido, me transformando na Iukaeta Sirai, cravando ela no convés. Assim, ela restaurou o barco com gelo de iviturui. Você vai ter que me dar uma bela recompensa por isso, sexto mestre. — Não entendo essa sua ganância, segunda. Somos todos pó de estrela. Não somos nada no Universo. — Muito poético, quarto, mas eu tenho contas para pagar! — Que contas! Você está morta! — Parem de falar. Vão atrapalhar o garoto.

Durante a batalha, o gelo da embarcação se desfazia cada vez mais rápido, e ela afundava no oceano. Uma grande tartaruga emergiu, e ficou ao lado do barco. Pulei no mar, e subi na tartaruga, escapando do naufrágio, e daqueles marujos apodrecidos, que foram comidos pelos arkalodons. Ela me levou até uma praia, do que parecia uma grande, e redonda, ilha inóspita, e foi embora,

Lenda de Orande

mergulhando no mar. Achei várias garrafas, e pedaços de papéis na areia, que usei para escrever essa carta. Eu não sei pra onde ir, o que fazer, nem se eu vou sobreviver. Não há prédios, nem montanhas, nem mesmo uma casa sequer. Só a praia, e uma floresta.

Capítulo 4 – O samurai templário renegado

Onde eu fui me meter? Estava muito melhor na minha aldeia. Preciso voltar para lá, e por isso, eu tirei uma folha do meu caderno de orações, para escrever no verso dela, e deixar essa folha ser levada pelo vento. Isso sempre me deu sorte.

Meu nome é Divano Sunmeri, ou também, o Anjo do Sol Vermelho. Minha vida era tranquila, até eu cometer o meu pior erro. Eu era só um samurai, em uma pequena aldeia, dentro da floresta de Ca-an, com uma catedral no centro, que era uma catedral dos vitaes. Certo dia, eu descansava em baixo de uma árvore, admirando o pôr do sol, quando uma criança me puxou o quimono, com uma bola murcha nas mãos. — Agora não, eu tô ocupado. — Mas, você não tá fazendo nada! Por favor! — Tá bom, tá bom. Me dá isso aqui. Eu encho essa bola, e você para de me encher o saco. — Fiz o que ele me pedia, e soltei a bola, mas aquilo aconteceu, de novo. Ela saiu voando, parecia que uma alma penada queria jogar futebol no céu.

De repente, a bola estourou, atingida por alguma coisa. Foi quando eu percebi que a minha aldeia foi atacada por um exército de bruxos, não sei ao certo o que eram. Eles invadiram a aldeia, e estavam destruindo tudo com as suas bruxarias. Os guardas lutavam contra esses bruxos, mas estavam perdendo. Mandei o moleque se esconder e ficar quieto, enquanto eu esperava o Sol ficar vermelho no horizonte, pois eu tenho uma espada katana especial. Eu chamo ela de espada do Sol Vermelho. Quando o Sol está nascendo, ou se pondo, e fica avermelhado, eu movo a empunhadura, encaixando o fenômeno em um determinado espaço que ela possui. E a imagem do Sol vermelho fica dentro deste espaço. Assim, meu corpo fica abençoado pela luz do Sol, dobrando a minha velocidade. E quando essa luz sai de mim, ela luta ao meu lado, como se fosse outro eu, matando os meus inimigos. Com esta minha habilidade, eu matava muitos bruxos, mas eram centenas e mais centenas, que atiravam as suas bruxarias em mim o tempo todo, me cansando bastante.

No meio da noite, surgiu um cavaleiro de armadura inerente à sua pele, montado em um cavalo, com uma labareda de fogo no lugar da cabeça, e dentro desta labareda de fogo, uma grande espada cravada. Ele veio com o seu exército, todos armados com lanças e espadas, e tirou a sua espada de dentro daquela besta de fogo, que saiu em brasa. E então, ele partiu para cima dos bruxos com o seu cavalo, e com um único ataque, ele matou bruxos às dezenas. Sua espada, além de cortar os inimigos, os queimavam também. Com ele, e o seu exército, derrotamos todos os bruxos, e impressionado com as minhas habilidades, ele perguntou o meu nome, e eu respondi: — Sou Divano Sunmeri. — Hum... um sunmeri... Sou Maorte Pytajovai, líder dos templários dos vitaes. Vim aqui defender a catedral deles. Quer vir comigo, para defendermos juntos os vitaes? Farei de você o melhor dos templários. — Ah, não sei... isso deve dar muito trabalho... — Mas, que preguiça é essa, samurai? Não quer se tornar mais forte? Sendo mais forte, tudo fica mais fácil! — Mais fácil... está bem. Se é pra ficar mais fácil, eu vou com você. — Nunca vi um samurai mais preguiçoso que este. — Ele olhou para a sua tropa, erguendo a espada, e declarou: — Saúdem nosso novo membro! Vamos transformar um samurai em um templário! — E todos comemoraram, me dando as boas vindas. Foi assim, que eu me tornei um membro dos templários dos vitaes, sem saber que eu estava cometendo um grave erro. Maorte me treinou pessoalmente. Passei 3 longos anos treinando, e defendendo os vitaes e os baquaras ao lado dele, protegendo os seus templos, que são uma mistura de biblioteca, com hospital. Mas quando eu perguntava sobre os bruxos, Maorte não me dizia nada sobre eles. E, às vezes, falava que eu não poderia saber, me proibindo. Aquilo aumentava a minha curiosidade.

Vou tentar resumir, para não ter que escrever tanto.

Depois desses 3 anos, eu retornei para a minha aldeia. O sacerdote da catedral me chamou, muito preocupado, para conversar comigo no confessionário. — Sacerdote, eu já falei, não sou

preguiçoso, só guardo energia para usar em emergências. — Não é sobre isso que eu quero falar com você. É sobre os tais templários. Você se juntou com eles, e foi embora, e eu não tive tempo de te avisar. Escute com atenção. Todos os templos vitaes se reuniram, e desautorizaram esses templários. Eles se tornaram em uma verdadeira praga na Terra de Orande. Usam de maneira equivocada o nosso Livro da Vida, para declarar como profanos, aqueles cujo o nome não foi escrito nele, tirando a vida dessas pessoas, acreditando que estão combatendo o mal deste mundo, e o purificando. — O sacerdote me puxou pelo quimono, e deu o seu ultimato: — Abandone esses templários, Anjo do Sol Vermelho! Suas mãos estão sujas de sangue inocente, e se você não parar agora, e se redimir, sofrerá a punição máxima! — Ele soltou o meu quimono, e se recompôs: — Desculpe por isso, Divano. Eu me preocupo com você, é como um filho para mim. — Eu entendo. Mas, se eu fizer isso agora, eles irão me matar, como traidor. — É o preço, que você terá que pagar, pois matou muitos inocentes. — Sinto muito, sacerdote. Não pretendo pagar esse preço. — Então, não volte mais aqui! Não poderei mais te ajudar, e não quero correr o risco de ver você sendo punido! Vá embora! Agora! Você não é mais bem-vindo neste templo sagrado!

Fui expulso da catedral, e voltei para os templários. E na incursão seguinte, eu hesitei em matar uma família indefesa, dentro da sua casa, em uma aldeia, e Maorte me dizia: — Vamos Divano! Mate estes profanos! Vai logo, seu preguiçoso! — ... não posso... — Como é? Sem insubordinação! Me obedeça! Mate-os! — Não. Eles não oferecem risco algum para os templos. — Divano... isso é um crime gravíssimo contra os vitaes... eu não te transformei no melhor membro do meu exército de templários pra isso... mate-os. São profanos. Só a existência deles, já é uma ameaça para os vitaes. — NÃO VOU MATAR NINGUÉÉÉÉÉ!!! — Que pena.

Alguém me deu uma pancada muito forte na cabeça, e eu caí, desacordado. Quando eu acordei, eu já estava dentro de um caixão, boiando no meio do mar. O espaço dentro dele era muito apertado, e o ar estava acabando. Foi difícil, mas eu furei ele com a minha espada, e o mar entrava pelo furo que eu havia feito, junto com o ar. O caixão se enchia de água, e o meu coração de desespero. Se continuasse assim, eu seria sepultado como um peixe de estimação. E com o embalo das ondas, o caixão bateu várias vezes em alguma coisa bem dura. Era uma escuna. Tentei chamar por ajuda, mas ninguém vinha me socorrer. Parecia que eu ia morrer logo ali, perto da minha salvação. Mas, como um milagre, o caixão se desmontou todo, de tanto bater na escuna, me livrando da morte. Embarquei nela, já de tarde, e não havia ninguém. Apenas fotos de uma família: pai, mãe, e filho.

Passei a noite na escuna, e tive um sonho estranho. Um grupo de pessoas, vestindo uma roupa bem diferente de tudo o que eu já vi, que tinha um capacete fechado por um vidro, estavam em uma mina, extraíndo metais preciosos. Seus movimentos eram lentos, e a força da gravidade parecia ser bem menor do que o normal. E um dos membros era uma bela mulher, com cabelos cor de ardósia, e olhos que pareciam dois escudos de cobre. Ela conversava com o seu amigo, quando ele tocou em um cristal, que se acendeu, e rapidamente, ele a empurrou para longe. O cristal explodiu, e a mulher que ele salvou não teve tempo para lamentar a morte dele, pois os outros cristais estavam se acendendo por toda a mina, numa reação em cadeia.

Acordei meio dia, sem saber o desfecho desse sonho. Mas, foi muito bom dormir lá. O mar me balançava, como se balance um bebê no colo. E depois, fui para o lado de fora, e fiquei admirando a paisagem. Era muito bonita, e o tempo passou rápido. Só percebi isso, quando a fome bateu, e me fez voltar para dentro da escuna, caçar algo para comer. Não achei muita coisa, e eu não queria ficar cozinhando nada.

Fui até o volante da escuna, girei a chave, mas não ligou. Procurei o defeito, e encontrei 3 cabos soltos, e 3 conectores para esses cabos. Parecia um esquema de segurança, para atralhar

Lenda de Orande

quem quisesse roubar a escuna, e seria cansativo demais tentar todas as combinações. Então, eu só puxei a alavanca que levantava a âncora, deixei a embarcação à deriva, e deitei na cama da escuna, esperando o mar me levar para algum lugar. Passei várias horas deitado, e me levantei com um susto, causado pela barulheira e o trepidar do barco, encalhando numa praia deserta, com uma rodovia do outro lado da areia. Abandonei a escuna, e segui a pé por essa rodovia, em busca de alguém para me dizer que lugar era aquele.

A noite se aproximava, e eu precisava de um lugar para dormir. Encontrei uma tenda, em um acampamento bagunçado, e dormi dentro dela. No dia seguinte, quando acordei, eu abri a tenda, e notei que aconteceu com ela, o mesmo que aconteceu com aquela bola murcha! A tenda virou um balão, e sobrevoava a floresta! Quando ela foi aberta, despencou lá do alto, bem em cima de um homem, que tinha o cabelo ensebado, era magro feito um grilo, e que estava mijando no mato. — Que droga é essa?! Quem é você?! — Argh... sou o Anjo do Sol Vermelho. — Um anjo caído! — O quê?! Não! Eu sou Divano Sunmeri! — E o que você pensa que tá fazendo?! Não tinha um lugar melhor pra você pousar de paraquedas? Não viu que eu tava numa emergência?! — Que paraquedas! Aquilo era... ah! Deixa pra lá! Onde eu estou!? — Você está bem no meio de lugar nenhum! — E como eu faço para encontrar a civilização? — O homem pensou na resposta, fechou a braguilha, e disse: — Vem comigo. Fiquei sabendo de uma cidade onde os carros flutuam, e estou indo para lá, ver como eles funcionam. — Agradei o jovem, e fui com ele até o seu veículo. Sentei no banco do passageiro, e ele seguiu viagem, voltando para a estrada, e conversando comigo: — Por isso que é bom ter um carro. Sou engenheiro mecânico, consertar carros é "mamão com açúcar" para mim, e posso te vender um, se quiser. — Qual é o seu nome? — Você não precisa saber, só me chame de Meta. — O engenheiro viu alguém no retrovisor, e fechou a cara. — Aquele filho da puta, de novo.

Outro carro, dirigido por um rapaz ruivo, e desaforado, emparelhou com o do Meta. Seu motorista soltou uma provocação: — Olha só, a carroça nova do "vareta de óleo"! Hahaha! — Mayon! Você me paga pelo que fez com o meu antigo carro! — Toma aqui o seu pagamento! Página do Piloto, KODAN!!! — MERDA!!!

Mayon nos deu o dedo do meio, e realizou um feitiço, que transformou o seu braço em uma coisa bizarra, com três pontas de metal. Estas pontas produziram uma bomba entre elas, emitindo feixes de luz. O engenheiro, acostumado com isso, pisou no freio, e escapamos do disparo de Mayon. A parada brusca me fez bater a testa no painel do veículo, abrindo o porta-luvas, que guardava um mapa da região. E a explosão luminosa daquela bomba formou um buraco no acostamento. Depois, Mayon atirou para cima, e a explosão formou um dedo do meio luminoso no céu. Furioso, Meta cantou pneu, e perseguiu o bruxo ruivo, berrando o nome dele.

Entramos em um túnel, dentro de uma montanha. As explosões de Mayon abalaram as estruturas do túnel, que estava desmoronando sobre nós. E o mapa saiu voando pela minha janela, puxado pela ventania. Mais à frente, nos deparamos com uma bifurcação. O ruivo seguiu por um lado, que foi bloqueado por uma rocha que caiu do teto, nos obrigando a seguir pelo outro. Quase batendo no rochedo, o engenheiro fez uma curva, acelerando o máximo que podia, fugindo do túnel que desabava bem atrás de nós, e desviando dos buracos, e pedregulhos, que apareciam na frente do carro. Ele dizia: — Estamos quase lá! Posso ver a luz no fim do túnel! AAAAAH! — PELO AMOR DE DEUS, O QUE É ISSO?! — A montanha está desabando, e o túnel tá descendo junto com ela! — MAIS RÁPIDO, META! VAAAAI!!! — E a morte quase nos pegou pelas costas, mas conseguimos escapar dela por pouco. Muito pouco. Foi só o nosso carro sair do túnel, que ele foi arrastado pela montanha, para o fundo do penhasco. Olhamos para trás. Depois, um para o outro, e começamos a rir, descontroladamente, por causa da enxurrada de adrenalina que aquilo nos causou.

Lenda de Orande

— Essa foi por pouco. Mas nós estamos no caminho errado. Preciso do mapa, para traçar uma nova rota. — Ah, sim. Preciso te dizer uma coisa. — O que, Divano? — O mapa saiu voando pela janela. — Maravilha. Vamos seguir em frente, e ver se encontramos alguém para nos dizer o caminho até Teknalia.

Adiante, na rodovia, encontramos uma taverna na beira da estrada, com o estacionamento vazio, onde estacionamos. Algumas pessoas comiam, bebiam, e conversavam, dentro dela. Eu sentei com o Meta em uma das mesas, e algumas moças, muito bonitas, se apresentaram, perguntando se podiam sentar com a gente. — Olha, amiga, gente nova por aqui, enfim! Um samurai, e um piloto! — Interessante! Nunca beijei um samurai! — Moças, nós só queremos... — O que eu preciso fazer pra ganhar um beijo de um samurai? — Bem, eu, eu estou cansado demais pra beijar agora... — A mulher me puxou pelo quimono, e me deu um beijo na boca. — Nossa, samurai. Seu beijo fez eu me sentir mais leve, parece até que vou sair voando! — Fala isso não... — Mulheres, por favor, me escutem! Nós precisamos saber o caminho até Teknalia. — Pediu, Meta, e elas reclamaram: — Mas, já querem ir embora? Fiquem mais um pouco! É tão difícil aparecer gente nova! — E aqui é bem mais divertido que Teknalia, isso eu te garanto, viu! — Esquece, Meta. Elas não vão nos dizer o caminho. — Então, aproveita a companhia delas, enquanto eu pergunto para os outros. — Ei, Meta! Não me deixe aqui sozinho com elas não! Volta! — Tá com medo da gente, samurai?

Fiquei um tempo com elas na mesa, perguntando tudo sobre mim, até uma motocicleta exuberante parar em frente a taverna. Um velho sinistro, barbudo e careca, sentou em uma mesa, e abriu um mapa, igual ao do Meta, que se aproximou dele, e disse: — Com licença, velho senhor, nós perdemos o nosso mapa e... — Não tem nenhum velho senhor aqui. E isso não é problema meu. — Meta se afastou do velho barbudo, e retornou para a nossa mesa. E o velho dobrou o mapa, guardando ele dentro de um grande livro. Logo depois, ele foi ao banheiro, e deixou o livro com o mapa dando sopa em cima da mesa. — Vai lá, samurai. Pega o mapa daquele velho rabugento, e vamos embora daqui. — Mas isso é... — Anda logo, antes que ele volte. Eu fico de olho no banheiro.

Aproximei a minha mão do livro, que tinha uma árvore na capa, com uma aranha pendurada, e um zumbido surgiu em meus ouvidos. — O que você tá esperando? Pega o mapa, samurai. — Eu abri rapidamente o livro, e tirei o mapa de dentro dele. Senti uma dor aguda no ouvido, e o zumbido cessou. O Meta correu ansioso para dentro do carro, e ficou acenando para que eu entrasse, enquanto as moças ficaram entristecidas, uma do lado da outra. Nos distanciamos da taverna, e paramos no acostamento. Ele analisou o mapa por um minuto, e voltou para a estrada, com um novo caminho para Teknalia, que cruzava a floresta, até uma gigantesca cidade, totalmente destruída. O engenheiro saiu do carro, confuso, e eu fui até ele, perguntando o que aconteceu, e ele me respondeu: — A cidade de Teknalia, era pra estar aqui. Cadê ela? — Só vejo ruínas. Se havia uma cidade aqui, a ira divina deve ter pesado sobre ela.

Resolvemos andar entre as ruínas da cidade, procurando algum sinal de vida. E no caminho, encontramos alguns cristais, muito parecidos com aqueles que explodiram no meu sonho, e contei para ele o que eu sonhei. Meta me explicou: — Eram astronautas, em uma missão de mineração, na Lua. — ONDE?! — Na Lua samu... ah, claro. Você é de uma aldeia isolada. Não deve saber dessas coisas. Vamos fazer uma pausa aqui, e descansar.

Não sou mais um templário. E, para me redimir dos meus terríveis erros, sempre estenderei a minha mão para quem estiver em perigo. Que a sorte me acompanhe de volta para casa.

Capítulo 5 – A verdadeira aventura começa

Nae mãe, nae pai. Sou eu, Kaoni. Saí daquela praia deserta e tranquila, entrando na enorme floresta, que estava na minha frente. Andando pelo mato, eu encontrei uma trilha, e caminhei por ela, até que eu avistei uma estrutura de madeira entalhada, em forma quadrada, com algumas inscrições ilegíveis, parecidas com os símbolos da folha de metal, que aquele meu protetor me deu, antes de morrer. Sem atravessar essa estrutura, eu vi nele um símbolo familiar. Era parecido com o emblema no manto de Majui, mas, com o desenho de duas ondas dentro, uma inversa à outra, horizontal, e verticalmente. O símbolo do manto dele parecia uma estrela, ou o Sol. E logo, ouvi duas mulheres conversando, e se aproximando de mim. Me escondi no mato, e fiquei olhando elas passarem. Não eram índias, nem bruxas, mas possuíam uma forma incomum de se vestir, usando roupas bem leves e soltas, cintos com armas muito antiquadas, e um medalhão, com o mesmo símbolo daquele portal. Usavam brincos, cujo formato era de três círculos, ligados por traços, formando um triângulo, e um círculo inferior, conectado com o de cima. Com muito medo de ser descoberto, fui me embrenhando na floresta, fazendo o mínimo de ruído, até avistar um casarão de madeira em um campo. Parecia até que eu tinha voltado no tempo, era um lugar muito retrógrado. Todas as construções eram simples, de uma madeira escura, e não havia nenhum prédio.

Fui até o casarão, com cuidado, para evitar ser descoberto, e espiei pela janela. Não havia ninguém lá dentro, apenas roupas, ou melhor, trajes femininos, muito semelhantes aos das duas mulheres que eu vi na trilha. Resolvi entrar, e me disfarçar de uma delas, para investigar por algum jeito de sair daqui. Entrei pela janela, peguei um uniforme escuro, e me disfarcei rapidamente. Faltava apenas colocar o brinco, pois eu precisava furar a minha orelha para isso. Peguei um alfinete, controlei o meu medo, contei até três mentalmente, e furei a minha orelha. Meus olhos lacrimejaram com a dor, e terminei a contagem mental com um palavrão.

Quando eu estava a alguns passos da saída, outra mulher apareceu. Ela tinha os cabelos longos, ruivos e encaracolados nas pontas, olhos de cor vermelha, vestida de vermelho e preto, e parecia estar grávida. Seu brinco era diferente: um traço vertical, com um círculo, e um semicírculo nas pontas, cruzado por uma flecha. Ela me perguntou, suspeitante: — Quem é você? — Kaina. — Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. — Quem te trouxe aqui? — A tartaruga. — O nome dela é Maris, novata. E o meu nome é Angra, sou uma abaete abakoden. Anamas não podem sair do alojamento sem permissão, então volte para lá! — Respondeu, a mulher estranha, bastante irritada. — Sim, mas... onde fica isso? — Não entendi quase nada do que ela me disse. Angra me olhou com desconfiança, e respondeu, apontando para uma casa comprida de madeira: — Do outro lado. — Eu caminhei pelo gramado na direção da casa apontada, e Angra observou cada passo meu, atentamente.

Vi duas mulheres sentadas na grama, em profunda concentração. A mais jovem, de cabelos loiros e olhos azuis, segurava uma antena de rádio. — Igu taina! — Gritou, a menina, de voz irritante, e a umidade do ar se condensou em uma esfera de água, na ponta da antena. — Argh... tá muito quente... tá me queimando! Ah! Ai, ui, ai, ui, ui! — Ela soltou a antena, abanando as mãos, e dando pulinhos. A bolha de água se desfez.

A mais velha tinha cabelos pretos, lisos e volumosos, presos por uma presilha grande de metal. Usava um vestido longo, preto, com flores cor de vinho. Ela não parecia muito satisfeita: — Superaqueceu de novo, Anahi!? Já falei para limpar o seu sinal! Concentre-se mais, para poder sair da fase de treino com antena! — Sim treinadora Mayari! Mas só vamos treinar este koden elementar? Eu quero treinar o koden do céu, eu amo o céu! Deixa eu treinar o ani treinadora, deixa! Senão eu vou chorar até... — Largue esta puerilidade agora, e focaliza na água, Anahi Quoaraci!

Fiquei pasmo, e continuei andando para o quarto. Ao entrar, encontrei dezenas de camas, e

Lenda de Orande

garotas conversando sobre tudo, sem parar. Não há outro quarto separado para garotos aqui, então percebi que neste lugar só entra mulheres. Procurei uma cama vazia para me deitar, enquanto escutava vários comentários sobre o meu disfarce: — Olha para ela, como é feia! — Coitada. — Parece um leão marinho neste uniforme. — Ai, amiga! Não ofenda os leões marinhos, são tão bonitinhos, e fofinhos...

Como eu estava cansado, e com medo de ser descoberto, fui direto e reto para a cama naquela tarde, e caí como uma pedra, ouvindo aqueles comentários. Mas elas tinham razão, aquele disfarce estava horrível mesmo, porém, funcionava, e é isso que importa.

Enquanto eu dormia, tive um pesadelo de arrepiar. Eu estava novamente na tragédia de Teknalia, e quando olhei a onda devastadora, ela misteriosamente desviou da cidade. Virei-me para trás, feliz por ter salvo toda a cidade, e vi tudo em chamas. No meio do incêndio estava uma mulher, semelhante a Angra, porém, não estava grávida. Ela ria de toda a situação.

Acordei desesperado. Minha visão estava embaçada, mas eu notei que já amanheceu um novo dia, e as garotas estavam correndo pelo quarto, na direção de uma porta. Uma delas parou na minha frente se apresentando, e perguntou: — Oi, sou Mariena. Como você se chama?

Quando a minha visão se desborrou, eu vi uma moça de olhos azuis, de cor tão profunda que me lembrava um oceano, cabelos escuros e cacheados, que se movimentavam com a brisa marítima, que vinha de todos os lados. Os cachos eram abertos. Ela usava um vestido leve, e branco, com rendas e babados azuis e verdes, e um cinto, cujas fivelas eram conchas do mar, sobre um shorts azul-marinho. No seu pescoço, uma gargantilha, com um pingente em forma de estrela-do-mar, e na orelha, um brinco, igual ao meu. Fiquei paralisado, observando a moça, e ela perguntou mais uma vez: — Vamos, bobinha, acorde! Vai ficar aí me olhando com olho de peixe morto? Como é o seu nome, menina? — Kao... Kaina. — Quase revelei a minha verdadeira identidade para ela. — Vem comigo, Kaina, não podemos demorar! Estou aqui faz algum tempo, e vou te ajudar. — Ela agarrou o meu braço, e me arrancou da cama, me arrastando até aquela porta, para onde todas estavam indo. Fiquei paralisado novamente ao passar pela porta, não era para menos. As garotas estavam tomando banho ali! — Nã... nã... não preciso tomar banho agora. — Praticamente sem voz, eu dei qualquer desculpa para sair dali bem rápido, e fugi do banheiro sem olhar para trás, voltando para a minha cama. Ainda deu para ouvir o que uma das meninas no banheiro disse: — Além de feia, é porca! — Já estou ficando cheio desses comentários, mas tenho que aguentar. E é melhor eu não chegar perto desta porta. — Pensei.

As meninas saíram do banheiro, e foram para o campo. Segui elas discretamente, com medo de ser delatado. A grama estava úmida, e brilhava com a luz do Sol. Nunca vi o Sol brilhar tão forte assim. E me reuni com as garotas, ao redor de uma mulher com os olhos dourados, e um arco em suas costas, sem carregar nenhuma flecha. Seu brinco eram duas peças: um círculo em cima de um traço. Ela vestia roupas leves e soltas, com babados, num estilo antigo, como todas por aqui, nas cores branca, dourada e preta. A mulher falava aceleradamente, quase sem pausas, por isto a escassez de vírgulas: — Nae para todas vocês. — Ela nos saudou, colocando a mão direita estendida, com os dedos juntos, no coração. — Vejo que temos gente nova na equipe o que é muito bom. Meu nome é Elise Aratama sou uma abasan das águas e treinadora de anamas e abamirins. As iniciantes precisam passar pelo meu treinamento e completar a iniciação, enquanto isso não poderão sair desta ilha que nós chamamos de Comando das Águas. Entenderam? — Eu não entendi o que ela falou, e não era o único. Ninguém absorveu o discurso de Elise, pois ela fala muito, e rápido demais, e eu confesso que me distraí olhando para a Mariena o tempo todo. A treinadora não ouviu resposta alguma, e decidiu repetir a apresentação: — Não entenderam. Tudo bem eu repito tudo outra vez. — Nesse momento, todo mundo ficou desanimado: — Ah, não... — Ela fala, fala, fala, e

ninguém entende nada! — É uma metralhadora de letras!

Elise apontou o seu arco para o alto, puxou a corda dele com força, e quando soltou, uma rajada de vento fluiu por todos os lados, em direção ao arco, e subiu para o céu. — Silêncio! — Gritou a treinadora, encerrando o falatório, e todos admiravam um buraco que se formou em uma das nuvens, enquanto Elise repetia o discurso várias vezes, até todos o entenderem, exceto eu: — Como vocês conseguem fazer essas coisas? Vocês são bruxas, ou o quê? — Eu prefiro o termo abakoden pois faz mais sentido para nós. Ah... vou ter mesmo que ensinar o básico do básico para essa anama. — Suspirou, Elise. — Ah, não! Vamos passar o dia ouvindo o que já sabemos, por culpa dessa burrona! — Reclamou, uma aluna. — O que você sabe do planeta Ani? — Aquela estrela bem brilhante, onde moram os aliens? — Quando eu falei isso, todas elas riram de mim. — Aliens... é uma longa história mas pode esquecer isso de aliens e bruxas. Os habitantes de Ani são humanos e animais que saíram daqui da Terra! — Treinadora! Onde você conseguiu esse arco?! — Perguntou, outra iniciante. — Foi um presente que eu ganhei de uma amiga. — Elise apontou os seus olhos para o alto, demonstrando nostalgia. E eu me lembrei daqueles recortes de jornais, onde vocês, meus pais, vestiam um manto parecido com o de Majui. Juntando as peças, eu descobri a verdade: vocês são abakodens!

Peguei o retrato, e pensei em perguntar sobre vocês para Elise, mas antes que eu fizesse isso, Angra se aproximou da treinadora, trazendo umas roupas. Eram as minhas roupas! — Certo Angra. Então temos um intruso do sexo masculino. — Sim, precisamos encontrar este intruso, e colocar ele na prisão. — Concordo mas não posso sair daqui agora estou no meio de uma aula importante. — Entendo. Depois vemos o que fazer. Vou dar uma volta por aí, para ver se acho mais alguma coisa.

Suei frio. Com isso, desisti de perguntar por vocês, poderia acabar com o meu disfarce, e me causar problemas. Era melhor eu sair daquela ilha primeiro. Elise olhou seriamente para todas as iniciantes, e disse: — Se alguma de vocês usar o que aprendeu aqui por traição egoísmo e maldade deixará de ser abakoden e se tornará uma inema, que deverá ser capturada ou morta. Lembrem-se das regras!

Bem atrás de mim estavam duas grandes fofoqueiras, uma com um piercing no nariz, e outra com um piercing no queixo. Não usavam brincos. Ambos os piercings eram um círculo com vários traços, que lembravam uma letra "K" deitada. Elas não paravam de fofocar, e começaram a falar mal de mim pelas costas, como de costume: — Essa menina de azul é mesmo horrorosa. Deve ter fugido de um circo de horrores, e se escondeu aqui. — Pelo menos não sou uma perua fofoqueira como você, querida! — Revidei, com voz de violino desafinado, e a Mariena riu da menina, que fervia de raiva. A treinadora pediu silêncio, e continuou, dizendo que as abakodens das águas aprendem a sobreviver com o pouco e o simples, e que neste local estão proibidas as tecnologias avançadas, e os desperdícios. Nesse momento, eu lembrei de Elenia, pensando que este lugar fosse perfeito para ela.

— Preciso conhecer as habilidades de vocês. Vamos começar por você mesma Kaina. Pode me atacar. Vamos ver do que você é capaz. Comece, garota! É pra hoje! Não tem só você aqui. — Apressou, Elise, e eu corri, tentando dar um soco na treinadora, mas ela agarrou a minha mão, e me derrubou. Todas as outras riram de mim, e a treinadora perguntou, indignada: — É isso? Essa é a sua habilidade? Que palhaçada é essa? — Ao me levantar, a treinadora apontou o arco para mim, puxou a corda e disse: — Você precisa de estímulo. Então, tome estímulo!

Elise soltou a corda, e uma ventania me arremessou para trás. A treinadora me provocava, mandando eu a atacar, e continuava usando o seu arco. Lutei contra o vento, mas ele ficava mais e mais forte conforme eu me aproximava de Elise. — Venha Kaina! Vamos! — Não dá! É impossível! Não consigo vencer esta ventania! — É mesmo? Para ser abakoden de verdade não basta saber usar

os kodens. Abakodens não desistem mesmo quando é impossível! Abakodens superam a dor e o medo pelos seus aliados e a sua missão! Mostre-me que você será uma verdadeira abakoden Kaina!

Eu estava quase sendo atirado longe, sem poder respirar, mas decidi vencer esse desafio de qualquer jeito, e gritei "Iukaeta Sirai", fazendo a espada da cicatriz aparecer em minha mão, com a sua lâmina revestida de gelo. — Opa! Onde conseguiu isso?! — Perguntou, Elise, intimidada pela espada, que eu posicionei à minha frente, usando o peso dela para vencer o vento, que fazia a minha espada vibrar, e emitir um som agudo. Cheguei perto da treinadora e tentei acertar-lhe um golpe de espada, mas ela se esquivou, me derrubou, e me travou no chão. A ventania, então, cessou. — Ah agora sim Kaina! Então você é a Sexta Mestra da Iukaeta Sirai a espada das mil mortes! Excelente! Muito cuidado com esta espada e seja bem-vinda ao Comando das Águas Anama Kaina. — Disse, Elise, me ajudando a levantar, e a minha espada sumiu. — Mariena! — Sim, treinadora. — Kaina está muito machucada. Leve ela para a enfermaria e cuide dos ferimentos dela. Aproveite para apresentar o nosso comando para ela. — Sem pensar duas vezes, Mariena aceitou a tarefa. Ela me guiou pelo lugar, enquanto as outras ficaram com a treinadora Elise, que fazia o mesmo teste com elas. — Bem, Kaina, aqui você sabe né? É o alojamento, onde dormimos, e tomamos banho. Do outro lado temos o depósito de uniformes e a lavanderia. Para lá está a praça onde comemos, descansamos, e nos divertimos. E ali, é o centro do comando, o Templo Vitae, onde eu trabalho. Vem comigo. — Ao entrar no Templo Vitae, eu dei de cara com uma igreja, onde algumas pessoas meditavam. Ao redor da igreja, várias portas, com enfermarias, salas de cirurgia, farmácias, e a maior delas, era a entrada para uma grande biblioteca. Mariena me levou para a enfermaria onde ela trabalha, e disse: — Agora, vou tratar desses ferimentos, antes que infeccionem. Deite-se aqui. — Me deitei na maca, e ela sussurrou em meu ouvido: — Amiga, o que vou fazer aqui é segredo nosso, certo? — Mariena estendeu a sua mão esquerda bem perto do meu ferimento, entrou em profunda concentração, e um raio esverdeado saiu da sua mão. Eu estava tomando um choque elétrico, mas o raio cicatrizava o meu ferimento, e ela fez isso em todos os meus machucados. Eu fiquei sem reação nenhuma, meu coração batia forte, e tive vontade de beijá-la, quando ela se aproximou do meu rosto, mesmo sendo quase que eletrocutado por ela. Depois que ela terminou aquilo, meus ferimentos desapareceram. Mas esta técnica enfraqueceu muito a Mariena, e as suas mãos estavam com algumas queimaduras. — Argh... ufa! Perdi muito endir... viu, Kaina? Eu nasci com códigos gravados em minhas mãos, que me dão algumas habilidades, como essa que você acabou de ver. — Códigos? — Sim. São os kodens, que formam kodemas, que formam páginas. Você vai aprender sobre eles em breve, mas agora, precisamos comer. Quer vir comigo para a praça de alimentação? — Sim, claro. Estou com muita fome. Quero comer uma pizza inteira. — Pizza!? — Mariena se espantou e soltou gargalhadas. — Você é engraçada, anama Kaina.

Quando cheguei na praça, vi várias mesas e bancos debaixo de árvores, e várias casas pequenas do outro lado. Os móveis, como as cadeiras e mesas, eram bem antiquados e simples, o verdadeiro oposto de Teknalia. — O que são aquelas casas ali? — Perguntei. — Ali temos o restaurante, o armazém... — E como vocês se divertem aqui? — Ah, aqui a gente conversa, faz fogueira, conta história, joga alguns jogos... mas, só quando os nossos superiores não nos convocam. E falando em superiores, quanta coisa Elise ensinou pra gente hoje, né? Quero aprender tudo, para ajudar as pessoas da minha cidade, quando eu voltar para lá. Aliás, de onde você é, Kaina? — Err... Arvorópole. — Mais uma mentira, faz parte do disfarce. — Arvorópole? Nunca nem ouvi falar. Deve ser bem bonito, com muitos parques, lagos... — Prédios... — Prédios também? Então é bem parecido com Pacifika, onde eu morava! — Onde fica Pacifika? — Fica na divisa da floresta de Pinah com a Terra de Ca-an, aquela selva entre o Vulcão Akubar, e o Monte Iviturui, conhece? — Iviturui? É o meu outro nome... ops... — Falei demais. Preciso ter mais atenção. — O que foi, Kaina? Você é muito séria, misteriosa, deixa disso... acho legal você levar o nome de uma

linda montanha. — Obrigada, mas, por que veio para cá? — É uma longa história... meu pai que me pediu quando... — Nossa conversa foi interrompida pelas duas fofoqueiras, as mesmas que estavam atrás de mim durante a apresentação de Elise: — Olha só quem está aqui, a monstra, e a eterna repetente. — Ah... vocês duas de novo. Quem são vocês? — Perguntei. — Eu sou Niquina Ikugruui, e esta é a minha irmã, Sinana. — Nesse momento, eu lembrei daquele livro cheio de agulhas, que eu fui impedido de tocar. Ela prosseguiu: — Já passamos pela iniciação. A Mariena tentou três vezes, e ainda não conseguiu. — Sim, vocês passaram, mas fizeram trapaça! — Falou, Mariena, revoltada. — Que trapaça, Mariena? Sua mentirosa! — Vocês duas envenenaram várias anamas, e eu tive que cuidar delas! — Mas... como fizeram isso? — Fiquei curioso em saber como envenenaram tanta gente. — Quer mesmo saber? Foi assim, sua horrorosa! — Gritaram, Niquina e Sinana, ao me atacarem. Contudo, antes que elas me tocassem, dois pratos atingiram as suas cabeças, interrompendo os golpes das duas irmãs fofoqueiras. — Quem fez isso? — Foi ela, a Alina. Ela tá vindo pra cá. Vamos embora! — Respondeu, Niquina, se afastando de mim, e levando a sua irmã.

Quem atirou os pratos foi uma garota, com um ábaco de pedras vermelhas na cintura, e um brinco igual ao das fuxiqueiras. Ela se aproximou, e disse: — Oi Mariena. Oi novata. Aquelas duas encrenqueiras não têm jeito mesmo. Meu nome é Alina Itabera, sou uma abamirim contadora. E o seu, como é mesmo? — Kaina. — Tenha mais cuidado com elas, Kaina. A Niquina tem espinhos venenosos na pele, e a Sinana petrifica o próprio corpo, e envenena quem ela tocar. Você é muito desatenta, o veneno da Niquina causa dor, e o da Sinana causa sono. Imagine você morrendo de sono e de dor ao mesmo tempo. — Como elas conseguem fazer isso? Todas vocês são assim? — Este assunto é um pouco complicado demais para uma novata. Olha, a treinadora nos liberou para tomar o café da manhã. Vamos sentar ali, e comer alguma coisa em paz, sem aquelas duas malas sem alça nos incomodando.

Não tinha pizza. Eram frutas e verduras, sucos naturais, e peixes assados. E quando terminamos de comer, Mariena me guiou em mais um passeio pela ilha, enquanto Alina foi para dentro do mato. O que será que ela conta lá? Árvores?

Ao anoitecer, tudo ficou ainda mais exótico, e bonito. O céu estava repleto de estrelas, e a Lua era muito maior. Tochas em postes de madeira se acenderam automaticamente, como se fossem programadas para isso, iluminando a ilha. E então, Mariena me levou de volta para o alojamento. Eu dormi por poucas horas, e já tive que acordar. Mal abria os meus olhos, e Mariena logo me tirou da cama, me puxando para fora do alojamento, onde Elise nos esperava. A treinadora me olhou, com uma cara nada simpática, fez aquele gesto da saudação com a mão no peito, e disse: — Nae para todas. Hoje a aula será um pouco diferente. Nada nesta ilha fica escondido por muito tempo. Nada mesmo. Bom... vamos começar. Preparem-se para o que vão ver aqui! — Elise tirou um pequeno cristal pontiagudo do bolso, e com ele, desenhou um retângulo no chão, contendo vários daqueles símbolos. Ela se concentrou profundamente, antes de dar esse grito: — Página da Autobiografia! Kodan!

Um clarão ofuscante surgiu ao redor de Elise, e depois, um redemoinho de vento no sentido anti-horário. E por fim, havia várias coisas escritas, e desenhadas, no interior do retângulo. — Não se assustem. Mas também não esperem aprender logo de cara uma técnica deste porte. Esta página kodênica é usada para obter informações sobre as pessoas e objetos. Revela tudo sobre quem ou o que entra nele. — Esclareceu, a treinadora. — Com licença, que tipos de informações isso aí mostra? — Perguntei. — Coisas como saber se você é homem ou mulher por exemplo. — Essa era justamente a resposta que eu não queria ouvir. — Somos ao mesmo tempo um prisma e uma fonte de luz. E esse kodema que eu fiz consegue ler a nossa luz prismática. — Elise saiu de cima dos símbolos, e se agachou para os traduzir, apontando com o dedo para cada um deles. Naquela página,

estava a descrição completa e detalhada da treinadora, inclusive, seus pontos fortes, e fracos. Depois, Elise se levantou, pegou uma prancheta, e anunciou: — Agora cada uma de vocês vai entrar nesse retângulo. As informações serão úteis para o treinamento! Vamos começar pela novata. Pode vir aqui Kaina! — Naquele momento, eu realmente pensei que o meu disfarce iria pelos ares. Eu suava frio, enquanto Elise me observava, com um sorriso maldoso. — Vamos Kaina! Você começa! Ou você tem algo que não quer nos mostrar? — Insistiu, a treinadora, e eu me levantei, mas não sabia o que fazer. Se eu fosse para o kodema de Elise, eu seria descoberto. Se não fosse, eu seria suspeito, e levado para dentro dele na marra.

Antes que o meu disfarce fosse por água abaixo, outra abakoden, que eu não conhecia, foi até a Elise, e sussurrou em seu ouvido. Isso me salvou a vida, porque Elise foi convocada pela abatan, e deixou a outra abakoden em seu lugar, para nos supervisionar. Um verdadeiro alívio! A supervisora designou as missões que cada uma teria que fazer, até a Elise voltar. A missão que me foi dada era a de conseguir lenha, acompanhado pela contadora Alina Itabera. Tive que me concentrar para fazer a minha espada reaparecer, e com ela, eu golpeava as toras de madeira. Era uma tarefa difícil. Em dado momento, Alina me interrompeu, reclamando: — Para. Tá errado. Está fazendo tudo errado! — O quê? Que foi, Alina? — Não é só força. Veja. — A contadora puxou uma machadinha, e sem olhar para a tora, ela a cortou com um único golpe, e nem usou tanta força. — Como, Alina? Como você conseguiu fazer isso? — Como eu disse, não é só força. Eu calculo a velocidade, sentido, e força corretos, para a maior eficiência possível. Vou te ajudar. — Alina se aproximou de uma tora, fez alguns cálculos com seu ábaco, e disse: — Acerte essa tora bem aqui, onde eu estou apontando com o dedo. — Fiz o que ela me sugeriu, e cortei a madeira com um único golpe certo. Bem, não exatamente. Pra dizer a verdade, eu quase amputei a mão de Alina, que percebeu antes, e tirou a sua mão rapidamente, evitando o acidente. Ela se enfureceu: — Você quase cortou minha mão, sua imbecil! É pra acertar a madeira, não a minha mão! — Desculpe. Minha pontaria sempre foi horrível. — Alina deu um suspiro, coçando os olhos, e disse: — É melhor eu pôr a mão na massa, senão, a gente não sai daqui hoje. Era pra eu contar as toras de madeira, e não cortar. Você me deve uma, Kaina.

Após cortar toda a lenha que precisávamos, Alina me obrigou a carregar ela até o depósito. A supervisora se aproximou de nós, e deu a missão por concluída. Alina se despediu, mandando eu treinar a minha pontaria, com urgência. Sozinho, nesse lugar estranho, olhei ao redor, e fui até a maior construção daqui, o Templo Vitae, para obter mais informações sobre este lugar, e talvez dos meus pais. Entrei na biblioteca, onde muitos livros possuíam aqueles símbolos estranhos, e um deles me chamou a atenção: — Ué... um livro de programação, num lugar como este, sem nada de tecnologia? — Peguei o livro, e andei mais um pouco entre as estantes, até encontrar outra porta, com uma placa que dizia: "Arquivo. Acesso restrito". Vi uma mulher saindo dessa porta, usando um brinco, com um símbolo igual ao de Angra. Para entrar lá, eu precisava de um brinco como aquele. Então, eu saí da biblioteca, e entrei num depósito, onde não havia ninguém além de mim. Peguei algumas ferramentas e materiais, e forjei um brinco do mesmo formato, trocando o que estava em minha orelha por ele, guardando o antigo no bolso. Assim, eu voltei para a biblioteca, e passei pela porta do arquivo, tranquilamente. Procurei alguma informação relevante, que pudesse me ajudar, lá dentro. Na prateleira de registros dos aprendizes e abakodens, havia pastas com os nomes de todos os que já passaram por aqui. Verifiquei todas elas, mas não encontrei os nomes dos meus pais.

Achei um livro solitário, parecido com o que estava no acampamento de Cyano, sobre uma modesta, e envelhecida, mesinha. O título era o mesmo, mas o desenho era diferente: um ser humano de olhos fechados, com um terceiro olho aberto, em posição de lótus, flutuando dentro de um triângulo.

Lenda de Orande

Interessado naquele livro, eu o toquei, e senti uma mão em meu ombro esquerdo. Me virei, mas não vi ninguém. Quando voltei os meus olhos para o livro, uma assombração estava me encarando. Era um homem de roupas brancas, amarradas com cordas, todo desmazelado, empoeirado, e cansado. Em suas mãos, uma pedra cinza, e um cinzel de prata. Lágrimas desceram dos seus olhos, tirando a poeira da sua pele, revelando a sua cor natural, de oliva, e uma força, de origem desconhecida, me arremessou para fora do arquivo, como se eu fosse um brinquedo. Bati as costas em uma estante de livros, que caiu em cima de mim, e logo, os bibliotecários me socorreram, levantando a estante. — Rããm! . A supervisora estava na minha cola. Ela catou o meu brinco com uma mãozada só, e me levou, puxando o cabelo da minha nuca com força, para a lavanderia, onde não tirou mais os olhos de cima de mim. Ela me puniu, e eu tive que lavar uma tonelada de uniformes sujos. Mariena me encontrou, e quis me ajudar, mas foi impedida pela supervisora. Meu castigo terminou uma hora depois, e a Mariena se sentiu culpada: — Me perdoe, Kaina. Se eu estivesse com você, isso não teria acontecido. Amigas? — Falou, esticando o dedo mindinho. — Amigas. — Cruzei o meu dedo no dela. — Que bom, amiga obrigada! Amanhã, eu vou fazer o seu cabelo, sua maquiagem, você vai ficar muito linda! — Ah, mas que mer... — O quê? — Mas que ótimo, eu vou adorar, querida. — Eu ia dizer outra coisa, e pensei, enquanto ela sorria para mim: — Mas, que porcaria, era só o que me faltava.

Não dormi nada, quase fui descoberto, e estou todo moído de tanto lavar roupa e carregar lenha. Nem vou sair hoje pra lançar esta mensagem no mar. Vou esconder ela em baixo da cama. Onde vocês estão, meus pais... por favor, me levem embora daqui, pra longe daquele fantasma...

Lenda de Orande



Ani

Capítulo 6 – Gravação de Elenia em um lugar desconhecido

Aqui é Elenia Dark falando.

Minha cidade, Teknalia, foi devastada, em um ataque feito por um navio pirata gigante, e eu fui salva por Kaoni, meu novo amigo. Devo a minha vida para aquele gatinho. Quero muito ver ele vivo, ele é esperto, deve ter escapado. Não vou perder minhas esperanças de reencontrá-lo. Mas, depois de Kaoni fazer a besteira de me jogar dentro daquela coisa, eu vim parar num lugar estranho, e muito frio. Pelos ecos na gravação, acho que dá para perceber que é um lugar bem grande, e pela ausência de outros barulhos, vazio. Parece uma prisão subterrânea abandonada.

Está escuro aqui dentro, do jeito que eu gosto. Assim, posso sentir as presenças na escuridão. Quando eu cheguei aqui, senti presenças humanas distantes, todas desconhecidas, nos andares de cima. Então, comecei a andar pelo lugar, procurando a saída. As celas são enormes, mas não tem nada aqui além de grades, paredes, e ossos de pessoas, e animais. E eu percebi que os meus punhais ficaram bem mais pesados. Acho que eu preciso de uma daquelas cintas estimuladoras, que eu via o tempo todo nas propagandas, lá de Teknalia.

Depois de algum tempo, Ró reapareceu para mim. Ele sempre me ouve, e faz o que eu peço. Pedi para o Ró ver quem eram aquelas presenças, e me dizer o risco. O mesmo esquema de sempre. Um "ró" para baixo, dois para médio e três para alto. Geralmente, Ró demora uns 5 minutos para fazer isso. Desta vez, ele demorou 2 horas. E para a minha surpresa, Ró voltou com uma maleta de chumbo, e fez "róróróró". Isto me deixou com muito medo. A maleta era bem atraente, e extremamente pesada. Ela escorregou da minha mão, e caiu no chão, balançando tudo. O nome "Infinitarion" estava escrito nela.

Abri a maleta, e encontrei um lindíssimo, e moderno, rifle sniper! Nunca vi coisa mais linda na minha vida. Bem, talvez já tenha visto. Hehehe. Então, é a segunda coisa mais linda que já vi. E olhando mais de perto o rifle, eu percebi que não era como os outros; não tinha gatilho, e nem manual. Sem saber usar o rifle, guardei ele de volta na maleta, e preendi ela nas minhas costas, com o meu cinto. E depois de andar por várias horas, encontrei uma seta vermelha na parede. Deve ser de alguém que explorou este lugar antes de mim, e fez setas para indicar a saída, e não se perder. Abaixo da seta, uma mensagem: "Existem dois mares, e você está no de cima".

Sem entender essa mensagem, eu segui na direção dessa seta, até encontrar outra, meia hora depois, apontando para o lado esquerdo. E com mais meia hora, encontrei uma para o lado direito. No meio do caminho, uma presença surgiu no meu ponto de partida. Era uma presença animal, mas um animal grande, e diferente, que se aproximava velozmente de mim. Eu não consegui sentir tão bem, ao ponto de saber detalhes, e quando eu já podia ouvir os seus passos, procurei um esconderijo, escrevendo setas nas paredes com a Prateada, e entrando numa cela bem escura. Para ele não me notar, eu diminuí a atividade do meu corpo, as batidas do meu coração, a respiração, os movimentos, a temperatura, e a minha energia interna. Pouco tempo depois, eu vi a cabeça dele aparecer no canto da cela. Era um enorme tigre branco, com grandes dentes longos e pontiagudos, de metal, que nem cabiam dentro da boca! Ele estava manchado de sangue, e parecia irritado. Tentava me farejar, mas eu não deixava o meu corpo exalar nenhum tipo de odor. Era um animal incrível, e eu não queria matá-lo, mas entre a vida dele, e a minha, eu prefiro a minha.

Esperei ele ir embora, e a sua presença se distanciar de mim, para eu seguir as setas que eu escrevi na parede. Ao encontrar outra seta vermelha para o lado direito, percebi o grande tigre correndo atrás de mim. Deve ser porque eu deixei de controlar os meus sistemas corporais. E quando olhei para trás, eu vi o tigre furioso. Acima de mim, encontrei uma grade, para o que parecia ser uma tubulação de ar. Arranquei a grade com uma chicotada, depois pulei para dentro da

Lenda de Orande

tubulação, puxando a maleta com o meu chicote. Quase fui atingida pelas garras dessa fera selvagem.

Eu não conseguia ficar de pé dentro dessas tubulações, mas eram grandes o suficiente para eu andar meio agachada, e desse modo, eu percorri as tubulações, tentando me distanciar da fera. Ela arranhava o teto, eu ouvia o som das suas garras. Tentei de novo despistar o tigre, diminuindo a atividade do meu corpo, mas o tigre ficou parado logo abaixo de mim. Quando eu tentava me mexer, ele ouvia, e me seguia. Não havia alternativa.

Abri novamente a maleta, e peguei o rifle. Fiquei analisando ele, estudando todos os seus mecanismos. Nessa hora eu senti falta do Kaoni, e a sua inteligência. — Ró. Você consegue encontrar o resto deste manual para mim? — Róró. — Ah Ró... — Ró. — Ele apontou para o meu coração. — O que foi? O que tem o meu coração? Estou doente? — Róró. — Então, o que foi? — Ró, Ró. — Ele fez um ró apontando para o meu coração, e outro ró, apontando para o espaço onde deveria haver um gatilho. — Não entendo, Ró. O que você quer me dizer? — Ró fez cara de decepção. Eu raramente fico sem entender ele. Estamos juntos desde muito tempo. Desde quando eu encontrei os meus punhais lá na Praia das Redes, à noite.

Estas setas nas paredes, as quais estou seguindo, me lembraram de um momento marcante da minha infância. Para quem ainda não me conhece, vou contar a minha história, enquanto estudo esta arma, e Ró tenta me dizer algo sobre ela. (Ró, róóóó!). Ró, não faça tanto barulho. Quer chamar mais desses tigres aqui? (Róró).

Bem, o que eu dizia? Ah sim. (Click). Hum... acho que acabei de destravar algo. Bom continuando. Quando eu era muito pequena, uns 5 anos, meus pais, Eleanor e Rouaki Dark, que eram mágicos, saíram do nosso apartamento, para mais um dos seus shows. Meu pai fazia truques com argolas quadradas, e a minha mãe, com espinhos. Ela usava um colar espinhento de rosa preta, e mandou eu não sair daquele apartamento minúsculo em Teknalia. Os meus pais deixavam tudo pronto, para eu me virar sozinha, mas aquele apartamento não tinha a menor graça, ficava me impondo regras o tempo todo. Quem me conhece, sabe que não gosto de ficar num lugar só. Então, eu consegui desligar a inteligência artificial do apartamento, saí dele, e fui até a Praia das Redes, passar o dia lá. (Róróró). Onde você vai? (Ró). Ah, você vai procurar o gatilho?

Ró fez cara de decepção de novo, e sumiu. Ainda não sei o que ele está querendo dizer.

Continuando. Saí do cubículo que eu chamava de lar, e encontrei pessoas apáticas, sem sentimento nenhum, pareciam que não tinham alma. Ninguém se falava, não olhavam para mim, nem para os outros, apenas andavam de um lado para o outro na cidade, comprando e produzindo tecnologia. Aquilo me deixou espantada. E depois, triste, com dó dessas pessoas. Como podiam ser assim? Eu não entendia o porquê. Eu perguntava onde ficava a praia, e ninguém me dava a mínima. Alguns ainda me diziam: — Sai da frente. — Volta pro seu apartamento. — Sai do caminho estou atrasada.

Caí de joelhos... e comecei a chorar... eu só queria ver a praia... sentir a areia... (BUM!).

OPA! O quê? Como eu fiz isso?! (Grrrrrawwww! Zzzzzisc!).

Cara... esse troço disparou do nada... fez um buraco, parece que atravessou todo o subsolo, dá até para ver uma luzinha saindo dele. Preciso descobrir como foi que eu fiz isso. Onde eu estava... ah lembrei. Me levantei, e fui andando pela cidade cheia de gente, indo e voltando, mas eu sentia uma solidão enorme mesmo assim. Fui seguindo as placas, que tinham setas apontando onde estava a praia. Igual aqui, mas agora estou em busca de sair desta prisão.

Depois de muito tempo andando, encontrei a Praia das Redes. Era a primeira vez que eu via

Lenda de Orande

como ela era, pessoalmente. Fiquei muito feliz, e a coisa que mais gostei de fazer foi ficar em pé na areia, onde batiam as ondas em meus pés. As águas levavam a areia que estavam embaixo dos meus pés, e era tão bom, que eu não queria sair de lá. Fiz isso o dia todo, e ao anoitecer, eu voltava para o meu apartamento, mas acabei retornando para a praia, fazer aquilo uma última vez. Foi quando os meus pés desceram pela areia, e eu senti duas agulhadas bem no meio deles. Doeu muito, e quanto tirei os meus pés da areia, os furos sangraram sem parar. As cicatrizes estão neles até hoje. Cavei a areia com as mãos, para ver o que era, e desenterrei a Brilhante, e a Prateada. (Ró!). Ah, você voltou? O que é isso? Você que desenhou? (Ró). Hum... deixa eu ver... Ró. Esta aqui sou eu? Feia desse jeito?! (Róroróroró...). Ah Ró... não brinque agora... estou em perigo... O que é isso aqui? É o rifle? (Ró). Hum... não consigo entender isso... (Róóó...). Ah Ró, não fica assim... (Grrrrraaaawww!), (TUUUUM!), (Crash!).

Argh... o quê? O tigre está no andar de cima, metendo o dente dele no chão, para me acertar! Preciso correr! (Plem plem plem plem plem...). (Grrrrraaaawww!), (TUUUUM!), (Crash!). Mas que droga é essa, Ró?! O que é esse bicho?! O dente dele está ficando cada vez maior! (Róró, róró ró, ró róroróró...). Se continuar assim, seremos esmagados aqui dentro... (Grrrrraaaawww!), (TUUUUM!), (Crash!). Ai! Minha cabeça! (Róóóóóóóó!). Sim, vamos!

(Plemplemplemplem...). (Barulho de metal sendo rasgado, e retorcido).

(Plemplemplemplem...). Uuuuuffff... Uuuuuffff...

(Plemplemplemplem...). Isso, uma passagem para cima! Era isso que eu estava procurando! (Grrrrraaaawww!), (TUUUUM!), (Crash!). (Shpla!). (Shpla!). Ugh... mala pesada...

(Plem plem plem plem plem...). Ufa! Por pouco! Espero que seja o teto do último andar... (Róóó, róóó!). De novo isso?! O que tem o meu... coração... ei! O que você vai..., mas tá sem gatilho! (Róóóó... RÓÓÓÓÓÓÓÓ!!!). CAAAAAALLLLMAAAAÊÊÊ!!! É pra eu pôr o meu coração onde tá o gatilho?! (RÓÓÓ!!!). Mas... como... essa não... ele está vindo! Não é o teto do último andar, ainda! (Plem... plem... plem...) (Nhic). Estou vendo ele, lá longe. Está bem. Vou tentar fazer isso que você está me dizendo, Ró. Vamos ver... aumentar o zoom... isso... hum... nossa... parece que tem um... gatilho? (Ró). Certo. Durma bem, tigre dentuço! (BUM!). (GRRRRRAAAAWWWWW!!!). Droga. Acertei a pata dele. Aqui dentro está muito ruim. Tenho que fazer isso lá fora. (RÓÓÓÓRÓÓÓÓÓ!). Eu preciso Ró. Se acontecer alguma coisa comigo, você procura o Kaoni, e cuida dele para mim, certo? (RÓÓÓÓRÓÓÓÓÓ!). Sem choro, Ró! Faça o que eu disse! (Róóóóóó...). Vamos lá. (Nhic) (Uuuuiiiiiinnnn...). Ah... vai querer me atropelar, é? Vamos ver. INATAINA! (Tlec!). (Grrrrraaaawww!), (TUUUUM!), (Crash!). Hehehe... errou. Não consegue ver nada, né? Mas eu posso te ver. Adeus tigrão! (BUM!). (GRRRRRAAAAWWWWW!!!). Headshot! (Tlec!). Conseguimos, Ró! Obrigada! Você foi muito paciente comigo, demorei para entender esta arma. Nunca vi algo desse tipo! Vamos! Tem uma seta indicando para ir por ali. (Ró). Quero sair logo dessa tumba gigante. Desligando.

Lenda de Orande



Ani

Capítulo 7 – A carta perdida

Nae, meus pais. É o Kaoni. Aquelas duas fofoqueiras dos infernos passaram dos limites desta vez. Elas não vão me deixar em paz.

Hoje eu acordei com a Mariena, e a outra menina, menor e mais nova, chamada Anahi, me chamando. A pequena Anahi é aquela aprendiz da Mayari, e o seu brinco é igual ao de Alina. — Kaina, levanta! Vamos acordar, bela adormecida! Nossa, como você dorme, menina! — Falava, Mariena, com a mão em meu ombro, empurrando ele. — Hum... hã... bom dia... — Nae, dorminhoca, bom dia! Essa aqui é a Anahi. Ela já é abamirim, não é incrível! — Ah. Oi Anahi. Eu já te vi antes treinando. Parabéns. — Nae, bom dia Kaina! Hihhi... — Nossa, a voz dessa menina é azucrinante de perto. E eu sentia um incômodo na minha mão da cicatriz, que eu não sei explicar. — Tá na hora de se arrumar... — Disse, Mariena, balançando um monte de pentes, óleos e outras coisas que mulheres usam. Tudo tirado da floresta. — Eu disse que ia fazer isso, lembra? — Ah, amiga, não precisa, não... — Precisa sim. Você não vai sair daqui desse jeito. Tá parecendo até um menino, e feio! — Caçoou, Mariena, me deixando assustado. — Então, vamos, não quero parecer um menino, de jeito nenhum! Pode me arrumar, amiguinha! Obrigada! — Achei melhor ela me deixar igual a uma palhaça, do que pôr em risco o meu disfarce.

Elas passaram um monte de coisas no meu cabelo, e lavaram, e secaram, e pentearam... parecia uma tortura medieval para mim. Depois, me pintaram toda a cara, e me deram um espelho de madeira, que me assustou com o meu próprio reflexo, e se quebrou. Após essa tortura, elas foram comigo para mais um dia de treino com Elise. Quando eu saí do alojamento, percebi que todo dia o Sol nasce em uma posição bem diferente aqui. Como isso é possível?

Me juntei com as outras anamas, e as abamirins, que prestavam atenção no que a treinadora dizia. Ela já tinha começado a aula sem nós: — Finalmente vocês chegaram. Estão atrasadas. O que estavam fazendo? — Perguntou, Elise. — Cuidando da minha amiga, ajudando ela a se arrumar, e se maquiar... — Respondeu, Mariena. — Não adiantou nada! — Gritou, Niquina, rindo alto. — Agora ela tá parecendo uma alienígena mesmo! — Silêncio! — Exigiu a treinadora, quando todas estavam rindo e conversando, atrapalhando a aula. — A partir de agora a aula será repetitiva para as abamirins e por isso estão liberadas. As anamas ficam aqui. — Ordenou Elise. As irmãs fofoqueiras, a Anahi, e a Alina, saíram do grupo. E aquele incômodo deixou a minha mão da cicatriz, quando a Anahi se distanciou de mim. Todas as outras alunas ficaram. Elise respirou fundo, e prosseguiu: — Agora podemos continuar. Vou passar para vocês a hierarquia abakoden pois fiquei sabendo de algumas alunas que parecem não saber o que é uma hierarquia. — Elise ficou um tempo olhando diretamente para mim, séria, e prosseguiu: — Aqui, usamos a Página da Autobiografia para saber o nível em que uma abakoden está. Sou uma abasan e por isso uso este brinco de patente com o koden "san". Outros comandos utilizam formas diferentes de identificação. — E como subimos de nível? — Perguntei, para a treinadora. — Vencendo desafios, cumprindo missões, adquirindo kodemas, e ficando mais forte. Você é uma anama e está no nível 0. Eu sou uma abasan estou no nível 4 junto com o abaquar, abasai e abasuna. O maior é o nível 5, o abatan. Nesta ilha temos a Nona Igu Abatan Maris Baquara que devemos obedecer. — Lembrei da tartaruga, e que o nome dela é Maris, como havia dito Angra. Fiquei bastante confuso: — Devemos obedecer uma tartaruga? — Mas... que falta de respeito é essa! E com a nossa líder suprema! Isso é uma falta grave e se você repetir isso vai sofrer sérias consequências! — Mas ela é mesmo uma tartaruga! Eu fui pra praia e vi ela nadando. — Menti, para não levantar suspeitas, mas parece que só piorei as coisas. — O quê!? Viu a abatan nadando na praia!? — Sim, acho que sim... — A abatan te trouxe aqui por quê hem? Quem é você afinal?! — Er... hum...

Mariena percebeu que eu estava criando uma encrenca cada vez maior, se levantou de

repente, e perguntou para Elise e se era possível pular, ou retroceder níveis. Esta pergunta desviou a atenção de todo mundo, deixando-os ansiosos pela resposta, que a treinadora tinha na ponta da língua: — Somente no caso de uma abakoden cometer algum crime e virar inema. — Treinadora, hoje é o dia da Syreni Sunmeri, a fundadora do nosso comando. — Comentou, uma anama. — Sim. Eu já ia liberar vocês para aproveitarem o feriado. Vou me reunir com uma pessoa muito importante hoje. Até mais!

Elise apontou o seu arco para baixo, esticou a corda, e quando a soltou, ela saiu voando com a força do vento. E então, todas as anamas foram se preparar para a festa da Syreni Sunmeri, e eu aproveitei para voltar ao alojamento, e pegar a mensagem que escondi embaixo da minha cama. Tive uma péssima surpresa. A mensagem não estava mais lá, e deixaram um bilhete no lugar dela, que mandava eu esperar atrás da sala de programação, sozinho. Parecia uma emboscada, mas eu não tinha escolha. Procurei pela sala de programação, e quando eu me aproximei dela, ouvi um barulho muito peculiar. Espiei na porta, para saber o que era, e vi muitas abakodens digitando em máquinas de escrever, idênticas àquela que eu vi na sede da *Ring Corporation*. O mais estranho, era que no lugar do papel, haviam cristais inteligentes, e o barulho era causado pelos tipos das máquinas batendo nos cristais, que brilhavam, e projetavam símbolos em um painel de madeira, pintado de branco, na frente dele, como se fossem retroprojetores.

Uma das abakodens saiu da sala. Eu simulei que estava só de passagem, mas ela desconfiou de mim: — Ei, novata! Perdeu alguma coisa por aqui? — Err... não, eu... eu só tava curiosa. O que vocês estão fazendo aí dentro? — O que a gente tá fazendo... a gente tá trabalhando, oras! A maioria dos portais de emergência mandam quem entra nele para a Sala dos Portais. E isso inclui as feras mais perigosas que existem na Terra. Porém, quando um inema entra nele, fica preso na sala, e morre, pois existe um sistema de reconhecimento lá. Sabendo disso, eles se vingam de nós, roubando os portais de emergência, e enviando essas feras para lá! Estamos colocando os portais nesses compiladores, para aprimorar o código deles, e impedir que os inemas enviem mais feras para a Sala dos Portais! — Aaah... — "Aaah", novatas...

Não entendi muito bem o que ela me disse, mas parece que elas sabem usar essas máquinas, as quais elas chamam de "compiladores", para programar os cristais inteligentes. Fui para os fundos da construção, e achei a minha mensagem, presa em um buraco na parede. Quando eu peguei a mensagem, outra mão saiu do buraco, e segurou a minha. Eu senti um sono tão grande, que tudo girava, e eu apaguei na hora.

Quando eu abri os meus olhos, estava dentro de uma caixa de madeira, com mudas de ervas em cima de mim, e sendo arrastado para algum lugar. — Argh... essa menina precisa fazer uma dieta! — Calma Sinana, já estamos perto... — Aiaiaiai... Niquina! Não aguento mais! — Ah, que saco. Tá bom. Vamos fazer isso aqui mesmo. Eu não descobri aquela técnica proibida à toa, não. — Quando tiraram a muda que cobria o meu rosto, eu vi as duas segurando pás. — Olha Niquina. Ela acordou. — Falou, Sinana, ao me ver de olhos abertos. — Me soltem! — Gritei com a minha voz normal. — Nossa, que voz é essa! Parece até um homem! — Comentou, Sinana. — Ai... quando eu fico nervosa, a minha voz muda um pouquinho. O que querem de mim? — Nós enterramos o seu diário, que-ri-da. Aquele que você esconde em uma garrafa, em baixo da cama. E se você não der aquele kodema da espada para a gente, vamos jogar o seu diário no mar! — Ameaçou, Niquina. — Vão jogar no mar? Só isso? — Para mim não tinha problema nenhum, afinal, eu ia jogar no mar mesmo. — Vai dar o kodema pra gente, ou não?! — Eu até daria, se soubesse como. — Sem problema. — Elas jogaram as pás no chão, e a Niquina pegou um gládio. — O quê? Vocês querem me matar?! — Não somos assassinas. — Ufa... — Só queremos cortar a sua mão fora. E vai doer. Muito. — Declarou, Niquina, levantando espinhos em várias partes do seu corpo. — Prepare-se! —

Gritou, Sinana, petrificando as suas mãos. — Vou fazer você dormir como uma pedra!

Enchi as minhas mãos de areia, joguei na cara delas, e saí correndo. Niquina surgiu na minha frente, com um salto, e tentou me ferir com os seus espinhos, mas eu consegui me esquivar. Atrás de mim, Sinana me atacou com os seus braços de pedra, e quase acertou a minha cabeça. Depois, tive que me defender de uma sequência de golpes da Niquina, e um deles, acertou o meu ombro. O espinho da Niquina injetou um veneno em meu corpo, e a dor percorria todo o meu braço. Elas ficaram rindo de mim, e não tinha como vencer essa briga. Fui para a floresta, e me escondi no tronco de uma grande árvore. Consegui despistá-las.

Prestei atenção no que havia ao meu redor, e encontrei aquela árvore que vi na selva de Teknalia, que um bicho mordeu para beber água. Tive uma ideia, e lancei pedras naquela árvore, errando várias, e acertando algumas. O suficiente para chamar a atenção de Sinana, que foi verificar, andando em volta da árvore. Isso provocou aqueles animais que me agarraram antes, e um deles, do nada, pulou na cara da Sinana. Ela gritou o nome da sua irmã, que foi correndo para ajudá-la. Entretanto, Niquina passou muito perto de mim, e me achou. — Você! Vai pagar por isso! — Gritou, Niquina, ao me ver, pulando em cima de mim, tentando tocar a minha testa com os espinhos da sua mão. Por sorte, aquela planta, que fez o meu rosto queimar, quando eu usei para me limpar, estava por perto. Desviei o braço de Niquina para o chão, e com os pés, eu empurrei ela nesta planta. — Mas... o que é isso! Aaah! Parece que estou com a cara num formigueiro! — Berrou, Niquina, coçando o seu rosto, desesperada. — Sim, e só há uma cura, que, com certeza, você não vai conseguir fazer. — Ora, sua monstra cretina... — Agora eu boto você num sono profundo, Kaina! — Vamos pegar ela, Sinana! — As duas me perseguiram até a orla da praia, pintada com as cores do crepúsculo, onde fui encurralado, com elas na minha frente, e o mar atrás de mim. Não tive escolha: — Iukaeta Sirai! Para trás! Não quero usar isso em vocês! — Agora que a festa vai começar, Sinana! Ugh... AAAAAH! — Niquina fez seu corpo atirar os espinhos venenosos, e eu me esquivei deles. Os espinhos que foram atirados, deixaram feridas na pele de Niquina, que sangravam. Sinana agarrou o meu pescoço, me levantou do chão, e se transformou numa estátua de pedra, me enforcando. Quanto mais eu batia nela, mais tontura isso me causava. Ela despetrificou a cabeça dela, e disse: — Argh, que cheiro horrível é esse, Niquina! — Deve ser a Kaina, se borrando de medo! — Aproveitei a oportunidade para chutar a cabeça dela. Sinana me soltou no mesmo instante, e nós dois caímos na areia. Muitas vozes surgiram, do mar, bradando o nome da minha espada. — Sisi... Sinana, você está vendo aquilo?! — Estou vendo, mas não estou acreditando. — Olhei para trás, e um batalhão de cadáveres marchavam contra nós. Eram guardas de Teknalia, bem equipados. Ao redor, as ondas traziam mais defuntos daquela cidade, para me lembrar de não ser mal-agradecido, pois eles morreram, e eu estou vivo. Justo eu, que era o alvo. Niquina, e Sinana, desistiram de me atacar, e partiram para cima dos mortos-vivos. Eles nos atacavam com suas armas, da mais alta tecnologia, e nos feriam. Já as habilidades de Niquina, e Sinana, pareciam inúteis: — Sinana! Eles não sentem dor! — Também não sentem sono! O que vamos fazer!? — COOOORREEEE! — As duas irmãs fugiram, e eu fui atrás delas. Chegamos no Comando das Águas à noite, onde acontecia uma festa, com as abakodens dançando, e cantando, ao redor de uma grande fogueira.

A comemoração precisou ser interrompida, pois os defuntos invadiram o comando, acabando com a festa. — São corpos-secos! Não permitam que eles danifiquem nosso comando! — Ordenou, a treinadora de Anahi. — Mayari Baquara! Angra Moacuba! Vamos fazer as flechas incandescentes! — Rapidamente, Mayari jogou um cristal numa corrente de metal, pronunciando "ita iu sira". O cristal emitiu feixes de luz, e transformou a corrente em várias flechas de ferro. Enquanto isso, Angra repetia as palavras "tata kei", mexendo os seus dedos com as mãos abertas, imitando labaredas de fogo, e respirando fundo. Tudo ao redor dela ficou tão quente, que dava para

Lenda de Orande

ver uma bolha de calor. Elise, por sua vez, pegava as flechas de ferro, e atirava na direção de Angra, sem acertar sua companheira, usando o seu arco. As flechas passavam dentro da bolha de calor, e ficavam incandescentes. Uma única flecha atravessava, e incendiava, dez corpos-secos. Elas repetiram a técnica, até todos os cadáveres serem derrotados.

Após a batalha, Niquina, e Sinana, desapareceram. Anahi se aproximou de mim, com um papel na mão, e fez uma revelação: — Preciso te contar uma coisa. Quando Elise liberou as abamirins, eu estava desenhando a nossa lindo Comando das Águas! Tava ficando tão bonitinho o meu desenho... só que eu estava perto da Niquina, e da Sinana, e ouvi sem querer os planos delas. — Planos? — Elas viram você escrevendo um diário, e escondendo em baixo da cama, numa garrafa. Então, elas iam lá pegar o seu diário, para chantagear você. É muito feio, e errado, fazer isso. Eu fui antes delas com o meu desenho, e troquei o seu diário por ele. Toma. Sei como é ruim não ter privacidade, então não li, e nem deixei ninguém ler. — Contou, Anahi, me devolvendo a mensagem que escrevi. — Nossa! Obrigada, Anahi. Te devo uma! — Hihihhi... de nada. Vem. Mariena vai curar os seus machucados, lá na enfermaria.

Mariena sarou os meus ferimentos com os raios verdes da sua mão. Anahi fez uma esfera de luz perto da enfermeira, usando a sua antena. Perguntei o que era aquilo, e ela respondeu: — É um kodema hereditário, o ani taina. Com ele, a Mariena fica mais forte.

Voltei ao alojamento. Não estou mais aguentando tanto sono. Se não fosse isso, eu deixava estas mensagens no mar, agora. Mas vou terminar de escrever esta carta, e esconder ela junto com a outra, em um lugar que ninguém vai querer pôr a mão. Depois, eu coloco em uma garrafa, e deixo no mar para vocês. É mais seguro assim.

Capítulo 8 – Impossível de prender, e de acertar

Aqui é Elenia Dark falando. DA LUA!!!

KAONIIIIII!!! VOCÊ ME MANDOU PRA LUAAAAAAAAA!!!

AAAAAAHHHHHH!!!

...

Não acredito nisso! Não pode ser verdade! Eu não gostava de Teknalia, mas ser mandada pra Lua!? E que lugar é este? TEM GENTE MORANDO NA LUA!? Que pessoas são essas, flutuando no espaço? São ETs? EU QUERO SAIR DAQUIIIII!!!

(... róróóó...).

Sim, está bem. Vou me recompor, contando o que aconteceu, depois de matar o tigre dos dentes de aço.

Corri pela prisão subterrânea com Ró, seguindo as setas em vermelho. E encontrei uma escadaria que era a saída da prisão. Lá, havia outra seta, ao lado da escadaria, apontando para o corredor. Mas eu já tinha encontrado o que eu procurava. Deixei as setas de lado, para subir a escada, e no meio dela, o Ró parou na minha frente, querendo me avisar alguma coisa: — RÓRÓ! — O que foi, agora, Ró? Eu não posso ficar presa aqui igual a uma condenada! — Róró... — Não Ró. Vamos sair daqui. Preciso procurar por Kaoni. — Róró, rórór. — Hã? Não dá para procurar ele? — Ró. — Como assim? Porquê? — Ró róóóó ró, róró, rór... — Dizia, Ró, fazendo um monte de gestos. — Er... estou muito longe... longe do meu apartamento... — ... ró. — Mas ele foi destruído mesmo. Que diferença faz?

Ró fez cara de decepcionado de novo, enquanto eu subia as escadas. Quando eu saí da prisão subterrânea, fui parar em uma área cheia de placas fotovoltaicas, dentro de um domo transparente, e ao olhar para cima, eu descobri que estava na Lua. E entrei em total desespero.

— AAAAAAAHHHH!!! NÃÃÃÃÃÃÃÃÃ!!! Não acredito que isso foi acontecer comigoooooo! KAONIIIIIIII!!! VOCÊ ME JOGOU NA LUUUUAAAAA!!! SOOOOOOOORROOOOOO!!!

Fiquei cansada de tanto gritar, e me ajoelhei no chão, chorando. A gravidade reduziu muito do lado de fora da prisão, e as minhas lágrimas caíam como uma chuva lenta, e triste, no solo lunar. — Não pode ser... como... como eu vim parar aqui? Como isso é... possível... me ajude... socorro... alguém por favor... me leve de volta... ai não... — Róóóóó... róóóóó... — Ró ficou muito triste também. — Ró... como eu faço pra voltar para o meu planeta!? Por favor Ró... — Perguntei, enxugando as lágrimas do meu rosto com o braço. — ... — Ró... responde Ró... não brinca com isso... — Róró. — O QUÊ!? Não consigo voltar!? — Róró. — Fez mostrando um dedo. — Não consigo voltar sozinha, é isso?! — Ró. — Eu sentia a presença de muitas pessoas, flutuando no céu da Lua, no meio de luzes piscantes, o que me deixou esperançosa: — Então, vamos ver se essas presenças são pessoas legais, que possam me levar de volta. Ró coçou a cabeça, e fez poses de halterofilista: — Róró. Rrrrrrrrr! Rrrrrrr! — São inimigos fortes? É isso? — Ró. — E eu achando que eram pessoas no andar de cima... não acredito que Kaoni fez isso comigo! KAONIIIIIIII!!!

Eu não posso ficar presa aqui! Preciso voltar para a Terra, custe o que custar. Vem, Ró. Vamos procurar um jeito de voltar para a Terra. Vou pausar a gravação. Retomo quando encontrar alguma coisa.

(Click!). (Click!). (Suspiro).

Depois de muito tempo andando aqui dentro, seguindo aquelas setas vermelhas, encontrei um corredor protegido por uma cerca elétrica, parecida com aquelas de Teknalia. E, ao lado do corredor, um leitor ótico, no formato de uma mão. Coloquei a minha mão nele, que se acendeu, e uma voz robótica me falou: — Acessando banco de dados de inemas, por favor, aguarde... seu endir não está registrado como uma inema. Acesso liberado para a Sala dos Portais. — Todas as cercas elétricas foram desativadas, e assim, eu pude atravessar o corredor sem morrer eletrocutada, e entrar na tal Sala dos Portais. É uma sala bem grande, com símbolos por todos os lados, e perto de cada um deles, vários daqueles portais de emergência do Majui.

Este símbolo aqui, é o que mais me chamou a atenção, pois é igualzinho ao símbolo que eu vi entalhado na mesa do porão do Kaoni. Hum... o que você acha, Ró? Uso um desses, pra ver se me leva de volta pra Terra? Ele tá coçando a cabeça. Não faz a menor ideia do que devo fazer. E eu também não. Bom... vamos ver onde isso vai dar...

(Ruído de metais batendo). (Barulho de portal se abrindo). (Chiado). (Click!).

Aqui é Elenia Dark, continuando a gravação anterior, que foi interrompida devido a uma interferência, logo após eu entrar no portal de emergência, e vir parar aqui, na Terra, mas em um lugar muito distante de tudo o que eu conheço.

Pela primeira vez na minha vida, eu não conseguia ver um palmo adiante, por causa da névoa desse lugar, e não podia usar a minha percepção extra, pois estava de dia! Tudo o que eu consegui descobrir, era que eu estava perdida, no meio de uma floresta congelada e nevoenta, aos pés de uma montanha! Só me restou avançar em linha reta, até eu sentir alguma presença, e dar uma olhada com o zoom do Infinitarion. Acabei esbarrando numa árvore, e as suas folhas congeladas caíram em cima de mim. Eram cortantes, como navalhas, e me machucaram, rasgando a minha roupa.

Andei por vários dias, na direção das presenças, sobrevivendo na neve, com a ajuda do Ró, que me trazia água, e comida, pois eu não encontrava nada para comer, nem beber. Tive que enfrentar uma nevasca. Fiquei encolhida ao lado de uma rocha, pedindo a ajuda do Ró: — Po-por favor, Ró, apa... apareça. Me traz u-um cobertor e-elétrico, um aquece-cedor nuclear, qualquer coisa... — Tentei manter a minha temperatura estável, até a nevasca passar. Gastei muita energia, e fiquei debilitada. E ao entardecer, eu encontrei o topo de uma torre de vigilância, onde um rapaz, vestindo um manto parecido com o de Majui, mas de cor branca, olhava ao redor com um binóculo, fazendo a segurança. Acenei para ele, pois, se tem o mesmo manto do Majui, devia ser amigável. E logo começou uma rajada de tiros, vindos dessa torre. Eu corri para uma pedra, e deitei atrás dela, para fugir dos disparos. Dei zoom na torre com o meu rifle, e o moço estava com um cano de ferro, enfeitado com símbolos, tampando um dos lados com a palma da sua mão. E quando ele me viu, disse alguma coisa, e do cano, surgiram projéteis de gelo, disparados contra mim. Eu tomei cobertura atrás da pedra novamente, e me lembrei que em Teknalia, quando tentavam me atingir, eu criava o campo de sombras para fazer com que errassem os tiros. — Ah, é assim, é? Inataina! — Estalei os meus dedos, e criei um campo de sombras bem grande.

Ele permaneceu atirando na minha direção, mas eu escapei de todos os disparos, e mudei de lugar. Eu não podia mais ver ele, por causa do inataina, nem sentir a sua presença, devido à luz solar. Chamei o Ró, mas ele ainda estava se recuperando. Tentei mudar de local, mas quando eu ia sair do campo de sombra, senti uma barreira, como uma parede. Era uma barreira de luz, em torno do meu inataina. Empurrei a barreira com mais força, e consegui sair de dentro dela.

Outros inimigos apareceram. A maioria deles, não tinha aquele manto do Majui, e todos vestiam roupas antiquadas. — O QUÊ?! Você atravessou a Página do Impedimento!? Ecatu Sho! —

Lenda de Orande

Gritou, um inimigo, e as suas mãos ficaram elétricas. Ele me atacou, mas eu estalei os meus dedos novamente, movimentando o campo de sombra. — O que é isso?! Eu não... — Matei ele, com golpes da Brilhante, e da Prateada, antes que terminasse a frase.

Meus oponentes entravam para morrer dentro das sombras, nos meus punhais. Eu os puxava com o meu chicote, direto para as minhas lâminas. Também batia a maleta de chumbo neles, com chicotadas. E quase todos os meus inimigos faziam armas de gelo, e escudos de sombra, os quais resistiam aos tiros da Infinitarion. Aqueles que tentavam me acertar, erravam tudo. E quando iam me atingir, por puro acaso, eu me desviava, às vezes, usando a maleta pra me proteger.

— NUMTAINA! — Gritou, um rapaz, dentro do meu inataina.

Outra esfera sombria se formou, e se expandiu rapidamente. Era sólida como o aço, e me jogou pra fora do meu campo de sombra. Rapidamente, eu me levantei, e corri em busca de um esconderijo. Fui trocando o campo de sombras de lugar, estalando os meus dedos, até despistar os meus inimigos, e me esconder atrás de um tronco derrubado, com neve por cima, deixando o campo de sombras para trás. A mão, que eu uso para ativar o campo de escuridão, estava ardendo, e para dar um jeito nisso, eu meti ela dentro da neve, enquanto os inimigos se dirigiam até o campo de sombras, achando que eu estava lá. Chamei o Ró, e ele apareceu. Pedi para ele despistar meus inimigos, e ele apagou as minhas pegadas na neve, criando pegadas falsas. Quando o campo de sombras se foi, eles ficaram confusos, sem saber onde eu estava. — Ela não está aqui, mas nós vamos encontrá-la. É muito fácil detectar aquela intrusa. Dá pra ver de longe. — Que ideia! Essa, de nos espionar, usando roupa preta, num lugar desses. Assim, fica muito fácil!

A situação não é nada boa. Minhas forças estão indo embora. Não posso mais ficar aqui, com esse bando de esquisitões me atacando! Ai Ró... quero sair daqui, Ró... bem que você podia bater neles, só dessa vez. (Sniff...). (Ró...).

Precisamos ficar em silêncio agora. Estão perto de nós. Desligando.

Lenda de Orande



Ani

Capítulo 9 – Duelo de capitães

Mais uma vez, preciso de sorte, por isso, vou escrever nesta folha, que tirei do meu caderno de orações, o que estou sentindo. Voltei para a minha aldeia, e fiz amizade com um maluco, que não fala coisa com coisa, e fica lendo umas folhas, com uns símbolos estranhos. Não consigo entender nem ele, nem o que está nos papéis dele.

Parecia que um tsunami atingiu aquela cidade. E após algumas horas explorando as suas ruínas, encontramos um grupo de marinheiros, que também andavam por ali, procurando um dos seus, que se perdeu da equipe. — Ah, que bom, encontramos dois sobreviventes! Como vocês se chamam? — Perguntou, o capitão, com um cachimbo transparente. — Divano Sunmeri, da Aldeia Cansai. — Pode me chamar de Meta. — Sou o Detetive Eyneon, agora, o Capitão do *Deep Water Giant*, meu submarino. Esta é a minha tripulação. — Cadete Rocha. — Armeiro Jouler, hehe! — O armeiro esmagou a minha mão, e a do piloto, ao nos cumprimentar. — Ei, vai com calma, armeiro! — Reclamou, o engenheiro. — O que aconteceu neste lugar? — Não sabemos ao certo. Mas parece que a Grande Barragem se rompeu, depois da cidade ser atacada pelo Bombardia. — Bombardia? Aquele navio da lenda? — Perguntei, e ele confirmou. Fiquei espantado, em saber que a lenda existe. — Estamos à procura de um dos nossos tripulantes, o Comunicador Baquara. Viram ele em algum lugar? — Não, infelizmente. — E este rapaz? Seu nome é Kaoni Iviturui. — O capitão nos mostrou uma imagem, em um cristal daqueles que brilham. A imagem era do rapaz que eu vi nas fotos, dentro da escuna: — Este eu vi. Encontrei as fotos dele com a família, dentro de uma escuna, chamada Sopro do Monte. — Excelente! — Comemorou, o capitão. — Ouviram isso?! Ele achou a escuna! Vamos encontrar o nosso comunicador, e depois, iremos com eles para o barco da família Iviturui!

Acompanhamos eles na busca pelo perdido Comunicador Baquara. No caminho, ele nos contava o que aconteceu: — Kaoni Iviturui nos ajudou a capturar dois marginais de Teknalia, e pediu a nossa ajuda, para encontrar seus pais desaparecidos, Nitio Nossema, e Pothiara Iviturui, no dia 15 de maio desse ano, 714. Como foi um desaparecimento no mar, resolvi voltar para o comando do meu submarino, pois com ele, eu poderia ver tanto os barcos da superfície, quanto os naufragados. No dia 18 de maio, nos aproximamos de Teknalia, para recriar o percurso da escuna desaparecida, e tivemos essa terrível surpresa, ao ver que Teknalia simplesmente desapareceu! Se aquele garoto não tivesse provocado esta missão, provavelmente eu estaria enterrado aqui também! Ancoramos o submarino no cais de Teknalia, e desembarcamos, para investigar as ruínas, e talvez encontrar algum sobrevivente. Na minha opinião, é praticamente impossível alguém ter sobrevivido, inclusive aquele pobre garoto, mas precisamos ter certeza disso.

Ficamos sem dormir a noite inteira, depois, passamos o dia todo andando, e ao anoitecer, o Cadete Rocha já reclamava nos ouvidos do seu chefe: — Capitão... estamos cansados, sem dormir, vamos voltar outra hora... — Verdade, capitão. Vamos ver agora um lugar macio para... — Concordei com o cadete. — E deixar um companheiro perdido aqui? Negativo. Continuem procurando. — E se ele já tiver voltado para o submarino? — Perguntou, o cadete. — Seria ótimo, pois ele estaria seguro lá. Mas só voltaremos com a certeza de que ele não está por aqui. — Mas olha o tamanho desse lugar, capitão... — Comentei. — Ei, pessoal! Vejam o que eu encontrei! Armas de choque pirata! — Chamou, o armeiro, em cima de um bloco de concreto. Todos foram até ele, e o detetive confirmou que era um equipamento falsificado: — Isso parece obra do maior falsificador de Teknalia, o qual a guarda estava investigando. — Tem mais, capitão! Bem ali! — Certo armeiro, nos mostre as piratarias, podem nos levar até o falsificador.

O armeiro ia na frente, recolhendo os itens falsificados, e o restante do grupo o seguia, até que encontramos o tal Comunicador, sentado no meio de uma cratera, rodeada de objetos falsos,

ferramentas e papéis. Ele estava lendo alguns, e o seu capitão interrompeu a sua leitura: — Baquara! O que significa isso!? — Escou bendo goisas endereçantes, nas folias que estafam pelo vão. — Respondeu, Baquara, e não entendi nada. — Acho que ele disse que está lendo coisas interessantes nas folhas que estavam pelo chão, capitão. — Traduziu, o Cadete. — Que folhas? Agora não é hora para ler jornal, Baquara. Você encontrou o esconderijo do falsificador, e este rapaz sabe onde está a escuna! — Informou, o capitão — Gue dom! — Passando os olhos pelo local, eu encontrei várias fotos da família que vi na escuna, e avisei: — Ei, gente! São eles! Os mesmos das fotos que eu achei no barco! — Não pode ser... impossível! O garoto dos pais desaparecidos, e o maior falsificador de Teknalia, são a mesma pessoa! Ele estava bem na minha frente, e eu não o capturei! — Então, não vamos mais procurar os pais dele, capitão? — Vamos sim, cadete. Ele irá rever os seus pais, que estarão do outro lado das grades da sua cela! Qualquer um de vocês, quando ver Kaoni Iviturui, devem prendê-lo imediatamente! É uma ordem! Vocês me ouviram? — Sim, capitão!

De repente, eu perdi a minha audição. Eles se assustaram com alguma coisa atrás de mim. Vi uma sombra de um anjo, com um pau comprido em uma das mãos, e quando eu me virei, dei de cara com um daqueles bruxos. Ele tinha grandes asas azuis, e um cajado de ferro, mais alto que ele. Em seu pescoço, tinha uma mordida de vampiro. Movido pelo ódio que eu tenho desses bruxos, eu parti para o ataque. Era um bruxo muito habilidoso, que se defendia de todos os meus golpes. Nunca vi um assim, e me senti desafiado por ele. Enquanto isso, uma fera azulada, de cauda comprida, e espinhenta, partiu para cima do Comunicador Baquara, e o seu capitão. Quando o bruxo se preparava para quebrar o meu crânio com o seu cajado, Jouler atirou granadas nele. O armeiro esparramou granadas no chão, e agachado, ele tirava a trava de uma com a boca, e da outra com a mão, atirando duas de uma vez só. O feiticeiro teve muito trabalho para desviar a trajetória delas, com o seu cajado, e eu aproveitei que ele abaixou a guarda. Quase cortei a cabeça dele fora, mas ele levantou voo, e eu acertei a sua perna. O bruxo ficou zangado, e gritou. Eu ouvi o que ele disse, mas como um sussurro: — CHEEEEGAAAA! SENAMIAN! — Uma aranha subiu em sua perna ferida, e eles ficaram invisíveis. Só dava pra ver os olhos brilhantes da aranha. Jouler colocou seus óculos de visão termal, e tirou uma cimitarra, do corpo de um guarda morto, para lutar ao meu lado. E de repente, Jouler parou, soltando a cimitarra. Seu peito começou a sangrar. Depois, ele foi para o alto, gritando de dor. O sangue do armeiro escorria pelo cajado invisível do bruxo. Por ironia do destino, isso aconteceu durante o fenômeno da Lua de Sangue.

O bruxo reapareceu, retirando o cajado de dentro do armeiro, que caiu morto. — É isso o que acontece, com quem arruma briga com abakodens! O que vocês querem com Kaoni Iviturui!? Respondam! Antes que eu introduza esse cajado inteiro no rabo de vocês! — Kaoni Iviturui é um falsificador, e precisa ser preso! — Respondeu, Eyneon. — Falsificador?! Hahaha! Olha só quem fala! Vocês são todos falsificadores! Usam a tecnologia kodênica do jeito errado, desviando a finalidade dela! — Como ousa me chamar de falsificador! Vou engaiolar você, seu pássaro metido! — Para isso, terá que passar pelo sobiur, capitão! — Uma voz desconhecida berrou "koda", e foi seguida por uma forte explosão. O barulho dela fez os meus ouvidos doerem, e me deu vertigem. Perdi minha audição por completo, nem os gritos eu ouvia mais.

Uma bola de canhão atingiu o bruxo, que ficou gravemente ferido, debaixo dos escombros, separado do seu cajado. A fera azulada, chamada de sobiur, fugiu para longe. E outro capitão saiu das sombras, trazendo duas cimitarras, dentes de metal na boca, e uma estaca de ferro no lugar de uma das pernas. Ele tinha o nome "Tormentor" escrito em um acessório do seu uniforme, e atacou a minha equipe. Eu entrei na briga, mesmo com vertigem, e dor de ouvido. Ele também era desafiador. Se defendia com uma espada, e golpeava com a outra. E como estava de noite, não tinha como eu usar a técnica do Sol vermelho. Eyneon puxou uma pistola, e tentava acertar Tormentor,

mas ele soltava jatos de ácido da boca metálica dele, desmanchando os projéteis. Ele possui uma arma dentro da boca também. As nossas espadas se travaram, e ele fazia força contra mim, me empurrando para trás, até eu encostar em uma parede. Tentou cuspir ácido na minha cara, mas eu me abaixei, e vi a perna de estaca dele já quase perfurando o meu abdômen. — Itakintan! — O Comunicador fez uma bruxaria, que enrolou uma corrente de metal na estaca de Tormentor, prendendo ela. Eu me distraí, olhando para o Comunicador, pois ele era um daqueles bruxos, mas me salvou a vida. E por causa desse desliz, Tormentor me desarmou, e quase cortou fora a minha cabeça, fazendo uma tesoura com as suas cimitarras. Foi o cadete Rocha que o impediu. Ele tomou coragem, e atirou pedras no capitão inimigo. Aproveitei para pular, e pegar a minha espada de volta, mas, enquanto eu fazia isso, Tormentor atirou uma das suas no cadete. Ele morreu decapitado, na frente do Meta, que estava coincidentemente escondido atrás de uma rocha. O bruxo alado chamava o engenheiro, e ele foi ver o que o bruxo queria, andando de quatro, como um cachorro amedrontado.

Eyneeon vestiu soqueiras, com pontas de cristal, que brilhavam, e desferiu murros em Tormentor. Me levantei para o ajudar, mas Tormentor cuspiu ácido, e tive que pular para não ser atingido. O pirata se distraiu, e Eyneeon o acertou no peito com as soqueiras. As pontas entraram no peito de Tormentor, e descarregaram eletricidade nele, porém, esta mesma eletricidade percorreu a corrente de metal, atingindo o Comunicador, que a soltou. Tormentor, então, meteu a estaca de metal da sua perna em Eyneeon, que caiu no chão, sangrando até a morte. Não consegui escutar as suas últimas palavras, e a minha ira pulsava dentro de mim, como ondas em um maremoto. O chão tremia, e dele, saíram jatos de água, intimidando o capitão pirata, que tentou me acertar o seu ácido, de novo. Eu olhei para o cuspe fedorento, e ele se desviou, fazendo curvas aleatórias, e se voltando contra quem o cuspiu.

Os jatos cessaram, e um abismo se abriu no chão, me engolindo junto com Tormentor. No fundo do abismo, havia muita água. Tormentor tentava nadar para a superfície, mas um empuxo inverso o fazia afundar cada vez mais. Estranhamente, eu não sentia falta de ar. Era como se eu não precisasse respirar embaixo d'água. Nadei na direção de Tormentor com a minha espada, e eu nadei tão rápido que passei direto. Tentei outra vez, e consegui atingir a sua coxa, arrancando a perna dele, inteira. O sangue escorria para as profundezas. Tormentor arremessou a sua espada em mim, e para me defender, eu fiz um golpe, que a dividiu em duas partes, gerando uma onda cortante. A outra perna de Tormentor foi amputada por essa onda. Repeti isso, várias vezes. Cortei o seu braço. Depois o outro braço, o seu abdômen, e por último, a sua cabeça. Os pedaços ensanguentados de Tormentor desceram até o fundo da Terra, levando a sua alma para o inferno.

Saltei para fora do abismo. Meta fez uma alavanca com o bastão daquele bruxo, e tentava tirar os escombros de cima dele. Os meus ouvidos ainda doíam, e eu não conseguia ouvir direito o que me diziam: — ... aprás ca vinte! Gire a mola! — O quê?! — Não entendi o baquara. — Rápido! Tirem... de mim! Os piratas... chegando! — Olhei em volta, e não vi pirata nenhum. Pensei que era uma armadilha dele, e questionei: — Ele é um bruxo! Quer a nossa ajuda, para depois nos matar, igual fez com o armeiro! — ...cil! Não so... vamos todos morrer aqui! — Respondeu, o feiticeiro, e eu só entendi algumas partes. Analisei a situação, mas era difícil pensar com aquela dor de ouvido. Lembrei desse comunicador quando ele me salvou a vida, fazendo aquela bruxaria da corrente. Decidi ajudar os dois, e após muito esforço, conseguimos livrar o bruxo. Os piratas realmente nos cercaram, e o bruxo pegou o cajado, nos dizendo para segurarmos bem firme nele. Com muita dificuldade, o feiticeiro bateu as suas asas, e levantou voo com a gente, enquanto centenas de piratas se ajuntavam, logo abaixo de nós. E voamos por muito tempo, até pousarmos na minha aldeia, no meio da floresta de Ca-an. — Sou mesmo... per... perfeito... minhas asas... são as melhores... argh... sou... muito... forte... — O bruxo alado passou mal, e desmaiou, vencido pelo

Lenda de Orande

cansaço, ao pousar no centro da aldeia. Os moradores se aglomeraram ao nosso redor. Levantamos o bruxo, e carregamos ele até a minha residência. Quando eu vi a minha casa toda pichada, e destruída, quase tive um ataque de nervos. Mas, como não possuo outro lugar para ir, aqui estou eu, de volta, esperando o bruxo acordar, enquanto os outros dois pegaram no sono. Não consigo dormir com essa dor em meus ouvidos. Que a sorte me traga a cura da minha audição.

Capítulo 10 – Lua de sangue

Aqui é Elenia Dark falando, e seguindo um velho lerdo que anda igual a uma lesma, se arrastando pelo chão. (TOC!). Ai! (Lerdo é seu cérebro! Me respeita!). Ai, isso doeu. (Róróróróró...). Tá rindo do que, Ró? (... róró). Bom... vou contar o que aconteceu, e também o que não aconteceu, depois da última gravação. (Me respeita...). Tá bom, tá bom, abaixa essa mãozinha aí.

Pedi para o Ró desaparecer, pois ele chamava muita atenção, e, furtivamente, eu tentei me distanciar dos meus inimigos, alguns deles, quase me viram. Me escondi num rochedo congelado, atrás de um moço pardo, que usava um boné preto, de bordas prateadas. Ele conversava com uma garota, de cabelos loiros, e os dois fizeram um silêncio meio suspeito. A garota se distanciou, e eu percebi que o rapaz me olhava, pelo reflexo da parede de gelo, que estava na minha frente. — Merda! — NUMTAINA!!! — A esfera sólida, e escura, daquele rapaz, me atirou para longe, e para o alto. Todos os meus inimigos me avistaram, e eu me pendurei em uma, de três árvores petrificadas, com o meu chicote. Tentei criar o campo de sombra ao meu redor, mas, dessa vez, o inataina saiu de cima da minha cabeça, e criou vários campos de sombras menores, no topo das árvores. Peguei o meu rifle, e desci pendurada, usando a árvore como escudo. Olhei no monóculo, para mirar nos inimigos, mas ao fazer isso, eu vi um olho na minha frente, branco e preto, como um símbolo. — AAAAHHHHHH! Mas que droga foi essa!? — Me assustei, muito. Quando voltei para o monóculo, receosa, não tinha mais o olho assustador lá dentro. Então, comecei a atirar naqueles malditos. Percebi que este rifle leva 5 segundos para ser recarregado, entre um disparo, e outro. É uma arma meio lenta, e isso me deixa vulnerável, mas um tiro apenas atravessava vários deles, e ainda perfurava o solo, fazendo jorrar água misturada com sangue para o alto.

A luz solar acabou, e a noite veio me ajudar. Holofotes foram apontados pra mim, mas o meu campo de sombra não deixava a luz me iluminar. Mesmo assim, era fácil descobrir onde eu estava, não dava pra ficar parada. Eu subia, e descia, soltando e puxando o chicote, e também saltava de uma árvore para a outra. E numa dessas árvores, fui surpreendida por um inimigo, que vestia aquele manto. Com um troço brilhante no lugar do braço, ele atirou uma granada em mim. Mudei de árvore, e a granada emitiu um pulso de luz, que desfez o campo de sombras, no lugar em que eu estava. Ele ia atirar outra granada, porém, eu fui mais rápida, e acertei a sua cabeça, matando ele, antes que pudesse me atingir.

Fui cercada por inimigos, mas Ró mantinha eles longe de mim, espalhando as suas armadilhas. Pás, sabões, pneus, baldes, minas terrestres, arames farpados, cavando buracos, entre outras coisas. Acho que eu dei uns 200 tiros, e começou a chover sangue, deixando a neve vermelha como a Lua, pois era noite de Lua de Sangue. Uma terrível coincidência. Eu já estava toda suada, e cansada, quando eles desistiram de me atacar, e recuaram. Ró também ficou sem energia, e desapareceu. Então, eu desci da árvore petrificada, desfiz os campos de sombra, e guardei o Infinitarion na maleta. Observei os meus inimigos correndo para longe, afundando os pés no sorvete de sangue, que eu mesma fiz. Apenas um velho, bem velho mesmo, ficou lá, de pé, me encarando. — O que foi, vovô? — Iviturui Tama! — Lembrei, na mesma hora, que iviturui era o sobrenome de Kaoni! O velho deu uma pisada com o pé esquerdo, e o gelo subiu pelo meu corpo, chegando até o meu pescoço, me deixando imóvel. — Então, é você, a famosa Sombra Rebelde? — Já fiquei famosa, como a minha mãe. — O que é você?! Como conseguiu fazer tudo isso sozinha? — Sou Elenia Dark, amiga de Kaoni Iviturui, de Teknalia, conhece?! — KAONI?! IVITURUI?! Ai... — O velho desmaiou. E para sair desse congelamento, eu tive que me concentrar, e aumentar a atividade do meu corpo, elevando a minha temperatura. Mas esse gelo era diferente. Ele era muito difícil de derreter. Fiquei esgotada depois disso, e quase desmaiei também.

Nas costas da mão do velho tinha uma tatuagem, de um triângulo, com círculos, e um traço. Deve ser parente próximo de Kaoni, para ter desmaiado só de ouvir o seu nome. Tomei um fôlego, e peguei ele no colo. Com isso, além da maleta de chumbo, eu tive que carregar o velho para um lugar mais seguro, e mais sombrio, pra não ser descoberta, caso os inimigos retornassem. Me escondi com ele dentro de um mausoléu. Segundo o meu relógio biológico, demorou quase um dia inteiro para o velho acordar. Eu estava tomando um ar na porta, e ele, deitado atrás de mim, se assustou com a minha sombra: — Ah... o quê? Eu morri?! Sa... sassa... SATANÁS!!! Ai... — Não. De novo? — Ele desmaiou, e eu esperei mais um dia. Ró reapareceu para mim, trazendo comida. — Não me leve pro inferno, Satanás! Não é justo! Eu fui uma boa pessoa! Ai... — O idoso acordou, pediu clemência para o Ró, e desmaiou outra vez. Fiquei indignada, e o Ró não entendeu nada. Mais um dia se passou, e o idoso deu sinais de que ia acordar. Mande o Ró se esconder, e saí da luz, para não fazer sombra. — Ah... nossa... onde eu estou? — Está num... num lugar que eu achei. — Você! — O que tem eu? — Você disse que conhece o meu neto! Kaoni Iviturui! — Sim, conheço. Aaaaah... você é o avô dele! — Isso mesmo. Sou Obiru Iviturui, abakuar abakoden do céu. — Aba... aba o quê? — Você não sabe o que é um abakoden?! — Isso é comida chinesa? — COMO ISSO É POSSÍVEL!? UMA LEIGA FEZ TODO ESSE ESTRAGO NA ALDEIA MAIS SEGURA DE TODAS!!! — Que aldeia? Que leiga? Não estou entendendo nada! — Por isso mesmo, você é uma leiga! Agora, me diga o que você sabe do meu neto! — Sei não... você vai desmaiar de novo aí... — Não me diga que você... matou... — EU NÃO MATEI ELE!!! A cidade de Teknalia foi atacada por um navio pirata gigantesco! Eu conheci Kaoni lá, e nos tornamos amigos... — Conte toda a história para Obiru, desde o começo. — Ai... — Ah, não, não desmaia de novo, não, vovô! — Com estes detalhes, parece que você diz a verdade mesmo... — Sim! Não sou o Satanás! Não estou mentindo! — Então, se você é amiga do meu neto, POR QUE VOCÊ MATOU CENTENAS DOS NOSSOS ABAKODENS?! Eu tive que vir aqui, nos confins da Aldeia Imeri de Ca-an, pra por fim nessa sangria desatada! — O QUÊ?! FORAM VOCÊS QUE ME ATACARAM!!! EU FIQUEI ACENANDO POR AJUDA, E TENTARAM ME METRALHAAAAAAR!!! AAAAAHHHHH! — RÓÓÓÓÓÓÓ! — Ró concordou comigo. — Quem disse róóóóóóó? — Perguntou, Obiru, desconfiado. — Ah, não... isso foi o meu estômago. — Dei uma desculpa, e olhei para o Ró, com cara de desaprovação. — Hum... — Obiru continuou desconfiado, e procurava a origem da voz. — Então. O que é isso de aba... abakoden? — Perguntei para chamar a atenção de Obiru, pra ele não descobrir o Ró, e cair duro. — Abakoden? Bem... lá na minha aldeia, você vai descobrir o que somos, mas antes, preciso ir sozinho, para convencer os habitantes de lá. Você fez um estrago enorme, não sei se vou conseguir.

Obiru saiu do nosso esconderijo, andando bem lentamente, BEEEEEM LEEEEENTAMEEEEEENTE, arrastando os pés no chão, como se estivesse patinando. — Eu espero aqui. — Está bem. Voltarei logo. — Dois minutos mais tarde, Obiru ainda estava saindo do esconderijo. — Não demore. — Sim. É rápido. Fique aí. — Cinco minutos depois, vi Obiru do lado de fora, em frente ao esconderijo. — Fale bem de mim lá, viu? — Com certeza! — Meia hora se passou, e ele estava à 50 metros de distância. — Não demore! — Não vou demorar! Estarei de volta antes do que você imagina!

Dormi, acordei, tomei o café da manhã que Ró surrupiou de algum distraído, e Obiru ainda não tinha retornado. Passaram-se 3 longos dias, e eu resolvi dar uma volta. Duas lápides me chamaram muito a atenção. Eram de Eleanor, e Rouaki Setan, os mesmos nomes dos meus pais, porém, o sobrenome era diferente, o que me deixou aliviada. Depois, eu encontrei um chalé abandonado, aos pés da montanha. Arranquei as tábuas que travavam a porta, e entrei. Parecia um armazém, com muitas prateleiras, cheias de velharias, poções, e vidros com pó dentro. Em um espaço vazio, de uma das prateleiras, tinha o nome "Infinitarion" escrito. — Então, foi daqui, que o

Ró tirou o meu rifle. — Após a descoberta, continuei andando pela casa, e sobre uma mesinha, ao lado da cama, eu achei um diário. Levei ele comigo para o mausoléu, e o li, esperando Obiru voltar. Na metade dele, a sua autora, Mil Nossema, contou uma história de arrepiar, como aquelas que eu gosto de contar para os meus amigos. Ela foi raptada por um monstro, e o desenhou em uma das páginas. Era metade vampiro, e metade cobra. Sua barriga estava rasgada, e vazia. Dava para ver as costelas dele. Mas, o que chamou mesmo a minha atenção, e quase me fez cair para trás, foi a espada que estava em seu colo. ERA A ESPADA DE KAONI!!!

O monstro tentou sacrificar ela sobre um altar, mas ela foi salva por dois dragões luminosos. Um deles, chamou o monstro de Anibael, e disse: — Você foi alertado pelo seu amigo, o Setan, mesmo assim, continuou com os sacrifícios. Agora, chegou o seu fim, Anibael! — Os dois dragões aniquilaram o monstro com rajadas de luz, libertando a moça, que escreveu este diário. Pensando sobre tudo isso, eu peguei no sono, e sonhei com pessoas morando em cavernas subterrâneas. Elas foram mordidas por serpentes de sombra, cujo veneno escurecia os seus corações, mas ninguém morria envenenado. Desesperadas, as pessoas saíram das cavernas, como formigas de um formigueiro, e viram na superfície um ser antropomorfo, todo escuro, com aquele olho que eu vi no monóculo, um rabo que parecia o meu chicote, dois chifres que pareciam os meus punhais, e uma bola escura na cabeça, que parecia o meu inataina. Ao seu redor, no deserto, acontecia uma guerra, e as pessoas que foram mordidas se transformaram nos soldados dele.

Quando eu acordei desse sonho, percebi a presença de Obiru voltando. Sem paciência para esperar ele chegar no mausoléu, eu fui atrás dele. Peguei o ancião no colo, e perguntei aonde deveríamos ir. — Ei! Me solta capeta! O que é aquela coisa preta atrás de você?! — É um demônio, que saiu do submundo, e que odeia ficar esperando. Melhor a gente ir logo. — Agora eu menti mesmo. — ... me larga! Me põe no chão! Se você não me pôr no chão, vou dizer que você está me sequestrando! — O QUÊ?! — É isso mesmo! Me põe no chão! — Ah, tá bom, seu velho lerdo! — Ai! Assim não! Isso é jeito de tratar um homem de 99 anos! — Vamos, levanta! Anda logo, vai! — Tá, tá bom! Pare de me empurrar! — Peguei toda a bagagem dele, e o apressei. Ele foi buscar uma tocha, para iluminar o caminho de volta. — E então? Convenceu eles? — Não dá para afirmar nada, agora. Então, não faça mais nenhuma besteira. Você será treinada, e depois, vai nos ajudar em uma missão de busca pelo meu neto. — Mas, com você... missão de busca... — Qual o problema? — O problema, é você! Já vi que vamos precisar de um carro. — Discutiremos isso depois. Então, onde vai ser? — Perguntou Obiru, segurando uma lanterna estranha, com um cristal brilhante no lugar da lâmpada. — Onde vai ser o quê? — Sua tatuagem de anama. — Não quero isso. — Mas precisa, para ser identificada. — Insistia, Obiru. — Então vão ter que confiar em mim. — Sem essa tatuagem de patente abakoden, você vai continuar sendo tratada como invasora. — Ah, que droga... então faça aqui, atrás da minha orelha. — Puxei o meu cabelo para o lado, e aponte. — Não pode! Quem é que vai ver isso aí? — Se perguntarem eu mostro. Ou isso, ou nada. — Está bem, Sombra Rebelde... — Ai... isso queima... — Pronto. Agora você é uma anama do céu, apesar de parecer ter vindo lá do inferno. Vamos para a minha casa. — Pelo menos foi rápido... diferente de alguém que eu conheço...

No caminho, eu contei para Obiru sobre a história daquele diário, e o sonho que tive depois. Ele ficou em silêncio. Não quer me dizer o que foi tudo aquilo. Fica dizendo que é restrito, que é restrito... Desligando.

Lenda de Orande



Ami

Capítulo 11 – Kaoni, e os kodens

Nae mãe, nae pai. Desculpem por ficar duas semanas sem enviar mensagens. Eu estava em um abrigo, no meio de uma grande selva. Mas eu consegui deixar a outra mensagem no mar, antes de acampar.

Quase passei um dia de treinamento sem comer nada, pois eu acordei tarde, perdi o café da manhã, e peguei o treinamento no meio. Com fome, eu perguntei para a Mariena quando seria o almoço, e ela me deu um sanduíche, que guardou não sei onde. Era um sanduíche bem recheado, tinha muitas ervas, e um peixe assado nele! Devorei esse sanduíche aproveitando uma distração da Elise, que estava distribuindo algumas folhas de papel para as alunas. Eram tabelas periódicas, com nomes estranhos no lugar dos elementos. — Chegou a hora das minhas alunas aprenderem na prática. — Treinadora! Mas hoje é dia de sobrevivência na floresta! Está no nosso calendário! Não pode fazer isso, tem que seguir as regras! — Gritou, Alina, indignada. — Alina... sempre exigente... às vezes é bom fugir das regras. E eu não falei que a gente não ia pra floresta. Estou muito criativa esses últimos dias! — Elise prendeu o seu arco no ombro, como a alça de uma mochila, e deu uma ordem: — Voltem para o alojamento e peguem tudo o que precisam pois vamos passar duas semanas em mata profunda. Eu espero todas aqui.

Eu aproveitei a oportunidade, e fui até a praia. Lá, eu coloquei a mensagem anterior dentro de uma garrafa, e lancei ao mar. Porém, eu não percebi que a Mariena me seguiu, e quando eu terminei, ela perguntou: — Kaina, o que você está fazendo? — Mariena? Oi, amiga. Eu só estou limpando a areia um pouco, está toda cheia de garrafas, olha... — Falei isso, com um monte de cadáveres apodrecendo, bem atrás de mim. — E você? — Eu te vi vindo para cá, em vez de ir para o alojamento. Você não quer acampar com a gente? — Quero sim, já estou voltando para arrumar minhas coisas. — Melhor a gente se apressar então, Kaina. Elise não vai esperar o dia todo. Vamos! — Mariena me puxou pelo braço, como sempre faz, me arrastando da praia até o campo de treinamento. E quando chegamos lá, Elise já estava indo para a floresta, seguida por todas as suas alunas. Sem me dar tempo para pensar, Mariena me levou para o grupo de Elise. Não entramos no alojamento, e nem pegamos o que seria necessário.

— O inimigo mais perigoso de todos é o despreparo! Minha equipe já venceu batalhas apenas observando o oponente despreparado se dar mal. Comiam o que não se pode comer, bebiam o que não se pode beber, e andavam onde não se pode andar. — Declarou, Elise, enquanto caminhava dentro da floresta.

Depois de três horas andando na mata, o aspecto dela mudou. Árvores gigantescas, troncos espinhudos atravessados pelo caminho, flores do tamanho de uma pessoa, animais e plantas dos tipos mais exóticos, faziam parte da paisagem, e dos obstáculos. A treinadora elucidava-nos sobre tudo o que estávamos descobrindo, explicando o que era, e pra que serve cada coisa. Com mais três horas, o dia estava terminando, e a treinadora nos levou até uma área com plantas de tronco comprido, e folhagem larga, criando uma cobertura natural contra o Sol, e a chuva. Acampamos nesse local.

Elise amontoou galhos, e folhas secas, para fazer uma fogueira, e eu a indaguei: — Como a gente vai acender a fogueira? Esfregando gravetos? Batendo duas pedras? — Silêncio! Essa floresta é muito úmida para fazer fogo assim. Vou acender com um kodema. O meu controle sobre fogo não é muito bom e preciso me concentrar. — Elise permaneceu lá, com uma das mãos bem perto das folhas secas, e dizendo "tata taina", várias vezes. Até que uma pequena esfera de fogo se formou, e a fogueira se acendeu. Ela tirou um colar do bolso, com um pingente de cristal inteligente, e o jogou pra mim. Todas as moças quiseram ver o cristal de perto, e eu fiquei espremido no meio delas. — Escrevi o kodema que vocês acabaram de ver neste itanakuar. E usei ele para gravar o kodema na

Lenda de Orande

palma da minha mão. Aposto que vocês estão loucas de vontade de saber como se faz! Hahahahaha... ah, vejamos! Hoje é noite de Lua de Sangue e eu nem sabia! Vamos descansar agora aproveitando esta Lua tão linda.

Sempre achei bonito esse fenômeno, quando eu via ele lá na Praia das Redes. A turma toda se maravilhou com a Lua vermelha, achando ela bonita. A brisa marítima perfumada balançava as folhas das árvores, que passavam na frente das luzes da Lua, de Ani e das estrelas, enquanto a floresta parecia cantar uma música suave e relaxante. Nesse belo ambiente, todos dormiram aquecidos pela fogueira, e protegidos pela treinadora. Fiquei admirando a Lua de Sangue entre as árvores, até pegar no sono.

No dia seguinte, Elise nos guiou pela mata, ensinando como identificar o que se podia comer, e caçar, e até a casca de algumas árvores, como a de uma palmeira chamada Pinah, era comestível. Porém, havia muitas coisas venenosas no meio das boas, e outras que ela dizia ser desnecessário, e ferir a natureza. E nos outros dias, a treinadora explicava como se fazia alimentos, remédios e venenos, misturando vários ingredientes da floresta, incluindo os nocivos. E aprendi facilmente a fazer as armas, e os objetos, pouco sofisticados, usando apenas os recursos da mata. As armas são espinhos, arco-e-flecha, machados, siraris (machado com lâminas em sentidos opostos nas duas pontas do cabo), punhais, e lanças.

Ao amanhecer um novo dia no acampamento, Elise iniciou mais uma aula, entregando antenas de rádio para as suas alunas, que não paravam de conversar. — Muito bem minhas aprendizes. Esta técnica que vou ensinar é o "ouvido do seu endir". Entenderam? Ei! Silêncio! Parem de falar e aprendam a ouvir que é mais importante! — Olha só quem fala, a mulher mais tagarela de todas. — Comentou, uma anama, com outra anama. — Prestem atenção em mim! Hoje eu quero que vocês me digam em que direção está a fonte de água mais próxima sem precisar andar pela floresta inteira. Peguem as tabelas que eu entreguei para vocês. Procurem pelo koden "igu". Encontraram? — Sim, treinadora! — Ótimo. Usem as antenas que eu dei como se fossem os seus terceiros ouvidos! E concentrem-se no koden igu! — Fiz tudo o que a treinadora dizia. No começo eu só escutava os barulhos da selva, mas depois de muita concentração, os barulhos foram sumindo, dando lugar para um chiado. Parecia que tinha um rádio fora de sintonia, dentro da minha cabeça. — Alguém está ouvindo um chiado? — Eu estou. — Muito bem Kaina! De qual lado ele está vindo? — Apontei a direção, e a treinadora me entregou dois baldes de madeira. — Parabéns! Você vai ser a carregadora de água oficial do nosso acampamento! — As outras riram da minha cara. — Nos leve até a origem do chiado Kaina! No caminho eu vou contando uma história para vocês!

Eu peguei os baldes com desânimo, e fui na direção que eu mesmo apontei. Naquele lugar fascinante, abraçados pela natureza, nós ouvimos Elise contar uma longa história. Voltando mais de sete séculos no passado, todas as nações traziam de Ani, e da Lua, muitos desses cristais inteligentes, os quais não existiam na Terra. Mas era comum, no meio do percurso, ocorrer algum imprevisto, e esses cristais se espalharem como uma chuva. Nessa época, um garoto, chamado Membir Baquara, navegava pelo mundo com os seus pais, em uma grande fragata. Eram biólogos, e catalogavam todas as espécies que encontravam durante a viagem, com detalhes. Membir era um menino especial. Ele tinha um dom de comunicação formidável. Ele acompanhava os seus pais nas expedições, e também fazia as suas anotações. Porém, no lugar de descrever os animais e plantas, Membir descrevia as matérias, e as energias, com palavras que ninguém entendia. A fragata de Membir atracou perto de um farol, e eles atravessaram toda a floresta de Ca-an a pé, catalogando os animais que lá habitavam, e descobrindo que alguns deles se adaptaram aos cristais, e os utilizavam para caçar, e se defender. As plantas também utilizavam o pó desse cristal, que se misturava com a terra. Os pais de Membir não sabiam o que eram esses cristais, que o garoto descreveu como

intermediários entre os seres vivos, e as coisas não vivas. Graças aos cristais, Membir foi capaz de descrever os animais que os utilizavam. Eles chegaram numa cidade pré-histórica, e monumental, cujo nome era Iztar, e onde quatro rios se uniam em um só. Depois de alguns dias morando nessa cidade de pedra, aconteceu a maior guerra que se tem notícia, até os dias atuais; a Guerra da Reconciliação. Os habitantes de Ani invadiram a Terra, e a cidade de Iztar, causando muitas mortes, e destruição. Os pais de Membir o esconderam, e se prepararam para atacar quem os ameaçasse. Três anianos entraram na casa onde eles estavam, trazendo armas mágicas, feitas com restos mortais de feras desconhecidas. Seus pais foram mortos, e dilacerados pelos invasores. Ele saiu desesperado daquela casa, e teve mais uma surpresa, ao ver os anianos lutando contra os animais da floresta de Ca-an. Ele se distraiu, fazendo as suas anotações, e quase foi morto por um aniano. Quem salvou a vida dele foi outra aniana, cujo nome era Syreni Sunmeri. Ela pegou em sua mão, e explicou tudo o que estava acontecendo, na linguagem dela, e graças ao seu dom formidável de comunicação, Membir entendia as palavras da aniana, e conversava com ela, sem nenhuma dificuldade. Ela carregou Membir nos braços, até uma grande torre espiralada, com desenhos rupestres nas paredes, que se transformavam lentamente em todos os alfabetos conhecidos, e subiram até o topo dela, onde não havia nada escrito nas paredes, apenas uma pedra cinza, e um cinzel de prata, em um altar ensanguentado.

Olhando pelas janelas, era possível ver uma vastidão de terras, com suas cidades, florestas, montanhas e desertos, todos inundados por anianos, que estavam vencendo a guerra. Membir se sentiu no dever de ajudar, e de vingar a morte dos seus pais. Ele pegou a pedra cinzenta, e o cinzel prateado, foi até uma parede, e esculpiu nela um símbolo, o qual ele chamou de "koden", e continuou esculpindo mais 143 símbolos, todos diferentes entre si.

— Syreni, por favor, me dê a sua arma. — A aniana ficou espantada com o pedido do garoto, mas o atendeu mesmo assim. Membir encostou o cinzel no itanakuar da arma de Syreni, e deu algumas batidas leves nele. — Obrigado, pode pegar de volta. — Quando Syreni tocou no cristal da sua arma, sentiu a sua mão arder, como se algo estivesse sendo escrito dentro dela. — Agora, Syreni, você não precisa mais usar os restos mortais dessas feras. Tudo o que você precisa para lutar, está dentro de você. — Explicou, Membir.

Syreni Sunmeri, a primeira abakoden, fundadora do Comando das Águas, estendeu as suas mãos para fora da janela, em direção à cidade incendiada. O chão tremeu, e poderosos gêiseres se levantaram por toda a cidade, apagando as chamas. Enquanto isso, Membir continuou batendo a pedra e o cinzel no cristal de Syreni, e tocando o cristal, repetindo isso para cada centímetro do seu corpo, até o cristal se quebrar, e virar pó.

Alguns anianos entraram no topo da torre, para atacar os dois primeiros abakodens. Membir se levantou, apontou a pedra cinza, e o cinzel de prata, na direção deles, e bateu a pedra no cinzel, provocando uma força invisível e misteriosa, que ao bater no corpo dos anianos, os dilaceraram instantaneamente, deixando-os iguais aos cadáveres dos seus pais.

— E assim, surgiram os abakodens. — Finalizou, Elise, assim que chegamos em um lago de água limpa, com uma cachoeira, e na pedra da cachoeira, o emblema do Comando das Águas. — O nosso emblema é o koden igu! Copiem ele na tabela! — Ordenou, a treinadora, e eu desenhei o koden na célula que continha o seu nome. — A missão de vocês é completar essa tabela usando a técnica que eu ensinei. Estarei observando vocês de longe! — A treinadora decolou, e sumiu dentro da mata, e eu passei a manhã toda enchendo os baldes, e levando para o acampamento. Enquanto isso, as outras aprendizes tentavam detectar os demais elementos. Só eu trabalhava. Até que eu cansei daquilo, e fui tentar acender o que restou da fogueira, para me secar. Fiz o mesmo que a Mayari, repetindo o kodema "tata taina", e me concentrando no cristal, como eu fiz com a antena, até ele se

Lenda de Orande

acender, e emitir os seus feixes de luz na minha mão. Repeti o gesto de Elise, porém, o máximo que eu consegui fazer, foi um pouco de vapor. A treinadora apareceu do meu lado direito, e me falou: — Parece que você não tem o koden "tata" no seu endir. Isso não vai funcionar.

Um dia depois, eu fui buscar mais água, e encontrei as garotas tomando banho no lago. Mariena me chamou para dar um mergulho, mas eu recusei, e coloquei o balde na cabeça para não ver mais nada, e esperar. Mariena riu, e outra garota me depreciou: — Além de feia, e porca, é maluca! — No mesmo instante, Elise veio para dizer que eu não precisava buscar mais água, e quando ela me encontrou com o balde na cabeça, também achou engraçado. — Mantenham o foco na missão e completem a tabela.

No meio do caminho, voltando para o acampamento, eu encontrei uma máquina de escrever, semelhante àquelas da sala de programação, dentro de uma cobertura, feita com pedras, e uma delas tinha um símbolo, que era um círculo, com um traço, e um ponto. Coloquei o itanakuar de Elise na máquina, e fui experimentando uma tecla de cada vez, até uma delas, com aquela estrela de doze pontas, acender o cristal, que emitiu uma luz, apresentando dois símbolos luminosos na superfície da rocha, como um retroprojektor. E assim, eu descobri o motivo dessas máquinas de escrever. Elas imitam as batidas no cinzel de Membir Baquara, para escrever os kodens nos cristais.

Com tentativa e erro, apaguei o símbolo que representava o fogo, colocando aquele do Comando das Águas no lugar. Tirei o cristal, e fiz ele emitir novamente os feixes de luz, na palma da minha mão. — Impossível! Ninguém pode acessar o código-fonte de outro abakoden! — Berrou, Elise, que me espionava, atrás de uma árvore. — Igu taina! — Fiz o gesto de Elise, com o kodema modificado, e nada aconteceu. — Não tão rápido anama Kaina! Você ainda precisa da antena para te ajudar a transmitir o sinal kodênico! — Peguei a antena que ela me deu, e tentei de novo. E de novo, e de novo. Até uma pequena esfera de água surgir na ponta da antena. Toquei ela com o dedo, e isso a congelou, instantaneamente. — Excelente! Você é mesmo uma iviturui! — A antena esquentou, e queimava a minha mão. Tive que soltar ela. Ao fazer isso, a bolinha de gelo se desfez. — Preste atenção. Não faça mais isso. Preciso falar com a abatan antes de você sair por aí acessando e alterando o código-fonte dos outros. Isso é falsificação, entendeu? — Ela voou para longe, e eu me lembrei das tecnologias misteriosas de Teknalia, e do Cyano, que dizia que aquela era uma "cidade de falsificadores". Portanto, todos lá eram falsificadores, e eu era só mais um.

Continuamos a missão que nos foi dada por Elise, descobrindo os símbolos da tabela, espalhados pela floresta, nos locais que representavam os seus significados, alguns dentro dos lares de animais selvagens, perto de colmeias, na beira de abismos, e em outros lugares desafiadores. Detectamos o koden "ami" numa araucária, com uns cem metros de altura. Era o último que faltava. Fiz uma armadura com a casca de uma árvore espinhenta, e escalei a araucária com ela, encontrando o símbolo, que parecia uma aranha em sua teia. Enquanto eu desenhava o símbolo, percebi algo se movendo atrás de mim, mas quando eu olhei, não vi nada. Olhei de novo, e notei dois olhos amarelos no tronco da árvore. Uma aranha gigante estava camuflada, e se revelou na minha frente. Era uma Amian, a treinadora já tinha falado dela antes. A aranha estava zangada, porque eu estraguei a sua teia, e veio tirar satisfação comigo. Eu senti muito medo, mas o refreei, e para me defender, invoquei a espada Iukaeta Sirai. Amian tentava me bater com as suas patas, mas eu me defendia com a espada. O corpo daquela criatura era resistente, e a minha espada não fazia dano. Então, eu tentei atingir os olhos dela, mas era muito difícil. E de tanto dar golpes nas patas da aranha, a minha espada congelou algumas delas. Assim, eu consegui acertar o olho da criatura, que deu um salto, e fugiu. Com a força que ela fez, o galho balançou, e me derrubou. Elise percebeu que eu estava caindo, e me salvou, voando ao usar o seu arco apontado para baixo.

Elise voltou comigo para o acampamento, e logo começou a chover. Ela declarou: — Vocês

completaram a tabela kodênica! Estou tão orgulhosa! O treinamento acabou e vocês estão prontas para a iniciação! Quando chegarmos no Comando das Águas teremos que nos despedir pois eu não poderei mais ajudar vocês! Estudem bastante os kodens da tabela! — A melancolia tocou o coração de várias alunas, que já choravam de saudade da treinadora Elise, mas, as suas lágrimas estavam camufladas de chuva. Tirei a armadura espinhenta que estava danificada pelas patadas da aranha, e me deitei. O ruído da chuva naquele telhado feito pela natureza, era muito bom de se ouvir, e me fez cair no sono. A espada desapareceu enquanto eu dormia. E quando chegou o último dia, desmontamos todo o acampamento, e seguimos Elise de volta para o campo de treinamento. Eu tive uma sensação de missão cumprida. Me sentia mais forte, mais sábio. E estou começando a gostar deste lugar.

Após uma dramática despedida, Elise me chamou, dizendo: — Tenho mais uma coisa para te ensinar. Pegue. — Ela me entregou um bambu com alguns dardos, e apontou para um alvo preso na árvore, que balançava com o vento. — Fiquei sabendo da sua pontaria. Coloque o dardo dentro do tubo de treino e tampe este lado com a palma da sua mão. Depois limpe a sua mente e tente tocar o dardo com o seu endir. Faça o kodema "igu taina" para atirar o dardo e acertar aquele alvo bem ali. — Fiz o que ela ensinou, mas os dardos sequer se mexiam dentro do tubo. — Não consigo fazer isso. É impossível. — Acha mesmo que é impossível? Muito bem, se eu errar faço qualquer coisa que me pedir ou te levo para qualquer lugar que quiser ir. Se eu acertar será você que vai ter que fazer o que eu mandar não importa o que seja. — Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, a treinadora atirou diversas vezes, de olhos fechados, para cima, e até de costas para o alvo, sem errar um único tiro! Elise ganhou a aposta, e eu fiquei com muito medo do que ela mandaria que eu fizesse: — Viu como não é impossível? Deixe-me ver... o que você vai fazer... hum... já sei! Você vai ficar aqui e só poderá sair quando acertar o alvo! Pode começar! — Me senti aliviado, pela cara dela, pensei que mandaria eu ficar pelado para ver se eu era uma garota mesmo, acabando com o meu disfarce...

Eu tentei inúmeras vezes atingir o alvo. Numa dessas tentativas, eu espetei a bunda da Angra. — É pra acertar o alvo e não a bunda dos outros! — Com uma cara nada amistosa, Angra correu atrás de mim, soltando fogo no meu traseiro, queimou até um passarinho, que estava no caminho, e não tinha nada a ver com isso. Fugi para a praia, e mergulhei nela para me esconder. Angra voltou para o comando, e me deixou em paz. Deitei na areia para descansar um pouco, e escrevi esta carta. Mesmo gostando deste lugar, preciso sair dele, pois não sou uma garota, e já estou cansado de fazer essa voz fina. Tenho que procurar por vocês, meus pais. Espero que encontrem esta mensagem.

Lenda de Orande



Ani

Capítulo 12 – A tribo de Elenia Dark

Aqui é Elenia...

...

Aqui é Elenia Dark Setan falando, de uma janela na casa de Obiru, em uma grande, e fantástica, aldeia. Suas casas foram construídas sobre um grande lago congelado. Tudo aqui remete ao passado. Me sinto na pré-história.

Quando eu cheguei nessa aldeia, Obiru patinou sobre o gelo do lago, que refletia as luzes das casas, surpreendentemente rápido. Da porta de sua residência, ele me chamava, e tentei fazer o mesmo que ele, mas tropecei, e caí. Aquele gelo era muito escorregadio, e eu não conseguia andar direito nele. — Vem logo, Sombra Rebelde! Quem é o lerdo agora? Quem?! — O avô de Kaoni me desafiava. Percebi que as casas possuíam colunas, enfiadas no gelo, que lhes davam suporte. Eu usei o meu chicote nelas, e fui puxando o meu corpo com ele, até a casa de Obiru. Os moradores dessas casas me encaravam, com a cara fechada, e meneando a cabeça, eles diziam: — É ela... a leiga que nos atacou... — Você matou os meus amigos! — Tem sorte de ser amiga do iviturui, Sombra Rebelde! — Seu capeta preto roubou o meu lancheeeee!

O avô de Kaoni me levou para os fundos da sua casa, e desenhou no chão, com um cristal inteligente, um retângulo cheio de símbolos enigmáticos. — Preciso ter certeza das suas habilidades, saber se você é mesmo da tribo que eu acho que você é. Entre no retângulo. — Nisso aí, que parece uma armadilha? Vai sonhando. — Isto não é uma armadilha. É um kodema avançado! — Piorou. — Olha, confie em mim. Se eu quisesse mesmo te matar, já o teria feito. Na verdade, eu salvei você. Entre logo no kodema. — Hum... tá bom, só porque você é o avô de Kaoni.

Entrei naquele retângulo. Obiru gritou "kodan", e nada aconteceu. Ele gritou "kodan" novamente. E nada aconteceu, de novo. — Justamente o que eu suspeitava. Você é uma setan. — Sou o quê? — Aquela entidade, que você viu no seu sonho, se chamava Setan. Ela habitava uma pirâmide, perto dos nômades do deserto de Aram. Esses nômades sofriam muito, pois o deserto era muito quente de dia, muito frio de noite, e ainda por cima, radioativo. — Nossa, mas é impossível sobreviver num lugar como este. — Sim. Por isso mesmo eles moravam em casas subterrâneas. Mas não podiam ficar o tempo inteiro lá embaixo. Tinham que sair, para buscar alimento, e água. Setan os ajudou, quando transformou os nômades em guerreiros para o seu exército. Você é descendente destes guerreiros, Elenia Setan. — Setan... mas, o meu sobrenome é Dark. — Seus pais devem ter algum motivo para esconderem isso de você.

Sentei no chão, e comecei a chorar, lembrando dos meus pais, e da mentira que durou todo esse tempo. Se tem uma coisa que eu detesto, é quando mentem para mim. E para me deixar ainda mais atormentada, as pessoas lá fora continuavam me xingando, enfurecidas. Obiru ficou em silêncio, parado, me observando. — Isso não vai ajudar, controle-se. Farei com que seja respeitada por todos, depois de treinar você. Eu prometo. Agora venha. Você precisa descansar.

Voltei para a sala da casa de Obiru, e sentei no sofá, tentando entender tanta mentira, e tanta confusão, até cair no sono. E quando eu acordei, Obiru tinha saído. E eu estava faminta. Fui para a cozinha da casa dele, e olhei os retratos da família de Kaoni. A mãe dele estava com uma névoa branca em torno da pele, e o pai, com uma aura escura. Perto desses retratos, havia um livro bem robusto, com o mesmo emblema que eu vi entalhado naquela mesa, no porão da casa de Kaoni, em Teknalia, e um monte de símbolos no título.

Eu estava quase tocando naquele livro, quando o Obiru deu um berro escandaloso atrás de mim, me assustando: — NÃO TOQUE NESTE LIVRO!!! — AAAAHH! — Com o susto, eu soltei

uma sombra da minha mão, que atingiu o corpo do velho, escurecendo ele todo. — Tire o seu ina de mim, imediatamente! — Não sei fazer isso! — O QUÊ?! SABE ATIRAR INA, E NÃO SABE PEGAR DE VOLTA?! — Coloquei as mãos na sombra que estava nele, me concentrei, e puxei ela de volta para dentro de mim. — Hum... muito bem... você já sabe fazer o inasar... Iviturui Tama! — O avô de Kaoni me pegou desprevenida, congelando toda a casa, e o meu corpo, até o pescoço. — Ei! Por que fez isso!? — Este é o seu treino, jovem setan! Livre-se do meu gelo, usando o seu ina, sem aumentar a sua temperatura! É muito mais eficiente! — Eu simplesmente não sabia como fazer isso. Fiquei tentando soltar o meu ina no gelo, até a minha temperatura atingir o nível crítico, e eu apagar.

Acordei no sofá, toda coberta, e o aquecedor estava ligado. Obiru descansava no quarto dele, enquanto eu matava a minha fome. Quando ele despertou, a primeira coisa que fez foi me proibir de tocar naquele livro curioso. — O que tem naquele livro, que eu não posso ler? — O velho sentou numa cadeira de balanço, e me contou uma longa história, mostrando um daqueles cristais inteligentes. Segundo ele, a origem do poder de todas as feras mitológicas, está nesses cristais, que ele chamou de itanakuares. Eles memorizam energias, dentro, e fora deles. Para me demonstrar isso, Obiru pegou um bastão comprido com pavio, e o acendeu. — O que é isso? — É uma vela. Itanakuares são intermediários entre os seres vivos, e as coisas não vivas. — Enquanto me explicava, Obiru colocava o itanakuar na chama daquilo que ele chamou de vela. Depois, apagou a chama da vela, e se concentrou no cristal, que brilhou, e pegou fogo. — Existem itanakuares selvagens. É muito perigoso tocar neles, pois não há como saber o que ele fará. — O avô de Kaoni continuou a explicação. Ele disse que alguns animais se adaptaram aos itanakuares, e os utilizam como instrumentos de defesa, e ataque. Como é perigoso tocar nesses cristais, sem saber o que eles memorizaram, alguns humanos construíram objetos mágicos com os restos mortais dos animais que usavam estes cristais. E mais tarde, descobriram uma forma de saber os segredos desses cristais, alterá-los, e transferir o poder contido neles para o corpo de seres humanos, animais, e objetos. O que ninguém esperava, aconteceu, e os kodemas que foram gravados nos seres vivos, através desses cristais, se mostraram hereditários, dividindo a população em várias tribos, e espécies. O maior líder da época, Membir Baquara, percebeu uma rivalidade entre as tribos, que terminaria em uma trágica guerra abakoden. Então, ele escreveu um livro para cada tribo, utilizando para isso, uma caneta de itanakuar, ensinando tudo sobre as outras tribos, e como vencê-las. E o livro que ele me proibiu de tocar é um deles. É o livro da tribo iviturui. — Com estes livros, todas as tribos podem dissuadir umas às outras, evitando, assim, que a guerra se concretize. Mas, além de palavras, Membir Baquara deixou muitos kodemas nesses livros, que os protegem das mãos erradas, através de maldições kodênicas. — Concluiu, Obiru. — Já que você está querendo tanto ler um livro, por que não lê este aqui? — Ele tirou um livro da estante, e me entregou. Era um livro que explicava o que era o meu ina. Mostrava o desenho de um átomo, cujo o núcleo era um círculo, com um ponto dentro, de nome "num". Ao redor dele, giravam duas partículas diferentes, e menores, chamadas de "ecatu" e "poxy". Ao lado do átomo, estava o meu ina, que era apenas uma bola preta, e mais nada. O meu ina, dizia o livro, pode anular a massa da matéria, fazendo com que ela fique sem peso, e possa atravessar a matéria comum. Isso me deu uma ideia. Coloquei a maleta de chumbo do Infinitarion na minha frente, atirei o meu ina nela, mas ela não ficou escura. Frustrada, voltei para o livro, e ele explicou que o chumbo é muito rico em "num". Por isso, tem propriedades únicas, como a densidade ilimitada.

Passei horas atirando o meu ina na maleta, mas nada acontecia. — Maleta idiota! — Peguei a maleta com raiva, e sem querer, descarreguei uma grande quantidade de ina nela, deixando ela toda preta, e leve como papel. Levantei a maleta apenas com o dedo mindinho. E fiquei muito contente. Consegui vencer a maleta!

Continuei lendo aquele livro, até pegar no sono. E acordei, ouvindo uma voz bem grave, dizendo assim: — Esta é a promessa do deserto: nem um grão de areia te atingirá de noite, e nem um raio de luz te atingirá de dia! — Ao final dessas palavras, eu acordei, e elas não saíram mais da minha cabeça. Eu ficava repetindo aquilo. Decidi dar uma volta, para espairer um pouco. Com o meu chicote, eu prendi a maleta nas minhas costas, como uma mochila, e a cobri com o meu ina, para ficar mais leve. Durante o passeio, eu usei a minha percepção extra, pra ver se eu sentia alguma presença conhecida, e fiquei espantada com o que eu senti. Corri pela cidade, esbarrando nas pessoas, que soltavam as suas ofensas pelas minhas costas, e eu as respondia com o meu dedo do meio, até uma fazenda cheia de ovelhas, para confirmar a minha suspeita: — KAIENAN!? — Hã? Elenia? ELENIA! Achemos que você tinha morrido! — Abracei o meu amigo, lá do grupo dos Sombrios de Teknalia. — O que você está fazendo, aqui? — Eu que te pergunto! Por que você tá aqui, num lugar desses, Kaienan? — Pois é. Você descobriu mesmo. Sou um abakoden. Abaete abakoden do céu, e futuro abasai! Vim aqui comprar uma coisa que eu estava precisando. Inaie! Vem aqui! É ela! Aquela setan, que eu te falei outro dia! — Kaienan chamou um menino, de uns 12 anos mais ou menos, que girava um cajado maior que ele, e com isso, fazia as ovelhas voltarem para dentro do curral. O menino fechou o curral, e veio correndo pra perto de nós. — Elenia, esse menino é um grande aliado meu aqui de Imeri, conheço ele desde quando era bebê, o nome dele é Inaie Iasiyaterere. Inaie, essa aqui é a Elenia Setan. — Ele sabia o meu nome verdadeiro, e nunca me contou. Que mancada, a dele.

Conversamos bastante, para colocar os assuntos em dia. Depois, Kaienan tirou do bolso um cristal, no formato de uma folha de árvore. Inaie também tinha um, dentro do seu manto. Eles tocaram um cristal no outro, como eu fazia lá em Teknalia, com o meu cristal de créditos, para comprar alguma coisa. Peguei o meu cristal de créditos, para fazer uma comparação. Kaienan tocou o dele no meu, enquanto eu tava distraída, e o meu cristal se quebrou, ficando igual ao dele. — O que você fez com o meu cristal de créditos?! — Era um cristal de Kaa disfarçado. Com ele, seu esforço pode ser recompensado pelo esforço de outra pessoa. Não é uma troca, é uma recompensa gerada pelo sistema, então, não tente ficar milionária aqui, pois não existe lucro. — Um sistema... foda-se o sistema! — Joguei meu cristal de Kaa no chão, e pisei em cima, esmagando ele como se fosse uma barata. — Elenia! Sua maluca! Aqui não é como Teknalia! Como você vai viver sem um cristal de Kaa?! — Eu me viro! — Ela é doida mesmo. Vai dar muito trabalho para vocês. — Comentou, Inaie. — Vou te acompanhar até a casa de Obiru. Depois, verei se dá para fazer outro cristal para você, sem zerar os seus Kaas. Elenia, Elenia...

Segui Kaienan pela aldeia, e ele percebeu que as pessoas daqui me odeiam. Meu amigo já sabia o motivo. — Conte comigo, sempre que precisar, líder dos sombrios. — Ah. Agora, ganhei um novo apelido: "Sombra Rebelde". — Combina com você. Agora, tenho que ir. Preciso cumprir uma missão de espionagem. — Toma cuidado com aquilo, de ficar conversando no radiotransmissor, durante a missão. Sei que você gosta de puxar assunto, mas, não quero perder um amigo como você. — Nos despedimos, e eu entrei na casa do avô de Kaoni, onde ele estava de pé, me esperando, e me interrogou: — Onde você estava? — Fui dar uma volta, e... — Não é bom você andar sozinha agora. Vamos prosseguir com o treino. — Obiru fez aquilo de novo, congelando a casa toda. Mas eu ainda não conseguia me livrar do seu gelo, sem aumentar a minha própria temperatura. O avô de Kaoni parecia decepcionado. — Um dia, jovem setan, você será uma antiabakoden, igual aos seus pais. E eu vou ser um dorminhoco, agora, me dá licença que eu vou me deitar. — Mas, tá cedo! — Eu tenho 99 anos! Estou gastando quase todo o meu endir em você, garota! Espero que você faça o meu esforço valer a pena!

Obiru foi dormir, mais um dia se passou, e novamente eu estava congelada até o pescoço. Consegui livrar as minhas mãos, depois de muita concentração, colocando ina no gelo delas. Mas

Lenda de Orande

Obiru refez o "iviturui tama", e congelou ainda mais o meu corpo. — Ei! Isso não vale! Assim fica muito difícil! — Ah, é mesmo, é? E você acha que o seu inimigo vai facilitar pra você, é? — E assim, se passaram vários dias, até que eu gritei: — NEM UM GRÃO DE AREIA, E NEM UM RAIOS DE LUZ! AAAAAAAH! — Meu ina emanou do meu corpo, e cobriu todo o gelo de Obiru. A casa ficou numa total escuridão. — Isso, jovem setan! Você conseguiu vencer o iviturui tama! — Senti a tatuagem no meu pescoço ardendo, e desmaiei logo em seguida.

Quando acordei, Obiru me trouxe um amuleto, com aquele símbolo que os abakodens daqui usam, e me falou: — Parabéns, a partir de hoje, você é uma abamirim do céu. Agora, você será mais respeitada aqui dentro. — Legal! — Me espere aqui. Vou falar com o abatan sobre você. Voltarei antes do que você imagina. — Duvido. — Obiru saiu de casa, e eu fui no banheiro. Vi no espelho que o símbolo em meu pescoço mudou, agora era um círculo com traços, e não havia nenhum resquício da marca anterior.

Estou entediada aqui, esperando ele voltar, por isso resolvi gravar essa história. Acho que vou sair, para treinar um pouco. Desligando.

Capítulo 13 – O dia da iniciação

Nae, meus pais. Enfim, começou a iniciação! Várias anamas, com habilidades incríveis, não concluíram a anterior, e tiveram que repetir! Mas eu treinei muito, me esforcei, e estou motivado. Ainda bem, porque eu preciso cair fora daqui. Tenho medo de ser descoberto a todo instante.

Depois de jogar a mensagem anterior no mar, fiquei na areia, esperando a Lua nascer do oceano. Quando ela nasceu, era enorme e bonita. Nunca vi uma Lua dessas. Parecia estar tão perto, que eu poderia tocar nela. E então, eu lembrei de quando eu morava em Teknalia. Lá eu não via a Lua, o Sol, e o céu era apenas pequenos espaços entre os edifícios. A praia, onde eu estava, ficou toda escura, mas era tão calmo aquele lugar, que eu acabei dormindo, lá na areia mesmo.

Acordei sendo chutado, de manhã bem cedo, antes do Sol despontar no horizonte. Foi a Alina, quem me chutou: — Ai, perdão! Achei que você fosse só mais um defunto. Nae, Kaina. O que você está fazendo aqui? — Nae, Alina. Eu caí no sono, admirando a paisagem. E você? — Eu gosto de treinar meus golpes na praia, é mais espaçoso. Observe, e aprenda. — Fiquei perplexo ao ver a perfeição nos movimentos de Alina. Ela até jogou os machados para cima, fazendo malabarismos.

Luzes cintilantes apareceram nas ondas do mar. E delas, saíram águas-vivas, com cérebros humanos dentro delas, e uma espinha dorsal metálica conectada nele. Esses seres bizarros desafiavam a gravidade, e nos atacaram, soltando raios elétricos para baixo. — Kaina! Espero que você tenha melhorado a sua pontaria! — Iukaeta Sirai! — Minha espada apareceu flutuando sobre um cadáver, reluziu, e se transformou no funcionário da *Ring Corporation*: — Classificar, e copiar, classificar e... o quê? Que lugar é este? — O homem ficou confuso, e quando viu as águas-vivas, saiu correndo. Os golpes da Alina eram certos, mas ela jogou tudo o que tinha, e também ficou desarmada. — Kaina! Meus cálculos estão me dizendo que é melhor correr!

Voltamos para o Comando das Águas, em disparada, nos desviando dos raios. Encontramos a treinadora Mayari, que jogou um pequeno itanakuar na direção de uma água-viva, dizendo: — Ita Siraipan! — O cristal se transformou em um disco metálico, que dividiu a água-viva no meio. — Suspeito que isso seja obra dele, o abatan traidor! Jaguar Raipan! — Uma intensa batalha começou, e eu tentei ajudar com a minha espada, mas não obtive muito sucesso, e esse combate só terminou na plenitude daquela manhã. Me sentei na grama, ao lado de Mariena, conversando sobre muitas coisas: — Hoje é o dia, amiga... o dia da iniciação... ah, eu sempre fico ansiosa com isso. E você, como está se sentindo? — Perguntou, Mariena. — Normal. — Respondi. — Normal? Como é difícil saber o que você sente... viu o que aconteceu na praia? De onde são aquelas pessoas? — Não sei. — Todas estão comentando sobre isso. Que horror! Estragou a nossa linda praia. Então, me fale mais de você Kaina. Seus pais, eles são abakodens também? — Não. Eles são lenhadores. — Mas abakodens podem ser lenhadores também. Podem ser cientistas, artistas, e até enfermeiras, que é o meu caso! Você sabia que tem muitos abakodens infiltrados nas cidades, tentando torná-las menos hostis para nós? Eu queria conhecer os seus pais, onde eles estão? — Eles se perderam em uma floresta, e nunca mais voltaram. — Ai, desculpe eu não sabia... não queria te deixar assim... — Tudo bem. Eu vou descobrir onde eles estão, mas o colar que a minha mãe me deu não vai dar pra pegar de volta... ele tem uma pedra muito bonita, que lembra a minha mãe. — Que triste, Kaina... mas quando você encontrar a sua mãe, ela vai te dar outro, tenho certeza. Eu preciso completar essa iniciação, para salvar a minha mãe. — Salvar a sua mãe? — Sim. Ela tem uma doença que o meu pai não conseguiu curar. Se esforçou demais, o seu endir entrou em colapso, e infelizmente ele morreu. — Mariena ficou muito triste, e a nossa conversa foi interrompida pela Elise, convocando todas as anamas para a iniciação. A enfermeira enxugou suas lágrimas com o braço, e me levou até a Elise, que caminhava para dentro da floresta, em um estranho silêncio. Quando chegamos em uma

clareira na selva, Mariena olhou contente para mim, e disse: — Kaina! Somos tão amigas, que se você fosse um menino, eu seria a sua namorada! — Suei frio, e pensei em contar a verdade para ela, mas eu me acalmei, e mudei de ideia logo depois, quando pensei nas consequências. Ela ficou dando risadinhas, e alguma outra anama começou com os comentários de mau gosto: — Nunca vemos Kaina no banheiro, e ela vive se escondendo no mato, você não acha que... — Silêncio! — Gritou, Elise, entregando para as aprendizes vários daqueles portais de emergência, que o Majui me deu. — Aqui começa a iniciação. É simples. Procurem um templo no meio desta floresta onde tem um amuleto como este que eu estou segurando. Quem voltar com o amuleto será promovida a abamirim das águas. Boa sorte para todas vocês e façam aquilo que ensinei! Agora joguem os portais de emergência no chão e entrem neles! — As outras alunas jogaram os cristais no chão, e trocaram de lugar com pedras e troncos. Eu fiz a mesma coisa, e o portal levantou uma parede de luz, que me impedia de ver o que acontecia do lado de fora dele. Quando a parede luminosa desapareceu, eu não estava mais na clareira. Fui parar em algum lugar na mata profunda, em cima de uma plataforma.

O primeiro dia na selva foi bem tranquilo, as horas passaram, e fui explorando a floresta, à procura do templo. Encontrei uma grande árvore espinhenta, que cresceu torta, com o caule meio deitado. Andei por esta árvore, até chegar em sua copa, bem acima das outras. Tentei visualizar algum templo de lá, mas só havia um extenso tapete de cores selvagens. Aproveitei para pegar um pouco da casca de espinhos desta árvore, antes de descer dela. Fiz outra armadura com o casco de espinhos, para me proteger das feras, e uma lança, para me defender, e pescar. E depois de algumas horas, eu estava faminto, e com a garganta seca. Peguei a antena, e fiz um "igu taina". Ele apareceu um pouco maior, e eu bebi a sua água. Mas a antena queimou a minha mão.

Continuei desbravando a mata, pegando algumas frutas, cogumelos, cascas e raízes comestíveis. Peguei também aqueles que podem servir para remédio, e curativo. E já ao entardecer, eu encontrei um abrigo natural: uma grande pedra apoiada em uma árvore. Mas ao entrar no abrigo, me deparei com um sobiur deitado lá. Ele acordou com a minha presença, e saltou em cima de mim. Escapei dele com uma cambalhota, e feri o animal com a minha armadura. Ele também me feriu no ombro com as garras afiadas, e tentava me cortar com elas, mas eu me defendia com os espinhos da armadura. O felino tentou me morder, mas eu o impedi com a lança, que se partiu no meio. Então, o sobiur tomou distância, e chicoteou o seu rabo em minha perna, furando ela. Doeu muito, e a criatura ainda tentou me puxar com a cauda, mas eu atravessei a ponta da lança quebrada nela, prendendo-a no chão. Ela me soltou, e eu fugi mancando. O sobiur ainda tentou me perseguir, mas estava com o "rabo preso", ao pé da letra. Fui para bem longe, já estava escurecendo, e eu precisava de um lugar seguro, para tratar os meus ferimentos, e descansar a noite toda. As perfurações na minha perna não paravam de sangrar.

Encontrei uma grande árvore. Suas raízes estavam expostas, e montei nelas um abrigo simples. Invoquei a minha espada para o caso de outra criatura me atacar, mas ela não apareceu. Tratei os meus ferimentos, enquanto eu ainda tinha um pouco da luz do Sol, utilizando uma erva com propriedades de limpeza, a qual eu mastiguei, e esfreguei nas feridas. A outra planta servia para a cicatrização; ela solta uma gosma quando é espremida. Tudo me foi ensinado por Elise. E quando terminei de cuidar dos ferimentos, a escuridão reinou absoluta, então, decidi dormir.

No segundo dia, meus ferimentos não mais sangravam, porém, doíam. Eu continuei explorando a floresta, em busca do templo, desviando das armadilhas, algumas delas, já ativadas, e com esqueletos nelas. Essa iniciação é mais séria do que eu imaginava. E no meio do caminho, eu avistei um amuleto igual ao que Elise mostrou, pendurado em um galho, mas ao me aproximar dele, percebi que era falso. Tomei distância, e mexi no amuleto com um galho comprido. Uma rede,

escondida no chão, se levantou, e ficou pendurada. Minha experiência com réplicas me salvou dessa armadilha.

Andei o dia todo, e nada de chegar no templo. Recolhi quatro galhos bem resistentes em forma de "Y" e vários galhos retos. Peguei, também, cinco varas de bambu, e alguns cipós. Procurei um local plano, e enfiei os galhos em "Y" no chão. Depois, apoiei um galho reto em cada par de "Y", formando duas pontes, onde apoiei os outros galhos menores, construindo uma cama. Os bambus eu usei para enfiar no chão também, fazendo dois "X" nas laterais da minha cama. O bambu que sobrou eu apoiei em cima dos outros. Peguei várias folhas de palmeiras, e amarrei nos bambus, usando os cipós, construindo o meu abrigo. E passei o resto do dia tentando acender uma fogueira, sem sucesso. Novamente, eu dormi no escuro total da selva. A vantagem disso é que dificilmente eu seria encontrado por alguém.

No terceiro dia na floresta, eu acordei deitado na cama que eu fiz, e que me protegeu do vento e da chuva. Continuei explorando a selva, em busca do templo. E algumas horas depois, eu precisei repor líquidos, mas a minha mão já estava em carne viva, de tanto usar a antena. Pra resolver isso, eu fiz aquela técnica de ouvir os kodens da natureza, e segui na direção do "igu". Minha perna não estava mais doendo, até afundar em uma armadilha. Fiquei preso em um buraco, onde duas tábuas de madeira, com lâminas, faziam pressão contra a minha perna. Quando eu tentava tirar a perna, as lâminas me cortavam, era uma armadilha perfeita. Dentro do buraco tinha um pouco de água. Eu precisava escapar logo dessa armadilha, para não ser eliminado, ou morrer. Enfiei a mão no buraco, para desarmar o mecanismo dela. Foi muito complicado, mas consegui. Minha perna estava muito machucada novamente, e desta vez, eu não tinha a Mariena por perto, e nem plantas medicinais. Hidratei meu corpo bebendo a água acumulada nas flores, folhas, e dentro de algumas plantas, e cipós, enquanto procurava o templo. No final da tarde, o céu se fechou, subitamente. Para me proteger de uma possível tempestade, busquei um outro abrigo mais seguro, e encontrei uma velha cabana, no meio de um cemitério. Logo quando eu entrei, já tranquei a porta, e ouvi uma senhora idosa me dizer, lentamente: — Tire as sandálias ao entrar no templo, meu jovem. — A velha enrugada me assustou. E ela carregava dois escudos em seus ombros, que mais pareciam dois cascos de tartaruga. Se ela prendesse um nas costas, qualquer um pensaria que era uma tartaruga mesmo. Nas bordas desses escudos havia vários símbolos ilegíveis. Ela não usava brinco, e sim, um broche na sua roupa: um pequeno círculo com três pontos pretos, um em cima e dois nos lados. Do círculo saíam três traços que cruzavam os pontos. Outro detalhe, que chamou a minha atenção, foi o fato de ela saber que sou um garoto, pois ela me chamou de "meu jovem". Como eu ainda não sabia quem ela era, chamei ela pelo primeiro nome que me veio à mente: — Vovó Tartaruga? Este aqui é o templo? Como sabe que... — Meu nome não é Vovó Tartaruga. Por que todos me chamam desta maneira? Meu nome é Maris Baquara! E você não enganou a sua treinadora. — E, por que não fizeram nada? — Decidimos deixar como está, afinal é a primeira vez que as águas trazem um menino para cá. Enquanto estiver aqui, você deverá continuar disfarçado, e respeitando as meninas. — Maris pegou uma cumbuca com um chá, e entregou para mim, dizendo: — Após beber este chá, eu te darei o amuleto. E então, poderá sair da ilha, se assim desejar. — Só isso? Tá fácil. — Sim, só isso. Beba. — Tá bom. Tô com sede mesmo. — Seja persistente como as ondas, simples como a água, e sábio como o oceano. Agora, sente-se, e beba o chá, meu jovem.

Tive receio de beber um chá, de uma velha que morava em um cemitério, mas decidi beber assim mesmo, para pegar logo esse amuleto. O que aconteceu depois que bebi esse chá, foi uma experiência muito insana. Primeiro, eu adormeci, e ao abrir os olhos, me encontrei no fundo do mar. Acima de mim tinha uma fonte de luz. Eu comecei a nadar na direção da luz, mas não consegui me aproximar dela. E quando eu já estava quase sem ar, pensei ser esse o fim de tudo, mas logo lembrei de Maris ter dito para ser persistente como as ondas. Fiz o que ela me disse; voltei a nadar na

direção da luz, e quase morrendo afogado eu entrei em uma caverna, fora da água. Me levantei com dificuldade, e vi duas escadas, uma subindo, e outra descendo. Pensei em subir, mas ao ver a água que escorreu do meu corpo descendo a escada, logo me lembrei do que Maris havia dito, para ser simples como a água. Então, decidi ser como a água, e descer, até final da escada, onde eu encontrei uma sala com dez taças de tamanhos diferentes, e com a mesma quantidade de água. Peguei a maior taça e bebi a sua água. Tive uma péssima surpresa. Quando terminei de beber, estava novamente no fundo do mar, e questionei a mim mesmo: — O que fiz de errado?

Sem entender coisa alguma, fiz o percurso todo novamente, e quando cheguei na sala das dez taças, decidi tentar uma de cada vez. Repeti tudo mais nove vezes, e sempre voltava para o fundo do mar. Exausto, na sala das dez taças, e sem mais ideias, perdi a minha paciência: — É esta a iniciação? Ficar preso aqui pra sempre?!

Sentei no chão, e fiquei observando as taças, até eu me lembrar de mais uma coisa que Maris me disse, para ser sábio como o oceano. Após um tempo, eu descobri a solução. Peguei a taça menor, e despejei a sua água na maior, e assim por diante, até encher a maior das taças. E enquanto eu bebia a água da taça, presenciava uma época no passado, como se eu fosse uma parte do mar: Primeiro, eu estava na praia, e via pessoas primitivas, de muito tempo atrás, se banhando, felizes. Milhares de anos se passaram em segundos, as civilizações se desenvolveram, vi toda a água da Terra sendo poluída, e os humanos se matando por água limpa e comida, até o mundo inteiro virar um campo de batalha. Durante essa guerra, a estrela do planeta Ani brilhava no céu, e uma corrida espacial começou, com as nações buscando recursos fora da Terra. Foi quando descobriram os itanakuares, no planeta Ani. Alguns desses cristais produziam recursos, outros, matavam quem os tocassem, das formas mais variadas possíveis. Era pura sorte, uma loteria da morte. As nações lutavam entre si por esses cristais, roubavam os cristais uns dos outros, e um grupo de humanos não retornou mais para a Terra, ficando em Ani, e construindo lá um império. Por causa do Império Aniano, os humanos da Terra não conseguiam mais coletar os cristais, e os que já estavam aqui, se quebravam pouco a pouco. As nações, que antes guerreavam umas contra as outras, se uniram para eliminar os anianos, no que deve ter sido a famosa Guerra da Reconciliação, que reiniciou o calendário.

Finalmente, acordei, com muita tontura, e cansaço. Um frio repentino gelificou as gotas de água da chuva, criando um granizo que batia no telhado. — Você conseguiu, meu jovem. Pegue este amuleto, e volte para o campo de treinamento. — Disse, a abatan, entregando um amuleto para mim. — Agora vá, jovem abakoden, e se torne cada vez mais forte. Tudo o que você precisa para lutar, está dentro de você!

Estou voltando agora, para entregar o amuleto à treinadora Elise. Deixei esta mensagem em um pequeno riacho, que deve desaguar no mar. Estou quase terminando a iniciação, falta pouco.

Capítulo 14 – O domador de igataes

Aqui é Elenia Dark Setan falando.

Eu estava treinando, no alto de uma colina gelada, quando eu senti algumas presenças se movimentando ao redor da aldeia. Com o meu rifle, deitei na neve, e fiz contato visual, pelo monóculo, usando o zoom. Eram mais de 30 daqueles tigres dentuços. Quando eu esta prestes a apertar o gatilho, um rapaz parou bem na frente do rifle, para me impedir: — Não faça isso, Sombra Rebelde! — Tirando o meu olho do monóculo, vi que ele vestia aquele manto, e tinha um livro preso em suas costas. No pescoço, mais perto do ombro, uma tatuagem de dois traços se cruzando, e um deles lembrava uma seta, parecida com a tatuagem de Kaienan. Perguntei quem ele era, e ele me respondeu: — Sou o Ani Abaete Emio Baquara, e vim para impedir a extinção da nossa fauna! — Que bom! Agora, saia da frente, preciso matar esses tigres! — Não! Você não precisa! — Você não tá vendo que eles vão nos atacar, e destruir a aldeia?! — Tentei empurrar ele, mas ele resistiu, e tentava me derrubar. Enquanto nós dois brigávamos, os tigres chegavam cada vez mais perto. E momentos depois, eu consegui o imobilizar por trás, e ele me disse: — Eu posso resolver isso, sem machucar eles! Sou um abatae! Me larga! — Um o quê?! — Um abatae! Um abakoden domador de feras! — Pensei por alguns instantes, e o soltei, dizendo: — Então, não perca tempo! Acalme esses tigres, Emio!

O rapaz se agachou, tirou o livro das suas costas, e o folheava, enquanto os tigres avançavam em nossa direção. Eu me indignei: — Ei! O que você está fazendo?! Vai contar uma historinha para eles, seu maluco?! — Achei! — Emio se levantou, apontando o livro aberto para os tigres. A escrita das suas páginas acenderam, com um brilho que mudava de cor. — NAE, IGATAE!!! — Gritando bem alto essas palavras, Emio fez os tigres reduzirem a velocidade. Eles nos encaravam, todos ao nosso redor. Para me prevenir, eu peguei meu rifle, discretamente, e o Emio me repreendeu: — Não, Sombra Rebelde... assim vai dar tudo errado... ôôôô saco, por que eu fui virar abakoden... — Mas, o que foi agora? — Largue isso, para não ameaçar eles. NAE!!! NAE, IGATAE!!! — Os tigres se deitaram, olhando para Emio, atentamente. — Eles estão com raiva de você. Sabem que foi você que matou um deles, pelo cheiro de igatae morto, que se impregnou em seu corpo. — Eu não tinha escolha! — E porque você não tomou um banho?! — Tomar banho, nesse frio!? — Puta que o pariu... por que comigo... não aguento mais... só problema na minha vida... — Nossa, que "deprê". — Pegue o livro de abatae das minhas mãos. Ele é seu. Com ele, você vai recuperar o respeito desses igataes. — Fiz o que ele me disse, e os tigres rosnaram para mim, me deixando aflita. — Mantenha a calma. Não demonstre medo. Você também é uma abatae. — Eu sou o quê? — Emio se sentou no chão, e ficou desanimado, apoiando a cabeça em uma das mãos. Quando eu olhei de volta para os tigres, eles estavam se levantando. Coloquei minha outra mão perto da Brilhante, para me defender dos tigres, mas eles deram meia volta, e retornaram para onde vieram. Sentei ao lado dele, aliviada, com o livro nas mãos. — Ufa... obrigada. Mas, que livro é esse? — Você não ouviu o que eu acabei de dizer? É o seu livro de abatae. Cada página dele possui a descrição de um animal diferente, e é capaz de domar o animal descrito nela. Existem muitos por aí, e esse é seu. Foi adaptado para você. Ele tem uma bateria interna de itanakuar, que precisa ser recarregada com o endir de outro abakoden. — Uma bateria? Pra quê? — Ele murmurou para o céu, choramingando, e derrubou sua cabeça nas mãos. Que cara chorão, e pessimista!

Guardei o livro de abatae dentro da maleta do meu rifle, e voltei com Emio para a casa de Obiru, onde ele me perguntou se eu queria trabalhar como abatae, para colaborar com os abakodens, mantendo a aldeia protegida, e cuidando da fauna e da flora. Um trabalho, e tanto, mas eu aceitei, pois achei ele muito interessante. Ele me perguntou do cristal de Kaa, e eu falei que o destruí, pois não queria fazer parte de sistema nenhum. — Ah, por que me escolheram para te ensinar... sou o ser vivo mais fodido do Universo. — Se não quiser me ensinar, não precisa, seu chato. — Eu preciso, é

a minha missão.

Ele se despediu de mim, e foi para a casa dele. Eu tomei um banho doloroso, de água congelante, para tirar de mim esse cheiro de tigre morto, e fui dormir, repondo as minhas energias. Quando acordei, Obiru estava na cozinha, e eu fui contar para ele as novidades. Porém, ele já sabia de tudo: — Eu que sugeri isso para o abatan, jovem setan. Com esse trabalho, você conseguirá o respeito de qualquer abakoden, em qualquer um dos nossos comandos. — O avô de Kaoni abriu uma gaveta, e me entregou um manto dobrado, dizendo: — Agora que você é uma de nós, deverá usar o nosso manto tradicional. Pode pegar, é seu, jovem setan. — Eu coloquei o manto, e não gostei nem um pouco: — Não preciso disso. Vai me atrapalhar, fica em cima do meu ra... quero dizer, chicote. Tira a minha agilidade. Pode pegar de volta, não quero. — Mas isso é contra as regras! Você deve honrar a tradição do Comando do Céu! Use o manto, menina! — Uso nada. Que regra inútil! O Kaienan não usa essa porcaria. Por que eu tenho que usar? — O QUÊ VOCÊ DISSE?! Isso não é porcaria! Os jovens de hoje não dão valor às tradições, mas eu dou, e você é a minha aprendiz! Vista esse manto, Elenia Setan! — Não vou vestir manto nenhum. — Ah, você vai! Vou pôr em você, nem que seja na marra! — HAHHAHAHAHA!!! Você leva meio século pra andar poucos metros! — Obiru se arrastava na minha direção, muito lento. E quando chegava bem perto, querendo me pôr o manto, eu dava um passo para trás. Repetimos isso pela casa, por várias horas. Eu queria fazer ele desistir de pôr o manto em mim. Até que ele perdeu a paciência: — Iviturui Tama! — O avô de Kaoni tentou me congelar, mas eu me livreí com o meu endir sombrio. — Desiste, você não vai conseguir por isso em mim. — Hum... tem razão... — Obiru parecia ter desistido, voltando para devolver o manto, mas eu estava enganada.

Dois dias depois, ouço alguém batendo na porta. Quando eu abro, não vejo ninguém. Fechei a porta e me virei. No mesmo instante, um rapaz negro, de cabelos enrolados, a cara do Majui, saltou para dentro da casa pela janela, numa velocidade absurda. Estava quase colocando o manto em mim. Eu me esquivei, ele deu um salto, e parecia ter grudado no teto. Depois deu outro na minha direção, tentando me pôr o manto, e eu fugi dele. Ele quase conseguiu. Tive que ficar me desviando dele o tempo inteiro. Não parava por um segundo, ficava de um lado para o outro, tentando vestir o manto em mim. Era tão rápido, que mal dava tempo de respirar. Seus movimentos faziam ventanias. Tentava me dar rasteiras. — RÓ! A... A... AJU... DA! — RÓ! — Armadilhas foram deixadas na casa inteira. Mas esse rapaz passava por elas sem ser atingido, de tão rápido que ele era. Agora, eu que tinha que tomar cuidado para não cair em uma.

O rapaz subiu a parede, e gritou: — Ivtueres! — Uma corrente de vento puxava os objetos da casa para ele, quebrando todos, e era tão forte, que me puxou junto. Com um salto, o moço destruiu a parede atrás dele, e veio tão rápido que me atingiu em cheio, me jogando contra uma parede, que se quebrou nas minhas costas, e eu fui parar do lado de fora da casa de Obiru. Eu ia estalar os meus dedos, mas ele segurou a minha mão, antes que eu pudesse fazer isso, e me jogou para o alto, levantando a neve junto. Ainda em pleno ar, ele apareceu por trás, e me deu um chute, me jogando no chão do centro da aldeia, onde tem um monumento de um bode, com dois chifres em espiral, e um pontiagudo, como o de um unicórnio. Quando eu pensei em me levantar, a capa encostou nas minhas costas, e eu pensei: — Ah, não! Não vai, não! — Ele tentou dar um laço, bem rápido, mas eu descarreguei o meu endir sombrio no manto, e atravessei ele. O rapaz ficou assustado, tentando pegar o manto, que flutuava como um fantasma, e ele não conseguia. Em seu ombro tinha uma tatuagem igual à de Emio. Toda moída, eu perguntei para ele: — Argh... quem é você? — Sou Anzo Apuana. Abaete abakoden. Estou acompanhando o Emio em sua missão. Então é você, a Sombra Rebelde... — Foi Obiru que mandou você tentar colocar essa capa em mim, não foi? — Sim, foi ele mesmo. Você nos desafiou com a sua rebeldia. — Como você consegue ser tão rápido? — Sou um apuana. Tenho kodemas de vento gravados por todo o meu corpo, para aumentar

a velocidade e o impulso. E a vontade que eu tenho, é de te mostrar isso na prática! — Ah é?! Pode vir, cabeça de vento! — Parem vocês dois! — Gritou Obiru. — Mas ela matou os nossos companheiros, mestre Obiru! — Aquilo foi um trágico mal-entendido, e não precisamos de mais tragédias! Ela é uma de nós agora! Entendeu? — Mas ela nem quer vestir o nosso manto! — Retrucou Anzo. — Andei pensando, e ela tem razão! Não podemos colocar os nossos abakodens em risco por causa de uma regra ultrapassada! Elenia, está bem. Pode ficar sem manto mesmo! — Isso! Haha! — Comemorei a minha vitória. — E você, Anzo! Viu o que você fez? Vai arrumar tudo agora, para aprender não ser tão vingativo! — Nae, mestre Obiru. — Emio chegou para me treinar, nos saudando com um gesto bem comum aqui, colocando a mão no peito. — Nae, Emio Baquara! Veio buscar a Elenia para trabalhar com você? — Infelizmente, sim. Vamos, Elenia. — Vamos... infelizmente?

Nos dirigimos para a saída da aldeia, que dava acesso a uma trilha sem fim, no meio da floresta congelada. Ele chamou, com seu livro, um arakara, que é um grande pássaro, muito inteligente. Esse pássaro trazia um cristal em suas garras, e quando Emio deu o sinal, o arakara soltou o cristal, que ergueu uma jaula de raízes e ossos, ao redor de onde ele caiu. O abaete me explicou que, lá por volta do ano primeiro, as pessoas trouxeram esses cristais do planeta Ani, e também da Lua, só que em menor quantidade. Uma parte da fauna e da flora se adaptou naturalmente aos cristais, enquanto os anianos usavam os animais e as plantas que levaram daqui como cobaias, matando muitos deles, e causando sofrimento em outros, para descobrir os melhores cristais, e os utilizar nos restos mortais dos animais e das plantas que morreram. Já a estratégia dos humanos que ficaram na Terra, me pareceu bem melhor, pois aqui foram colocados kodemas nos animais e nas plantas, sem causar sofrimentos nesses seres vivos, criando uma fauna e flora kodênica, que ajuda na segurança, até os dias de hoje. No meio da nossa conversa, um grupo de abakodens vieram até nós, apavorados: — Nae! Vocês são abataes? — Sim, somos. Sou Emio Baquara, e ela é a minha aprendiz. — Sabemos bem quem ela é. — Disse, um deles, me olhando com desprezo, e continuou: — Está acontecendo uma infestação de cankias! — Certo. Nos levem até o local da infestação. Vamos, Sombra Rebelde.

Seguimos aquele grupo de pessoas, até uma parte da aldeia, com ratazanas verdes, gosmentas, e fedorentas, por todos os lados, roendo tudo o que encontravam, e atacando os moradores. — Essa será a sua primeira missão de abatae. Não ataque os cankias, pois são importantes para o ecossistema, mas, tome cuidado, pois eles são extremamente tóxicos. — Emio folheou o seu livro de abatae, encontrando rapidamente a página dos cankias, e com ela, o rapaz mandava as ratazanas embora. Eu fiquei procurando essa página em meu livro, mas não encontrava, e uma manada de ratazanas estava me cercando. Uma delas tentou morder a minha mão, enquanto as outras subiam na minha perna. Tirei elas de cima de mim, com socos e chutes, e ouvi o Emio gritar lá de longe, para eu não fazer aquilo. Então, peguei o livro, e usei o chicote para sair dali. Pousei no telhado de uma das casas, toda melecada, e com cheiro de bosta. — Argh... que porqueira. Cadê essa página... — As ratazanas roeram as estruturas do telhado em que eu estava, e ele desabou. Nos escombros, elas me encurralaram. Puxei o meu chicote, e dei alguns estalos com ele, gritando: — Sai, bicho feio! Sai de perto de mim! Iááá! — Isso afastou os cankias, e eu pude continuar a procura pela página deles em meu livro de abatae. Porém, como eu parei de estalar o chicote, todas as ratazanas voltaram, depois de um tempo, e eu tive que usar ele de novo. Repeti isso, até o Emio me socorrer, mandando os cankias embora com o seu livro aberto na página certa. Eram os últimos cankias da infestação. — Você ainda não estudou o seu livro de abatae, Elenia?! — Não tive tempo! Aquele cabeça de vento do Anzo me atacou! — Sempre me dão as piores missões. Queria poder voltar para o saco do meu pai. — Iiih... já começou as lamentações de Emio. A gente conseguiu. Espantamos aqueles ratos melequentos, e fedidos, daqui. — Agora que o nosso

Lenda de Orande

expediente já acabou, e outros abataes já devem estar em nosso lugar, podemos voltar para casa. Eu te acompanho até a casa de Obiru. — Que gentil. — Não é uma gentileza. É para evitar que algum habitante ataque você por aí, e para não deixar você fazer mais nenhuma besteira. — Como você é chato. — Eu sei que sou, e não me importo. Vamos logo, quero me livrar de você.

Voltei para a casa de Obiru, acompanhada pela cara de velório do Emio Baquara. Fiquei satisfeita, quando eu vi que o Anzo se deu mal. Ele tem que consertar a casa toda, e o Ró escondeu as ferramentas dele, colocando uma fralda suja dentro da caixa de ferramentas. Quando Anzo foi procurar as ferramentas, irritado, encheu a mão na merda. Ró ficou rindo da cara dele, escondido, e eu também. Mas esse rapaz, o Anzo, ele é muito rápido. Eu tenho que treinar mais. Antes disto, vou dormir. Estou precisando. Apesar de tudo, estou muito contente, venci o Anzo, e aprendi a domar esses monstros. Hoje foi um ótimo dia. Desligando.

Capítulo 15 – Papel queimado sobre as águas

Nae mãe, nae pai. Sou eu, Kaoni. Estou numa péssima situação agora, perdido, em algum lugar no oceano, em cima de uma tartaruga. Vou continuar de onde parei na última mensagem.

Quando eu saí da cabana, o clima parecia congelante, mas eu não sentia o frio. Fui correndo de volta para a mata, pelo mesmo caminho que me levou até o cemitério, mas no meio dele, o vento de uma grande explosão quase derrubou as árvores, interrompendo o granizo que caía.

Vi uma fumaça subindo no horizonte, na direção do campo de treinamento. Nessa hora, eu pensei na Mariena, e em todos que me ajudaram. Fiquei muito preocupado, e desembestei na floresta, na direção do incêndio. Eu me rasgava nos galhos das árvores, e o meu corpo se enchia de farpas. Mas eu não estava nem aí pra isso. E quando cheguei no campo de treinamento, vi tudo sendo consumido pelas chamas, virando cinzas, num incêndio caótico. Vi também a treinadora Elise, caída no chão. Eu queria sair de lá logo quando possível, mas eu gostava daquele lugar. Não queria que fosse destruído, como foi o nosso lar.

Mas eu sei quem fez isso. Foi Angra! Eu a vi saindo do meio das labaredas, com uma asa de fogo nas costas, a perna direita sangrando, e sem a barriga de grávida. Essa maldita gritou para Elise, que estava se reerguendo: — Elise! Onde está a outra asa?! Se você não falar, eu vou incinerar este comando medíocre! — Esqueça isso, Angra! Abaetes não podem usar o Ritual da Repaginação! Mesmo que eu soubesse, jamais te diria onde está! — Então, vou torrar tudo isso aqui! Tata kei tata kei tata kei... — O corpo de Angra emitia ondas de calor extremo, aumentando bastante a intensidade do incêndio. Na tentativa de impedir a incendiária, Elise usou o seu arco contra ela, mas as chamas cresceram, anulando o frio que se passava. — Você não aprende?! Tata Kin! — Angra tentou atingir Elise com um cordão de fogo, mas a arqueira escapou, voando pelos ares, parecia fugir da fúria de Angra.

Procurei Mariena, mas era difícil de enxergar qualquer coisa no meio de tanto fogo. Angra me olhou, com um sorriso maligno, e disse: — Vou evaporar você. — Ela se aproximou, e eu fugi da incendiária. Passei na frente da prisão, e o funcionário da *Ring Corporation* saiu de dentro dela pegando fogo. Ele voltou para a forma de espada. — Essa moacuba é da pesada! Queria entrar nessa briga, mas o sexto mestre só tem poder para selecionar o primeiro, e a segunda! — Declarou, o terceiro, de dentro da espada, quando eu a recuperei. Angra pousou atrás de mim, eu senti o seu calor, e tentei escapar, mas ela me impediu: — Não vai fugir! Não vou deixar! Tata den! — Ela bateu o pé no chão, e uma parede de fogo se formou ao meu redor. A temperatura se tornou insuportável. Fechei os meus olhos, e me concentrei por um tempo. Tentei me acalmar, superando o medo. Lembrei de vocês, meus pais. E quando abri os meus olhos novamente, meu corpo estava envolto em uma névoa branca. Minhas mãos congelavam o ar que nelas tocavam, criando neve. — Eu sabia... você é um maldito iviturui... Moooooorra iviturui! — Angra ficou louca, e tudo perto dela estava tão quente, que o solo virou lava. Fui me aproximando de Angra, um passo de cada vez, pisando apenas onde o solo era firme. Com alguns metros de distância dela, eu já não aguentava mais o calor. O gelo da minha espada se derreteu por completo, deixando ela em brasa. A abaete inflamável berrou furiosa os kodens "tata tainasu". Parece que, em cada parte do corpo dela, tem um kodema, e eu decidi usar o meu: — Igu Taina! — Uma bolha de água se formou na ponta da minha espada, que a congelou, e uma enorme bola de fogo na mão direita de Angra. A incendiária lançou a sua bola de fogo contra a minha de gelo. Com a explosão, eu voei para longe, e o meu corpo colidiu com uma árvore. Fiquei seriamente machucado, e fraco. Minha espada desapareceu, e eu não podia fazer mais nada. Como se não bastasse, Angra estava dirigindo-se a mim, incinerando, e derretendo tudo por onde passava.

E então, surgiu a abatan Maris Baquara na minha frente, dizendo para a traidora: — Você é

muito importante, descendente moacuba. Mas se insistir nesta insensatez, terei que detê-la, imediatamente! — Saia da minha frente, velha enrugada! Você não é de nada! — Não sou de nada... vamos verificar isto juntas, então. — Maris jogou o escudo para o alto, e falou a palavra "iguarasu". E assim, um jato de água fortíssimo empurrou o escudo na direção de Angra, que se defendeu com a asa. No momento do impacto, o escudo ficou coberto de espinhos, que furaram a asa flamejante. Angra gritava de dor, e a asa derramava gotas de fogo, como se fossem sangue. A incendiária repetiu "tata kei" várias vezes, incendiando toda a ilha, e causando um estranho terremoto. A abatan fez a sua técnica com o outro escudo, mas Angra escapou, dizendo: — Não posso voar direito com uma asa só, mas isto não acabou aqui. — Ela bateu a asa no chão, e saiu voando, com uma forte explosão.

Elise reapareceu, exausta, dizendo para Maris que levou todas as abakodens que encontrou para fora da ilha. Maris olhou para mim, e disse para a treinadora: — Falta um. — Elise correu até mim, estendendo a sua mão para me levantar: — Segure-se em mim! Rápido! — E a vovó tartaruga? — Elise ignorou a minha pergunta, e eu a agarrei com força, que saiu voando, usando o seu arco sem flecha. A ilha, que tinha o formato de uma tartaruga, afundou no mar, e as águas invadiram as florestas, e o comando, apagando as chamas, mas devastando tudo. Angra rasgou o céu, com um rastro curvo de fogo.

A treinadora Elise me deixou em cima de uma tartaruga-anciã, e descansou um pouco. Deve ter sido esta tartaruga que me carregou em seu casco, até a praia daquela ilha, o tamanho é o mesmo. Elise se levantou, e despediu-se de mim, dizendo: — Tenho que ir agora. Preciso deter aquela traidora. Esta tartaruga vai te levar para a terra firme. Foi bom treinar com você, adeus! — Ela mergulhou no mar, e saiu dele, voando. Nem tive tempo de mostrar que eu consegui o amuleto. Fiquei sozinho, navegando pelo mar, em cima de uma tartaruga-anciã, observando o Sol se pôr, e o céu mudando de cor.

Já está de noite. Na escuridão profunda de um oceano, só consigo ver a Lua, e as estrelas no céu. O ar está úmido, e eu posso sentir a brisa gelada. Estou com frio, e parece que só sinto isso quando algo muito ruim acontece. Me faz falta aquele cachecol que a minha mãe me deu.

Para onde esta tartaruga vai me levar agora?

Capítulo 16 – Kaoni, e a festa no farol

Nae mãe, nae pai. Não entendo porque vocês esconderam tudo isso de mim. Poderiam ter me contado. Até gosto da ideia de ser um abakoden. Descobri os segredos dos cristais inteligentes, e estou fazendo novos amigos.

Passei muitas horas pensando em cima da tartaruga, e ao olhar à frente, notei um velho farol, e muitas pessoas dançando, sobre um cais de pedras, perto de uma ponte basculante, bem no encontro de um rio com o mar, de onde vinham placas de gelo, trazidas pelas correntezas do rio. Desci da tartaruga, agradecendo ela: — Valeu, tartaruga, me salvou duas vezes. — Me infiltrei naquela festa, com uma música antiga, de ritmo viciante, tocando em um carro, igual aos de Teknalia. — Com licença, onde eu... — Alguém me interrompeu, com um tapa na minha bunda. — Que bunda dura, madame! — Sinta meu punho duro também! — Dei um soco tão forte nesse imbecil, que ele caiu pra fora do cais. — Ui, tá brava. — Onde é que eu estou? — Nas Terras Fantasma de Pacifika. — Essa resposta me fez lembrar de Mariena, quando me contou da cidade onde morava, de nome igual.

Havia uma cidade litorânea, perto dali. Fui para dentro dela, e tudo estava caindo aos pedaços. Andando pelas suas ruas, eu não encontrava ninguém, parecia uma cidade-fantasma. Procurei um local seguro, e confortável, caminhando sozinho pelas ruas desertas, e passei a noite em um hotel abandonado, com vista para o mar.

Quando nasceu o Sol, eu me aqueci com a sua luz. A brisa do mar era fresca, muito agradável, e aproveitei para respirar aquele ar puro, e sentir o cheiro revitalizante do mar. Após isso, eu saí do hotel, com fome, e com sede. Passei um tempo explorando o local. Havia um posto de combustível, com muitos carros enferrujados, parecidos com os de Teknalia. Um dos carros tinha uma mangueira na boca do tanque. Tirei a mangueira, e tanto ela, quanto o tanque, estavam secos. Parecia que o combustível desses carros deixou de existir já faz muito tempo.

Entrei em um deles, e não encontrei nenhum daqueles botões, e cristais inteligentes, que os tornavam úteis novamente, apenas um punhado de fios, em baixo do painel. Analisei aqueles fios, e conectando um no outro, eu tentava ligar o carro. Em vão.

O tempo passou, e já estava anoitecendo. A fome, e a sede, me fez desistir de ligar aquele carro. Eu procurei a minha antena, mas não encontrei. Então, arranquei uma do carro, e a usei pra fazer a bolha de água, usando o kodema "igu taina". Mas a água tinha um gosto horrível. Fui atrás de algo para comer, mas haviam poucas árvores na cidade abandonada, a maioria delas infrutíferas, ou mortas, e nenhum animal que eu pudesse caçar. Percebi, então, que as técnicas de sobrevivência mudam, conforme o ambiente, e sobreviver numa cidade como aquela, era um grande desafio.

Por sorte, o tempo fechou, e começou a chover. Peguei uma garrafa, e um funil, e fixei eles sobre o capô de um carro, com algumas pedras. Fiquei dentro do veículo, me protegendo da chuva, e observando a garrafa se encher de água, lentamente. O som da chuva batendo na lata do carro era gostoso de se ouvir, e foi interrompido por um raio, que caiu em um dos prédios próximos, no seu para-raios. As luzes de neon do prédio se acenderam. O mesmo acontecia em outros edifícios, e a cidade ficava levemente iluminada, com luzes de várias cores, que eram refletidas pelo asfalto molhado. O rádio do carro chiou, e eu mexia em seus botões, procurando alguma estação. E quando a chuva passou, a garrafa se encheu de água limpa, a qual eu usei para matar a minha sede, mas eu ainda estava com fome. Só depois de algum tempo, vagando pela cidade morta, encontrei um restaurante. Entrei, e não tinha ninguém lá dentro. Tudo estava coberto de ferrugem, e poeira. Fui para a cozinha, procurar algum alimento, mas não encontrei nada, apenas vários cofres, e eu me perguntava: — Para que tantos cofres em uma cozinha?

Lenda de Orande

Faminto, e sem nenhum alimento, saí pela cidade, em busca de qualquer coisa que eu pudesse comer, mas só encontrava concreto, asfalto, neons, e carros destruídos. Entrei em um hotel, e a sua cozinha era igual à anterior: vazia de mantimentos, e cheia de cofres. Então, invoquei a minha espada, gritando "Iukaeta Sirai", e arrombei o cofre com ela. Dentro do cofre havia alimentos, que estavam apodrecidos, e garrafas de água esverdeada pelo tempo, que eram intragáveis.

Tentei dormir em um dos quartos, me revirando de fome, e com dor de cabeça. Não consegui. Tive que fazer a coisa mais asquerosa da minha vida, para sobreviver. Coletei alguns ossos de pessoas mortas, coloquei dentro de uma panela enferrujada, enchi ela com água da chuva, e deixei cozinhando no fogão da cozinha. Uma hora depois, a minha refeição, se é que posso chamar aquilo de refeição, estava pronta. Na primeira colherada a minha mão travava, e quando eu engoli aquele caldo nefasto, senti vontade de vomitar, mas eu não podia, pois aquele era o meu único alimento, e devolvi o vômito para dentro do meu estômago. A fome passou, e eu pude dormir, até a manhã do dia seguinte, quando eu saí para explorar mais a cidade abandonada. E, no fim daquela tarde, eu cheguei na fronteira da cidade com um pântano, avistando um castelo horripilante no meio dele, e pensei: — Talvez tenha gente morando lá, para me ajudar, com comida para me oferecer. — Cruzei o pântano, chegando no castelo ao anoitecer. Ele era muito grande, e bem antigo. As janelas batiam com o vento gelado, que soprava de um lago enevoado. Havia garrafas de vidros por todo lado. O uivar dos lobos, à beira do lago, podia ser confundido com o ruído do vento passando pelas garrafas. Bati no portão, chamei, mas ninguém me respondia. Sendo assim, eu abri os portões do castelo, e entrei. — Olá!? Tem alguém aí?! Desculpe ter entrado no seu castelo! Preciso de ajuda! Olá!? Alguém?! — Eu gritava, enquanto percorria os interiores do imenso, e sombrio, castelo. — Aqui... aqui... me tire daqui... — Ouvi uma voz enfraquecida, de um rapaz, pedindo ajuda. — Sim! Onde você está?! — Dentro da cela 7. — Agente firme! Vai fazendo algum barulho, se puder, para eu seguir!

O rapaz sacudia as correntes que o prendiam. O ruído era fácil de seguir. Entrei em uma masmorra, e procurei até achar a cela 7. Havia muitos esqueletos de pessoas mortas, dentro das outras celas. — Finalmente, encontrei você. — Tentei abrir a cela, mas estava trancada, e o rapaz, acorrentado na parede, com correntes que pareciam sugar o seu endir. Ele tinha mais ou menos a minha idade, era cabeludo, e possuía uma tatuagem de raio no rosto. Invoquei novamente a minha espada, gritando "Iukaeta Sirai!". Arrombei a cela, e cortei as correntes que prendiam o rapaz, com alguns golpes. Ele caiu de cara no chão, muito fraco, e eu ajudei ele a se sentar, encostado na parede. Enquanto ele se recuperava, conversava comigo: — Que voz é essa, cara?! E com essa roupa, você tá parecendo mais uma bruxa feia, daqueles livros infantis! — Minha voz? Opa! Rããã... — Só então, eu me dei conta que ainda estava falando fino, como eu fazia no Comando das águas. — Obrigado por me libertar, maluco. Eu me chamo Ian, o guitarrista. E você? — Kaoni Iviturui, sou aba... sou... caçador. — Caçador? — Ele se levantou, com dificuldade, e continuou: — Vamos, caçador, vamos caçar algo melhor para você vestir, isso aí tá pra lá de ridículo. Preciso achar a minha guitarra também. — Caminhamos juntos para a saída da masmorra e exploramos o castelo. Os lustres, e as paredes, tinham suportes para velas e tochas, que foram substituídos por lâmpadas incandescentes, de luz amarela, que falhava a todo momento, dificultando a nossa visão. Repentinamente, um ruído agudo ecoou pelo castelo. Em seguida, um barulho de vidros batendo. Isso nos assustou, mas eram apenas garrafas rolando escada abaixo. Passamos por uma grande biblioteca, sem nenhum livro. Uma das estantes parecia ter sido arrastada. Chamei o Ian, e pedi a ajuda dele, para colocar a estante no lugar original. Havia uma porta atrás da estante, a qual abrimos, encontrando um quarto com roupas antigas. Eu vesti uma calça preta, uma camisa azul-claro, um casaco, e um cachecol cinza. Uma vestimenta parecida com a que eu usava em Teknalia,

deixando para trás o uniforme, e o brinco de anama — Pra que esse cachecol, véi? Tá com frio no pescoço? — Não. É só um costume. — Ok, caçador... — O estômago de Ian roncou. — Cara, tô morrendo de fome... — Também estou. — Meu estômago concordou com o dele. — Vamos na cozinha do desgraçado que me prendeu, para sugar a minha energia, e comer toda a comida dele. Depois, a gente vai atrás da minha guitarra, que ele roubou de mim. — Eu já sentia tontura, e fraqueza, devido à fome, quando Ian encontrou a cozinha, e me disse, revoltado, enquanto olhava dentro da geladeira: — Aquele maldito... só me dava comida estragada para comer, e ficava com a comida boa toda pra ele! — Limpamos a geladeira e os armários. Enquanto nos alimentávamos, ouvimos uma colisão, que estremeceu o chão, e a bebida na mão de Ian molhou toda a cara dele. Logo depois, um uivado, bem alto, fazendo os lobos do pântano uivarem também. — Chegou o cheirador de linguiça! Vou amassar a fuça suja dele! Vem comigo! Vamos pegar a minha guitarra! — Pra quê?! Vamos sair daqui, depois você compra outra! — Comprar outra?! NUNCA!!! — Ian saiu correndo, e eu fui atrás dele.

Entramos em uma fábrica de garrafas de vidro, com uma caldeira acesa, e uma porta ao fundo. Ela estava trancada, mas nós a arrombamos, e entramos numa torre, sem escadaria, e com um painel acesso, o qual, possuía uma fechadura. Ao lado do painel, um quadro de madeira, com um gancho, para pendurar a chave, que não estava nele. Procuramos a chave, e não encontramos. Voltei para o painel, e observando o gancho da chave, eu percebi uma marca sutil, com a forma da chave, na poeira do quadro. Desenhei o formato num papel, peguei um caco de vidro, uma lixa, e fiz uma cópia da chave, a qual eu usei na fechadura do painel. As luzes mudaram de cor, e os degraus saíram das paredes, formando uma escadaria, até o alto da torre. Subimos essas escadas, e no topo, encontramos um arsenal. Junto das armas e equipamentos, estava a exótica guitarra de Ian. — Aêêê, maluco! Achei a bendita! — Comemorou, Ian, pegando a sua guitarra esquisita. — Uhuuu! — Pare com isso, alguém pode nos ouvir. — Agora que recuperei a minha guitarra, vou me vingar daquele imbecil! — Ué? Como assim? Vai fazer uma serenata pra ele? Vai dar guitarradas nele? — Não, seu bestão, vou fazer isso! Marreta em Dó Maior! — Ian tocou um acorde na sua guitarra, ela ficou energizada, brilhante, e se transformou em uma enorme marreta eletrificada.

E então, um trovão ensurdecedor arrancou o teto da torre, e apareceu um homem alto, forte, bem-vestido, de chapéu, com unhas grandes e afiadas, e muito peludo. Ian olhou para ele, e gritou: — Tom Trovão! Seu maldito! Vou te transformar em "Tom Pastel"! — Oras, mas veja só o que encontrei! Dois pirralhos insolentes! — Tom trovão moveu os seus braços estendidos para trás. — Putz, ele vai fazer isso de novo! Corre Kaoni! — Ian correu para a escada, e sem entender nada, eu fui atrás dele. — Morram insolentes! — Gritou, Tom Trovão, jogando os seus braços para frente, na direção da torre. Um trovão muito intenso rugiu, e balançava as estruturas da torre, destruindo ela, de cima até em baixo, enquanto descíamos as escadas, o mais rápido que podíamos, e assim, conseguimos escapar de sermos enterrados vivos pela torre, voltando para dentro do castelo. Quando olhei para Ian, vi Tom Trovão chegando em um salto, para atingir o guitarrista com as suas garras. Avisei, apontando para detrás dele. Ian se virou, já dando um golpe de marreta, que acertou o inimigo, causando uma explosão elétrica, e jogando Tom Trovão pra longe, que mal se levantava, quando Ian pulou pra cima dele, desferindo marretadas. Tom se esquivava dos golpes de Ian, que acertavam as paredes do castelo, destruindo tudo o que tocava.

Ian abaixou a guarda, e recebeu um golpe de Tom Trovão, que o lançou para fora do castelo, pela janela. Joguei a minha espada, tentando atingir o inimigo, mas ela passou longe dele, e acertou um quadro do Tom. Chamei a Iukaeta Sirai de volta, e Tom riu, dizendo: — Uau, que mira boa! — Tom moveu os braços para trás — Deixa eu te mostrar a minha. — Tom Trovão moveu os braços para minha direção, causando mais uma daquelas troadas, que me jogou para trás, destruindo tudo pelo caminho, e me deixando preso em baixo de um monte de escombros. Logo após, Ian voltou

para dentro do castelo, e me ajudou, gritando desesperado: — Vamos cara! Vamos cair fora! Ele vai botar o castelo inteiro abaixo! — Um terremoto começou, e ficava cada vez mais forte. — Corre, seu doido! — Todas as vidraças e garrafas se esvaçalhavam com as vibrações. Ian corria na frente, quebrando os destroços que caíam, formando obstáculos, com a sua marreta, e eu o seguia, com a minha espada. Estávamos quase saindo do castelo, quando ele desmoronou sobre as nossas cabeças. Tom Trovão deu gargalhadas, pensando que nos matou, e foi embora.

Antes de sermos esmagados pelo castelo, fiz um "igu taina", e ficamos protegidos, dentro de uma esfera congelada, que Ian destruiu para nos libertar de dentro dela. Depois de fazer isso, a marreta voltou para a sua forma de guitarra. Olhamos ao redor, procurando por Tom Trovão, e ele havia sumido. — Deve tá pensando que estamos mortos. — Comentou, Ian, sobre o sumiço de Tom — Aquela bruxaria que você fez deu certo, salvou a gente. Como você fez aquilo? Que espécie de caçador é você? — Ian viu Tom Trovão saltando no pântano, e ficou irado — Volte aqui, seu desgraçado! Aaaaah! — Ian saiu correndo para o pântano, seguindo Tom, e eu fui atrás dele. A chuva retornou, e dessa vez, os raios atingiam as árvores, incinerando elas.

De repente, Ian parou de correr, em uma área aberta, no meio do pântano. Tom Trovão estava de pé, segurando um itanakuar, no centro de um quadrado reluzente, da mesma cor do cristal. Ao lado do seu quadrado, havia outro igual, compartilhando uma das arestas com o anterior, formando um retângulo, com ossos de lobos em seu interior. O traço mediano se estendia até um livro aberto, que folheava sozinho, como se tivesse infinitas páginas. — RITUAL DA REPAGINAÇÃO!!! KODAN!!! — Gritou, Tom Trovão, esvaçalhando o cristal que ele segurava, e os quadrados luminosos levantaram paredes de luz ao redor dele, e dos ossos de lobos. Tom se apoiou na parede do meio, com as mãos, e a empurrou na direção dos ossos. Quando a parede encostou em um osso de lobo, o livro inverteu o sentido, e Tom sentiu suas mãos arderem. Ele bradou, e colocou mais força na parede. Isso fez o sentido o livro mudar, e conforme a luz da parede do meio tocava os restos dos animais, eles eram desintegrados, e Tom Trovão ficava mais forte, com dentes pontiagudos crescendo em sua boca.

O homem lobo nos viu, e começou a uivar. Outros caninos responderam, no pântano. Muitos lobos começaram a aparecer, e nos cercar por todos os lados. Arcos elétricos saíam dos corpos dessas feras. E quando a parede do meio percorreu todo o quadrado dos ossos, eles desapareceram. O livro se fechou, e Tom Trovão havia se transformado em um tenebroso lobisomem!

Os lobos avançaram, nos atacando com mordidas, e arranhões, e nos davam choques elétricos quando encostavam em nós. Não conseguíamos nos defender. E quando estávamos caídos no chão, muito feridos, os lobos ainda pularam em cima da gente, e nos fritavam com um choque elétrico constante. — Vocês não podem fazer mais nada, os iauares vão torrar vocês por inteiro! Hahahaha! — Comemorou, Tom Trovão. — Os lobos foram embora, nos deixando esmorecidos no chão, e Tom se aproximou, dizendo: — Agora vocês serão meu jantar. AAAAUUUUUU!!!

Quando Tom Trovão estava a ponto de nos devorar, alguém o derrubou no chão, e depois o agarrou pelo pescoço, erguendo, e enforcando ele. Era um homem gordo, com uma roupa antiga, como aquela das abakodens das águas, só que mais grossa, camuflada, e com um daqueles emblemas, que lembrava o chão, no ombro. Em seu pescoço, uma tatuagem, de um círculo grande, e um ponto preto sobre um traço. — Argh... maldito... abasu da terra... como descobriu? — Você está preso por falsificação do código! — Nada vai me deter! — Tom fez aquilo com os braços de novo, e uma poderosa explosão sonora jogou todos para bem longe. Logo depois, ele tremeu as mãos, e isso gerou um som extremamente alto, agudo, e insuportável, que fez os nossos ouvidos sangrarem, nos causando enjoo, e tontura. O ruído estava nos destruindo por dentro.

O abakoden da terra viu o meu amuleto do Comando das Águas, pendurado no bolso, e

gritou: — Você, abakoden das águas, você pode impedir isso! — Argh... o quê?! — Água pode neutralizar o som! Rápido! — Puxei a antena, mas decidi fazer diferente, e joguei ela fora. Repeti várias vezes o kodema "igu taina", e a umidade do ar se condensou em uma grande massa de água, bem na minha frente. Minha mão ardia, pensei até que ia pegar fogo. — Bom, acho que vai resistir por algum tempo. — O abakoden da terra tirou um revólver, colocou terra dentro dele, e falou "kodan". O interior do revólver piscou uma luz vermelha. Depois, pegou uma granada cinza, e disse: — Eu seguro ele aqui. Vocês dois, vão até o velho farol, para o acender. Isso vai chamar a atenção dos outros abakodens. No três! Um! Dois! Três! Vão, vão, vão! — O abakoden da terra jogou a granada na nossa frente, e atirou em Tom Trovão. Eu e Ian corremos para o pântano, enquanto Tom se distraía com o abakoden da terra.

Estávamos exaustos, e ainda distantes do farol. Tivemos que parar várias vezes no caminho, para descansar um pouco. A chuva deu uma trégua. Em uma dessas pausas para descanso, vimos Tom Trovão saltando no alto, de um prédio ao outro, indo para o Velho Farol. Nos levantamos, e corremos no encalço do lobisomem. Nós chegamos naquele Velho Farol, com o Sol nascendo atrás dele, no mar. Tom Trovão estava em cima do telhado do farol, perto de um para-raios, sem um dos braços, e gritou, movendo o braço que lhe restou para trás: — Vocês me abandonaram naquele lugar horrível, quando eu era uma criança! Agora, eu vou arrasar todo este lugar! Não preciso mais de você, Ian! — O mar ficou muito agitado, e o chão começou a tremer, como em um terremoto. Para me proteger do gigantesco trovão de Tom, eu concentrei toda a minha força, e refiz o kodema "igu taina". Uma bolha de água foi crescendo, e ficou enorme, entre mim, e Tom Trovão. Toquei na água, e parte dela se solidificou, ao mesmo tempo em que Tom Trovão moveu o seu braço, gritando com todo o seu fôlego, e provocando mais um trovão, desta vez, o maior de todos.

A parte líquida do meu "igu taina" explodiu, ao receber o estrondo, deixando uma concha acústica de gelo no lugar, que devolveu para Tom o seu Trovão. O velho farol se estremeceu, e não suportou, sendo totalmente demolido, enquanto a minha concha acústica se despedaçava. Tom Trovão caiu de costas para o chão, e a ponta do para-raios, que descia rodopiando, atravessou o seu peito.

Acabaram-se os trovões, e os berros. Apenas o barulho das ondas quebrando na praia se podia ouvir. Minha mão fumaçava, enquanto nos aproximávamos do local onde Tom Trovão estava morrendo. Ian olhou para Tom, e o questionou, furioso: — Por que você destruiu a minha casa, e matou os meus pais?! Por quê?! RESPONDA, SEU DESGRAÇADO!!! — Ian... aqueles não são os seus pais verdadeiros... e não fui eu que os matei... — O que você está dizendo?! — Eles adotaram você quando era muito pequeno... — Mentira! — A raiva de Ian era tanta, que saía raios da sua pele. — Você é um raipan, nós somos irmãos... — Nããããoooo!!! — Ian encostou a guitarra no para-raios, e tocando ela, dava choques elétricos em Tom. — Fale a verdade! Maldito! — Nosso pai fazia experimentos com sangue humano, e pó de itanakuar, no castelo. Os abakodens caçam ele até hoje. Quando eu era uma criança, e você um bebê, ele foi derrotado, e levado pelos abakodens do céu. Os prisioneiros se libertaram, e dois deles adotaram você, porque era um bebê, mas eu fui esquecido dentro do castelo. A casa dos seus pais foi incendiada por uma abakoden das águas, chamada Angra, ela... matou seus pais... adotivos... não eu... cuidado com ela... pirralhos... — Cala essa bocaaaaa! Foice em Si Menor! — Ian chorou, e ficou louco de raiva, transformou a guitarra em uma foice, e decapitou Tom Trovão.

Depois de respirar fundo várias vezes, ofegante, Ian largou em silêncio a foice, lembrando dos seus pais. E onde antes havia uma festa, agora, parecia um funeral. O desejo de vingança tomou conta do guitarrista: — Kaoni, você conhece essa Angra? Sabe onde ela está? — Angra é uma abakoden, agora inema, das águas. Ela incendiou o nosso comando, e atacou a minha treinadora. Nem tive tempo para mostrar a ela que eu consegui... — Respondi, tirando o amuleto do bolso. Ian

não entendeu, e eu expliquei tudo para ele, enquanto procurávamos um lugar seguro para repousar. O guitarrista então se acalmou. Parece que agora temos uma inimiga em comum: Angra Moacuba.

Entramos em um dos hotéis a beira mar, que estavam abandonados, e nos escondemos em um dos seus quartos, fechando todas as portas, e janelas, para a luz do sol não entrar, e assim, conseguimos dormir um pouco. Ao entardecer, Ian me acordou, dizendo: — Kaoni! Levanta aí! Precisamos voltar para a civilização. Vamos subir no prédio mais alto, para saber em que direção precisamos ir. — De acordo. Vamos. — Nós dois andamos pela cidade arruinada, até encontrarmos um arranha-céu, com o topo destruído. Entramos nele, e subimos as suas escadas. Lá de cima, encontramos uma pequena cidade suburbana, depois de uma floresta tropical, com poucos prédios. Atrás desta cidade, bem distante no horizonte, um vulcão soltando fumaça, que parecia estar em um eterno duelo contra uma montanha enevoadada, com o Sol se deitando no horizonte, entre eles.

Começou a chover, e os raios acendiam a cidade abandonada.

Estávamos descendo as escadas, quando tudo trepidou. Parecia que o prédio iria desmoronar sobre nós. E no térreo, homens vestindo capacetes, que eram crânios de touros, bloqueavam a saída. Um deles, era gigante, parecia um armário, e dava socos nas colunas do prédio. Ele tinha vários chifres de touros amarrados no pescoço. — Quem são vocês? O que querem? — Você não sabe, escravo? — Respondeu, o monstro, e continuou — Somos anianos, e vocês declararam guerra contra nós. — Mas, isso já faz muito tempo! — Cale-se, escravo! Renda-se, ou morra! — Ninguém! Nunca mais! Vai me aprisionar! Machado em Ré Maior! — Berrou, Ian, tocando a guitarra, e a transformando em um machado de duas lâminas. — Iukaeta Sirai! — Gritei, invocando a minha espada amaldiçoada. E agora, ela apareceu com um estranho contador eletrônico zerado em sua empunhadura. — Eu falei para vocês. O sexto mestre ainda é muito jovem, e está evoluindo rápido! — Comentou, o quarto, de dentro da espada, dando um susto no guitarrista: — Eita porra! Sua espada está falando, cara!

Os chifrudos partiram para o ataque. Lutamos contra eles, e cada golpe que eu acertava, era somado no contador da espada, com espaço para três dígitos, e depois de matar uns vinte deles, a espada brilhava com cor de sangue, e os golpes deixavam rastros de luz na penumbra do anoitecer. O monstro corria de um lado para outro, tentando nos atropelar. Desviamos dele, e ele abriu um buraco na parede do prédio, por onde escapamos, com o grandalhão nos perseguindo.

De tanto fugir deles, acabamos perdidos naquela selva de concreto, e neon. E eles ainda perseguiam a gente, atravessando as paredes. Tentamos nos esconder várias vezes, mas eles nos encontravam. Estavam distribuídos por todo lado. — Esses anianos de touro são um problema. Eles podem aumentar a própria força, ou os sentidos, tudo depende da posição do gnômon. — Explicou, o quinto. — Um gnômon? — Sim. No capacete deles, na parte de cima. — Ataque-os na cabeça, paspalhão! — Sugeriu, o terceiro mestre mal-humorado. — Com muito prazer! Aaaaah! — Ian cortou a cabeça de um aniano fora.

No topo dos prédios tinham anianos com colares de dentes, daqueles lobos que nos atacaram no pântano. E, lá do alto, eles soltavam raios elétricos na nossa direção. Tentei acertar eles, atirando a minha espada, em vão. Preciso muito melhorar a minha pontaria. Naquele momento, a minha espada já contava mais de duzentos golpes, e eles se tornaram mais fortes. De supetão, o brutamente apareceu, derrubando a parede de um prédio. O gelo da espada estava negro, e o seu brilho sangrento era bem intenso. — Que energia é esta? — Falou, o gigante — Pesada, triste, e deliciosa! — O monstro pegou um bloco de concreto, e atirou em nossa direção. — Marreta em Dó Maior! — Ian transformou seu machado em marreta, e despedaçou o bloco de concreto, que virou poeira. — Você é forte, mas o seu destino aqui é a morte! — Disse, o monstro, pegando mais blocos de concreto, e lançando eles em cima de nós dois. Ian quebrava os blocos de concreto, enquanto eu

lutava contra os anianos. Ian devolveu para o grandalhão um dos blocos de concreto dele, e ele o destruiu, em uma investida, correndo para nos atropelar. Fugimos dele, matando os anianos que estivessem pelo caminho, e com um único golpe, eu atingia uns 10 anianos. — Esses idiotas... não sabem que a guerra já acabou?! — Questionei, enquanto corria.

Escondidos, em um canto escuro, dentro de um prédio, ouvíamos as vozes, e os passos, dos anianos. A luz avermelhada da minha espada era a única fonte de luz que havia ali, e podia chamar a atenção de quem passasse por perto. Seu contador já contava 500 acertos, e o meu corpo tremia de frio. Eu não entendia aquilo. — Precisamos de um mapa. — Sussurrou, Ian. — De-dentro do quartel-general deve te-ter algum. — Comentei, lembrando do mapa que eu vi no quartel-general de Teknalia. — Ótimo, só falta achar esse quartel. — Ironizou, Ian. — Você está tremendo cara... tá tudo bem? — De repente, um braço esquelético saiu do chão. Outros braços começaram a surgir, e tentavam puxar os nossos pés. — Dro-droga. Isso, de novo, não! — Reclamei. — E o que é isso?! — Perguntou, Ian. — Os defuntos vivos saíram do chão, e nos atacaram. Um deles, jogou uma tibia na cabeça do guitarrista, que se virou pra ele, e disse: — Vai tomar no cu! — E o defunto respondeu: — Eu não tenho cu! — Ah, é? Sinta o meu dó por você! — O barulho chamou a atenção dos chifrudos, que também avançaram contra nós. Estávamos cercados de inimigos, lutando lado a lado, contra todos eles, mas parecia uma batalha sem fim.

Eu congelava parcialmente os inimigos, com gelo negro, agora. Esse gelo consumia parte do corpo que congelou, enquanto derretia. O contador da espada aumentava rapidamente, e a minha ira também. E quanto mais irado eu ficava, mais frio eu sentia. O poder da espada também crescia, enquanto o contador dela contabilizava mais acertos. Minha espada congelava partes cada vez maiores dos inimigos. Ian até parou de lutar, e comemorava: — Uhuuuu! Que daora! É isso aí! Acabe com a raça deles, Kaoni! — Até que o contador ultrapassou os 999 acertos, e começou a piscar "1K" em vermelho, no lugar dos números.

Parei de sentir dor. Minha visão ficou vermelha, e focada. Uma voz, aguda e horrenda, não parava de falar "mate todos", dentro da minha mente. Eu obedeci essa voz, e o gelo negro dos meus golpes congelava todo o corpo do inimigo, em vez de congelar apenas uma parte, e ele se desintegrava por completo dentro do gelo, ficando só os ossos, e depois, nem os ossos mais restavam. Era um caixão de gelo negro. E o monstro apareceu, quebrando a parede, como sempre, jogando um grande letreiro de metal, e neon, pra cima de mim.

A Iukaeta Sirai então flutuou na minha frente, reluziu, e se transformou naquele rapaz, com crânio de touro, que me salvou, junto com Elenia, em Teknalia. Ele segurou o letreiro, que, com certeza, me esmagaria, mesmo sendo eletrocutado por ele. — É o Primeiro! Primeiro Mestre! — Gritavam, os mortos-vivos apodrecidos. O primeiro mestre saiu correndo, e berrando, com o letreiro, e bateu ele no monstro, carregando ambos para longe, quebrando as paredes dos prédios vizinhos.

Aqueles, que nos atacavam, foram atrás do aniano grandalhão, deixando eu. e meu novo amigo, para trás, enquanto o meu pé se congelava, lentamente. — Esto-tou me se-se-sentindo mal, I-Ian... — Que é isso, cara?! Tu tá virando estátua de gelo aí! — Parecia que, quanto mais desequilibradas as minhas emoções estavam, mais eu me congelava. Então, eu recordei os conselhos dos meus pais, e tentei manter a calma, mesmo com Ian berrando perto de mim. Fechei os meus olhos, e entrei em um transe, perdendo a noção do tempo. Quando abri, o congelamento regrediu por inteiro. Os anianos foram embora, e o machado de Ian voltou para a forma de guitarra, depois de eliminar todos os corpos-secos.

O guitarrista me ajudou a ficar de pé, e caminhamos juntos pela cidade-fantasma, procurando uma saída, até encontrar uma estrada de terra, que cortava uma floresta. — Veja!

Lenda de Orande

Estamos no caminho certo! É a fronteira da cidade, com aquela floresta tropical! Vamos logo, cara! Estou virado de fome! — Gritou, Ian, correndo para a floresta, e eu o segui. Ainda era noite, e não se enxergava nada. A guitarra eletrificada de Ian iluminava um pouco. Nos guiamos apenas pelas luzes longínquas da cidade, para onde queríamos ir.

Amanheceu, e eu percebi que estávamos em uma selva de Pinahs, um tipo de palmeira, que se formou sobre as ruínas das casas. O caminho até aquela cidade era bem longo, e sentíamos muita fome, e sede. Mas graças ao que eu aprendi com Elise, cortei um pedaço do caule de uma Pinah, descasquei, e comi. Dei metade para Ian, dizendo para ele: — Pega. É bom, pode comer. — Eu tenho cara de cupim, ou o quê? Como você consegue comer pedaços de árvore? — Mas esta árvore é comestível. Ou você come, ou passa fome. — Só tem isso mesmo... fazer o quê... — Ian pegou o pedaço de caule, e acabou comendo. — Hum... nada mal, Kaoni. Como se chama isto? — Isto é pinah. — O nome é feio, mas o gosto é bom! — Depois de comer o pedaço que eu dei, Ian foi cortar um pedaço ele mesmo. Mas ele foi na palmeira errada. São todas iguais, mas só se pode comer Pinah, as outras são venenosas. Eu tentei impedir, mas ele foi rápido, e já tinha comido um pedaço bem grande. — Ian, seu louco, aquilo não era Pinah! Devia ter cortado da mesma árvore que eu cortei. — Mas são todas iguais! — Só por fora são iguais, por dentro, algumas são venenosas. — O guitarrista cuspiu o caule que estava mastigando, e se revoltou: — Mas, que merda! E agora? Vou ter diarreia, ou vou morrer?! — Vai ter diarreia até morrer! Precisa de um antídoto. — Então, faça este antídoto logo, Kaoni! Me ajude! — Eu faria, se soubesse. — O quê!? Você não sabe o antídoto! Mas você aprendeu a viver na floresta, e coisa e tal, como não sabe!? — Eu sou iniciante, Ian! Mal me tornei abakoden, e já estou nesse enrosco todo! — Não quero morrer, merda! Eu não quero morrer cagando!

Ian suava sem parar, e o seu nariz sangrava. Com dor de barriga, correu para o meio do mato, gritando em pânico. Precisamos chegar na cidade o mais rápido possível, para Ian receber o tratamento em um hospital. Mas ele está debilitado, andando devagar, e com caganeiras súbitas.

Capítulo 17 – Overdose de alegria

Nae pai e mãe, estejam onde estiverem, vou achar vocês, ou, não me chamo Kaoni. Foi uma longa caminhada, até encontrar esta pequena cidade, chamada Pacifika, onde eu reencontrei a minha amiga Mariena, e vou contar como tudo aconteceu.

O Sol foi se escondendo atrás da mata, e a sombra das palmeiras cobriram a estrada. Continuamos o nosso caminho, dialogando, para não percebermos a distância. Nesse ponto, Ian estava quase inconsciente, e eu o carregava nos ombros, segurando os seus braços. E, quando nós chegamos na cidade, para entrar nela, tínhamos que passar por aquele rio das placas de gelo. — Isso vai ser meio complicado, com o Ian nesse estado. — Pensei, procurando uma maneira de levar o Ian para o outro lado do rio. Pendurei o guitarrista no meu ombro, segurando ele com os meus braços, e a bunda dele ficou perto da minha cara. Pulei em cima de uma placa de gelo, e o Ian soltou um peido. — Essa não. Argh! Aaaaaah! Meu deus! Socorro! — Atravessamos o rio pulando, e peidando. Eu reclamava, e ele, gemia. E quando chegamos na outra margem, eu me apoiei sobre a placa de boas vindas, para tomar um fôlego. Ela dizia:

Bem-vindo à Pacifika

Cidade da paz e serenidade

Fundada em 415 A.P.

Logo na entrada da cidade, havia um bar. Era o bar "Meio Cheio". Ian entrou correndo nele, sem pensar duas vezes, e se trancou no banheiro. Rapidamente, um fedor terrível encheu o bar Meio Cheio. Todos saíram reclamando, e, o bar Meio Cheio, ficou meio vazio de clientes. Seu dono bateu na porta do banheiro, irritado: — Que negócio é esse?! Morreu alguém aí dentro?! — Ainda não! — Respondeu, o guitarrista moribundo. E mesmo depois de muitas horas, ele ainda estava trancado no banheiro. Eu me deitei em cima de três cadeiras juntas, e tirei um cochilo. Acordei com uma bunda inchada, quase sentando na minha cara. Escapei por pouco! — Ei, garoto! Isso aqui não é um hotel! — Desculpe, já estamos de saída. Vou tirar o meu amigo do banheiro. — Vai logo! Ele está me dando prejuízo! — Bati na porta do banheiro, e o guitarrista não falou nada, então, eu forcei a porta, até ela se abrir, e vi o meu novo amigo dormindo, sentado na privada. Chacoalhei ele, chamando o seu nome. Ele acordou peidando, e gemendo. Esperei ele subir as calças, peguei uma garrafa vazia, e saímos daquele bar. Joguei a mensagem anterior no rio, e procurei um hospital para o meu amigo. Uma garota se aproximou de nós, e na sua roupa, havia a estampa de uma onda de osciloscópio, em forma de "S". Os seus cabelos eram curtos, de cor castanha, bem clara, dividido ao meio em zigue-zague, e preso em duas madeixas opostas, utilizando acessórios redondos. Tinha o mesmo símbolo de Alina tatuado em uma das mãos. Ela tocava uma música animada, em seu teclado eletrônico, acompanhada por um robô diferente de todos os que eu já vi em Teknalia. Ele tinha duas chaminés na cabeça, na mesma posição das madeixas da sua dona, que soltavam fumaça, enquanto ele dançava, e uma onda de osciloscópio em forma de "Z" no seu peitoral. — Uma ajudinha para a tecladista, que veio alegrar o seu dia! — Agora estamos com pressa. — É sempre a mesma desculpa, que esses "mão de vaca" nos dão, né Zizi? — Zi-zi! — Respondeu, o robô, com as mãos na cintura. A tecladista apertou duas teclas, de maneira frenética, e o robô atacou Ian, apertando os mamilos dele com os seus dedos de metal. — Aaaaiaiaiaaaaaah! — Vaaai me ajudaaaaaar?! — Não faça isso, que ele já tá cagado. — O quê?! — Ele tá com diarreia! Precisamos de um hospital! Pode nos dizer onde fica? — Fica no centro da cidade, nesta direção. Mas, está meio perigoso ir lá, agora. — Não temos escolha. Precisamos ir. Obrigado. — Não me agradeça.

Nos despedimos da tecladista, e seguimos o nosso caminho. Ironicamente, a cidade não

tinha nada de paz, e serenidade. Havia gente pendurada no muro, voando pelas janelas, caída pelo chão, e todos corriam, para lá, e para cá, atacando uns aos outros, e dando gargalhadas. Parecia um hospício. No centro da cidade, eu vi um grande chafariz, onde as pessoas bebiam a água que saía dele, e até tomavam banho lá. Depois, se agrediam, sem motivo nenhum. Enquanto eu procurava entender o que acontecia, alguém me atacou por trás, na cabeça, e eu tive vertigem. Dois malucos agarraram Ian por trás, enquanto outro o espancava. Quando eu fui ajudar o meu amigo, alguém me derrubou no chão, e vários deles me deram uma surra, até eu perder a consciência. Quando acordei, estava no leito de um hospital, com a cabeça enfaixada. Na cabeceira da cama, uma tela, daqueles cristais inteligentes, mostrando informações sobre os meus sinais vitais. Fios saíam desse equipamento, e estavam espetados na minha pele. Quando eu puxei os fios, as suas pontas eram daquele mesmo cristal inteligente, e estavam acesas, mas a tela na cabeceira se apagou. Ian estava ao meu lado, deitado em seu leito, sem a guitarra. Um rádio estava sintonizado em uma estação, tocando músicas relaxantes, em volume baixo. O hospital era muito movimentado, e os enfermeiros passavam pela porta a todo instante. Eu reconheci a Mariena, aquela moça do Comando das Águas, quando ela passou, vestida de enfermeira. — Mariena! É você? — Gritei, com a minha voz verdadeira, e Mariena voltou para a porta. Ela olhou para mim, e depois de alguns segundos, entrou, impressionada, trancando a porta atrás dela. — Ka... Ka... Kaina? Mas... o quê... como... — Sabe... não sou Kaina... sou Kaoni, sou homem... — Não... — Sim, sou homem! — Não pode ser... SEU IDIOTA! — Mariena pulou em cima de mim, me estapeou, e me sacudiu na cama, chorando, e berrando: — Você me enganou todo esse tempo! Seu estúpido! Seu falsooooo! E... eu estou tão envergonhada... — Mariena correu para a janela, e ficou chorando ali. — Foi mal, Mariena. Desculpa eu ter mentido para você. Eu era de uma cidade distante, chamada de Teknalia, que foi atacada, e destruída, por uma inundação. As águas me levaram para aquela ilha, e eu tive que me disfarçar, para não ser preso. Eu não tive culpa. Não chore. Isso faz eu me sentir mal. — Tá bom... preciso curar a sua cabeça. Vamos ver se consigo por juízo dentro dela também! — O quê? Ai! — Mariena arrancou as faixas com força, e de qualquer jeito, e fez aquela técnica de cura dela, mas estava doendo demais. — Calma aê! Ai! Quer me curar, ou me matar? Ai! Isso dói! Pare com... aiaiaiaiAAAAI! — O que é isso? — Perguntou Ian — A enfermeira do capeta? — Quem é este? — É Ian, amigo meu. Ai! — Me deu outro choque na cabeça. — Ah... seu amigo, é? Chegou a sua vez, cagão! — Ih... eu hem! Tô fora! — Ian saiu correndo. — Volta aqui! Não fuja do tratamento médico! Segurem ele! — Gritava, Mariena, tentando alcançar Ian.

Eu segui os dois, e eles correram até o chafariz, onde Ian acabou tropeçando, e caindo dentro da água. Fui ajudar o Ian, mas ele me deu uma bofetada na cara, e começou a rir de mim. Depois, saiu correndo para dentro do hospital, feito um louco. — Mas ,o que diabos sai desse chafariz? — É uma água com uma substância medicinal, que converte dor em alegria. Nós a usamos no hospital, em pequenas quantidades, mas as pessoas se viciaram nela, e não para mais de chegar pacientes, não aguento mais isso! — CADÊ MINHA GUITARRA!? — Perguntou, Ian, agarrando o uniforme da recepcionista. — Aquela coisa imunda, e contaminosa, foi para o arquivo morto. Assim, não vai infectar todo o hospital! — DEVOLVA MINHA GUITARRA, SUA VADIA!!! — Gritou, Ian, lançando a recepcionista em uma cristaleira de remédios. — HAHAAHAHAHA!!! — Tive uma ideia, Kaoni! Não deixe o Ian bater nas pessoas! Vou dar um jeito nessa fonte, de uma vez, por todas! — Certo. Iukaeta Sirai! — Mariena correu para o laboratório, e eu fui atrás do Ian. Ouvi um acorde de guitarra, e ele saiu de dentro de uma sala, com a sua guitarra em forma de marreta, dando marretadas nos guardas. — Ian! Pare com isso! — Tentei impedir o guitarrista. — SAI DA FRENTE!!! — Ian veio correndo, e me deu uma marretada, me jogando contra a parede. — HAHAAHA!!! — Ian saiu do hospital, e perseguiu os moradores de Pacifika, atacando todo mundo. Lutei contra o meu amigo, evitando ferir ele, e recebi descargas elétricas, quando a minha espada tocava na sua marreta. A Iukaeta Sirai tentava congelar a marreta do Ian, mas a eletricidade da

Lenda de Orande

marreta quebrava o congelamento. — MWAHAHAHAHA!!! CAI FORA!!! — Gritava, Ian, forçando a sua marreta contra a minha espada. Dei um chute nele, mas ele deu risada, e pisou na minha barriga. Com a dor, eu baixei a guarda, deixando a espada se aproximar do meu pescoço, empurrada pela marreta. Fui salvo por um dos moradores, que também estava doido por causa da água. Ele deu uma paulada nas costas do meu amigo, que ficou irado, e com uma marretada ascendente, fez o morador subir tão alto, que nem deu pra ver onde ele caiu.

Mariena voltou para o chafariz, trazendo uma dezena de garrafas nos braços. Ela despejou todo o conteúdo das garrafas na água do chafariz. A partir daquele momento, quem bebia a água dele, ficava sonolento, e dormia profundamente. — Não neutralizei a substância, mas, agora, quem beber, vai sentir tanto sono, que não vai conseguir bater em ninguém, e vai dormir até o dia seguinte, quando o efeito já tiver passado! — Excelente, Mariena! Hora de tomar banho, meu amigo. — Lutei contra o guitarrista, com muita força, e atenção, aproximando ele do chafariz, e quando ele estava aonde eu queria, derrubei ele, com uma ombrada bem forte. Ele caiu na água novamente, saiu dela caindo de sono, e dormiu ali mesmo, no chão, deixando centenas de pessoas gemendo de dor na cidade, com os seus ossos quebrados. Depois disso, acho que não vão querer ninguém chegando perto desse chafariz, nunca mais! A marreta dele voltou para a sua forma original, e nós dois o carregamos para uma maca, dentro do hospital, onde a Mariena curou sua intoxicação, usando a energia da sua mão esquerda. — Você sabe onde está a treinadora Elise, Kaoni? Eu tentei curar a minha mãe, mas ainda não consigo fazer isso, preciso treinar mais. — Sua mãe está aqui? — Sim. Ela está desacordada, raramente acorda. — Durante a nossa conversa, Ian se levantou, um pouco confuso. — Como você está se sentindo? — Estou... estou bem. Minha barriga não dói mais. — Obrigado, Mariena. — Só fiz o meu trabalho, Kaoni. Estou tão cansada... e graças ao seu amigo, ainda vou ter muito trabalho amanhã. Vou pra casa, vocês vêm comigo? — Hmm... vão dormir os dois juntinhos, é? — Brincou, Ian. — Ele... não somos namorados! Vocês dois vão dormir no meu quarto, e eu no da minha mãe, seu tonto! — Respondeu, Mariena, brava com Ian, quase dando um soco nele.

Ela nos levou até a sua casa. Depois de cada um tomar o seu banho, e Mariena trocar de roupa, fizemos algo para comer, e fomos para a sala, escolher um filme dentre as dezenas de fitas VHS que ela tinha: — "Meia-noite assombrada". Fraco. - Menosprezou, Ian. — "O vampiro maníaco". Talvez... O que acha Ian? - Perguntei para ele. — Não, já assisti este filme, não assusta nem barata! — Que tal este aqui? — Mariena chamou nossa atenção com um filme nas mãos. — "O médico dos mortos", hum... pode ser bom. — Respondemos, eu e Ian, ao mesmo tempo.

O relógio do aparelho mostrava a hora, e a data. Coloquei a fita escolhida dentro dele às 19 horas e 43 minutos do dia 3 de Junho. Mariena rebobinava a fita para rever algumas cenas, e avançava para pular outras. Quando fazia isso, apareciam listras de sujeira no vídeo. — Olha, este detalhe eu não tinha visto. — Comentava, Mariena, ao rever uma cena. Assistimos ao filme várias vezes, e dormimos no meio dele, no sofá mesmo. Acordei com a Mariena encostada em mim enquanto dormia, quase me abraçando, e com o controle na mão. O relógio do aparelho de VHS mostrava 6 horas da manhã, do dia 4. Ian caiu do sofá, e passou a noite no tapete da sala.

Olhei os retratos nas paredes, e na estante, que me contavam a história da família de Mariena. Em um dos retratos, o pai de Mariena está com os braços em forma de cruz, a mão esquerda, estendida, brilhava com uma luz verde, e a mão direita, fechada, com uma luz roxa, e isso me lembrou que a Mariena usa sempre a mão esquerda, nunca a direita, para a sua técnica de cura, o que me deixou muito curioso. E sobre uma escrivaninha, vi uma máquina de escrever, com um teclado de kodens, e um espaço, com um cristal inteligente encaixado. Era um compilador de itanakuar.

Após o café da manhã, dei uma olhada pela janela, e as pessoas estavam agindo normalmente. Agora sim, a cidade tinha a paz, e a serenidade, que prometia na placa de boas-vindas! Mariena voltou para o hospital, fazer o seu trabalho. Ian foi tocar guitarra perto do chafariz, para ganhar dinheiro. E eu testei alguns kodemas, programando eles no itanakuar da Elise, dentro do compilador da Mariena, e os transmitindo para as minhas mãos. Consegui fazer uma nuvem de gotículas de água, programando o kodema "igu urash", um escudo de água, o qual eu congelei com o toque, programando o "igu tar", e uma explosão aquática, codificando o "igu sira", que desarrumou toda a casa dela, segundos antes da enfermeira entrar. — Queria poder beber a água do chafariz. — O que aconteceu com a minha casa?! — A interrogação permaneceu muda, até eu apagá-la, com a borracha da mentira: — Foi um cano de água, que estourou. — Um cano de água não tiraria os móveis de lugar, Kaoni! Vou te ensinar a não mentir mais para mim! — Mariena me puxou pelo cachecol, quando eu tentei fugir dela, e ficou me sacudindo, até me dar dor no pescoço, depois, me jogou de cara no chão. Ian riu tanto da minha cara, que ficou sem ar.

Tive que pôr a casa em ordem, e quando terminei, Mariena nos perguntou: — E aí? A Elise falou alguma coisa para vocês? Onde podemos encontrar ela? — Não me disse nada... — Elise? Quem é Elise? — Você não conhece a Elise? De onde você é, Ian? — Sou filho dos donos da oficina de reciclagem, que não ficava muito longe daqui. Essa tal de Angra tacou fogo lá, e matou os meus pais. — Nossa... eu sempre achei aquela abaete estranha mesmo. As veteranas diziam que durante as missões ela desaparecia, e meses depois voltava, sem dar explicação. A última vez que ela fez isso, demorou metade de um ano, e voltou grávida. Elise me contou que ela resgatou Angra de uma cidade histórica, que foi incendiada. — E você sabe onde fica essa cidade, Mariena? — Perguntei, curioso. — Sim, Kaoni, não é longe daqui. É o Reino de Akubar. Mas só há escombros lá faz muito tempo. — Respondeu, Mariena. — Akubar? Tem algo a ver com a Rota de Akubar? — Ian perguntou, surpreso. — Sim, é justamente o caminho até o reino. Por quê? — Indagou, Mariena. — A oficina de reciclagem dos meus pais ficava nesta rota. Quero ir lá com vocês, pra ver se descobrimos alguma coisa. — Respondeu, Ian.

Passamos mais uma noite na casa de Mariena, e acordamos um pouco antes do Sol raiar. Guardamos tudo o que seria necessário para a viagem, em mochilas, e malas bem grandes, com rodinhas, e um puxador. Seguimos Mariena, que nos levou para a Rota de Akubar: uma estrada de asfalto rachado, cercada por terrenos vastos, e algumas construções, habitadas por matagal. Ela seguia na direção do distante, e fumacento, Vulcão Akubar. Ao anoitecer, Ian tocava guitarra, e ela curtia muito o som dele. Eu sentia alguma coisa dentro de mim, que nunca senti antes, e não sabia o que era. Só sei que era ruim. Fiz um escudo de gelo, enchi ele com esferas de água congelada, as quais eu modifiquei com outro kodema, o igu urash. Ergui o escudo com uma das mãos, e dei um soco nele com a outra, gritando o kodema igu sira, e chamando a atenção da Mariena. As esferas foram atiradas para o alto, iluminadas pela luz da lua, e explodiram, como nuvens de minúsculos cristais, formando um espetáculo de cores, e luzes. Mariena ficou encantada, chegou perto de mim, e me deu um beijo, depois, fez o mesmo com Ian. Me beijou primeiro, pois eu fui melhor do que ele, tenho certeza disso. — Obrigada! Vocês são os melhores amigos que eu tenho!

Mais adiante, encontramos um circo falido, cujo nome era "Overdose de Alegria", e o Ian gritou, com raiva: — Um circo?! Que palhaçada é essa?! Construíram um circo bem onde era a minha casa! Marreta em Dó Maior! — Ian quebrou as correntes do portão, e entrou no circo. Ele era assustador: as fantasias, e os bonecos, pareciam monstros, querendo roubar a minha alma, e o menor vento fazia as coisas se mexerem sozinhas. Ouvimos uma música, e uma voz, que era familiar para mim: — Espero que vocês, intrusos, tenham bebido o bastante daquela água, pois, vocês terão uma overdose de alegria com a minha música! — Zi-Zi! — Falou, uma voz robótica, atrás de nós. Era o robô daquela tecladista. Ele soltou fumaça pelas chaminés da cabeça, e nos

atacou. — Iukaeta Sirai!

Lutamos contra o robô. Ele era resistente, e tinha muita força. Alguns dos seus movimentos eram impossíveis para um ser humano. Mariena se escondeu dentro de uma roda gigante, e o robô lançou Ian contra uma parede cheia de fios. A eletricidade do guitarrista ativou a roda gigante, e a enfermeira gritou pedindo ajuda, apavorada. Me distraí com isso, e o robô me imobilizou. A tecladista apareceu, fazendo perguntas, com o seu teclado preso nas costas: — Quem são vocês?! O que querem dentro do meu circo?! — Aqui era a minha casa, que foi incendiada, com os meus pais dentro! — Respondeu, Ian, todo enrolado nos fios, tentando se livrar. — Viemos buscar pistas sobre a assassina, só isso. — A tecladista pensou bastante, com a Mariena berrando atrás dela, dentro da roda-gigante, e disse: — Quando chegamos nesse lugar, tinha uma construção grande, velha, e toda queimada. Pensamos que não teria problema nenhum, e montamos o circo aqui. — A tecladista apertou um botão do teclado, e o robô me soltou. — Meu nome é Sisi Shain, e ela é a Zizi. — Ela quem? — Ela. — Respondeu, Sisi, apontando para a robô, e desativou a roda-gigante, para a Mariena descer, enquanto eu tirava o Ian daquele emaranhado de fios, com a minha espada. Nos apresentamos para a tecladista, e eu perguntei onde estavam os outros artistas circenses. Ela tirou uma foto do bolso, e disse: — Este circo tinha dois mágicos. Este é Eleanor Setan. Ele conseguia fazer as coisas desaparecerem, mudarem de tamanho, e o seu maior truque era separar essas argolas de metal, sem quebrar elas. E esta é a Rouaki Setan, que caminhava por cima de espinhos, e saía viva do caixão de espetos. — Rouaki tinha uma rosa preta, com caule vermelho, enrolada em seu pescoço, como um colar. Sua flor ficava igual a um pingente. Já o Eleanor, possuía duas argolas quadradas, uma dentro da outra, penduradas em sua calça. Notei que eles também tinham tatuagens: eram triângulos, com um ponto no centro, nas suas mãos. Eles me lembravam a Elenia. — Faz anos que eles não retornam. Eu tive que manter o circo sozinha, e as pessoas enjoaram da minha música. Por isso, o circo faliu. — Vocês são abakodens? — Sim. Espera! Como você sabe disso?! — Nós dois somos abakodens das águas! Nae! — Explicou, Mariena. — Ah! Isso explica tudo! Eu sou abakoden do fogo, e eles eram abakodens do céu! Já que estamos no mesmo barco, sintam-se em casa!

Vamos passar a noite aqui, e esperar a luz da manhã, para explorarmos o circo da Sisi. Todos já estão dormindo. Quando eu passar por alguma praia, ou rio, jogarei essa carta na água, para que a encontrem.

Lenda de Orande



Ani

Capítulo 18 – A viagem de Divano

Não aguento mais essa dor, e esse zumbido, nos meus ouvidos...

Preciso encontrar alguém que faça isso parar!

Depois que eu levei Cyano para a minha casa, passei toda a noite em claro. E quando amanheceu, Cyano me viu batendo a cabeça na mesa. Ele me perguntou o que eu estava fazendo, eu acho, pois eu não consegui ouvir a voz dele. — Quero dormir... mas meus ouvidos não querem deixar... eles não param de doer, e zumbir! — Cyano escreveu um bilhete para mim, dizendo:

Vou te ajudar, pobre samurai. Meta me contou tudo. Você tocou no livro dos araukaryas, e ele te amaldiçoou. Conheço uma abakoden das águas, que sabe tirar a maldição. Espere por mim, aqui mesmo. O engenheiro vai comigo.

Ele saiu de casa, levando o Meta, e eu o esperei por três dias, sem tirar um cochilo. Não aguentei. Dei uma cabeçada tão forte na mesa, que quebrei as pernas dela, e caí no chão, desmaiado.

Acordei no dia seguinte, e como o Cyano não voltou mais, resolvi procurar eu mesmo alguém para tirar esse encosto dos meus ouvidos, e fui com o Comunicador Baquara atrás de um exorcista, lá na catedral dos vitas da minha aldeia. Éramos a dupla perfeita, um que não escutava direito, e outro que dizia tudo errado. O baquara falou com o sacerdote, mas o sacerdote não entendia nada. Depois o sacerdote falava comigo, e eu não entendia o sacerdote. Nós três começamos a discutir, e nos expulsaram da catedral. No outro dia, fui no médico, e ele mandou os enfermeiros me amarrarem, achando que eu estava louco. Tive que sair correndo. E no dia seguinte, tentei um psicólogo. Entrei em sua sala, sentei, ele tentou conversar comigo, me levantei, e fui embora, sem dizer uma única palavra.

Sem mais opções, escrevi o meu problema, levei para uma senhora que vende chá, e ela me vendeu um amarelo. Eu bebi esse chá, tudo começou a girar, e apaguei. E então, eu tive outro sonho estranho, com aquela astronauta. Ela caiu do céu, direto no oceano, com aquela sua roupa, que a mantinha viva dentro da água. A astronauta nadou no fundo do mar, acendendo uma tocha mágica, feita com ossos, e um cristal na ponta, que parecia controlar a correnteza, fazendo a astronauta nadar bem rápido.

Quando o sonho acabou, percebi que eu estava caído na rua, feito um bêbado, e me apressei, para comprar logo 10 garrafas daquele chá. Ele não me curou, mas fez eu dormir, pelo menos. E quando eu voltei para casa, encontrei o baquara no chão, lendo um monte daqueles papéis estranhos. Por mais 5 dias, eu fiquei em casa, esperando o cara das asas azuis, ou o baquara descobrir a cura. E como não aconteceu nenhuma das duas coisas, resolvi ir para Pacifika, pois dizem que a medicina lá é muito boa. Peguei as garrafas de chá amarelo, e me dirigi com o baquara e os seus papéis até o portão de saída da aldeia. Enquanto eu olhava uma última vez para a minha casa, antes dessa longa jornada, meia dúzia de pivetes vieram me atazanar, com aquela cantoria chata de sempre: — Ei, samurai! Jogue fora a sua espada! Você não faz nada! Você não faz nada! — Vou pegar vocês, seus ingratos! — Assustei eles, e todos fugiram, dando risada.

Ah, como seria bom ter um carro, igual ao do Meta...

Foi uma viagem bem, beeeem longa; atravessamos Ca-an, e Akubar, e chegamos na Rota de Akubar. No meio do caminho até Pacifika, passamos por outras três pessoas, um tanto curiosas. Eu parei, e olhei para eles, pelas costas. Tive a sensação de já ter visto o rapaz de cachecol, em algum lugar, mas ele parecia estar se preparando para me atacar. Retomei o meu rumo, pra não ter que lutar contra aqueles três. Passamos por um circo, e chegamos em nosso destino, assim que o dia

anoiteceu. — Pifano! Elhe! Um Espigal! — O quê? — É muito difícil se comunicar com esse comunicador. — Um Rosbifal! — Ah... o hospital. Vamos, não aguento mais essa dor nos meus ouvidos. Não quero ter que voltar o caminho todo, para comprar mais desse chá amarelo da velha. — Entrei no hospital, e fui no balcão de atendimento, onde a recepcionista, toda machucada, lia as informações de uma tela, daqueles cristais que brilham, quando tocados. Ela falou comigo, e o baquara repetia para mim, aos berros, chamando a atenção de todo mundo. — Era piruntou u qui vozê ceveja! — Ah, que mer... eu não consigo ouvir nada, moça. — Afora exa bergunvou quil o brobrena du sil ugido! — Só quero um médico, não vim bater papo não. — A moça fez cara de bunda, e começou a escrever no cristal inteligente dela. Depois, me entregou um pequeno cristal quadrado, e apontou para o banco, onde eu fui esperar sentado, e cochilando, por um bom tempo. Acordei com o baquara me chamando, quando viu que o meu cristal acendeu, e mostrava o meu nome, com o número da sala onde eu deveria ir, ao lado. Tinha chegado a minha vez.

Entreí no consultório do médico, e ele começou a falar comigo. Conteí para ele o meu problema. O médico cheirou a minha boca, para ver se eu estava bêbado, eu acho. Depois, examinou os meus ouvidos. O doutor coçou a cabeça, sentou na mesa, e leu alguns livros. Ficamos várias horas esperando ele terminar de ler aqueles livros todos. O médico voltou a coçar a cabeça, parecia meio nervoso, estava suando. Ele fez sinal para eu esperar, e saiu do consultório. Ficamos mais um tempo esperando ele voltar. Quando ele retornou, veio com uma dupla de enfermeiros, que traziam equipamentos para realizar alguns exames. Levaram meu sangue para o laboratório, e retornaram com os resultados. Outra vez, o doutor coçou a cabeça, depois de analisar tudo, e me receitou isso: "conheço uma senhora, de uma aldeia distante, chamada de Aldeia Cansai, que sabe fazer um chá amarelo. Esse chá pode te ajudar. Vá até lá, compre este chá, e tome uma xícara todas as noites, antes de dormir". — NÃO ACREDITO NISSO!!! ANDEI TODO ESSE TEMPO, PRA NADA!!! — O chão tremeu, e os canos de água do hospital inteiro se romperam, inundando o prédio.

Saí do hospital, e me sentei na mureta de um chafariz. Meditei por alguns minutos, ao lado do comunicador incomunicável, e decidi encontrar os tais dos abakodens das águas, que Cyano me falou antes de partir, sejam lá o que eles forem. Perguntamos para todo mundo, mas ninguém sabia quem eram os abakodens das águas. Fiquei dias procurando. Até que encontrei um panfleto, com um emblema redondo de duas ondas. Logo abaixo do emblema, um monte daqueles símbolos que o baquara lê. Dei o panfleto para ele, que o traduziu para mim: — Donburso para péssimo apagão nos abatokens bas águias, pa Alena Giral! — Um concurso de abakodens das águas? É isso? — Rin! — Ótimo. Vamos descobrir onde vai ser esse concurso. — Depois de procurar bastante, encontrei um senhor, muito idoso, fechando a sua loja de antiguidades. Ele nos explicou como chegar neste concurso, apontando para uma trilha, que saía da cidade, e entrava no meio do mato. O baquara repetiu para mim, em voz alta, o que ele nos disse: — Hum... soi be om bundorso, gue cai encandecer in Reggaeland! Pare chocar já, sigu pur aquilo trilho alá, ité encondrar una estroba mitorânea! Vara no biruta, e cominho nele, dor mários tias. Foca peidous na Caverna nas Velórias. — Santa katana! E pra seguir aquela trilha?! — Perguntei para confirmar, pois não entendi bulhufas, e o senhor respondeu, acenando positivamente com a cabeça.

Prosseguimos pela trilha, por um dia aproximadamente, encontrando uma estrada larga, ao entardecer, em um lugar que chamamos de "Terras Fantasma". Sem saber para qual lado deveríamos seguir, eu fui na direção de um acampamento aceso, na beira do asfalto. Quando eu me aproximei, ouvi eles conversando, em um idioma desconhecido. As sombras deles, projetadas nas barracas, mostravam que eram arqueiros, pensei em caçadores. Tentei chamar por eles: — Oi, tudo bem? Com licença? Eu só preciso de uma informação... — Um deles apontou o arco em minha direção. Eu vi pela sombra. Peguei a minha espada, para me defender da flechada. O arqueiro

esticou, e soltou a corda. No lugar da flecha, fui atingido por uma rajada de vento, que me jogou para o meio asfalto, junto com o Comunicador, destruindo o acampamento. Aproveitei que o Sol estava se pondo, e coloquei o Sol vermelho na minha espada, criando o meu segundo corpo de luz. Aqueles arqueiros voavam feito pombos, tentando me acertar com a ventania dos seus arcos. Abençoado pela luz do Sol Vermelho, eu era mais rápido que eles, e conseguia escapar dessas rajadas de vento. O baquara, para se proteger, gritou, bem alto, a palavra "ibitaden", deu uma pisada, e paredes de pedras bem sólidas saíram debaixo da terra. Depois, tentava acertar eles, com as correntes do "itakintan".

Um deles avançou contra mim, desde longe, na estrada, e eu fui contra ele, ambos em alta velocidade. Cortei ele no meio com a minha espada. Outros fizeram a mesma coisa, e eu também os matei. Quando tentavam entrar na proteção do baquara, ele os acertava com a corrente. Eu liberei o meu corpo de luz vermelha, e ele ficou dando cobertura para as minhas costas, acertando quem viesse por trás, enquanto eu acertava quem viesse pela frente. E depois de matarmos uns 15 deles, os ataques cessaram. Então, eu e o baquara, usamos as coisas do acampamento, que eles mesmos destruíram, para comer, e repousar, pois estávamos muito cansados dessa batalha. E, no dia seguinte, caminhamos por mais alguns dias na estrada litorânea, passando por uma grande depressão, nos limites de Pacifika, e afastada da estrada.

Certa noite, estávamos acampados na margem arborizada, e eu saí da tenda para ungir a terra. Foi quando eu vi dezenas de discos voadores no céu, que se movimentavam, e brilhavam. — Ba... baba... BAQUARA!!! INVASÃO ALIENÍGENA!!! OS ETS ESTÃO ATACANDO!!! — O Comunicador veio correndo, e eu aponte para os discos voadores. Ele olhou, e riu da minha cara: — Hahahahaha... Mijano... num som oleineginas, sum bankusis, brutas gui prilham! — O quê?! — O baquara voltou, pegou uma tocha, e foi até uma árvore, cujas frutas brilhavam, e tinham o formato de discos voadores. Elas me pregaram uma peça. Voltamos para a tenda, onde o baquara ficou com risadinhas espásticas durante a noite inteira.

Seguimos viagem ao Sol do novo dia, e do dia seguinte. Mas a chuva fina caiu com a noite, e nós encontramos outro grupo de pessoas, reunidos em um acampamento bem menor que o anterior. Estavam perto dos destroços de alguma máquina, toda destruída, não dava para saber o que era. Eu fiquei meio sem vontade de ir lá, perguntar a direção certa. Se fossem mais inimigos, eu teria que enfrentar eles de novo, e não estou a fim de lutar com ninguém. Só quero tirar essa dor do meu ouvido, e recuperar a minha audição, para dormir melhor. Mas, depois, eu pensei: se eu não perguntar, e estiver no caminho errado, vou ter que voltar, andando tudo de novo. Decidi perguntar, tentando ser mais carismático: — Olá amigos, não sou inimigo, não quero briga, viu, não quero briga! — Falei, com um sorriso bem largo no rosto. — Tá rindo do quê?! Tá achando engraçado termos sido derrubados pelos abakodens do céu, 6 anos atrás?! — O quê?! Não, eu não... — Cale a boca, e morra! — Não gostaram do meu sorriso simpático. Se levantaram, e partiram para a briga. Pelo menos, eram só cinco deles, foi o que eu pensava. Mas, pensei errado. Esses 5 valiam por 50. Eram bruxos, abakodens, nem sei mais como chamar isso. Tinham tatuagens no pescoço, e nas mãos, que eram três pontos em "L", um branco, outro meio branco e meio preto, e o último todo preto. — Tata taina! — Um deles jogou aquelas bolas de fogo. — Itaiu no itatar! — Os outros diziam isto, produzindo escudos de metal que atiravam projéteis contra mim, como tiros de metralhadora. Usei as minhas habilidades de samurai para me defender dos tiros com a espada, mas as bolas de fogo me atrapalhavam, e eu não podia usar a espada naquilo. Então, o Comunicador Baquara veio me ajudar, pisando no chão com um pé, e exclamando "itakintanasutar". Essa palavra cansativa, e indecifrável, criou uma enorme corrente de metal, com uma âncora na ponta. Ela batia nas bolas de fogo, e as jogava em cima dos inimigos, que ficaram assustados. Preciso aprender a fazer isso.

Lenda de Orande

Aqueles que atiravam metais em nós, tomaram distância, e eu corri atrás deles, deixando o baquara com aquele que soltava fogo. Usando toda a minha força, eu cortava os escudos, e os covardes fugiam para fazer outro. Enquanto eu perseguia um deles, pisei num cristal, que se acendeu, e uma flecha metálica penetrou meu ante joelho. — Ah... AAAAAAAI!!! Que droga é essa?! — Caí no chão, com uma dor terrível. Eu não podia mais correr atrás deles, que se preparavam para me metralhar à distância, me cercando por todos os lados, então, eu me abaixei, protegendo a cabeça com os braços. Senti coceira por toda a pele, mas não podia me coçar. Fiquei parado, esperando ser alvejado, mas nada acontecia. Curioso, eu olhei ao redor, e tive uma experiência bizarra. Vários cordões de água, com minúsculas bolhas de gás, emanaram da minha pele, e se mexiam, como se estivessem possuídos pelo demônio. Os projéteis dos meus inimigos foram capturados por esses cordões, que me salvaram da morte, e a flecha metálica enferrujou, apodreceu, e se esfarelou dentro de um deles. Preciso mesmo de um exorcista. Um não, todos.

Ataquei aqueles bruxos, que me olhavam assustados. Mas, em vez de correr, eu deslizei sobre a superfície da água, que se acumulou no chão, devido à chuva. Dessa forma, eu derrotei aquele quarteto covarde, que caiu ao fio da minha Espada do Sol Vermelho, e fui ajudar o meu amigo baquara. O bruxo de fogo, quando me viu, atirou uma bola flamejante para me acertar, e eu me esquivei dela, deslizando rapidamente. Enquanto eu distraía esse bruxo, o baquara tentava acertar ele com as suas correntes, e na primeira oportunidade, eu esfriei a cabeça do bruxo de fogo, cortando ela fora.

Estou escrevendo no acampamento deles. O baquara pegou uma máquina de escrever, colocou um daqueles cristais dentro dela, e ficou lendo os seus papéis. Não faço a menor ideia do que ele vai fazer com aquilo. Vai escrever em um cristal?

Se continuarmos assim, meu chá vai acabar. Preciso encontrar logo esses abakodens das águas. Por que tudo tem que ser tão complicado, e distante? Isso é tão cansativo...

Que a sorte me leve até alguma pista, para saber o lado certo que devo ir. Agora, vou tomar o meu chá de cada noite.

Capítulo 19 – O caminho para o passado

Nae, meus pais. Acabei de voltar de uma longa viagem. Vou explicar.

Dormi no circo, com os meus novos amigos, e quando o dia clareou, perguntei para a tecladista o local exato da oficina de reciclagem incendiada, e ela nos levou para os banheiros do circo. Ian foi correndo para o local da sua antiga casa, e se ajoelhou, muito triste. Mariena se aproximou da parede, levantou a sua mão esquerda, fazendo um círculo com dois dedos, e a sua mão brilhou com uma luz esverdeada. Um holograma se projetou na oficina, saindo da sua mão, e mostrava o passado daquele lugar, como se fosse um filme. — Nós, vitas, chamamos isso de Cronovisor. — Vi um retrato do seu pai. A mão esquerda estava assim, igual à sua, e a direita também, mas na cor roxa. — Sim. A mão oposta faz o oposto. Olhem! Deve ser você, Ian. — Respondeu, Mariena, falando de um bebê no colo da mãe. — Sim, é a minha mãe! — Ela parece assustada. Seu pai também. E eles estão muito machucados. — Falou, Mariena, controlando o Cronovisor.

A casa do Ian era bastante humilde, assim como os seus pais. Muitos dos objetos pareciam ser reciclados, tapetes e cortinas remendados, móveis antigos usados, mas tudo era limpo e organizado, tornando a casa bem aconchegante. Em certo momento, o holograma mostrou os pais do Ian comprando uma urna esférica de barro, bem antiquada, e com entalhes, entre outros objetos para reciclagem, de um homem desconhecido. — Eu lembro dessa coisa de barro. Minha mãe achou bonito, e colocou na sala, com flores dentro. — Explicou, Ian. Depois, o Cronovisor mostrou a mãe do Ian tentando cuidar dele, quando era bebê, e levando choques elétricos. E ela não desistia. O Cronovisor avançou no tempo, e mostrou Ian, já grande, e com a tatuagem de raio na cara, recebendo do seu pai a guitarra de presente. Ian saiu de casa com a guitarra, e depois voltou, trazendo bastante dinheiro. Todos ficaram muito felizes, e fizeram uma festa. A seguir, mostrou Angra chegando na casa, vestida de abaete, e perguntando da urna. — Angra... O que ela veio fazer aqui? — Indagou, Mariena. — É ela? A maldita que incendiou a minha casa? — Questionou, Ian, com ódio no olhar. — Sim, é ela mesma. — Respondeu, Mariena. — Vamos ver o que ela vai fazer. — Angra tomou a urna à força da mãe de Ian, derrubando ela. O pai de Ian ficou com raiva, e tentou pegar a urna de volta. Angra deu uma joelhada nele, e incendiou a casa, com eles lá dentro. As flores caíram no chão, e pegaram fogo. Ela saiu da casa, levando a urna, escondida dentro de um cesto de roupas. — Matou os meus pais, e destruiu a minha casa, só porque queria essa porcaria velha?! Só tinha ossos, e poeira, lá dentro! Vou matar essa desgraçada, odeio essa assassina! — Gritou Ian, possuído pela ira, socando a imagem de Angra na parede. Mariena desfez o Cronovisor, e caiu no chão, ofegante. — Mariena, você está bem? — Perguntei, preocupado. — Sim... vai passar... ai... onde eu estou mesmo? — A técnica do Cronovisor mexeu com a memória dela. — Você está no circo da Sisi, na Rota de Akubar, perto da casa incendiada do Ian. — Ajudei ela a relembrar. — Ah sim, lembrei. Obrigada. Só preciso descansar um pouco. E então? Descobriram alguma coisa? — Eu descobri que vou esmagar, e picotar, essa maldita em mil pedaços! — Respondeu, Ian, cansado de tanto socar a parede. Mariena se sentou em uma pedra para descansar. Ian chorava, e gritava, o nome de Angra, com puro ódio. — Ela consegue ver o passado!? É isso mesmo!? — Sim, consigo. — Bravo! Consegue voltar no passado, e mudar a história? — Hahaha... que eu saiba, não, Sisi. Só posso assistir. — Temos que ir agora, Sisi. Obrigado por tudo. — Agradei. — Para onde vocês vão? — Para Akubar. — Ah, sim, faz sentido. Estou pensando em ir com vocês. Não tenho mais nada para fazer aqui. — Todos concordaram, e a Sisi, com a sua robô Zizi, entrou no nosso time. Voltamos para a Rota de Akubar, na direção do vulcão, e eu perguntei, enquanto caminhava: — Ian, faz quanto tempo que ela atacou a sua casa? — Deixa eu pensar... uns 9 meses, mais ou menos. — 9 meses... hum... — Refleti. — Este é o tempo de uma gestação. Mariena? — Sim? — Alguém no Comando das Águas já viu a barriga de Angra, sem as roupas por

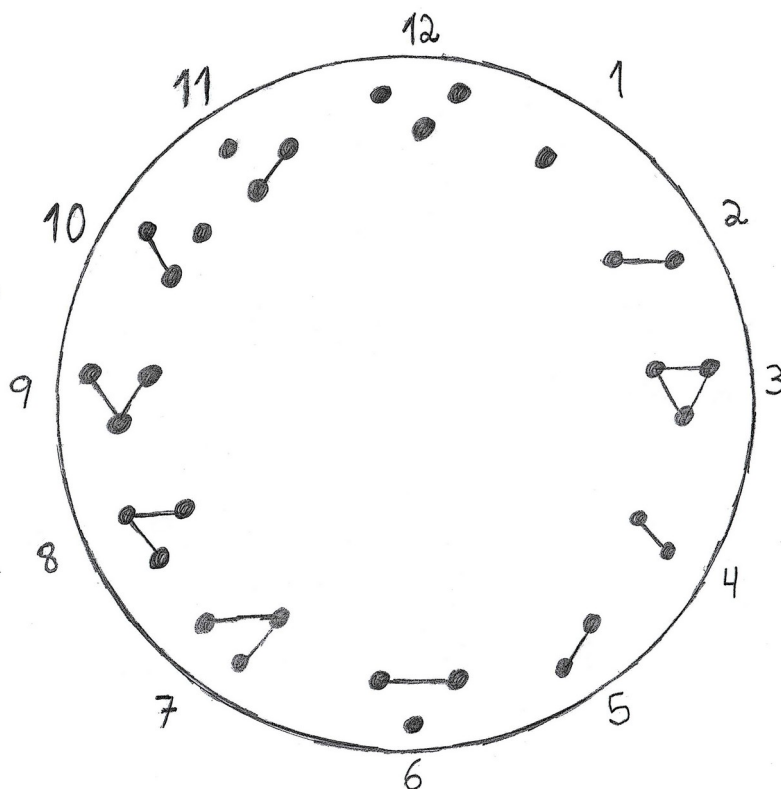
cima? — Não. Ninguém. Ela não deixava. Mas, ela sempre foi esquisita mesmo. — Acho que ela fingiu esta gravidez. Na verdade, ela prendeu a urna em sua barriga. Agora falta saber o porquê disso. — Será?

No meio do caminho, um samurai, e um marinheiro, passaram por nós. Eu percebi que ele parou de andar, e ficou nos olhando. Pensei que ia nos atacar, e me preparei para defender os meus amigos, discretamente. Mas ele seguiu o seu caminho.

Anoiteceu, e continuamos andando pela estrada, iluminada por luzes brancas, e espaçadas, deixando grandes porções da estrada no breu. Mas, em certo ponto, nós paramos, para comer, e dormir. Armamos uma barraca nas ruínas, e montamos uma fogueira, coletando madeiras de árvores mortas, e secas. Eu, e Mariena, tentávamos fazer o que Elise fez, mas o koden "tata" não funcionava em nós. Ian pegou um isqueiro que ele tinha no bolso, e acendeu a fogueira, dizendo: — É assim que se acende uma fogueira. Aprendam. — Pra que você tem um isqueiro? Você fuma? — Perguntei. — Eu não fumo isqueiros! É pra dar sorte, e pode ser útil, para acender fogueiras, por exemplo!

Esquentamos nossa comida na fogueira. Depois, armamos uma barraca, e como alarme de perímetro, eu peguei cordões, estiquei eles em torno do acampamento, e amarrei as pontas na guitarra de Ian. Qualquer coisa que tocasse os cordões, tocaria também a guitarra, acordando todo mundo. — Já sei quem é o cérebro dessa equipe. — Sisi me elogiou — Vamos puxar ronco logo! Tô acabado. — Apressou, Ian, e nós entramos na barraca, para descansar, cada um dentro do seu saco de dormir, até amanhecer o dia. Desmontamos o acampamento, e continuamos a caminhada pela Rota de Akubar. Depois de andar várias horas, encontramos uma escadaria bem estreita, e antiga, feita na colina de uma catedral, com um emblema triangular, e no meio do triângulo, um símbolo, de dois braços em forma de cruz, lembrando uma cruz médica, igual na foto do pai de Mariena. Subimos as escadas, e entramos na catedral. Mariena foi primeiro, pois ela estava muito curiosa. Lá dentro, os nossos passos, e as nossas vozes, ecoavam bastante. — Ah, então é aqui! — Exclamou, Mariena, largando a sua mochila. — Que lugar é este? — Perguntei. — É o antigo monastério dos vitaes. Aqui dentro tem uma biblioteca, e um balcão de poções, em algum lugar... — Respondeu, Mariena, fascinada pelo lugar. — Meu pai vinha aqui, buscando a cura da minha mãe. Preciso dar uma olhada, Kaoni. — Este parece um bom lugar para afinar a guitarra. — Enquanto Ian e Sisi tocavam uma música sinistra no altar, Mariena explorava o antigo, e medonho, monastério, e eu a seguia. Nós encontramos outra escada, que subia por uma torre, onde havia um grande sino de metal. No chão, tinha o mesmo emblema dos braços cruzados dentro de um triângulo, mas com vários símbolos ao redor, lembrando um relógio. No lugar do número 12, havia 3 pontos, em forma de um triângulo, apontado para baixo. O número 11 eram os mesmos 3 pontos, mas com um risco ligando o da direita, com o do meio. O número 10 eram 3 pontos, com o da esquerda, e o do meio, ligados. Em vez do 9, havia 3 pontos ligados, formando um triângulo aberto, apontando para baixo. Os 3 pontos ligados, e formando outro triângulo aberto, apontando para o lado esquerdo, estava no lugar do 8. E no lugar do 7, outro triângulo aberto, mas apontando para a direita. O número 6 estava representado por dois pontos interligados, e um terceiro, em baixo, e no centro. O ponto inferior do meio, e o da direita, conectados, e sem o ponto da esquerda, estavam no lugar do número 5. O número 4 foi substituído pelo ponto do meio, e o da esquerda, ligados pelo traço, sem o ponto da direita. Onde deveria haver o número 3, havia um triângulo, interconectando os 3 pontos. Dois pontos interligados horizontalmente, e sem o ponto de baixo, estavam no lugar do número 2. E finalmente, onde deveria estar escrito o número um, havia apenas um ponto.

Lenda de Orande



Um sistema numérico bastante curioso, de 12 algarismos, e sem o zero.

Mariena se abaixou, para olhar mais de perto, e tocou o chão com a mão esquerda. Os ponteiros, que são os braços do emblema, brilharam na cor verde, e começaram a se mexer, cada vez mais rápido, até o chão todo acender nessa mesma cor. O sino tocava, aumentando a intensidade dos badalos gradualmente, e Mariena, desesperada, pedia a minha ajuda: — Socorro! Kaoni! Não estou me sentindo bem! — Estou indo! — Deixei a bagagem para trás, e fui correndo tirar ela de lá. — Marienaaaa! — O corpo dela estava desaparecendo, e eu pulei para tentar salvá-la. — Kaoni! O que é essa... — Ian gritou, lá da escada.

Antes de ouvir o resto da frase de Ian, eu caí em cima de Mariena, em um lugar totalmente diferente: um abrigo de madeira, e palha. E estava de noite. — O que foi isso? Onde estamos? — Aaaaaaannnn... — Mariena gemia, com a boca, e os olhos abertos. — Mariena! O que é que você tem? — Sacudi ela, tentando fazê-la voltar a si. — Aaaaamaaaamaannnnnnnnnn... pleistoceno, holoceno, cenozoico... Hã?! O quê? — Mariena! Você está bem? — Mariena? Quem é Mariena? Quem é você? Que lugar é este? — Ei! Pare com essa brincadeira! Não tô achando graça! — Que brincadeira? Peraí... quem sou eu? Eu não lembro quem sou eu?! — Mariena começou a chorar, desesperada.

Respirei bem fundo. Ela perdeu toda a memória. Então, eu teria que tranquilizar a enfermeira, e dar o meu apoio: — Calma. Estou aqui para te ajudar. Sou seu amigo. Meu nome é Kaoni Iviturui, e o seu é Mariena Vitae. Consegue lembrar? — Não... não consigo... — Consegue se lembrar da sua mãe? — Tive que apelar para a lembrança mais antiga que alguém pode ter, a da mãe. — Nem da minha mãe eu lembro! — Só fiz ela chorar ainda mais. — Calma... confie em mim, ok? Vamos sair dessa, juntos. Prometo. — Desisti de fazer ela lembrar de algo, já que ela não lembrava nem da própria mãe. — Está bem. Confio em você. — Ela me deu a sua confiança, e isso fez eu sentir algo especial por ela, que não sei explicar o que é.

Lenda de Orande

Peguei a mão dela, para ajudá-la a se levantar. Saímos do abrigo, e estávamos no meio de uma floresta muito densa, e escura. Achei melhor voltar para dentro da cabana, que parecia abandonada, e esperar o dia clarear. Enquanto isso, eu contava para a vitae tudo o que eu sabia sobre ela, mas a memória dela não voltava de jeito nenhum, até que caímos no sono.

A luz do Sol entrou pela porta do abrigo, batendo no meu rosto, e me acordando. Mariena estava dormindo. Achei melhor deixar ela assim. Talvez isso fizesse a memória dela voltar. Saí para a floresta, e subi em uma árvore, para olhar ao meu redor, e me situar. Reconheci o Vulcão Akubar, de um lado da floresta, e do outro, havia uma montanha enevoadas, mais próxima a mim. E bem distante, no meio da floresta, algo que parecia uma pirâmide, mas estava muito longe para ver exatamente o que era.

Desci, e fui andando pela mata, em busca de água, e alimento. E voltei para o abrigo, com a nossa refeição, mas a Mariena ainda não tinha acordado. Minutos depois, ela acordou, gritando o meu nome. — Mariena? Tudo bem? O que houve? — Tive um pesadelo. Entrei num lugar estranho, tinha um sino tocando, senti tontura e fraqueza, e meu corpo estava sumindo, enquanto você tentava me salvar. — Hum... lembra deste sinal? — Cruzei os braços, igual ao pai dela, no retrato. — Sim, eu vi isso no meu pesadelo. Espera. Como você sabe disso? — Não foi pesadelo. Isso aconteceu mesmo. Você está começando a se lembrar.

Mariena fez o sinal dos braços cruzados, e as mãos dela acenderam: a esquerda na cor verde, e a direita na cor roxa. Ela se assustou: — O que é isso?! O que eu sou?! — Você é uma enfermeira, com dons especiais. Uma enfermeira que precisa comer. Toma. — Dei frutas e água para ela. — Obrigada. Você é muito cavalheiro. — De nada... — Comemos as frutas, e bebemos água. Ela não tirava os olhos de mim, nem por um segundo. Depois, saímos do abrigo, e caminhamos na direção do Vulcão Akubar. Encontramos uma trilha no meio da floresta, e seguimos por ela durante algumas horas. A temperatura ambiente esfriou tanto, que saía fumaça das nossas bocas. Toda a floresta se congelou, e o chão estava coberto de neve. Ouvimos pessoas conversando, e a Mariena se escondeu atrás de mim, com medo, apertando os meus ombros com as mãos. Invoquei a Iukaeta Sirai, com um sussurro, e andei bem devagar, na direção das vozes. E assim, nós dois alcançamos uma grande aldeia, com casas de madeira, construídas ao redor de um grande lago congelado, e também sobre ele, aos pés do monte enevoadas. — Ah, quem diria, que depois de tanto tempo, eu voltaria para casa. — A espada saiu flutuando das minhas mãos, reluziu intensamente, e se transformou numa mulher, com vestimentas antiquadas, uma flauta presa na cintura, uma bolsa a tiracolo nas costas, e cuja cor da pele, e os olhos, lembravam o meu pai. — Sejam bem-vindos à Aldeia Imeri de Ca-an! Sou Mil Nossema, a segunda mestra, e especialista em vender mercadorias proibidas! Veja o que eu trouxe para vocês, hoje! — Ela abriu a sua bolsa, cheia de artefatos, poções, e saquinhos de pó. — Não queremos comprar nada, só precisamos entrar naquela aldeia em segurança, e obter algumas informações. — Hum... está bem. Venham comigo. Tenho uma questão não resolvida aqui.

Passamos pelos guardas da aldeia, que confundiram a Mil com a sua neta: — É a cara da Mil Nossema! Onde você foi? — Fui atrás desses dois, aí! Acabaram de noivar, e se aventuraram na floresta, para terem um momento a sós. — Rapaz, ouça o meu conselho, e não leve mais a sua noiva para lugares tão perigosos. Podem passar. — Noiva? Eu sou a sua noiva? — O quê? — Me assustei. Seguimos a Mil Nossema, que causava espanto por onde passava, até uma alfaiataria. — Como vão os negócios? — Perguntou, a Mil, para o alfaiate. — Muito bem! Sua avó, Mil Nossema, nos ajudou muito, vendendo aquele pó, que travou a mão dos concorrentes. — Que bom. Agora, só falta pagar por ele. — Como é? — Eu sou a Mil Nossema, e voltei para cobrar o que me devem! — VOCÊ RESSUSCITOU SÓ PRA ME COBRAR AQUELA GRANA?! — Claro! Eu morri, mas não me esqueci! Vamos ver... 650 Kaas, mais a multa de 650 anos de atraso... você me deve 21775

Kaas! — O QUÊÊÊÊ?! Isso é uma fortuna! E as suas contas estão erradas, pois a compra não foi feita há 650 anos! Estamos no ano 230! — Fiquei sem chão, olhando para a Mariena, e ela me olhou de volta, confusa, e preocupada. — Vamos negociar, por favor. Pode ficar com a casa do meu bisavô! Não tem ninguém morando nela. Assim, quitamos essa dívida. — Hum... aceito a sua proposta. — O alfaiate passou as chaves, e o endereço da casa, para a Mil Nossema. E, do lado de fora da alfaiataria, a segunda nos entregou as chaves, e o endereço da casa, dizendo: — Agora eu me lembrei de que não preciso dessa casa. Podem ficar com ela. Fiquem com isso também. É uma amostra do meu pó de num, que só eu sei fazer. Este aqui, desabilita uma parte do cérebro, fazendo o alvo delirar. Bons ventos frios te guiem, sexto mestre! — Mil Nossema reluziu, e desapareceu.

Nos dirigimos até o endereço da casa, entramos nela, e fechamos a porta. Dentro dela, eu tive a impressão de que havia outra pessoa conosco. Vasculhei toda a casa, e não encontrei ninguém, mas essa sensação continuava dentro de mim. — O quê foi, Kaoni? — Estranho... sinto que tem mais alguém aqui dentro, mas não encontro ninguém. — Deve ser o fantasma do bisavô dele, que morava aqui. — Não, não. É alguém que eu conheço, mas não sei dizer quem é... — Hum... por que você me olhou daquele jeito? — Aiai... — Cocei a cabeça, depois os olhos, e expliquei: — Mariena, Mariena... você enviou nós dois, quase 500 anos, no passado. — Como isso é possível?! Como eu fiz isso?! — Conte para ela tudo o que aconteceu. — Nossa, é difícil de entender essa história... você não disse que eu tenho dons de enfermeira? Enfermeira cura pessoas, não controla o tempo. — Eu também estou confuso... precisamos voltar neste monastério, para você nos levar de volta para nossa época. — Porque não ficamos aqui? Podemos casar, ter filhos e envelhecer, nesta época mesmo. — O quê?! — Hihhi... Estou com sede... pode buscar água pra mim, querido? — Pare com isso...

Busquei água para Mariena, e pedi para ela me esperar em casa, enquanto eu ia lá fora, obter mais informações. Todos os moradores tinham algumas características dos meus pais, como se fossem nossos ancestrais. Eles apenas estranhavam as minhas roupas. Uma escultura de um grande bode, com dois chifres laterais em espiral, e um pontiagudo na testa, chamou a minha atenção. Seu nome era Ao-Ao, e estava gravado em uma placa de metal. Vários vendedores rodeavam essa escultura, e perguntei, para um deles, sobre a Rota de Akubar. Ele me saudou, com a saudação dos abakodens, e disse: — Está planejando um ataque? Tenho algumas armas aqui a venda e... — Não, não... só preciso saber como chegar lá. — Procure por Hosira Nossema, ele é um dos nossos guias. Vai te dar toda a informação que precisa. — Obrigado. — Por nada. Bons ventos frios te guiem! — Esta frase parece ser um tipo de lema, sei lá.

Perguntei aos habitantes sobre o tal Hosira Nossema, até que o encontrei, cercado por crianças, explicando um mapa para elas. Se vestia diferente, usando um manto parecido com o de Majui, e um símbolo tatuado no braço, que era um círculo grande, e um ponto sobre um traço. — Hosira Nossema? — Nae. Quem é você? Que roupa é essa? Você veio das Terras Fantasma, né? Só lá que encontramos gente estranha assim. — Sou Kaoni Iviturui, abakoden das águas. — Abakoden das águas? Do sexo masculino? E com essa roupa?! — As crianças começam a rir. — Sim, sim... longa história. — Você é muito esquisito... — Olhe, tenho o amuleto. — Ah, sim... eu já estava duvidando, ivituruis têm fama de serem mentirosos. O que você precisa? — Preciso saber da Rota de Akubar, como posso chegar nela. Tenho que ir no monastério dos vitaes. — Você e mais quem? — Eu, e Mariena. — Mariena? Quem é Mariena? — Minha... minha noiva... — Você está louco? Não basta querer se matar, quer levar a noiva pra morrer junto? Qual o problema de vocês? — Um problema muito sério. Precisamos de ajuda, e temos que chegar naquele monastério. — Para chegar lá, terão que atravessar a floresta de Ca-an, seguindo a trilha 12. Tem marcações ao longo da trilha, para saberem em qual estão. Passarão por um lago, e depois, ruínas antigas. E após 6 dias de caminhada, chegarão na Rota de Akubar, perto desse monastério. — Obrigado. — Mas, espere. Ir

até lá, apenas você, e a sua noiva, é arriscado demais. — Por quê? — Os moacubas, nossos inimigos, que vivem em Akubar, estão sempre em guerra contra nós. Odeiam ivituruis, e nossemas. Eles ficam à espreita na floresta. — Ah... acho que entendi... — Sua noiva está doente? Por isso, precisam ir até os vitas? — Não. Eu não sei se devo falar pra você... é uma história muito cabeluda... vai achar que estou louco... — Hum... está me assustando... sente-se aqui. E fale baixo. Pode dizer, o que está acontecendo com vocês. Confie em mim. Seja lá o que for, não vou fazer nada disso. — Certo. — Me sentei ao lado dele. — Crianças, podem nos dar licença? Voltem para os seus pais. Vão! — Ordenou, o guia, e as crianças foram embora, de cabeça baixa, nos olhando. — Minha noiva é uma vitas, e nós não somos daqui. — Isso eu percebi. — Não. Nós não somos dessa época, somos do futuro, do ano 714. — O... q... o quê?! — Hosira ficou abismado. — Este monastério, no futuro, está abandonado. Minha noiva explorava ele, subiu na torre, tocou o chão dele, ativou não sei o quê, e voltamos para o passado. Ela perdeu a memória, não lembra nem da própria mãe. — Hahahaha... já conheci outros doidos, que dizem algo parecido... rããã, prometi que não ia fazer isso. Tem como provar o que está dizendo, iviturui? — Peguei o que eu tinha nos bolsos: o cristal de créditos, o mapa de Teknalia, e a caneta que os guardas me deram. — O que é isso? — Perguntou, Hosira, analisando a caneta. — Uma caneta da minha época. — Estranha essa caneta... e o mapa... hum... é do Comando do Metal, 300 anos no futuro, e parece velho. Este mapa me convenceu. Onde está a sua noiva? — Em casa. — Preciso falar com vocês dois, em um local onde pirralhos não fiquem nos espiando! Eu mandei vocês voltarem para os seus pais! — As crianças estavam escondidas, ouvindo tudo, e depois da bronca, foram embora, resmungando pro chão.

Levei ele para a casa onde Mariena me esperava. Hosira se certificou de que ninguém espiava a gente, e depois falou: — Nae, Mariena. — Quem é ele, Kaoni? — Sou Hosira Nossema, o guia da cidade. — Ele mesmo respondeu, e prosseguiu: — Kaoni me contou tudo. Vou ajudar. — Que bom, obrigada! — Agradeceu, Mariena. — Mas, hoje vocês não podem sair daqui. — Não? Por quê? — Perguntei. — Descobrimos que os moacubas de Akubar estão planejando nos atacar. Então, vamos fazer um ataque surpresa, hoje à noite, antes deles. Tentaremos manter a batalha longe daqui. — Você vai pra guerra? — Sim. Eles precisam de mim, eu conheço todos os caminhos da floresta. Vocês, esperem aqui, em casa. Não saiam. É mais seguro. Entenderam? — Sim. — Respondi. — Ficaremos aqui. — Completou, Mariena. — Quando a batalha terminar, eu volto, e levo vocês até o monastério. — Bons ventos frios te guiem. — Experimentei esta frase. Hosira foi embora, e ficamos esperando por ele dentro da casa de pedra.

Perto do anoitecer, ouvimos um grito muito forte, enérgico, lá fora. Olhei pela janela, e vi centenas de abakodens da cidade, em formação. Os que eram da tribo dos nossemas tinham um halo escuro em torno do corpo, e a pele dos que eram da tribo dos ivituruis congelava o ar que tocava, deixando um rastro de neve. Todos avançaram para a floresta, que seria o campo de batalha. Começou a nevar, e o Vulcão Akubar estava aceso. Mariena sentiu muito frio. Então, eu peguei uns tecidos que havia dentro da casa, e cobri a enfermeira.

Depois de algumas horas, alguns inimigos invadiram a aldeia, e quase todos usavam kodemas de fogo. Não podiam ficar parados sobre o lago congelado. Os que ficavam, derretiam a camada de gelo sob os seus pés, afundavam na água congelante, e pereciam de hipotermia. Trancamos todas as janelas, e a porta pegou fogo, quando Mariena a fechou. Invoquei a minha espada, gritando "Iukaeta Sirai", e ela apareceu nas minhas mãos. Eu me preparei para atacar o inimigo com a espada, quando, inesperadamente, ela desapareceu. — Mas, o quê?! Iukaeta Sirai! — A espada reapareceu, e depois de alguns segundos, sumiu de novo. — Que droga é esta? — Kaoni, o que você está fazendo?! Ele vai invadir a casa! — Eu sei! Estou tentando invocar a minha espada! — Depressa! — Continuei invocando a espada, e ela continuava sumindo.



Um inimigo queimou toda a porta. Ele vestia uma roupa semelhante à dos moradores da aldeia, antiquada, e rasgada pela batalha, com uma insígnia que lembrava o Vulcão Akubar. O invasor pegou uma munição de fuzil, e apontou ela para a cabeça de Mariena. Peguei o saquinho que a Mil me deu, e joguei ele no inimigo. Errei o alvo, mas o pó cobriu todo o inimigo. Ele teve alucinações, se desesperou, e afundou nas águas frias do lago, morrendo congelado.

Outro inimigo entrou pela janela, me atacando com um bastão incandescente. Eu fiz o escudo de gelo, do kodema "igu tar", para me defender dele. Após receber vários golpes, meu escudo foi dividido em dois, pelo bastão do moacuba. Invoquei a Lukaeta Sirai, e tentei enfiar ela na barriga dele, mas ela desapareceu, e eu só encostei a minha mão vazia em seu abdômen. O inimigo percebeu, e me deu um chute. Caí em cima de um amontoado de lenha, que o inimigo se preparou para acender, com um kodema de bola de fogo. Fui salvo pela Mariena, que veio por trás do invasor, e quebrou um relógio antigo, de madeira e vidro, na cabeça dele. O cuco do relógio ficou maluco. Aproveitei o momento, e joguei o invasor pra fora da casa, pela mesma janela que entrou.

A casa foi cercada, e toda incendiada. Eu apagava as chamas com os meus kodemas de água, mas ela desabou em cima de nós. Quando a batalha terminou, ainda nevava, e nós dois ficamos presos nos escombros. Mariena tremia de frio, e eu a abracei, para aquecê-la. Passamos a noite assim, e acordamos de manhã, bem cedo, com Hosira Nossema nos chamando. Ele nos tirou dos escombros, com a ajuda de outros aldeões, quando ouviu as nossas vozes. Mesmo sem comer, nem nada, ainda coçando os olhos, seguimos Hosira Nossema, que nos levou para a floresta de Ca-an, na tal da trilha 12, onde havia marcações nas árvores, e nas pedras, com o número. No meio do caminho, ele ouviu os nossos estômagos roncarem, e nos deu alimento, e água: — Toma. Comam, e bebam. Não demorem. — Falou o guia, com a mão na empunhadura da espada, olhando tudo ao redor. Após essa pausa, continuamos pela trilha. As horas foram passando, e ao anoitecer, chegamos nas margens de um lago. — Vamos acampar aqui — Sugeriu. — Não é bom. Podem nos ver de longe. Melhor acampar na mata fechada. — Ensinou, o guia, nos levando para longe da margem do lago, e acampamos num local seguro, mas na hora de dormir, os mosquitos nos comiam vivos: — Ai... Kaoni... esses mosquitos não me deixam em paz! — Sim, já percebi. — Falei, me coçando todo, e continuei: — Precisamos de folhas de cítrio. — Cítrio... — Mariena ficou paralisada por alguns segundos — Sim, lembrei de uma mulher me ensinando sobre esta planta, eu estava na floresta, junto de outras pessoas, e você estava lá. — Ah, sim, é a nossa treinadora, Elise. — Expliquei para ela. — Lembra de mais alguma coisa? — Não, só lembro até aí. — Tente se lembrar. Enquanto isso, eu vou buscar o cítrio. Já volto. — Sim, ai... cuidado. Ai... sai, bicho chato!

Fora da tenda, vi Hosira de pé, vigiando o acampamento. — Kaoni? Vai aonde? — Perguntou o guia. — Vou procurar cítrio para os mosquitos. — Ah. Se for adubar a floresta, lembre-se de cavar um buraco, para fazer cocô dentro, e... — Tata taina! — Gritou alguém, de cima da árvore. — Filho da... merda! — Xingou, Hosira, assoprando na bola de fogo, que foi diminuindo até apagar, e atrás dela surgiu um daqueles inimigos de Akubar, com um bastão em chamas. Hosira se defendeu com a espada, e se preparou para assoprar na face do inimigo, que usou o "ivtu pi", para

Lenda de Orande

escapar em um pulo. — Foge não, maldito moacuba! — Gritou Hosira, atirando a espada no inimigo, que ficou cravada em uma árvore de cítrio, e o inimigo pendurado nela, sangrando até a morte. Fui até a árvore, para pegar as suas folhas, mas estavam sujas de sangue. Isso não ia funcionar para espantar mosquito. Ia até chamar mais mosquitos. Voltei para a tenda, de mãos vazias. — Kaoni? Trouxe o cítrio? — Tá sujo. — Ai... sujo de quê? — Sangue. — ... ai, que saco.

Amanheceu, e não conseguimos dormir, estávamos com a pele cheia de picadas, e olheiras escuras. Mariena se coçava com a mão esquerda, quando saiu um raio verde da sua mão, e ela tomou um choque. — Aaaai! O que foi isso? — Sua habilidade de cura. — Respondi. — Cura?! Isso?! — Seguimos Hosira, que continuou nos guiando pela trilha 12, por mais alguns dias, até chegarmos na Rota de Akubar, próximos do monastério, no fim da tarde. — Chegamos. Lá está o monastério vitae. Digam que foram guiados por mim. Eles me conhecem. Acho que é um adeus. — Hosira se despediu, nos abraçando. — Boa sorte. Bons ventos frios vos guiem.

Fui para o monastério com Mariena, e o guia voltou para a floresta, pela trilha 12. Um canto, que vinha de dentro do monastério, podia ser ouvido, e era uma repetição: — Viiitaaaacronomooooooooon... Viiitaaaacronomooooooooon...

Depois de subir toda aquela escadaria novamente, encontramos o monastério ocupado por muitas pessoas. Algumas faziam o sinal dos vitae sem acender as mãos, enquanto outros acendiam. Andamos dentro do monastério, todos estavam de olhos fechados, meditando. Mas em uma fração de segundo, vários deles nos cercaram, apontando a mão direita para nós, e ainda de olhos fechados. Todas as mãos estendidas brilhavam na cor roxa. — Quem são vocês dois? — Perguntou, a mulher que estava no altar. A voz dela ecoava pelo monastério. — Sou Kaoni Iviturui, e ela é Mariena Vitae. Hosira Nossema nos trouxe até aqui. — Hosira Nossema? E ela é uma vitae? — Mariena fez o sinal dos vitae. — Está bem. — Desfizeram o cerco ao redor de nós. — O que precisam? — Voltar para a nossa época. Somos do ano 714... — Conte a história para ela. — Agora, vocês têm um novo problema. Ir para um momento específico é muito, muito mais difícil, do que para um momento aleatório. Você perdeu a memória, não é Mariena? — Sim, mal consigo lembrar quem eu sou. Ainda bem que tenho um amigo como Kaoni por perto. — Aproxime-se. Sem memória, não tem como você voltar para a época correta. Mariena foi até o altar, onde a mulher segurava um jarro de barro, com as duas mãos, e repetia: — Oderanandi No Akuar No Esari... Oderanandi No Akuar No Esari...

Todos ao redor começaram a repetir o mesmo kodema, e então, a mulher derramou sobre a cabeça de Mariena o conteúdo do jarro, dizendo: — Kaoni, ela está neste exato momento tendo uma visão de toda a vida dela. Isso vai deixá-la com um mal-estar enorme. Fique junto dela. — Mariena entrou em um transe muito profundo, e eu fiquei ao lado da minha amiga, por várias horas. O tempo neste monastério parece que anda mais devagar, e quando Mariena saiu do transe, ela caiu, mas eu a segurei. Depois, ela vomitou, e com as mãos na cabeça, gemeu de dor: — Aaaaiiii... minha cabeçaaaa... parece que vai explodir... me ajuda... aaaaiiii... — Mariena? — Kaoni... ai... me ajuda... — O que eu faço? — Perguntei para a mulher do altar, que parecia ser a líder. — Apenas fique com ela. Vai passar.

Limpei o rosto de Mariena, e ela chorava muito, de dor. Isso me deixou triste, e com frio. Parece que só sinto frio quando fico triste. — Não precisamos de outro problema, rapaz. Controle as suas emoções, senão, você congela, até morrer aos pedaços. — Ordenou, a líder do monastério. — O quê!? — Gritei, assustado. — Não grite no monastério. — Ai... minha cabeça... — Viu só? Você deixou ela com mais dor de cabeça. Fique quieto, e controle-se.

Passaram-se mais algumas horas, e a mulher desceu do altar, oferecendo um copo de água para a Mariena. — Toma. Você precisa se hidratar. — Obrigada. — Você se recorda de tudo? —

Sim. Até de coisas que já tinha esquecido faz muito tempo. — Ótimo. Lembra-se do momento exato que te trouxe para o passado? — Sim, e com detalhes. — Perfeito. Você está pronta para voltar para a sua época. — Posso te perguntar uma coisa? — Sim. — O corpo da minha mãe corrói o próprio endir dela. Se ela ficar acordada, ela morre. Meu pai já fez de tudo para curar ela, e ele acabou morrendo. — Ela tem um trauma no endir. É preciso ter endir para gerar endir. Provavelmente, o bios dela não consegue gerar endir suficiente para manter o corpo em pleno funcionamento. Você terá que acertar este minúsculo ponto de endir, com a energia da sua mão esquerda. — Entendi. — Vocês me disseram que o monastério está abandonado, no futuro? — Sim. — Eu sabia. Previ que isso aconteceria. Darei uma missão para vocês. — Ela se abaixou, pegou um livro antigo, com um palmo e meio mais ou menos de tamanho, e bem grosso, e entregou este livro para Mariena. — Leve isto com você. — O que é? — O Livro da Vida. Nosso livro sagrado. Leia ele inteiro, e reúna alguns membros para cuidar do monastério, lá no futuro. — A mulher subiu no altar, respirou fundo, e disse: — Lembre-se, Mariena. Concentre-se no momento em que você tocou o Relógio de Membir, e toque ele novamente, mas com a mão direita. Adeus. Viiiitaaaacronoomooooooooon... — Ela voltou para a sua meditação.

O livro tinha o emblema da tribo vitae na capa. Subi as escadas da torre com Mariena, ela estava muito ansiosa, e reclamava do peso do livro. Eu me ofereci para levar o livro, mas quando o toquei, ele me deu um choque, e paralisou a minha mão. — Tudo bem, Kaoni? — Sim. Depois, nós vemos isso. Vamos voltar primeiro para o nosso tempo. — No alto da torre, embaixo daquele grande sino, Mariena me abraçou bem apertado, e disse: — Você é uma pessoa maravilhosa, Kaoni. Mesmo eu esquecendo de você, e até de mim mesma, você não me deixou pra trás. Preciso de você sempre perto de mim. Eu... acho que... eu... — Nossos rostos ficaram bem perto um do outro, e ela olhou lá no fundo dos meus olhos. Mariena ficou tímida, deu um sorriso encabulado, olhou para o chão, e falou: — Eu... acho... tenho que... vou me concentrar... preciso me concentrar... é. — Ela se abaixou, olhando para o emblema do chão, e continuou: — Preciso me concentrar naquele exato momento, que nos mandou para o passado. Vamos lá. — Mariena fechou os olhos, e se concentrou, profundamente. Depois, ela tocou o chão, com a mão direita, hesitando um pouco. O sino badalou, o emblema girou como antes, mas no sentido oposto, e brilhando na cor roxa, a mesma da mão direita de Mariena. Nossos corpos desapareceram diante dos nossos olhos, a luz roxa ofuscou todo o mundo ao nosso redor, e quando ela enfraqueceu, os nossos corpos reapareceram, no mesmo lugar, ao amanhecer. O sino estava amassado, e parou de bater aos poucos, enquanto eu deitava Mariena no chão. Tirei o meu cachecol, enrolei, e coloquei embaixo da cabeça dela, como travesseiro. Limpei o seu rosto, e sentei ao lado dela, mas, antes de sentir qualquer alívio, escutei muitas pessoas subindo a escadaria da torre. Coloquei o livro sobre a enfermeira, mesmo levando choque, peguei ela no colo, e procurei um esconderijo ao meu redor. Só havia uma opção. Atravessei a janela, me equilibrando no estreito beiral da torre, desafiando uma altura de centenas de metros, e uma ventania que tentava nos derrubar. Apertei a minha amiga no meu peito, usando a força dos meus braços, para não deixá-la cair, e me escondi atrás de uma parede. Espiei o interior da torre, e vi 5 cavaleiros, vestindo armaduras de metal. A armadura do braço de um deles parecia estar colada em sua pele. — Deve ter sido o vento, que balançou o sino. — Falou, um dos cavaleiros, e foram embora, descendo as escadas. Eu voltei para dentro da torre com a Mariena, e deitei ela no chão novamente, com todo o cuidado. Escrevi esta longa carta enquanto ela se recupera. Como não tem mar, ou rio, aqui, vou guardar esta carta, até encontrar um lugar para deixar ela. Preciso descobrir quem são esses cavaleiros, resgatar o Ian e a Sisi, e sair desse monastério com eles, e a Mariena, em segurança.

Lenda de Orande



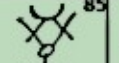
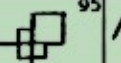
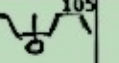
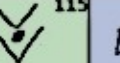
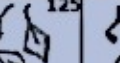
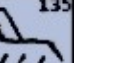
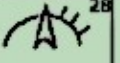
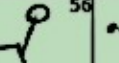
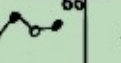
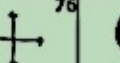
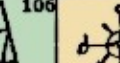
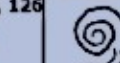
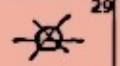
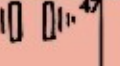
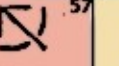
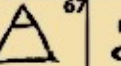
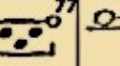
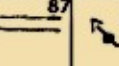
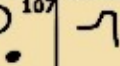
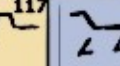
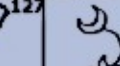
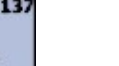
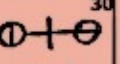
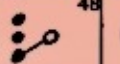
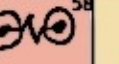
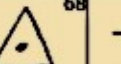
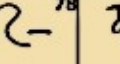
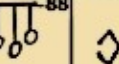
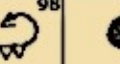
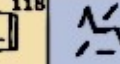
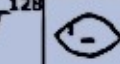
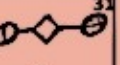
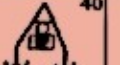
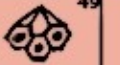
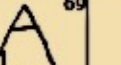
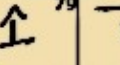
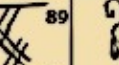
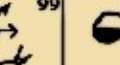
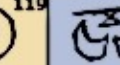
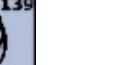
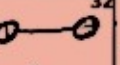
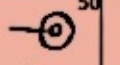
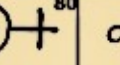
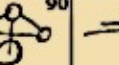
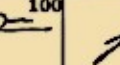
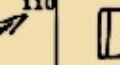
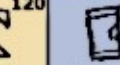
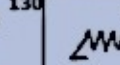
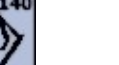
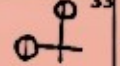
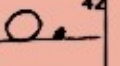
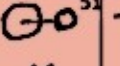
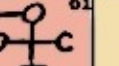
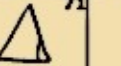
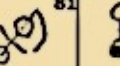
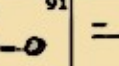
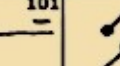
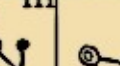
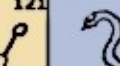
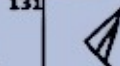
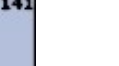
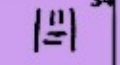
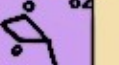
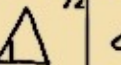
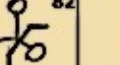
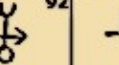
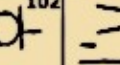
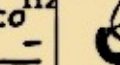
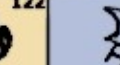
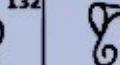
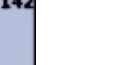
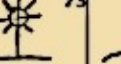
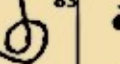
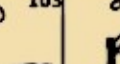
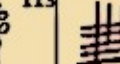
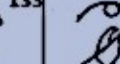
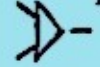
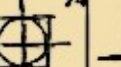
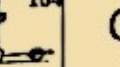
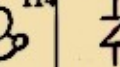
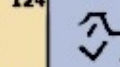
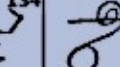
Obrigado!

Leia também: Lenda de Orande, parte 2.

Lenda de Orande

Glossário.

**Os livros malditos de Membir Baquara (F. Ruiz P.)
"Código Baquara".**

Tabela kodênica Os livros malditos de Membir Baquara (F. Ruiz P.) "Código Baquara".																													
1  Kodon															55  Sema	65  Nemna	75  Pan	85  Aim	95  Ser	105  Oderan	115  Nemiv	125  Caa	135  EKir						
2  Ani	19  Crono	28  Cromo	37  Cosmo	46  Ul	56  Korem	66  Uam	76  Zod	86  Iuka	96  Orande	106  Nai	116  Arcemese	126  Aban	136  Lus																
3  Ecetu	11  Ivtu	20  Id	29  Asroi	38  Aera	47  Oni	57  Iar	67  Ago	77  Imanu	87  Koi	97  Viera	107  Tir	117  Anno	127  So	137  Lo															
4  Poxy	12  Igu	21  Ni	30  Fal	39  Ne	48  Bir	58  Rin	68  Una	78  An	88  Aman	98  Arka	108  Sem	118  Ben	128  Tac	138  Gir															
5  Num	13  Tara	22  Ud	31  Fiv	40  Quo	49  Ur	59  Rup	69  Uba	79  Lu	89  Rai	99  Kia	109  Andi	119  Ci	129  Ara	139  Don															
6  Ina	14  Ibi	23  Kodam	32  Ma	41  IKU	50  No	60  Sev	70  Iga	80  Ruak	90  Amama	100  Koi	110  I	120  Ben	130  Rou	140  Lasta															
7  Endir	15  Ira	24  Kodaf	33  Nou	42  Asu	51  Ni	61  Tei	71  Obi	81  Sira	91  Inema	101  Anom	111  Dur	121  Sar	131  Bas	141  Aus															
8  Bios	16  Is	25  Pi	34  Hec	43  Mir	52  Ash	62  Nae	72  Can	82  Tor	92  Here	102  Onre	112  Far	122  Meri	132  Kaira	142  Po															
9  Orem	17  Akir	26  Aka	35  Dam	44  Lib	53  Andira	63  Asemi	73  Tama	83  Kin	93  Sal	103  Son	113  Nix	123  Lelo	133  Anni	143  Bo															
10  Xor	18  Esari	27  Sho	36  Nad	45  Shulam	54  Akamere	64  Shugu	74  Tama	84  Urash	94  Eres	104  Tan	114  Arcese	124  Inzeru	134  Uika	144  Uin															

Primários:

1: Koden: Elemento de código. Divisa de abamirim.

2: Ani: Poder do céu. Luz. Nome do planeta-irmão da Terra. É a junção dos outros 3 primários (ecatu, poxy e num), que gera a luz. Tem também capacidades gravitacionais. Quem possuir ani em seu endir, poderá fazer ele mais facilmente, porém ele dificulta a criação de outros elementos. Cor branca e dourada. Origem: suméria.

3: Ecatu: Elétron, "O bem". Energia e massa. Origem: nativos brasileiros.

4: Poxu: Próton, "O mal". Energia e massa. Origem: nativos brasileiros.

5: Num: Ausência de energia. Vazio massivo. Vácuo (não absoluto). Zero. Origem: nativos brasileiros.

6: Ina: O oposto de Ani. Escuridão. Antikoden. Vazio de massa.

7: Endir: Alma. Energia interna. Origem: nativos brasileiros.

8: Bios: Endir crítico, vital. Origem: latim, e tecnologia.

9: Orpem: Energia morta. Origem: suméria.

10: Xor: Magnetismo. Emancipação. Revolução pela liberdade. Origem: suméria, e tecnologia.

Elementares:

11: Ivu: Vento, ar. Aumenta em 5 vezes o poder do tata (fogo). Cor dourada. No Koden-Sho é o dedo médio. Origem: nativos brasileiros.

12: Igu: Água. Cor azul. No Koden-Sho é o anelar. Origem: nativos brasileiros.

13: Tata: Fogo. Calor. Cor vermelha. No Koden-Sho é o indicador. Origem: nativos brasileiros.

14: Ibi: Terra, e pedra. Cor marrom. No Koden-Sho é o polegar. Origem: nativos brasileiros.

15: Ita: Metal, e cristal. Cor cinza escuro. No Koden-Sho é o dedo mínimo. Origem: nativos brasileiros.

Lógicos:

20: Id: Koden de vogal numérica Id. Id Ad Ud = 12. Idadudi = 5.

21: Ad: Koden de vogal numérica Ad.

22: Ud: Koden de vogal numérica Ud.

23: Kodan: Ativar:

24: Kodaf: Desativar:

29: Asrai: Liberar, abortar. Não funciona em maldições.

30: Fal: Falso, mentira, cópia. [F, Ph].

31: Fiv: Se... (condição).

32: Ma: Então... (ação). [M].

33: Nou: Inverter, senão. Negativo, subtração. [N]. Andira = Tristeza. Nandira = Alegria.

38: Aeta: Muitos. Multiplicar. Origem: nativos brasileiros.

39: Ne: Limite (até que...). Origem: nativos brasileiros.

Lenda de Orande

40: Quo: Existir, tempo presente, consciência, igualdade e equilíbrio. Justiça. Membir descobriu que a existência depende da consciência no tempo presente, e a própria existência depende do equilíbrio, mantido pela igualdade e pela justiça. Este foi o koden mais difícil para Membir decifrar.

41: Iku: Pequeno, menor. Origem: nativos brasileiros.

42: Asu: Grande, maior. Origem: nativos brasileiros.

47: Oni: Infinito, reflexo.

48: Bir: Primeiro, início. Origem: suméria.

49: Ur: Equipe, grupo, classe. Origem: suméria.

50: No: Com, dentro, encher. Origem: nativos brasileiros.

51: Ni: Sem algo. Fora. Origem: nativos brasileiros.

57: Iar: Cortar, quebrar, repartir, ponto flutuante. Origem: suméria.

58: Rin: Transferir, mover. [R]

59: Rup: Ou, como, onde, quando, por quê.

60: Sev: E, por causa, através, conforme.

61: Tei: Exclusivo, portanto.

Controladores:

19: Crono: Tempo, evolução.

28: Cromo: Controle, dimensão, contagem, arco. Koden necessário para criar um uan (molécula).

37: Cosmo: Espaço, ordem.

46: Ul: Escrever, pintar, criar. [L]. Origem: suméria.

55: Sema: Consumir, trancar, boca. Origem: nativos brasileiros.

56: Kanem: Fugir, correr, ir. Origem: nativos brasileiros.

65: Nemina: Esconder. Origem: nativos brasileiros.

66: Uan: Constelação, molécula. Vaga-lumes. Origem: nativos brasileiros.

75: Pan: Arredondar, transformar. Roda. Origem: nativos brasileiros.

76: Zod: Caminho, linha, junção, conexão. [Z].

85: Ain: Vida, filho. Origem: nativos brasileiros.

86: Iuka: Morte. Origem: nativos brasileiros.

95: Set: Maldição, azar, caos, hiperespaço. "Nouset" não remove maldição; inverte o seu efeito. Origem: egípcia.

96: Orande: Amanhã, futuro, depois. Origem: nativos brasileiros.

105: Oderan: Ontem, passado, antes. Origem: nativos brasileiros.

106: Nai: Porta, passagem, filtro, seleção. Origem: suméria.

115: Namu: Enviar, dar. Origem: suméria.

Descritivos:

Lenda de Orande

- 67: Aga:** Vermelho, agilidade. Origem: nativos brasileiros.
- 68: Una:** Preto, absorção. Origem: nativos brasileiros.
- 69: Uba:** Amarelo, carisma. Origem: nativos brasileiros.
- 70: Iga:** Branco, paz, pureza, inocência. Origem: nativos brasileiros.
- 71: Obi:** Azul, experiência. Nobi = novo, inexperiente. Origem: nativos brasileiros.
- 72: Can:** Verde, promessa. Origem: nativos brasileiros.
- 73: Taina:** Estrela, planeta, astro. [T]. Origem: nativos brasileiros.
- 74: Tama:** Chão, cerco, território. Origem: nativos brasileiros.
- 77: Imanu:** Mensagem. Origem: suméria.
- 78: An:** Fantasma, invisível. Origem: nativos brasileiros.
- 79: Iu:** Espinho, ponta. [J]. Origem: nativos brasileiros.
- 80: Ruak:** Ferramenta, utensílio. Origem: suméria.
- 81: Sira:** Arma. Origem: nativos brasileiros.
- 82: Tar:** Escudo.
- 83: Kin:** Corda, cauda. [K].
- 84: Urash:** Nuvem ou nebulosa.
- 87: Koi:** Nômade, errante, cometa, meteoro, estrela cadente, livre. Origem: nativos brasileiros.
- 88: Aman:** Chuva. Origem: nativos brasileiros.
- 89: Rai:** Raio, rajada, fluxo.
- 90: Anama:** Aprendiz. Divisa de anama. Origem: nativos brasileiros.
- 91: Inema:** Traidor. Origem: nativos brasileiros, e inglês.
- 92: Hete:** Honrado. Divisa de abaete. Origem: nativos brasileiros.
- 93: Sai:** Silêncio, furtivo, espião. Divisa de abasai.
- 94: Eres:** Amizade. Origem: nativos brasileiros.
- 97: Victa:** Vitória, sucesso, boa saúde. A saúde é a vitória do corpo sobre os agentes patológicos. Relacionado à tribo Vitae. [V]. Origem: latim.
- 98: Arka:** Predador.
- 99: Kia:** Monstro, medonho, feio. Origem: nativos brasileiros.
- 100: Kei:** Aqui, perto, ao redor. Origem: nativos brasileiros.
- 101: Anom:** Longe. Origem: nativos brasileiros.
- 102: Onte:** Pesado, denso. Origem: nativos brasileiros.
- 103: San:** Em cima, superior. [S]. Divisa de abasan. Origem: nativos brasileiros.
- 104: Tan:** Forte. Divisa de abatan. Origem: nativos brasileiros.
- 107: Tir:** Coragem ou liderança. Origem: nativos brasileiros.

Lenda de Orande

- 108: Sen:** Eu, meu. Origem: nativos brasileiros.
- 109: Andi:** Você, seu. Origem: nativos brasileiros.
- 110: I:** Agudo, fino, afiado. Origem: nativos brasileiros.
- 111: Dur:** Resistente. Origem: suméria.
- 112: Far:** Guia. Origem: suméria.
- 113: Nix:** Noturno, noite, ressurreição.
- 114: Arekese:** Lua, satélite, "orb", companhia. Ibiarekesu = Lua de pedra, a lua de Ani que foi capturada pela gravidade da Terra. Origem: nativos brasileiros.
- 116: Aramese:** Sol, dia, solidão. Origem: nativos brasileiros.
- 117: Anmo:** Precipício. Espaço. Origem: nativos brasileiros.
- 118: Den:** Parede, proteção. [D].
- 119: Ci:** Mãe. Origem: nativos brasileiros.
- 120: Ben:** Casa, construção, estrutura. [B].
- 121: Sar:** Vestir, roupa, armadura, preparo. Origem: suméria.
- 122: Meri:** Unção. Origem: suméria.
- 123: Lala:** Festa. Origem: suméria.
- 124: Imzeru:** Intimidade. Origem: suméria.

Sensoriais:

- 16: Is:** Intuição, percepção, sonho. Origem: egípcia.
- 17: Akuar:** Mente, inteligência, imaginação. Divisa de abaquar. Origem: nativos brasileiros.
- 18: Esari:** Olho, visão, sensor de luz. Origem: nativos brasileiros.
- 25: Pi:** Pé, propriocepção e equilíbrio. [P]. Origem: nativos brasileiros.
- 26: Aka:** Cabeça, sensor de energia. [Pergunta, requisição]. Origem: nativos brasileiros.
- 27: Sho:** Mão, tato, sensor de pressão. [Sh].
- 34: Hec:** Torso, sensor térmico. [H].
- 35: Dan:** Orelha, audição, sensor de movimento.
- 36: Nad:** Nariz, olfato, sensor químico.
- 43: Mir:** Raiva, ira.
- 44: Lib:** Amor, coração. Origem: suméria.
- 45: Shulam:** Punição, culpa, banimento. Origem: suméria.
- 52: Ash:** Desejo, querer, gostar. Origem: suméria.
- 53: Andira:** Tristeza, lágrima. Origem: nativos brasileiros.
- 54: Akamere:** Sangue. Origem: nativos brasileiros.
- 62: Nae:** Parente, irmão, saudação, fraternidade. Origem: nativos brasileiros.

Lenda de Orande

63: Asemi: Dor. Origem: nativos brasileiros.

64: Shugu: Osso, esqueleto. Origem: suméria.

Seres:

125: Caa: Célula. Folha, mato. Origem: nativos brasileiros.

126: Aban: Homem ou mulher, pessoa, corpo. Indivíduo. Origem: nativos brasileiros.

127: So: Animal terrestre.

128: Tae: Fera. Origem: nativos brasileiros.

129: Ara: Ave, voar, sacrifício. Origem: nativos brasileiros.

130: Rou: Madeira, árvore.

131: Bae: Serpente, perigo. Origem: nativos brasileiros.

132: Kaira: Inseto, furar. Origem: nativos brasileiros.

133: Ami: Aranha, teia. Origem: nativos brasileiros.

134: Uika: Roedor, corrosão.

135: Ekir: Cavalo, transporte, viagem.

136: Lus: Molusco, manter.

137: Lo: Peixe feroz, caçar.

138: Gir: Peixe comum, nadar, explorar. [G: ga, gue, gui, go, gu]

139: Don: Dinossauro, dominar.

140: Lasta: Réptil, surpreender.

141: Aus: Caranguejo, garras.

142: Po: Animal marinho, habilidade, organismo.

143: Bo: Anfíbio, sapo, mutação.

144: Uin: Macaco, estratégia.

Kodemas básicos, e termos:

Koden: Koi + Den: É um trocadilho. Nome da Terra em kodens.

Kodema: Koden + Ma: Sequência de kodens que executa uma ação.

Página kodênica: Kodema avançado.

Upan: Uan + Pan: Repetição. Loop.

Sirai: Sira + I: Espada.

Iusra: Iu + Sira: Lança.

Siraieru: Bastão, cajado.

Siraris: Palíndromo. Machado duplo, ou dois machados unidos, que voa girando ao ser atirado.

Kisher: Serrote, lâmina dentada.

Nirin: Ni + Rin: Parar. Tirar movimento.

Ivturin: Ivtu + Rin: Som.

Cromani: Cromo + Ani: Arco-íris.

Iviturui: Névoa do monte.

Abakoden: Força oculta, militar, e de resgate, criada por Membir Baquara, para manter a segurança do seu código, dos seus livros, e da própria Terra. Leigos costumam confundir os abakodens com os anianos, e os chamam de bruxos, e alienígenas.

Leigo: Não é abakoden. Não tem conhecimento sobre kodens. Não possui nível abakoden.

CI ou itanakuar: Cristal Inteligente (trocadilho de "circuito integrado").

É um cristal capaz de memorizar as energias da natureza, se tornando programável. Ele pode reviver tecnologias antigas, e quebradas, sendo usado na forma de componentes eletrônicos. Mas também pode transferir o seu programa para os seres vivos, e outros objetos.

Os abakodens constroem máquinas de escrever, capazes de programar estes cristais de maneira muito mais precisa, e melhorada, aproveitando todo o poder dos itanakuares. Estas máquinas são chamadas de **compiladores de itanakuar**. Os programas são emitidos para o ambiente, como um sinal de rádio, onde a antena é o local onde eles estão gravados. Se a "antena" for o próprio itanakuar, ele pode se quebrar rapidamente pelo uso. Por isso, os abakodens transferem o código deles para o seu corpo, mas nesse caso, apenas programas com os elementos do seu endir funcionarão, e se usar demais, pode superaquecer, e ferir o portador.

Os programas escritos por uma pessoa não podem ser acessados por outra. E os itanakuares têm um tempo de vida útil. As batidas do compilador causam danos no itanakuar, que se acumulam, até o cristal não suportar, e virar pó.

Kamu-kamu: Fruta que Kaoni gosta. Sabor muito ácido, mas é a fruta mais rica em vitamina C, e revigora.

Estrelim: Planta medicinal que trata o endir. Suas folhas são cintilantes.

Cítrio: Árvore semelhante a um limoeiro, cujas folhas servem de repelente.

Kanbusi: Árvore com fruta fosforescente em forma de disco voador. Faz as pessoas desavisadas acharem que é uma invasão de alienígenas de Ani.

Aiurem: Cacto nutritivo, e rico em água, do deserto de Aram. Resistente à radiação.

Aiurou: Árvore espinheta, com frutos cobertos de espinhos, onde Elise furou suas costas.

Aiura: Fruta comestível e espinheta, da árvore Aiurou.

Eriba: Coqueiro.

Kamual: Palmeira de madeira muito flexível. Idêntica à Pinah, mas é venenosa.

Pinah: Palmeira não flexível, porém, comestível. Idêntica à palmeira venenosa kamual.

Aharu: Um tipo de bolo, comum entre os abakodens.

Apira: Mel revigorante, e que cura muitas doenças, da abelha apikaira.

Apikaira: Abelhas da floresta de Ca-an. Sempre numerosas, e persistentes.

Laurin: Vespas venenosas, com picada muito dolorosa.

Baerako: Serpente extremamente venenosa, com chocalho na ponta. Esse chocalho vira um

Lenda de Orande

instrumento de mesmo nome, quando a cobra morre.

Ainbere: Lagarto cuja mordida atordoa as pessoas, e causa dor de cabeça.

Cankia: Rato muito tóxico, sujo, e horroroso, resistente à qualquer veneno, ou toxina.

Shikuin: Macaco de porte médio, com dentes muito resistentes, braços e pernas bem alongados, com pequenas garras neles.

Sobiur: Felino grande, e azulado, com garras e dentes afiados, e uma cauda bem comprida, com espinhos nas pontas.

Iauar: Lobo grande, cujos pelos produzem muita eletricidade.

Arakara: Um robusto pássaro branco, com detalhes vermelhos e azuis, e um bico curvo.

Ausa: Caranguejo com garras muito poderosas.

Arasari: Um tipo de tucano, que habita Ca-an.

Arandira: Um tipo de morcego, que habita palmeiras e coqueiros de Ca-an.

Ao-ao: Fera extinta, que defendia o Monte Iviturui das Farenixes, que queriam fazer seus ninhos no cume do seu monte gelado, pois não era possível fazer estes ninhos no vulcão. Possuía dois chifres de puro "num", e uma longa estaca de gelo na testa, como um terceiro chifre perfurante.

Aronte: Coruja grande, resistente, pesada, e com uma visão excepcional.

Farenix: Fera extinta. Ave de fogo que habitava o Vulcão Akubar.

Andur: Árvore morta, e muito resistente, que pega fogo, mas não é consumida por ele. Fonte de poder extra para os moacubas, que respiram as suas chamas. Simbologia para a ressurreição, fênix, pois está morta, mas, mesmo assim, acende, aquece, consome, fere, brilha, se reproduz, e faz barulho.

Baeltata: Serpente colossal, com pele de aço, que fazia a segurança da Torre de Anibael, e do Portão de Iztar. Seus olhos parecem tochas acesas, e da sua boca, saem gigantescas colunas de fogo.

Anibael: Fera extinta, e extremamente sábia. Odiada por quase todos os seres vivos.

Aralastadon: Autodeclarado Rei Aralastadon. Um imenso dragão, com olhos azuis e luminosos, bigodes de aço, e que controla todos os animais.

Quoaraci: Irmão de Aralastadon. Era o juiz. De sua boca, saía uma rajada de luz, e radiação, tão intensa, que desintegrava o seu alvo, após declarar a sua sentença.

Airuan: Grande águia, que habita o deserto, e que é capaz de armazenar a eletricidade das nuvens em seu corpo, descendo como um raio.

Aradeus: Garças azuis, capazes de sobreviver em alturas que nenhum outro ser suportaria. Suas asas absorvem radiação, e expelem ozônio, restaurando a camada de ozônio da Terra.

Setan: Fera misteriosa do Inverso, que é a outra dimensão do Universo, e que comanda a dimensão em que habita. Amigo de Anibael.

Locais:

[TK] Teknalia: Cidade onde Kaoni e Elenia moraram desde criança. Altamente desenvolvida, tecnológica, e artificial. Para a Serra de Orande: 24 horas a pé, 4 horas de carro, 2 turnos.

[IM] Aldeia Imeri de Ca-an: Aldeia grande e desenvolvida, localizada aos pés do Monte Iviturui,

Lenda de Orande

construída sobre um lago que se congela por causa do clima extremamente frio. O lago, e o clima frio, servem de proteção contra os seus rivais do Reino de Akubar. Quando o lago descongela e o clima esquenta, eles realizam uma festa que cobre a cidade com névoa fria, e congela até as folhas das árvores, que produzem um som com o vento, e se tornam cortantes. Para Iztar: Vários dias a pé. Para o Monte Iviturui: 24 horas a pé, no mínimo. 4 horas de carro. 2 turnos. Para a Rota de Akubar: 14 horas de carro (devido ao desvio), 72 horas a pé, 6 turnos.

[AK] Reino de Akubar: Cidade antiga estilo grego, ao pé do Vulcão Akubar, antiga morada da tribo Moacuba, onde está localizada a árvore Andur, que pega fogo, mas nunca é consumida por ele. Essa árvore serve como fonte de energia extra para os moacubas. Para o Monastério Vitae: 12 horas a pé, 2 horas em veículo, 1 turno.

[AA] Floresta de Ca-an (fronteira com o Deserto de Aram): Vasta floresta entre o Monte Iviturui e o Vulcão Akubar. Zona de guerra entre os habitantes do Reino de Akubar e da Aldeia Imeri. Possui pequenas aldeias e cidades. Para Iztar: 12 horas de carro, devido aos desvios, 24 horas a pé, 2 turnos.

[IZ] Iztar, e Comando do Céu: A mais antiga cidade do mundo de Kaoni. Formada por vários zigurates, sendo o principal deles o Portão de Iztar, e a Torre de Anibael, onde estava a Baeltata. Fica no encontro de 4 rios, que formam um rio circular, em torno da cidade. Para Inkantara: 24 horas de carro (devido aos desvios), 18 horas a pé, 2 turnos. Para Pacifika: 84 horas de barco, 78 horas a pé, 32 horas de carro, 7 turnos.

Estação Iztar e Portão de Iztar: Zigurate principal da Estação Iztar.

Torre de Anibael: Torre espiralada construída por Anibael, para ser a sua casa, dentro de Iztar.

Terras fantasmas: 90% do mundo de Kaoni está destruído, em ruínas. Alguns grupos resistem, a maioria de inemas, e anianos, que foram deixados para trás. São lugares perigosos, que frequentemente precisam ser atravessados, para chegar em outras civilizações.

[CF] Cidade-fantasma de Pacifika: Uma cidade litorânea abandonada, nos arredores da cidade de Pacifika, extremamente perigosa. Para Pacifika: 24 horas a pé, 4 horas de carro, 2 turnos. Para o Castelo do Pântano: 10 horas a pé. Para a Aldeia Imeri de Ca-an: 8 horas de carro, 48 horas a pé, 4 turnos.

Selva de Pinah: Uma selva de palmeiras, algumas comestíveis, outras venenosas, que se formou sobre as ruínas de algumas cidades. Liga a cidade-fantasma com a Cidade de Pacifika.

Apikum ou Pântano: Pântano da Floresta de Ca-an, próximo da cidade-fantasma de Pacifika.

[CP] Castelo do Pântano: Castelo no meio de um pântano, onde Jaguar Raipan fazia seus experimentos, e guardava os livros das tribos que ele roubava.

[PF] Pacifika: Cidade natal de Mariena Vitae. Conhecida por ter o melhor e maior hospital de todos. É uma cidade recente, meio suburbana, com um grande chafariz no centro. Para a Estrada Litorânea, Praia de Pacifika: 12 horas a pé, 6 horas em veículo (devido ao desvio), 1 turno. Para a Cidade-fantasma de Pacifika: 24 horas a pé, 4 horas de carro, 2 turnos. Para Inkantara: 6 horas de carro. Para Akubar: 48 horas a pé.

[AR] Deserto de Aram (fronteira com a Serra Anmopira): Deserto além da floresta de Ca-an. Ele é inóspito, e mortalmente radioativo.

Reino de Aramesari: Antiga morada dos Setans, no meio do Deserto de Aram. Tem casas subterrâneas, e pirâmides.

[AN] Serra Anmopira e Comando da Terra: Território cheio de montanhas e precipícios. Um lugar bastante perigoso e distante, depois do Deserto de Aram. O oceano está do outro lado dessa serra, e o Comando da Terra está construído dentro dela. Para a fronteira com a Floresta de Ca-an: 48 horas em veículo, 288 horas a pé, 24 turnos.

Rota de Akubar: Longa estrada entre Pacifika, e o Reino de Akubar.

[EL] Estrada Litorânea: Longa rodovia, abandonada, à beira-mar, dentro de Terras Fantasma, que leva para a Cidade-fantasma de Pacifika, Pacifika, Cratera das Memórias, Arena Geral, e Regulum. Para a Cidade-fantasma de Pacifika: 2 horas de carro, 12 horas a pé, 1 turno. Para a Cratera das Memórias: 12 horas a pé, 2 horas de carro, 1 turno. Para a Arena Geral: 28 horas a pé, 5 horas de carro, 2 turnos. Para Regulum: 22 horas em veículo, 132 horas a pé, 11 turnos.

[IK] Inkantara: Cidade dos pássaros, de Elise Aratama, e Iosui Araman, localizada no meio da Floresta de Ca-an. É uma cidade pequena, acolhedora e aconchegante, sem prédios, com muitas árvores e pássaros, e ruas largas de terra. É um bom local para os abakodens fazerem uma parada, antes de prosseguir para Iztar. Para Akubar: 2 horas de carro, 12 horas a pé, 1 turno.

[CM] Cratera das Memórias: Uma grande cratera, na fronteira de Pacifika com as terras fantasmas entre ela, e a Arena Geral. As pessoas jogavam dentro dessa cratera os objetos que não queriam mais, que eram muito antigos, ou quebrados. Possui muita informação do passado, e tecnologias cujo conhecimento se perdeu.

[AG] Arena Geral: Construída pelo segundo Ita Abatan, para a realização de eventos abakodens, como concursos para novos abatans. É um estádio, circundado por enormes blocos de metal, com kodens entalhados no topo. Para o Campo de Erekiir: 18 horas de barco, seguindo o rio, e suas curvas, mais 6 horas a pé. Ou, 80 horas a pé. 6 turnos.

[EK] Campo de Erekiir: Um território grande e distante, ao norte, com muito vento. Tem plantação de trigo e algodão, que com a ventania fica fazendo ondas, como se fosse um mar. Várias espécies de cavalos habitam esses campos. Para o Comando do Vento: 6 horas em veículo, 36 horas a pé, 3 turnos.

[CN] Aldeia Cansai: Aldeia modesta, e isolada, no meio da Floresta de Ca-an, onde fica a casa de Divano, e uma catedral dos vitas. "Cansai" significa "verde silencioso", em kodens. Para Pacifika: 3 horas de carro, 18 horas a pé, 3 turnos.

[RG] Regulum: Cidade distante, e tenebrosa, muito além da Arena Geral, com um lago onde chove raios coloridos o tempo inteiro. Os raios fazem sombras que se movem, nas estátuas, e esculturas. Ao redor do lago, tem uma pista de corrida, para o entretenimento de seus habitantes. Cidade natal de Jaguar Raipan. Para a Arena Geral: 14 horas de carro, 84 horas a pé, 7 turnos.

[MV] Monastério Vitae, Rota de Akubar: Monastério abandonado, com uma torre, onde tem um sino, e um relógio, e masmorras. Para o Circo da Sisi: 24 horas a pé, 4 horas em veículo, 2 turnos.

[CS] Circo da Sisi, Rota de Akubar: Para Pacifika: 12 horas a pé, 2 horas de carro, 1 turno.

[CA] Comando das Águas.

[UR] Uritsuv: Cidade antiquada, com clima frio, construída sobre plataformas oceânicas.

Hierarquia abakoden, e subclasses:

Abakoden: Força oculta, militar, e de resgate, criada por Membir Baquara, para manter a segurança do seu código, dos seus livros, e da própria Terra. Leigos costumam confundir os abakodens com os anianos, e os chamam de bruxos, e alienígenas.

Lenda de Orande

Leigo: Não é abakoden. Não tem conhecimento sobre kodens. Não possui nível abakoden.

Anama: Nível zero. Aprendiz. Usam antenas para ajudar na emissão dos seus kodemas.

Inema: Nível zero. Traidor, inimigo dos abakodens.

Abamirim: Nível 1. Pequeno.

Abaete: Nível 2. Bom.

Abasu: Nível 3. Grande.

Abasuna: Nível 4. Absorção. Absorveu muito conhecimento, e habilidade.

Abakuar: Nível 4. Sábio. Especialista em kodens.

Abasan: Nível 4. Especialista em combate aéreo.

Abasai: Nível 4. Espião.

Abatan: Nível 5. Forte, poderoso. Líder do comando abakoden.

Abatae: Subclasse. Domador de feras.

Anti-abakoden: Subclasse. Abakoden que, devido ao seu endir, não pode programar. São os abakodens da tribo setan, que possuem kodemas próprios dessa tribo, o mais comum sendo o "inataina".

Piloto: Subclasse. Abakoden com uma Página de Piloto, que lhe permite pilotar as espaçonaves de Iztar.

Líder: Subclasse. Possui uma braçadeira, com o koden "tir", e está na liderança de alguma equipe.

Sacerdote Vitae: Subclasse. São abakodens da tribo vitae, o qual tem poderes de cura, e de adoecimento, através da regressão e do avanço temporal.

Aniano: Não é abakoden. São os humanos de Ani, planeta irmão da Terra, onde construíram o **Império Aniano**. A maioria dos anianos odeiam a Terra, e seus habitantes, por motivos detalhados no livro. Eles não utilizam kodens diretamente, e sim, através dos restos mortais das feras, que são transformados em armas.

Os Comandos Abakodens:

O **Comando das Águas** fica em uma "ilha" no meio do oceano. É o segundo comando abakoden, criada por Syreni Sunmeri, que iniciou uma tradição de não aceitar ninguém do sexo masculino nesse comando, após ela desaparecer. As abakodens deste acampamento treinam para sobreviver com o pouco e o simples, e só usam armas que podem ser feitas facilmente utilizando os recursos da floresta. São sobreviventes, heroínas e sábias. Imita a Amazônia.

O **Comando do Céu** é o primeiro, e o mais seguro de todos. Fica em Iztar. Tem tecnologias e construções muito antigas, convivendo com tecnologias e construções muito avançadas.

O **Comando da Terra** é um quartel militar imenso, na Serra Anmopira, nos confins do Deserto de Aram. As habitações foram construídas dentro das montanhas, conectadas por um labirinto de pontes.

O **Comando do Metal** foi destruído por inemas. E por cima dele, foi levantada a cidade de Teknalia. Por isso Teknalia desenvolveu tecnologias com kodens, e a Iukaeta Sirai estava na árvore da casa de Kaoni. Abakodens do metal usavam armaduras e armas longas de metal. Eram treinados para lidar com grande quantidade de obstáculos ao mesmo tempo, inclusive oponentes. Possuem os

Lenda de Orande

deltastas (abakodens ágeis sem armadura) e os itafractarios (cavaleiros de armadura).

O **Comando do Fogo** está dentro do vulcão Akubar, mas não se sabe exatamente onde, nem como se entra. É muito avançado tecnologicamente, e seus abakodens são cientistas. É um laboratório subterrâneo, iluminado por janelas de grafeno, que dão para o magma do vulcão.

O **Comando do Vento** é um complexo aeroespacial no meio do Campo de Erekiir, com aeroportos, bases de lançamento, e várias torres bem altas. Foi dominado por inemas, se tornando um local extremamente hostil.

Observação: Todos os abakodens usam roupas antiquadas, mudando um pouco o estilo.

Páginas kodênicas:

Maio: Página Sinalizadora

Ela é capaz de emitir um koden elementar ao ser ativado. É usado nos automóveis de Teknalia. É um kodema dinâmico, e o mais simples de todos. **Kodens:** Ani Koden Fiv Kodan Ul [Koden elementar à ser emitido mais a cor] Fiv Kodaf Asrai.

Junho: Página da Armadilha

Usado para armadilhas, e para o portal de emergência. **Kodens:** Ani Koden Fiv Andi Endir Ma Kei Sen Andi Rin Anom.

Julho: Página do Impedimento

Impede qualquer coisa de passar por ele. Em ambas as direções. **Kodens:** Ani Koden Fiv Andi Endir Kei Ma Ani Tar Ni Andi Ni Endir.

Agosto: Página da Reprodução

Este círculo é capaz de gravar som e imagem, e reproduzir isso automaticamente. Juntamente com o de Maio, é útil para fazer armadilhas, gravando o "kodan". Usado também na Arena Geral, para ativar o kodema-solar de Março dele. **Kodens:** Ani Koden Fiv Kodan Ma Kei Ani Ivту Rin Uan Pan Kei Fiv Kodaf Kei Akuar.

Setembro: Página da Autobiografia.

Revela informações sobre alguém ou algo, em forma de escrita e emblemas, ao ser colocado dentro do círculo e ativar o mesmo com kodan. Para apagar as informações utiliza-se kodaf. **Kodens:** Ani Koden Fiv Kodan Ma Kei Aban Endir Nou Nemina No Ani Koden Fiv Kodaf Asrai.

Outubro: Página Explosiva.

Ele explode ao ser ativado com kodan. Só tem este comando. É utilizado dentro dos mega canhões de Bombardia. **Kodens:** Ani Koden Fiv Kodan Ma Tata Tan Ivту Kei.

Novembro: Página do Piloto.

O mesmo de Roxen, que transforma a parte do corpo que ele está em uma arma cyberpunk, que é usada também como chave e controle de naves do Portao de Izтар. Esta arma possui longas pontas de metal, que giram rapidamente, e produzem kodemas entre elas, emitindo feixes de luz para o centro. A rotação é utilizada para girar os atuadores das naves, e dependendo do nível do abakoden, ele pode ter mais ou menos pontas nesse kodema, o que possibilita pilotar naves com mais, ou menos, atuadores. **Kodens:** Ani Koden Fiv Kodan Ma Kei Aban Endir Rin No Kei Endir Sira Tan Ara Fiv Kodaf Asrai.

Dezembro: Página da Revolução.

Lenda de Orande

Este círculo desestabiliza todas as leis naturais, energias, movimentos e kodemas dentro dele, causando anomalias gravitacionais e eletromagnéticas. **Kodens:** Ani Kodan Fiv Kodan Ma Kei Cosmo Cromo Xor No Ani Ina Ain Sev Set.

Janeiro: Página do Autocontrole.

Aprimora drasticamente as habilidades corporais e kodênicas do portador. **Kodens:** Ani Kodan Fiv Kodan Ma Kei Aban Po Aga Pi Tan Caa Eres Victa Lus No Endir Quo Meri.

Fevereiro: Página da Fantasia.

Cria a imagem de algo, escondendo o abakoden que fica indetectável. **Kodens:** Ani Kodan Fiv Kodan Ma Kei Aban Nemina [koden de disfarce, geralmente Ain Rou que é árvore] Sen Endir [koden de disfarce, geralmente Ain Rou que é árvore] Sen Fiv Kodaf Asrai. Kaienan nasceu com esse kodema-solar.

Março: Página Medicinal.

Preserva o bios do endir, que e o endir critico. Penúltimo kodema solar. O primeiro abatan do metal fez uma arena que é um colossal kodema-solar de março, para realizar campeonatos, na arena geral.

Kodens: Ani Kodan Ni Sema Nou Sema No Kei Aban Bios Tar Tan No Kei Aban Bios Ain No Kei Aban Bios Ni Iuka No Kei Aban Bios.

Abril: Página do Temporizador.

Ativa outros programas após um tempo pré-determinado. É o mais difícil dos kodemas-solares.

Kodens: Ani Kodan Fiv Kodan Id Ad Ud Crono Iar Fiv Crono Oderan [Quantidade de tempo] Ma Ani No Bir Crono Iar No Zod Uan Pan Ne Ani No Id Ad Ud Crono Iar Ma Kodan [Programa que será executado] [Uan Pan (no caso de loop)].



Lenda de Orande

Primeira edição independente, Junho de 2020.

Para cumprir sua promessa, Kaoni Iviturui, filho de pescadores desaparecidos, terá que sobreviver aos cenários mais inusitados de um mundo pós apocalíptico tardio, controlando suas emoções, para não morrer de uma maldição hereditária, ao mesmo tempo em que a sua vida está marcada para sempre por uma espada espiritual cyberpunk, que se alimenta dos seus piores sentimentos, enquanto serve de arma contra feras reinventadas, muitas do folclore brasileiro, e magos, com um idioma enigmático, derivado do tupi antigo, e do sumério. Sua jornada começa em uma megalópole cinzenta, de corações frios, onde ele vive praticamente sozinho, desde os seus 10 anos.

